

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA GINZEL

A insurgência da crítica e a crítica da insurgência:  
resistência, autonomia e desafios pós-ocupações secundaristas

São Paulo

2024

FLÁVIA GINZEL

Insurgência da crítica e a crítica da insurgência:  
resistência, autonomia e desafios pós-ocupações secundaristas

Versão Corrigida

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do título de Doutora em Educação  
pela Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Educação e  
Ciências Sociais: Desigualdades e  
Diferenças

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes  
Sposito

São Paulo



2024

Nome: GINZEL, Flávia

Título: A insurgência da crítica e a crítica da insurgência: resistência, autonomia e desafios pós-ocupações secundaristas

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca avaliadora

Profa. Dra: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dra: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr:

---

Instituição:

---

Julgamento:

---

Para as/os Secundaristas de  
Luta.

Para todas/os que lutam por um  
mundo mais justo e livre de  
opressões.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço às/os Secundaristas de Luta, interlocutoras/es da presente pesquisa. Sou grata por compartilharem suas histórias, sonhos, angústias e desejos. Espero ter retratado com cuidado e respeito os relatos que vocês, de forma tão generosa, dividiram comigo. Obrigada por confiarem em mim e no meu trabalho. Vocês me trouxeram reflexões que levarei para a vida. Obrigada por me ensinarem tanto.

À minha querida orientadora, professora Marília Sposito, agradeço o privilégio de ser sua aluna. Além dos inúmeros ensinamentos, agradeço pela paciência e empatia. Manifesto minha profunda admiração, não somente pela sua competência incontestável, mas pela pessoa maravilhosa e inspiradora que você é. Obrigada por tudo, professora.

Aos professores que participaram do exame de qualificação, Professora Maria Carla Corrochano e Professor Luis Antonio Groppo, pelas valiosas contribuições. À querida professora Carla por acompanhar meu percurso acadêmico desde o mestrado. Tenho muito orgulho de ter sido sua orientanda e devo a você meu amor pelos estudos de juventude. Obrigada por todo incentivo, pelos conselhos acadêmicos e sobre a vida. Sou grata por todos os ensinamentos e pela sua amizade. Ao professor Groppo, grande referência na pesquisa sobre as ocupações secundaristas, agradeço pelas contribuições a esse trabalho, por ter me aceitado como integrante da pesquisa coletiva sob sua coordenação e pela gentileza de sempre. É um privilégio muito grande poder contar com uma das minhas principais referências teóricas.

Aos professores Elmir Almeida e Felipe Tarábola, docentes que admiro academicamente e como pessoas, por aceitarem participar da banca avaliadora da tese. É uma honra muito grande poder contar com suas contribuições nesse momento tão especial. Sou muito grata.

À querida professora Kimi Tomizaki, pelo tempo precioso que estive sob sua orientação e pela supervisão durante o estágio docente. Agradeço pelos ensinamentos e pela sua amizade.

Por fim, e de forma especial, agradeço à minha família, pelos inúmeros apoios e incentivos durante toda a minha vida, em especial pela união durante os árduos caminhos que trilhamos nos últimos anos. Vocês são os melhores pais e irmão do mundo e eu tenho muito orgulho de vocês.

Esta tese obteve o financiamento da CAPES. Agradeço pela oportunidade.

En todas las profecías  
está escrita la destrucción del mundo.

Todas las profecías cuentan  
que el hombre creará su propia destrucción.

Pero los siglos y la vida  
que siempre se renueva  
engendraron también una generación  
de amadores y soñadores,  
hombres y mujeres que no soñaron  
con la destrucción del mundo,  
sino con la construcción del mundo  
de las mariposas y los ruiseñores.

Desde pequeños venían marcados por el amor.

Detrás de su apariencia cotidiana  
Guardaban la ternura y el sol de medianoche.

**Gioconda Belli** - Los portadores de sueños



Ginzel, F. **A insurgência da crítica e a crítica da insurgência**: resistência, autonomia e desafios pós-ocupações secundaristas. 2024. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

## RESUMO

Esta pesquisa investiga os reflexos da participação de jovens nas ocupações de escolas públicas ocorridas em 2015 e 2016 na Região Metropolitana de Sorocaba, interior de São Paulo. Para isso, foram conduzidas entrevistas compreensivas com um total de 19 jovens, sendo oito deles(as) entrevistados(as) em duas etapas, com aproximadamente dois anos de diferença entre cada uma. Do ponto de vista teórico, a pesquisa é amparada pelos estudos da Sociologia da Juventude na sua interface com os engajamentos políticos – em especial pelas pesquisas que analisaram os movimentos sociais e ações coletivas da segunda década do século XXI – bem como pela Sociologia do Indivíduo, com ênfase nas obras de Danilo Martuccelli. A análise dos relatos revela uma diversidade de percursos, tanto no que se refere aos engajamentos quanto em relação a outros domínios, como educação, trabalho, vida afetiva e familiar. Esses, por sua vez, configuram-se em desafios comuns enfrentados pelos(as) jovens em seus processos de conquista de autonomia e independência, em um contexto marcado por uma conjunção de crises – econômica, política, ambiental, sanitária e geopolítica. No que se refere especificamente às ressonâncias da participação nas ocupações no âmbito da continuidade ou não dos engajamentos políticos, observa-se que a experiência foi um marcador em suas trajetórias e é concebida de forma positiva pelos(as) jovens entrevistados(as). Contudo, experiências posteriores em partidos políticos e/ou coletivos refletiram diferentes relações com a política – sobretudo com as organizações políticas –, sendo ora positivas, ora negativas. Questões relativas ao gênero, à orientação sexual e à religiosidade emergiram de forma intensa em seus relatos, conjuntamente ao desejo por horizontalidade e apoio mútuo entre os membros das organizações, bem como o anseio pela possibilidade do dissenso.

**Palavras-chave:** Juventude. Engajamento político. Ocupações secundaristas. Desafios.

Ginzel, F. **The insurgency of critique and the critique of insurgency**: resistance, autonomy, and post-secondary occupation challenges. 2024. Thesis (Doctoral) – School of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2024.

## **ABSTRACT**

This research investigates the effects of youth participation in the occupations of public schools that took place in 2015 and 2016 in the Metropolitan Region of Sorocaba, in the interior of São Paulo. For this purpose, comprehensive interviews were conducted with a total of 19 young people, eight of whom were interviewed in two stages, approximately two years apart. Theoretically, the research is supported by studies in the Sociology of Youth in its interface with political engagement – particularly by research that analyzed social movements and collective actions of the second decade of the 21st century – as well as by the Sociology of the Individual, with an emphasis on the works of Danilo Martuccelli. The analysis of the narratives reveals a diversity of paths, both in terms of engagements and other domains such as education, work, personal, and family life. These, in turn, constitute common challenges faced by young people in their processes of achieving autonomy and independence, in a context marked by a conjunction of crises – economic, political, environmental, sanitary, and geopolitical. Specifically regarding the repercussions of participation in the occupations on the continuity or discontinuity of political engagements, it is observed that the experience was a significant marker in their trajectories and is perceived positively by the young people interviewed. However, subsequent experiences in political parties and/or collectives reflected different relationships with politics – especially with political organizations – sometimes positive, sometimes negative. Issues related to gender, sexual orientation, and religiosity emerged intensely in their narratives, along with a desire for horizontality and mutual support among members of the organizations, as well as an aspiration for the possibility of dissent.

**Keywords:** Youth. Political engagement. Secondary school occupations. Challenges

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Distribuição dos(as) jovens segundo ano de nascimento.....	73
<b>Quadro 2</b> – Sexo.....	73
<b>Quadro 3</b> – Orientação sexual.....	74
<b>Quadro 4</b> - Cor/raça.....	74
<b>Quadro 5</b> – Religião.....	75
<b>Quadro 6</b> - Estado Civil.....	75
<b>Quadro 7</b> - Você tem filhos(as) naturais, adotados(as) ou enteados (as).....	76
<b>Quadro 8</b> – Quem é ou são o(s) responsável(is) pelo cuidado da criança.....	76
<b>Quadro 9</b> - Com quem você mora.....	76
<b>Quadro 10</b> - Na época das ocupações, em que período você estudava:.....	77
<b>Quadro 11</b> - Na época das ocupações, você participava de algum grupo ou associação.....	77
<b>Quadro 12</b> - Assinale aquela (ou aquelas) que você participava.....	78
<b>Quadro 13</b> - Como você classifica a sua participação.....	78
<b>Quadro 14</b> – Como você classifica a intensidade da sua participação nas ocupações.....	78
<b>Quadro 15</b> - Trabalhava na época das ocupações.....	79
<b>Quadro 16</b> – Trabalha atualmente.....	79
<b>Quadro 17</b> – Situação estudantil atual.....	80
<b>Quadro 18</b> – Entre os estudantes, em que nível de escolaridade se encontram.....	80
<b>Quadro 19</b> – Renda atual própria.....	80
<b>Quadro 20</b> – Renda familiar.....	81
<b>Quadro 21</b> - Atualmente, você participa de algum grupo ou associação.....	81

<b>Quadro 22-</b> - Assinale aquela (ou aquelas) que você participava.....	82
<b>Quadro 23</b> – Como você classifica a intensidade de participação atual.....	82
<b>Quadro 24-</b> Lista e tipo de escola ocupada pelos(as) interlocutores(as) da pesquisa.....	84
<b>Quadro 25-</b> Perfil geral dos(as) jovens.....	85
<b>Quadro 26</b> - Dados da primeira rodada de entrevistas.....	86
<b>Quadro 27-</b> Dados da segunda rodada de entrevistas.....	87
<b>Quadro 28</b> – Engajamentos.....	199

## **LISTA DE SIGLAS**

**CA** – Centro Acadêmico

**CAPES**- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**IBGE**- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDEB**- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**DCE** – Diretório Central dos Estudantes

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio

**FSM** – Fórum Social Mundial

**LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e demais identidades de gênero e orientações sexuais.

**LGE** – Lei Geral da Educação

**LOCE** – Lei Orgânica Constitucional de Ensino

**LPE** – Lei Provincial de Educação

**MPL** – Movimento Passe-Livre

**PIBID** - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

**PEC** – Proposta de Emenda à Constituição

**PPD** - Partido pela Democracia

**PRI** - Partido Revolucionário Institucional

**PS** – Partido Socialista do Chile

**PROUNI** – Programa Universidade para Todos

**RMS** – Região Metropolitana de Sorocaba–

**USP**- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

Introdução.....	15
<b>Capítulo I - Lutas políticas contemporâneas: contexto histórico e ressonâncias pós-indignação.....</b>	<b>22</b>
1.1. Contexto das lutas: da onda de indignação aos dias atuais.....	24
1.2. Ressonâncias da Indignação.....	37
<b>Capítulo II - Reflexos das ocupações estudantis na Argentina, Chile e Brasil.....</b>	<b>47</b>
2.1.1. Ocupações estudantis chilenas (2006-2011): A Revolta dos Pinguins e o Inverno Chileno.....	48
2.1.2. Ocupações estudantis argentinas: Las tomas de escuelas.....	52
2.2. Reflexos biográficos pós-ocupações estudantis .....	55
<b>Capítulo III - A fecundidade da sociologia do indivíduo como perspectiva teórica nos estudos de juventude.....</b>	<b>61</b>
3.1. Gênese do indivíduo e os processos de singularização.....	62
<b>Capítulo IV -Espaços e tempos da pesquisa.....</b>	<b>64</b>
4.1. Espaço da pesquisa: Sorocaba.....	68
4.2.O trabalho de campo em tempos de pandemia.....	69
<b>Capítulo V - Memórias e Fragmentos das ocupações.....</b>	<b>88</b>
5.1. Organizados: Jovens engajados em partidos políticos e juventudes partidárias.....	92
5.2. Independentes: engajamento prévio não-partidário.....	111
5.3. Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação.....	117
<b>Capítulo VI - Provas comuns, trajetórias singulares: itinerários de escolarização e trabalho em face à conquista autonomia e independência.....</b>	<b>128</b>
6.1. Percursos labirínticos e a conquista da autonomia e independência em um contexto de incerteza.....	129
6.1.1. Educação como bandeira de luta e profissão: os(as) estudantes de licenciatura.....	132
6.1.2. Escolhas pragmáticas em busca de independência e autonomia.....	147
6.1.3. Da luta pela educação à luta pela sobrevivência: trabalho precário e afastamento dos estudos.....	152
<b>Capítulo VII - O que restou da experiência?.....</b>	<b>158</b>

7.1. Organizados: engajamento prévio em partidos e juventudes partidárias.....	160
7.2. Independentes: engajamento prévio não-partidário.....	183
7.3. Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação.....	191
<b>Considerações finais.....</b>	<b>203</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>206</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>217</b>

## Introdução

Esta pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: como a participação em uma ação coletiva de grande magnitude, como as ocupações escolares, em uma idade tão precoce (ainda na adolescência), reverberou nas trajetórias dos jovens? A partir dessa pergunta inicial, desencadearam-se uma série de reflexões, dentre as quais: as ocupações terão sido um marcador nas trajetórias juvenis, ou apenas uma vivência pontual entre tantas outras? Essa experiência representou o início da construção de uma carreira militante ou foi o ponto de partida para a desilusão com a política? Que aspectos da vida pessoal foram influenciados pela participação nas ocupações?

Ao longo dos últimos cinco anos tentei encontrar respostas para essas e outras perguntas. No entanto, como todo fenômeno social, tecer afirmações categóricas, sobretudo sem o devido distanciamento histórico, torna-se suscetível a incorrer em erro. Isso não diminui, entretanto, a importância de se captar indícios que possam fornecer pistas para essa e outras reflexões futuras. Sendo assim, mais do que respostas, pretende-se abrir caminhos para novos olhares em torno da questão. É a partir dessas considerações que inicio a tese.

Foi no ano de 2015, após o anúncio do então governador Geraldo Alckmin a respeito do iminente fechamento de quase uma centena de escolas estaduais e a mudança de ciclo de mais de 700 delas, que se iniciou a insurgência estudantil. Conhecido como “reorganização escolar”, o projeto previa o deslocamento de milhares de estudantes de suas escolas de origem para se consolidar o plano de escolas de ciclo único, isto é, em cada unidade escolar funcionaria uma única fase da educação básica: 1º ao 5º ano; outra do 6º ao 9º ano; e uma terceira, para o Ensino Médio. Para um projeto de tal magnitude, era esperado um amplo e qualificado debate em torno de sua pertinência. Mas não foi o que ocorreu. Em setembro de 2015, sem qualquer consulta pública, o governo do estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Educação, apenas anunciou que executaria o projeto a partir do ano seguinte. Além da falta de debate com a comunidade escolar, a proposta era pouco transparente. Quais os critérios para o fechamento de determinadas escolas em



detrimento de outras? Quais estudos fundamentaram a proposta que justificasse a divisão por ciclos em termos de qualidade da educação?

Segundo Giroto (2016), a justificativa dada pela Secretaria de Educação de que “nas escolas de ciclos únicos os alunos aprendem mais” – justificativa esta apoiada em um estudo elaborado pela Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (Cima), órgão da própria Secretaria – é extremamente limitada, uma vez que a problemática do processo de ensino-aprendizagem é multifacetada. Assim, ainda que a postura não-dialógica do governo do Estado tenha sido o estopim para as ocupações, a precariedade da escola pública também teve um espaço de destaque nos discursos dos estudantes que se levantaram em prol da educação pública. Denúncias em relação à insuficiência de recursos materiais, à falta de professores e às salas superlotadas foram marcantes, bem como críticas mais profundas em relação ao modo de organização das escolas.

Conforme observam Corti, Corrochano e Silva (2016), as críticas dos secundaristas às atividades monótonas e desinteressantes deram materialidade e reiteraram o que pesquisas já apontavam sobre a necessidade de uma escola mais interessante e sintonizada com o cotidiano dos estudantes (Dayrell, 2005). Dessa forma, contrariando os discursos – presentes tanto no senso comum, quanto em algumas pesquisas acadêmicas- de que os estudantes seriam “apáticos” e “desinteressados” pela educação escolar, as reivindicações dos secundaristas apontaram para outro caminho: o do desejo de construir uma outra escola, em que não somente os conteúdos fizessem mais sentido, mas as relações entre os estudantes e demais membros da comunidade fossem menos hierarquizadas.

Apesar da pluralidade de reivindicações, o desejo por relações mais igualitárias atravessou os muros das escolas e os discursos dos estudantes das mais de 200 ocupadas ao redor do estado de São Paulo. Propositivos em suas críticas quanto à forma escolar e seu modelo hierárquico, as ocupações foram marcadas por debates, aulas públicas, oficinas, saraus, shows, mostrando que a escola pode ser, sim, um lugar que faça sentido para os jovens (Corti; Corrochano; Silva, 2016).

Em relação aos temas abordados nestes eventos, foram frequentes os debates sobre questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade, além de críticas à política institucional, à alienação pelos meios de comunicação, à criminalização das lutas, à atuação violenta da polícia, dentre outros (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016). Desse

modo, as ocupações secundaristas mostraram que longe de haver uma apatia política em relação às gerações anteriores (Muxel, 2008), o que há, na verdade, é uma pluralidade de pautas e reivindicações, bem como uma diversidade de modos de atuação na esfera pública. Organizados internamente pelos princípios da autogestão, apoio mútuo, solidariedade, (Giotto, 2016; Groppo et al., 2017), e, importante destacar, pelo esforço de não reproduzir estereótipos de gênero na divisão das tarefas, os secundaristas foram fortemente inspirados pelos estudantes chilenos e argentinos (Januário et al., 2016). Em 2006, jovens secundaristas chilenos ocuparam as ruas e as escolas num movimento que ficou conhecido como “Revolta dos Pinguins”, que influenciou, entre os anos 2010 e 2014, as mobilizações realizadas pelos estudantes argentinos, as quais culminaram na elaboração de um documento intitulado *Como ocupar um colégio?* - escrito por estudantes chilenos e argentinos - com os registros de suas experiências de ação direta com o uso da estratégia das ocupações. Este documento foi traduzido pelo coletivo “O Mal Educado” e divulgado pela internet, se espalhando rapidamente pelas redes sociais - Facebook, Twitter e Instagram e também entre diversos grupos de Whatsapp (Januário et al., 2016; Corti; Corrochano; Silva, 2016; Romancini; Castilho, 2017).

O uso das redes sociais foi fundamental não somente para que os jovens tomassem conhecimento da proposta de reorganização, mas para que se mobilizassem contra ela (Romancini; Castilho, 2017). De acordo com Martucelli (2015), ainda que a maioria dos jovens não utilize a internet com finalidades políticas, é nela e a partir dela que muitos acabam expressando seu ativismo político. Todavia, se o uso da internet foi fundamental para as mobilizações dos secundaristas, estas não se restringiram ao espaço virtual. Tal fenômeno – de articulação entre o mundo *online* e *offline* - pode ser observado em uma série de mobilizações contemporâneas, desde no já clássico movimento zapatista, às lutas contemporâneas da Indignação, como a Primavera Árabe, o movimento espanhol 15M, além do *Occupy* e das Jornadas de Junho de 2013 (Romancini e Castilho, 2017; Reguillo, 2017; Gerbaudo, 2017; Alcântara; Bringel 2020). Sobre estas últimas, Ortellado (2016) e Groppo et al. (2023) compreendem que a mobilização dos secundaristas foi o primeiro desdobramento mais concreto das Jornadas de Junho, visto que a natureza das reivindicações era similar no que se refere à crítica ao modelo representativo tradicional e à defesa dos direitos sociais

Catini e Melo (2016) observam que a desocupação das escolas, após a suspensão do projeto de reorganização, não significou o fim das lutas dos estudantes paulistas. Já no início de 2016, muitos dos jovens que se mobilizaram contra a reorganização escolar foram às ruas contra o aumento das tarifas do transporte público, convocadas pelo Movimento Passe Livre. Além disso, houve intensa mobilização dos estudantes contra a denominada “máfia da merenda”, o fechamento paulatino de salas de aula, com a ocupação do Centro Paula Souza e de equipamentos públicos, como as “Fabricas de Cultura”,

Após o impeachment de Dilma Rousseff, em abril de 2016, houve mais uma série de manifestações de amplos setores da sociedade contra o governo Temer e suas medidas. Além de protestos e manifestações de rua – marcadas por intensa repressão e violência policial – ocorreu, a partir de setembro de 2016, uma nova onda de ocupações, dessa vez em caráter nacional em oposição a medidas federais, denominada “segunda onda”, por Groppo (2018). O autor propõe a distinção entre as duas ondas para diferenciar as ocupações das ocupações de caráter estadual - que ocorreram não somente em São Paulo, mas em Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará - que duraram mais ou menos até meados de 2016; enquanto aquelas deflagradas no segundo semestre de 2016, em oposição a medidas do governo federal. Essas últimas envolveram também universidades, totalizando, no final de 2016, 1.154 escolas ocupadas ao redor do Brasil e 123 *campi* universitários (Groppo et al., 2017).

Diante desse cenário, eclodiram diversas pesquisas sobre a “revolução dos jovens”, como muitos analistas e ativistas compreenderam as ocupações ainda no calor dos acontecimentos. Faltando pouco mais de um ano para completar uma década das primeiras escolas ocupadas, muitas das análises ainda se concentram no caráter de “novidade” das ocupações, mirando o olhar apenas para a face luminosa do movimento. Ainda que nos anos mais recentes interessantes estudos tenham sido publicados, com destaque para aqueles produzidos no âmbito da pesquisa coletiva coordenada por Luis Antonio Groppo<sup>1</sup>, ainda são poucas as pesquisas que se concentraram nos aspectos pós-insurgência.

---

<sup>1</sup> Intitulada “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação política das e dos ocupas”. Os resultados da pesquisa encontram-se disponíveis em: [Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016 – Universidade Federal de Alfenas \(unifal-mg.edu.br\)](http://unifal-mg.edu.br)

Desde o fim das ocupações, os jovens “secundaristas de luta” - como ficaram conhecidos os estudantes que ocuparam escolas em São Paulo -, assistiram a uma sucessão de crises e derrotas. A alegria pelo anúncio de suspensão do projeto de reorganização, em dezembro de 2015, deu lugar à melancolia, menos de seis meses depois, devido ao impeachment de Dilma Rousseff. Sob o governo interino de Michel Temer, diversos desmontes de políticas sociais foram perpetrados. A aprovação da “PEC do fim do mundo”, responsável por congelar por 20 anos os investimentos em saúde, educação e infraestrutura e a reforma trabalhista, seriam a antessala de um dos momentos mais obscuros da história nacional recente. Em 2018, foi eleito o candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro. Já no seu primeiro ano de governo, Bolsonaro congelou o orçamento destinado à educação, à pesquisa científica, ao meio ambiente e às relações internacionais. Pautado um por uma ideologia ultraliberal, as incipientes políticas sociais tornaram-se ainda mais escassas, ampliando as persistentes desigualdades sociais do país.<sup>2</sup>

Em 2020, iniciou-se a pandemia de Covid-19 e a crise e as desigualdades se acentuam. No Brasil, o negacionismo por parte do então presidente e de órgãos federais, como o Conselho Federal de Medicina, promoveram políticas de incentivo ao contágio, como o não uso de máscaras, o desrespeito às regras de distanciamento e isolamento social, o uso de medicações comprovadamente ineficazes e a recusa à compra de vacinas. Devido a isso, mais de 700 mil pessoas morreram no país e 38 milhões foram contaminadas<sup>3</sup>

O genocídio indígena, o aumento do desemprego, a evasão escolar, a privatização dos serviços públicos, os efeitos prolongados na saúde após a contaminação pela Covid - os quais ainda têm sido objeto de investigação científica - são apenas alguns dos efeitos dos últimos anos sob a crise sanitária, política e econômica no país. Somam-se, ainda, o colapso ambiental global e a crise geopolítica, explicitada pelas guerras em curso.

Diante desse cenário de risco (Beck, 1992) e incerteza (La Mendola, 2005; Colombo; Rebughini, 2022) os jovens são particularmente afetados por essa conjunção de crises (Colombo; Rebughini, 2022), sendo impelidos a mobilizar uma série de recursos pessoais para lidar com a precariedade e a vulnerabilidade em

---

<sup>2</sup> Alguns dados disponíveis em: [DESIGUALDADE EXPLODE NO BRASIL DE BOLSONARO - Revista Focus Brasil | Revista Focus Brasil \(fpabramo.org.br\)](https://revista.fpbbramo.org.br/2022/07/2022-07-20-DESIGUALDADE-EXPLODE-NO-BRASIL-DE-BOLSONARO/)

<sup>3</sup> [Covid-19 Casos e Óbitos \(saude.gov.br\)](https://saude.gov.br/covid-19/casos-e-obitos). Acesso em 01 jan. 2024.

diversos domínios. No caso latino-americano, a falta de suporte institucional torna a situação ainda mais profunda e amplia a percepção dos indivíduos a respeito da inconsistência posicional (Araujo; Martuccelli, 2012). Essa conjuntura acentua a formação de individualidades de tipo agêntico, caracterizadas não somente pela capacidade de agir e acionar competências pessoais, mas pela habilidade de mobilizar suportes e redes de apoio. Por essa razão, o indivíduo latino-americano configura-se em um hiper-ator relacional (Araujo; Martuccelli, 2022).

Enzo Colombo e Paola Rebughini (2022) argumentam que diante desse cenário de incerteza, os jovens não somente buscam desenvolver as habilidades pessoais requeridas nesse contexto, como criatividade, flexibilidade, adaptabilidade e iniciativa, mas procuram ingressar em grupos compostos por semelhantes, os quais enfrentam desafios em comum. Dito de outro modo, em um contexto de incerteza que individualiza o enfrentamento de desafios - cada vez mais amplificados pelas crises de diversas ordens -, o indivíduo, altamente singularizado, busca no reconhecimento do outro o apoio para lidar com a vulnerabilidade. Nesse sentido, os ativismos atuais caracterizam-se por práticas pautadas na horizontalidade e no apoio mútuo, focalizando suas ações em nível local e no cotidiano.

Diante dessa conjuntura de crise, mutação social e reconfiguração do ativismo (Pleyers; Bringel, 2015; Bringel, 2021), busquei apreender as experiências dos jovens pós-ocupações tanto no que se refere aos engajamentos políticos (sua continuidade ou descontinuidade) quanto em outros domínios, como educação, trabalho, vida afetiva e familiar.

A escolha de uma região do interior paulista justifica-se, dentre outras razões expostas na discussão metodológica, pelo fato de mais de 10% das escolas ocupadas no Estado de São Paulo, em 2015, pertencerem à Região Metropolitana de Sorocaba. Além disso, estudos no campo da juventude têm apontado para a necessidade de se conhecer a realidade dos jovens para além das grandes capitais (Sposito, 2009).

Além desta introdução, a tese está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “**Lutas políticas contemporâneas: contexto histórico e ressonâncias pós-indignação**”, apresento o contexto das lutas que eclodiram na década de 2010 e dialogo com pesquisas que focalizaram experiências e trajetórias pós-participação política. No segundo, “**Reflexos das ocupações estudantis na Argentina, Chile e Brasil**”, discuto com as pesquisas que se aproximam da temática

da tese e contextualizo as ocupações escolares que antecederam e inspiraram as nacionais. No terceiro, ***“A fecundidade da sociologia do indivíduo como perspectiva teórica nos estudos de juventude”*** justifico a escolha da abordagem como base teórica da pesquisa. A partir do quarto capítulo, inicia-se a parte empírica. Nesse, denominado ***“Espaços e tempos da pesquisa”***, discorro sobre os procedimentos utilizados para encontrar os jovens, as técnicas de entrevista utilizadas, bem como traço um panorama do lócus da pesquisa, com uma breve descrição da cidade e do perfil dos jovens que participaram do movimento, delineado a partir de um questionário exploratório.

Nos três últimos, analiso os relatos. No quinto capítulo, ***“Memórias e Fragmentos das ocupações”***, os secundaristas evocam as lembranças das ocupações. No sexto, ***“Provas comuns, trajetórias singulares: itinerários de escolarização e trabalho em face à conquista autonomia e independência”***, apresento os desafios comuns enfrentados pelos jovens e como eles se declinam nas trajetórias individuais. Além disso, investigo as possíveis influências da experiência de ocupação nos percursos laborais, educacionais, bem como os reflexos na vida afetiva e familiar. No sétimo, ***“O que restou da experiência?”***, discuto as continuidades e descontinuidades dos engajamentos políticos.

## Capítulo I - Lutas políticas contemporâneas: contexto histórico e ressonâncias pós-indignação

Após a crise econômica e financeira de 2008, uma miríade de protestos irrompeu ao redor do mundo, abrangendo dezenas de países do sul ao norte global. A despeito das especificidades internacionais, essas insurgências fizeram ressoar o desejo por um novo mundo, no qual o fim da história, suscitado pelo neoliberalismo, não seria inevitável.

O ciclo de insurgências da década de 2010, denominado “Ciclo da Indignação Global” (Bringel, 2015) ou “Movimento das Praças” (Gerbaudo, 2017), trouxe à cena pública questionamentos em torno das desigualdades sociais, da corrupção, das medidas de austeridade, da ocupação dos espaços públicos, além da profunda desconfiança da população na política institucional. Geoffrey Pleyers (2018, 2023) sintetiza como ponto de convergência entre os diferentes movimentos o desejo por mais democracia, justiça social e, principalmente, por mais dignidade.

Segundo Groppo et al. (2023), as ocupações escolares mobilizaram modalidades diversas de contestação desse ciclo de protestos, como ocupações, atos, trancamentos de ruas, formação de assembleias para a tomada de decisões, bem como a expressiva defesa dos princípios de horizontalidade, solidariedade e apoio mútuo. Pesquisadores consideram, inclusive, as ocupações secundaristas como fruto das Jornadas de Junho de 2013, - as quais compõem o ciclo da indignação global -, sendo denominadas como “A primeira flor de junho” (Ortellado, 2016) ou “rebento progressista das Jornadas” (Groppo et al., 2023). Dessa forma, para compreendê-las, é necessário retomar esse contexto de lutas, bem como dialogar com pesquisas que focalizaram como a participação nas ações coletivas desse período reverberou nas experiências posteriores daqueles que as integraram.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: primeiro, realiza-se uma breve contextualização do ciclo de protestos mais amplo ao qual as ocupações secundaristas se vinculam, apresentando, de forma sucinta, algumas de suas mais conhecidas insurgências, como a Primavera Árabe, o 15M - ou Indignados-, o *Occupy Wall Street*, o *#Yosoy132*, as Jornadas de Junho, a ocupação do Parque Gezi, e a *Nuit Debout*. Feita essa exposição, discutem-se, no tópico posterior, pesquisas que

analisaram como a participação nos movimentos<sup>4</sup> recentes refletiu nas trajetórias dos indivíduos que deles fizeram parte.

É preciso ponderar, no entanto, que embora esse ciclo de revoltas tenha se iniciado por indivíduos e coletividades progressistas, em não raras ocasiões houve a apropriação e a deturpação das pautas por grupos e contramovimentos conservadores que, de forma oportunista, transmutaram a revolta contra o sistema em pautas nacionalistas e contra minorias (Bringel; Pleyers, 2017; Pinheiro-machado, 2019). Segundo Bringel e Pleyers (2017):

A indignação difusa e os protestos contra o sistema político, os partidos tradicionais e os símbolos do capital financeiro, embora iniciados por indivíduos e coletivos progressistas, foram, em muitas ocasiões, acompanhados, apropriados e até mesmo controlados posteriormente por grupos conservadores. Os sonhos revolucionários ou democratizadores em várias partes do globo se transformaram, em alguns casos, em verdadeiros pesadelos. Em diversos lugares do mundo, as mobilizações iniciadas com o objetivo de buscar maior dignidade, igualdade e justiça social acabaram ultrapassando os movimentos sociais iniciadores, espalhando-se para o restante da sociedade em um processo de disputa política que resultou em um aumento agriçoce da criminalização, controle social e repressão. (p.24, tradução nossa).<sup>5</sup>

Sendo assim, serão apresentados os levantes progressistas devido à proximidade com a temática da tese, mas sem desconsiderar que houve ambiguidades em inúmeras situações, conforme será exposto. Diante disso, a perspectiva adotada na tese está em consonância com as teorias de que os movimentos e sentidos atribuídos a eles estavam - e ainda estão - em disputa (Pleyers; Bringel, 2015; Pinheiro-Machado, 2019).

---

<sup>4</sup> Neste capítulo, mobiliza-se o termo “movimentos” em sentido lato, não em referência ao conceito de movimentos sociais. Bringel (2017) argumenta que a “Indignação Global” não é um movimento social, mas um estado de ânimo, uma irrupção que motiva as lutas por justiça social, democracia e dignidade. Ademais, como observou Reguillo (2017), “trata-se de movimentos-rede, são configuracionais e não afiliativos: não se afilia ao Occupy Wall Street, ao Yo Soy 132 ou ao 15M, mas eles se configuram em um espaço de trocas, reconhecimentos e referências entre outros e outros, no desenrolar da insurgência diante da crise civilizatória.”

<sup>5</sup> La indignación difusa y las protestas contra el sistema político, los partidos tradicionales y los símbolos del capital financiero, aunque iniciadas por individuos y colectividades progresistas se vieron, en no pocas ocasiones, acompañadas, apropiadas e incluso controladas a posteriori por grupos conservadores. Los sueños revolucionarios o democratizadores en diversas partes del globo se convirtieron, en algunos casos, en auténticas pesadillas. En varios lugares del mundo, las movilizaciones iniciadas con objetivos de búsqueda de mayor dignidad, igualdad y justicia social, acabaron desbordando los movimientos sociales iniciadores, extendiéndose al resto de la sociedad en un proceso de disputa política que se saldó de manera agriçdulce con un incremento de la criminalización, el control social y la represión.



### **1.1. Contexto das lutas: da onda de indignação aos dias atuais**

No final do ano de 2010, o jovem tunisiano Mohamed Bouazizi chegou ao ato extremo de autoimolação em protesto às inúmeras violências que sua família e comunidade vinham sofrendo por parte do Estado. Após ter suas mercadorias confiscadas - frutas e verduras que comercializava como vendedor ambulante - o jovem imolou-se contra as inúmeras violências perpetradas pelo governo autocrático de Ben Ali, que se mantinha no poder há mais de 20 anos.

Além da crise econômica e dos elevados índices de desemprego, que afetavam principalmente a população jovem, e da intensa repressão do Estado, cujo envolvimento em esquemas de fraude e corrupção já era conhecido pela população, a indignação pela morte de Bouazizi mobilizou milhares de cidadãos às ruas. Não obstante a intensa repressão policial enfrentada durante os protestos, eles saíram vitoriosos, conseguindo a deposição de Ben Ali.

Embora a crise fosse global, a forma de vivenciá-la e enfrentá-la apresentava componentes nacionais<sup>6</sup> e até mesmo locais. Em etnografia realizada em um pequeno vilarejo no interior do Egito, longe do epicentro das lutas no país (localizado na praça Tahir, no Cairo), Lila Abu-Lughod (2012) observou as nuances do ativismo juvenil em uma localidade distante do centro, mas particularmente afetada pelas políticas neoliberais e pelo autoritarismo. Realizada apenas três semanas após a ocupação da praça, e, portanto, ainda no calor dos acontecimentos de 2011 que levaram à deposição do presidente vitalício Hosni Mubarak, a antropóloga descreveu os reflexos dos protestos naquela comunidade, que há anos vinha sendo vítima de abuso pelas forças policiais. Em resposta ao colapso das forças de segurança durante os atos massivos no Cairo, derivado do deslocamento de policiais para a capital do país, jovens residentes do vilarejo se auto-organizaram para a formação de comitês

---

<sup>6</sup> Segundo Rosana Pinheiro-Machado: “Os protestos da virada do milênio por justiça mundial e contra a globalização corporativa que ocorreram em várias cidades do mundo, como no encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999, eram, em essência, transnacionais. A diferença para esse novo ciclo de insurgências no século XXI é que o mais recente manifesta um forte componente de indignação nacional: são a democracia, a transparência e o bem-estar dos habitantes de cada país que estão sendo reivindicados contra o capital financeiro global, que apenas atua para a sua própria reprodução” (2019, p:21). Geoffrey Pleyers (2023) salienta que assim como a Primavera dos Povos de 1948 e o movimento global de 1968, a onda global de protestos atua de maneira descentralizada e se organizam em nível nacional e local.

populares de segurança, os quais, posteriormente, se transformaram em espaços de discussão para a resolução dos demais dilemas locais.

Abu-Lughod (2012) ressalta que os jovens daquela comunidade se sentiam pertencentes, do ponto de vista do ativismo, do movimento de lutas nacional, mas apresentavam relevantes especificidades quanto à natureza das pautas, a linguagem utilizada e forma de se mobilizar coletivamente. O uso da internet, por exemplo, que foi uma marcante nos protestos do Cairo - bem como no conjunto dos protestos do século XXI - não era amplamente utilizado no vilarejo. Ademais, as pautas locais estavam mais vinculadas a questões morais como responsabilidade, altruísmo e bem-estar comunitário do que aos direitos sociais propriamente ditos.

Além do Egito e da Tunísia, as revoltas se espalharam para outros países do mundo árabe, como Iêmen, Líbia, Síria e Bahrein, levando à deposição de mais dois presidentes vitalícios - no Iêmen e na Líbia. De acordo com Jean Tible (2022), à Primavera Árabe sucedeu-se um duro outono, marcado por forte repressão por parte dos poderes constituídos, resultando em milhares de mortes em 2013, seja diretamente pelas forças dos Estados ou em guerras civis apoiadas por eles.

A onda de protestos atravessou oceanos, chegando na Europa e na América do Norte naquele ano de 2011, com o 15M dos Indignados, na Espanha, e o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos. Em relação ao primeiro, foi em Madri, na Praça do Sol, tradicional ponto de insurgência, que jovens se reuniram em protesto contra a crise financeira e a política institucional. Devido aos altos índices de desemprego e ao rechaço ao sistema político, a juventude espanhola levou suas barracas e iniciou a ocupação da praça, inspirando milhares de jovens a reproduzir essa tática em outras localidades, o que levou à uma reconfiguração modo de ação política no país (Bringel, 2015). Salienta-se que, embora historicamente o tecido associativo espanhol tenha se costurado através de princípios anarquistas, em especial em Barcelona (Alcântara; Bringel, 2021), tais práticas foram ressignificadas e novos atores emergiram na cena pública.

Segundo Breno Bringel (2015), durante aproximadamente um mês, acampamentos foram levantados em demais partes do território espanhol, dentro dos quais as decisões eram tomadas de forma horizontal nas assembleias, além da

formação de comissões<sup>7</sup> e grupos temáticos para a divisão das tarefas. Assim, pode-se afirmar que os manifestantes se valeram de práticas prefigurativas, as quais consistem, grosso modo, na reprodução, durante a luta, do tipo de sociedade com a qual sonham e defendem. Nas palavras de Rosana Pinheiro-Machado:

Prefiguração é o entendimento de que as lutas não podem reproduzir internamente as hierarquias que tentam combater. Os movimentos, assim, precisam ser um retrato da sociedade que querem construir. Isso significa não postergar nossos sonhos de uma sociedade melhor, mas colocá-los em prática no cotidiano da luta, reinventando os sentidos do bem comum e do coletivo”. (2019, p.22)

Após a desocupação das praças, o movimento se expandiu para os bairros, e surgiram coletivos autônomos em relação aos partidos políticos e outras organizações, como sindicatos e movimentos sociais tradicionais. Ademais, a referida inflexão no modo de ação política espanhola se revelou no uso das redes para a convocação de protestos, de forma mais descentralizada do que outrora (Pleyers, 2013; Bringel, 2015), além de um descentramento dos sujeitos e das organizações, já iniciada na década de 1990, mas intensificada no movimento de indignação.

Para abordar o *Occupy Wall Street*, parte-se das reflexões de David Graeber (2014), antropólogo anarquista e ativista. A ele é associada a criação do famoso slogan “somos os 99%”, embora ele rejeite essa atribuição, creditando a autoria ao esforço coletivo de todo o movimento<sup>8</sup>. Acampados no Parque Zuccoti, em Nova Iorque, em setembro de 2011, manifestantes se reuniram para protestar contra a desigualdade econômica e social derivada de um sistema que beneficiava apenas 1% da população mais rica estadunidense, ao passo que os outros 99% sofriam as consequências da crise financeira de 2008.

Segundo David Graeber (2014), a ocupação do parque promoveu uma nova cultura democrática no país e uma mudança subjetiva permanente em seus participantes, indo além das experiências prefigurativas que ocorreram nos dois meses em que estiveram acampados nas imediações do principal centro financeiro estadunidense. De acordo com o autor:

É claro que esses mesmos comentaristas políticos consideram que o *Occupy* morreu com as expulsões de novembro de 2011. O que eles

---

<sup>7</sup> Dentre as comissões destaca-se a “Feminismos de Sol”, formada no 15M especificamente para discutir questões de gênero. Até os dias atuais, o grupo permanece ativo. Para conhecer sobre sua gênese, pautas e formas de atuação, ver Dossiê da Comissão Feminismos Sol, disponível em: [Dossier Comisión de Feminismos COMPLETO \(Irmcidii.org\)](http://DossierComisióndeFeminismosCOMPLETO(Irmcidii.org)).

<sup>8</sup> Em: [Graeber: por que os Estados rejeitam o Público - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#)

não entendem é que, uma vez ampliado o horizonte político das pessoas, a mudança é permanente. Centenas de milhares de americanos (e não apenas eles, é claro, mas também gregos, espanhóis e tunisianos) tiveram experiências diretas de auto-organização, ação coletiva e solidariedade humana. Isso faz com que seja quase impossível voltar à vida anterior e ver as coisas da mesma maneira. Enquanto as elites financeiras e políticas do planeta patinam cegamente em direção à próxima crise com a mesma escala da de 2008, continuamos a realizar ocupações em prédios, fazendas, casas desapropriadas e locais de trabalho — temporários ou permanentes — e a organizar greves de inquilinos, seminários e assembleias de devedores, lançando, assim, as bases para uma cultura verdadeiramente democrática e apresentando as habilidades, os hábitos e a experiência que darão vida a uma concepção inteiramente nova de política. Com isso, renasceu o imaginário revolucionário que a sabedoria convencional há muito tinha dado como morto (p.17).

Assim como Graeber, Rossana Reguillo também esteve presente na ocupação do Parque Zuccoti, ou, em suas palavras, na “aldeia Zuccoti”. Reguillo (2017) destaca as práticas prefigurativas que ela observou no *Occupy*, as quais ela denominou como “celebração de uma ideia”, referindo-se aos princípios democráticos que se materializam no cotidiano do acampamento. A autora mobilizou o conceito de “espaço intermediário” para caracterizar a nova espacialidade e temporalidade engendradas na e pela irrupção. Na experiência do *Occupy Wall Street*, ela enfatiza que houve a formação de uma micro pólis na praça, onde as relações sociais se davam em uma lógica distinta daquelas do 'mundo de fora', predominando a solidariedade, o apoio mútuo e o respeito à diversidade.

No que se refere ao #YoSoy132 mexicano, Rossana Reguillo (2017) em sua pesquisa com os jovens que fizeram parte do movimento, observou três grandes causas e motivações para integrá-lo: a manipulação midiática e a busca pela democratização dos meios; o receio com a possibilidade do retorno do PRI e sua figura presidencial Enrique Peña Nieto; e a luta contra a corrupção.

A gênese da insurgência se deu durante um evento na *Universidad Iberoamericana*, na Cidade do México, no qual o então candidato à presidência pelo *Partido Revolucionario Institucional* (PRI), Enrique Peña Nieto, apresentou suas propostas de governo. Durante a apresentação, estudantes realizaram uma série de questionamentos ao candidato e ex-governador, cujo mandato foi marcado por intensa violência e repressão à população. Em sua resposta, Peña Nieto justificou e legitimou a atuação das forças de segurança do estado, gerando a indignação dos

estudantes, que iniciaram um protesto. Os apoiadores do candidato iniciaram, então, uma campanha de difamação na mídia, afirmando que não eram jovens estudantes que estavam se manifestando, mas grupos vinculados ao candidato de oposição. A fim de provar que eram, de fato, estudantes, 131 alunos da universidade participaram da gravação de um vídeo, com suas credenciais estudantis, utilizando a hashtag #YoSoy132, pois se eles faziam parte de um grupo de 131, quem assistia e compartilhava a hashtag nas redes era 132. Com o uso das redes sociais, o movimento se expandiu e milhares participaram de manifestações nas ruas não somente durante o período eleitoral, em oposição ao candidato do PRI (*Partido Revolucionario Institucional*), mas posteriormente contra a manipulação midiática, a corrupção, o mau uso do dinheiro público e as desigualdades da sociedade mexicana.

Reguillo (2017) evoca um dos protestos do #YoSoy132, no qual os manifestantes projetaram nas paredes da emissora Televisa: “¿Qué se manipula detrás de estas paredes?”. Inspirada em Rancière, para quem a verdadeira política se dá no dissenso, no processo de tomada de parte do sem-parte, reconfigurando a partilha do sensível<sup>9</sup>. Além desse protesto, a autora relembra a reapropriação, por parte dos manifestantes, do monumento *Estela de Luz*, no qual fora investido quantidades exorbitantes de dinheiro público para a construção, mas foi tomado pelos jovens do 132, constituindo-se em um símbolo de denúncia contra a corrupção e o mau uso do dinheiro público. Concomitantemente a esses atos e após eles, eclodiram uma série de grupos e coletivos de mídia independente, reproduzindo os dizeres “*ahora nosotros damos las noticias*”.

O papel das mídias livres, que se utilizam da internet e de redes sociais para veicular informações, foi central para esse ciclo de protestos em diversos países, servindo tanto para denunciar a repressão aos atos quanto para divulgá-los. Paolo Gerbaudo (2012) e Geoffrey Pleyers (2013) argumentam que apesar da sua importância, as novas tecnologias e informação e comunicação não substituíram a ocupação das ruas, discordando de teorias que atribuem aos protestos da década de 2010 a alcunha de “Revolução 2.0” ou “Movimentos Facebook”. A característica principal desse ciclo de protestos foi a ocupação de espaços públicos, sendo as redes um importante meio de fomento da revolta, com o recrutamento de manifestantes, difusão e comunicação das pautas, de denúncia dos abusos policiais, além trazer à

---

<sup>9</sup>Rancière, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2018

população um contraponto do que era veiculado na imprensa tradicional, a qual condenava as revoltas.

Sobre as Jornadas de Junho, como ficaram conhecidas as grandes manifestações que aconteceram no ano de 2013, no Brasil, há uma disputa teórica - e política - em torno dos seus sentidos e desdobramentos. Nessa tese, compactua-se com a perspectiva de que as Jornadas devem ser lidas sob a ótica da ambiguidade, como sustentam os autores Pleyers e Bringel (2015), Mendonça (2017), Pinheiro-Machado (2019) e Groppo et al. (2023). Essa visão se contrapõe tanto às análises que estabelecem uma conexão estreita entre os acontecimentos de 2013 e os eventos reacionários que as sucederam - que vão desde os atos pelo impeachment de Dilma Rousseff até o atentado contra a democracia do dia 8 de janeiro de 2023 - quanto àquelas que reduzem as manifestações apenas a seus aspectos progressistas, tomando-as como a expressão de uma revolução brasileira em curso. Desse modo, a noção de revoltas ambíguas proposta por Pinheiro-Machado (2019) é interessante por conferir complexidade ao fenômeno para além da dicotomia esquerda versus direita ou progressista *versus* reacionária, pois considera a diversidade de atores individuais e coletivos que disputaram as ruas.

Groppo et al. (2023) sublinham que a latência das Jornadas se deu como formação do Movimento Passe Livre (MPL), cuja gênese, segundo Pantoja (2017) teve inspiração nos protestos contra o aumento da passagem de ônibus, as Revoltas do Buzú e da Catraca, em Salvador em 2003 e Florianópolis em 2004, respectivamente. Segundo Leila Saraiva Pantoja (2017), foi em um espaço alternativo e extraoficial durante as reuniões do Fórum Social Mundial (FSM) que aconteceu a plenária que deu origem ao MPL. O movimento se formou pautado nos princípios autonomistas e, com a defesa da gratuidade da passagem, pretendia ampliar o acesso à cidade, uma vez que os equipamentos culturais se situam nos centros, distantes dos locais de residência da maior parte da população trabalhadora. Pantoja (2017) reitera que o movimento procurava estabelecer-se de forma autônoma em relação ao estado, estabelecendo no cotidiano práticas prefigurativas, como a horizontalidade, o apoio mútuo e a independência em relação ao Estado e suas instituições, ou seja, vive-se no dia a dia os ideais da sociedade pela qual lutam.

Ricardo Fabrino Mendonça (2017) argumenta que as Jornadas de Junho formaram uma multiplicidade ambivalente de protestos, com um grande número de

peças em mais de uma centena de municípios e, portanto, toda e qualquer análise deve considerar a sua complexidade. Iniciadas pelo MPL, em São Paulo, contra o aumento da passagem de ônibus, as Jornadas sofreram forte violência policial. Em suas palavras:

As Jornadas de Junho ganharam força em torno de uma série de protestos em São Paulo contra o aumento do preço das passagens de transportes públicos, puxadas, em um primeiro momento, pelo Movimento Passe Livre. Contribuem fortemente para a assombrosa expansão dessa luta não apenas o histórico recente de reivindicações vinculadas a questões de transporte (e do acesso à cidade, de uma forma mais ampla) em todo o país, mas o contexto internacional de um ciclo de protestos ao redor do mundo e o contexto nacional da Copa das Confederações, que trouxe grande visibilidade ao Brasil. Ademais, cabe ressaltar o contexto político mais amplo, atravessado por um desgaste do modelo desenvolvimentista no plano nacional e pelo questionamento ao insulamento do governo estadual e da prefeitura municipal. Nesse encontro de fatores, ganha fôlego uma série de protestos que se vê inflamada pela crescente repressão policial. (Mendonça, 2017, p. 141)

Segundo Pleyers e Bringel (2015) uma das características das Jornadas foi a sua difusão em todo o território nacional, contudo, argumentam os autores, é necessário considerar a diversidade em relação à composição social dos manifestantes e a correlação de forças. Alonso e Mische (2017) identificaram três principais repertórios de contestação nas Jornadas de Junho: 1. o repertório autonomista, vinculado às pautas anarquistas e libertários; 2. o repertório socialista, composto pela esquerda tradicional; 3. repertório patriótico: o qual valendo-se de símbolos nacionalistas defendiam pautas caras à direita e à extrema-direita. Devido a essa diversidade de atores, a luta contra o aumento das passagens misturou-se a diferentes pautas, muitas das quais concorrentes entre si, razão pela qual deve-se abandonar leituras muito enrijecidas que caracterizam o fenômeno ora como progressista, ora como reacionário.

Bringel (2017) defende que as Jornadas produziram uma abertura societária no país, na qual novos atores e pautas emergem na cena pública e ampliam o conflito social. Para o autor, as Jornadas foram um ciclo de lutas curto e de alta intensidade que foi interpelado por um ciclo político mais amplo, iniciado no período de redemocratização. O encontro entre esses dois ciclos produziu conflitos e uma disputa em torno dos sentidos atribuídos ao passado recente do país. Essa disputa se deu principalmente entre o governo e seus aliados, que diziam que o país nunca

esteve tão bem quanto sob o governo do PT, e grupos antipetistas, situados tanto à direita quanto à esquerda do espectro político. De acordo com Bringel:

As mobilizações iniciadas em junho de 2013 no Brasil, as maiores na história do país nas últimas três décadas, abriram um novo ciclo político no país. Apesar de terem visões e projetos distintos (e, em geral, opostos) da sociedade brasileira, os indivíduos e coletivos à esquerda e à direita do governo, mobilizados desde 2013 até hoje, são fruto dessa mesma abertura sociopolítica. As formas de ação e organização que adotaram — características de uma transformação das formas de ativismo e do compromisso militante no país (e no mundo hoje) — favoreceram o surgimento rápido, a mediatização e a capacidade de interpelação e expressividade, mas também provocam diversas tensões e ambivalências em sua própria constituição e nos resultados gerados. (2017, p.147, tradução nossa).<sup>10</sup>

À abertura societária associa-se uma reconfiguração do ativismo, a qual afeta os atores, as práticas e as concepções de sociedade que se pretende construir. Há um maior espaço para os indivíduos e um deslocamento dos atores tradicionais - como partidos e sindicatos - que dá espaço a formas de organização menos hierárquicas, como os coletivos (Pleyers; Bringel, 2015; Gohn, 2018).

Sobre essa reconfiguração do ativismo nas Jornadas, Mendonça (2017) defende que a ação coletiva de junho de 2013 foi atravessada por singularidades que formaram um comum. O autor mobiliza o conceito de Multidão de Hardt e Negri (2014), o qual se refere, grosso modo, à conjunção de singularidades distintas, que, ao se encontrarem, formam um todo em comum. Mendonça (2017) destaca que o comum, ao mesmo tempo em que é produzido pelas singularidades, permite que elas se expressem sua criatividade. Nas entrevistas conduzidas pelo autor com os jovens que participaram das Jornadas em Belo Horizonte, o convívio entre singularidades diversas na multidão que se formou foi citado - de forma recorrente - como uma das potências da experiência de participação.

Dardot e Laval (2017) argumentam que o conceito de comum deve ser entendido como um princípio de lutas que emergiu de todos os movimentos no ciclo

---

<sup>10</sup> Las movilizaciones iniciadas en junio de 2013 en Brasil, las mayores en la historia del país en las últimas tres décadas, abrieron un nuevo ciclo político en el país. Pese a tener visiones y proyectos distintos (y, en general, opuestos) de la sociedad brasileña, los individuos y colectivos a la izquierda y a la derecha del gobierno, movilizados desde 2013 hasta hoy, son fruto de esta misma apertura sociopolítica. Las formas de acción y de organización que adoptaron —propias de una transformación de las formas de activismo y del compromiso militante en el país (y en el mundo hoy)— favorecieron el surgimiento rápido, la mediatización y la capacidad de interpelación y expresividad, pero también provocan diversas tensiones y ambivalencias en su propia constitución y en los resultados generados.



de indignação, em contraposição à racionalidade neoliberal. Nessa abordagem, os autores criticam concepções e teorias que advogam a favor do Estado, uma vez que, na contemporaneidade, ao invés dele se contrapor ao mercado, tornou-se seu aliado. Por essa razão, eles afirmam que o comum deve ser compreendido como o público não-estatal, o qual garante a participação de todos e se contrapõe ao Estado.

Ao despontar como um dos princípios do ciclo de indignação, em especial pelas ocupações autogestionadas e assembleias horizontais, nas quais todos participam e têm o mesmo poder de decisão, os autores afirmam que o comum adquiriu o significado de “democracia real”:

O comum nos parece ser o princípio que literalmente emergiu de todos esses movimentos. Portanto, não é algo que nós inventamos; isto surgiu das lutas correntes como seu princípio interno. O termo adquiriu assim um significado completamente novo, aquele da 'democracia real', para o qual a única obrigação política legítima não decorre da adesão a uma determinada comunidade, por mais amplo que isso possa ser, mas da participação nessa mesma atividade ou nas tarefas que a constituem. O termo adquiriu assim um significado completamente novo, aquele da 'democracia real', para o qual a única obrigação política legítima não decorre da adesão a uma determinada comunidade, por mais ampla que seja, mas sim da participação nessa mesma atividade ou nas tarefas que a constituem. (Dardot; Laval, 2017).

Uma das experiências do comum citadas por Dardot e Laval (2017) foi o levante do Parque Gezi, em Istambul, na Turquia. Em maio de 2013, a onda de indignação atingiu o país, tendo como início a ocupação do Parque, o qual seria destruído para a construção de um shopping center, expandindo-se para outras localidades do país, no mês seguinte. Após ser duramente reprimido, o movimento adquiriu a adesão de cidadãos de distintas classes sociais, identidades culturais e gerações, ampliando-se de um movimento de ocupação de para uma grande insurgência contra o governo (Türkmen, 2017),

Segundo Buket Türkmen (2017), a primeira década do século XXI foi marcada por um aumento de protestos no país, os quais foram duramente reprimidos, levando à prisão estudantes, jornalistas e pesquisadores. A repressão a esses grupos causou indignação na sociedade em geral, formando uma rede submersa que emergiu com a Revolta de Gezi, em 2013. A autora destaca que embora a ocupação do parque tenha sido iniciada pela classe média, a classe trabalhadora periférica, e grupos de de distintas identidades étnicas, de gênero e religiosa se uniram ao levante. Para Türkmen:

Embora tenham sido as classes médias que iniciaram o levantamento de Gezi, a classe trabalhadora da periferia, bem como manifestantes de identidades étnicas, de gênero e de religião minoritárias, se uniram a elas. Resistiram juntos a uma polícia violenta como nunca tinham visto antes. Essa experiência provocou uma empatia e consciência entre as classes médias das cidades ocidentais turcas. Com a resistência de Gezi, perceberam que também estavam marginalizados. (2017, p.56, tradução nossa)<sup>11</sup>

Ao tomar consciência de sua própria marginalização, diferentes grupos, que antes associavam a resistência curda ao terrorismo - em especial a classe média não organizada-, observaram a manipulação midiática em torno da questão, bem como o modus operandi das forças de segurança contra grupos minoritários e todos aqueles que questionavam o autoritarismo estatal, passaram a prestar solidariedade à questão curda.

Nos anos que se seguiram à ocupação, houve uma transformação social que refletiu nos resultados eleitorais. Ainda que o movimento de Gezi se identifique como apartado da política institucional, a abertura societária iniciada por ele tem promovido não somente transformações socioculturais, como apoio à diversidade étnica, de gênero e sexual, mas também reconfigurando a política partidária, com a diminuição do número de cadeiras no parlamento do partido de Erdogan e o aumento de votos nas esquerdas. Por essa razão, Türkmen (2017) defende que a insurgência iniciada em Gezi ainda está em curso no país, promovendo transformações sociais, culturais e políticas no país.

Segundo Geoffrey Pleyers (2017), a fagulha que acendeu as manifestações do *Nuit Debout*, na França, em 2016, foi o projeto de lei trabalhista. A insatisfação social há muito estava latente, mas foi o projeto de lei que levou às ruas milhares de manifestantes, de diferentes grupos sociais, a expressar sua indignação, que se relacionava a questões mais profundas da sociedade francesa.

Embora os movimentos da indignação não se restringissem à população jovem, ela foi a sua força viva (Pleyers, 2017). No caso francês, os altos índices de desemprego e a flexibilização do mercado de trabalho afetaram principalmente a juventude que, em protesto, ocuparam a Praça de República e as redes sociais com

---

<sup>11</sup> Si bien fueron las clases medias las que iniciaron el levantamiento de Gezi, la clase obrera de la periferia, así como manifestantes de identidades étnicas, de género y de religión minoritarias, se unieron a ellas. Resistieron juntos a una policía violenta como nunca habían visto antes. Esta experiencia provocó una empatía y conciencia entre las clases medias de las ciudades occidentales turcas. Con la resistencia de Gezi, se dieron cuenta de que ellos también estaban marginados.

a hashtag “*#onvautmieuxqueca*”, em português “nós somos melhores que isso”. O desejo por um futuro outro e a crítica à política institucional, semelhante aos outros movimentos de ocupação da década, mas há especificidades em relação aos seus antecessores. A ascensão da extrema direita e o abuso policial contra muçulmanos e jovens, com a justificativa de um suposto combate ao terrorismo, tornaram o contexto da manifestação de 2016 mais hostil do que as do começo da década de 2010. No entanto, conforme argumenta Pleyers (2017), o movimento que emergiu na França teve como vantagem a possibilidade de aprender com a experiência dos movimentos anteriores, que, naquele período, tinham seguido o rumo da política institucional, a qual era inicialmente rechaçada por eles.

Tavares e Pfrimer (2020) compreendem o Nuit Debout como o acontecimento que encerrou esse ciclo de protestos, o qual, na concepção dos autores, desembocou em um longo outono, caracterizado pelo avanço do autoritarismo e do neoliberalismo. Os autores argumentam que a onda de protestos malogrou em seus objetivos, atribuindo aos limites do ativismo contemporâneo, caracterizado por subjetividades neoliberal e posturas vitimistas de autocompaixão. Os autores ponderam que há possíveis ganhos subjetivos pela experiência da participação, mas os compreendem como limitados e que pesquisas que focalizam essa dimensão teriam um olhar condescendente. De acordo com eles:

É certo que, sob um olhar condescendente, pode-se escavar os escombros das democracias em queda e das políticas distributivas minguantes e produzir-se etnografias, prosopografias, histórias de vida e análises de interações, em redes ou grupos focais, que permitam melhor entendimento sobre personalidades empoderadas, gestadas em meio às interações no Zuccotti Park; veganos desafiadores de uma cultura alimentar ofensiva ao clima e à paz, que se encontraram e pela primeira vez despertaram-se para o tema na Porta do Sol; grupos de ajuda mútua que se consolam e acumulam forças para enfrentarem o cenário autocrático do Egito, compostos por estudantes que se viram pela primeira vez na praça Tahir; disseminação de técnicas de segurança no uso dos equipamentos e softwares da web 2.0, que contrabalançam a governamentalidade algorítmica e a vigilância em massa crescentes em escala global; ou organizações de ânimo eleitoral, como os Socialistas Democratas dos EUA e o Podemos da Espanha, os quais revigoram a democracia representativa, para além das lógicas bipartidárias e da marcha ao centro vivenciada na virada do século XX para o século XXI. (Tavares e Pfrimer, 2020, p.9).

A presente tese parte de uma abordagem distinta da que defendem os autores, pois entende-se que se trata de um fenômeno complexo e multifacetado, cujos

sentidos ainda estão em disputa. De acordo com Rosana Pinheiro-Machado (2019), a direita já estava se recompondo - em nível global - antes das lutas dos anos 2010, e aproveitou-se do sentimento antissistêmico suscitado pela crise do neoliberalismo para capturar uma parcela da população por via de discursos nacionalistas, autoritários e anti-minorias. No entanto, conforme argumenta a antropóloga, apesar do caráter ambíguo das revoltas da segunda década do século XXI, não se pode ignorar as inúmeras resistências que se formaram durante e a partir delas. Das ocupações estudantis, ao movimento #EleNão, - formado por mulheres diversas, unidas em protesto contra a eleição do presidente Jair Bolsonaro-, além de reflexos institucionais, como por exemplo a eleição de candidatas feministas, negras e trans, Pinheiro-Machado (2019) destaca inúmeras insurgências subsequentes e os ganhos políticos advindos das Jornadas, com destaque para o fortalecimento do feminismo e de protestos juvenis.

De acordo com Bringel (2021), a América Latina, situa-se, hoje, em um entre-ciclos ou ciclo de transição, com a irrupção dos Estallidos<sup>12</sup>. Desde 2018, intensificando-se a partir de 2019, uma miríade de atos massivos tomou as ruas de diferentes países latino-americanos: Nicarágua, Chile, Colômbia, Peru, Equador, Argentina, Brasil<sup>13</sup>, dentre outros. Ainda com características do ciclo da indignação, tal qual o rechaço ao sistema político e à representação mais do que à uma política específica, além da defesa da autonomia e da horizontalidade como princípios, no entre-ciclos há uma exacerbação da crise do neoliberalismo, com a crise sanitária e ambiental, ampliando o sentimento de urgência e de instabilidade. Nesse contexto de imprevisibilidade, ampliaram-se resistências, como as redes de solidariedade e apoio mútuo nos bairros e comunidades, assim como a proliferação de protestos de rua.

---

<sup>12</sup> Termo utilizado pelo autor para caracterizar os grandes levantes que têm tomado as ruas na América Latina. Para a compreensão dos Estallidos, Bringel (2021) propõe que sua análise seja feita a partir de quatro aspectos interrelacionados, como: 1. Gritos de impugnação: a disrupção em si, com suas mensagens e motivações, como os gritos contra os poderes instituídos; 2. Termômetro social: a fim de captar as tendências, as disputas e as expressões concretas da mudança social em curso. 3. Transbordamento: processo que desloca os sujeitos e as fronteiras políticas prévias no momento da irrupção; 3. Como abertura societária: consequência direta do transbordamento, relaciona-se à possibilidade de mudança social e reconfiguração das práticas e sujeitos.

<sup>13</sup> Dentre os protestos no Brasil pós-2018, ressaltam-se os atos pela educação em 2019, conhecidos como o “Tsunami pela educação” (Bernardo, 2019); os protestos antirracistas durante a pandemia que diziam “é mais fácil morrer pela polícia do que por coronavírus” (Bringel, 2021) e as manifestações “Fora, Bolsonaro”, durante os anos de 2020 e 2021 (Silva et al., 2021).

Nesse sentido, discorda-se de que o ciclo de indignação teria cessado com a *Nuit Debout*, uma vez que algumas de suas características permaneceram, porém, intensificadas devido à crise.

Em relação à tendência de individualização mencionada por Tavares e Pfrimer (2020), Breno Bringel parte de uma ótica distinta:

Outro exemplo é a tendência à crescente individualização da sociedade, algo que, em geral, tem sido mal interpretado pelas esquerdas porque tem sido associado quase exclusivamente ao individualismo, à racionalidade neoliberal e aos processos de diferenciação social. Essa é, sem dúvida, uma face da moeda. Mas a outra é como essa tendência à individualização também deve ser interpretada – e as dinâmicas das mobilizações sociais e dos protestos nos ajudam nesse esforço – a partir de uma reconfiguração das subjetividades emancipadoras. Isso se expressa, entre outros aspectos, na necessidade de um maior compromisso pessoal por parte de sujeitos críticos (que reivindicam para si mesmos uma maior coerência individual entre prática cotidiana e discursos); ou na crescente personalização – que também não implica necessariamente personalismo, embora possa levar a isso – das lutas e uma maior reivindicação do papel dos indivíduos e suas "marcas" (biográficas, de classe, de gênero, de experiências...) dentro das coletividades. Como consequência, emerge uma crescente valorização das singularidades que pode ter implicações muito diversas que não são apenas o "elogio do eu", mas também uma maior densificação e corporeização da trama coletiva/comunitária, além de uma renovação da crítica sobre a liberdade e o poder. (Bringel, 2021, tradução nossa).<sup>14</sup>

Jean Tible (2022) cita rebeliões que eclodiram a partir de 2018, em nível global. No Sudão, contra o aumento do preço do pão; na Argélia, o fim do mandato de Abdelaziz Bouteflika; a retomada dos protestos no Egito e no Líbano, contra a corrupção e a desigualdade econômica, estendendo-se a uma crítica ao sistema político como um todo; os atos massivos em Hong Kong contra a lei da extradição por , por mais democracia, bem como autonomia e liberdade em relação a Pequim;

---

<sup>14</sup> Otro ejemplo es la tendencia a la creciente individualización de la sociedad, algo que, en general, se ha leído mal desde las izquierdas porque se ha asociado casi exclusivamente al individualismo, a la racionalidad neoliberal y a los procesos de diferenciación social. Esa es, sin duda, una cara de la moneda. Pero la otra es cómo esta tendencia a la individualización también debe ser leída –y las dinámicas de las movilizaciones sociales y de los estallidos nos ayudan en este esfuerzo– a partir de una reconfiguración de las subjetividades emancipadoras. Eso se expresa, entre otros frentes, en la necesidad de un mayor compromiso personal desde sujetos críticos (que reivindican para sí mismos una mayor coherencia individual entre práctica cotidiana y discursos); o en la creciente personalización –que tampoco implica necesariamente personalismo, aunque puede derivar en ello– de las luchas y una mayor reivindicación del rol de los individuos y sus "marcas" (biográficas, de clase, de género, de experiencias...) dentro de las colectividades. Como consecuencia, emerge una creciente valoración de las singularidades que puede tener implicaciones muy dispares que no son solo el "elogio del yo", sino también una mayor densificación y corporeización de la trama colectiva/ comunitaria, además de una renovación de la crítica sobre la libertad y el poder.

os enormes protestos do *Black Lives Matter*, após o assassinato de George Floyd por um policial, nos Estados Unidos, em 2020; os levantes indígenas no Brasil, pela demarcação de terras e justiça climática, dentre muitos outros. O autor destaca, ainda, que o ciclo de lutas do começo da década passada foi retomado, mas com uma presença ainda maior de movimentos feministas, antirracistas e ecológicos. Por essa razão, compreender o presente como o outono da onda global de protestos desconsidera tanto a complexidade das insurgências dos anos 2010, quanto as resistências do presente.

Devido à conexão com a temática central da tese, discutem-se, na próxima seção, trabalhos que investigaram as ressonâncias nas individualidades após as insurgências da década de 2010. Sendo assim, não foram incluídos trabalhos que focalizaram os reflexos institucionais e macrossociológicos, como impactos na democracia, na formulação de leis, políticas públicas, resultados eleitorais, entre outros. Sendo assim, ainda que alguns dos estudos tenham mencionado efeitos nesses âmbitos, a discussão -sem pretensão sistemática<sup>15</sup> - centra-se em pesquisas que olharam para experiências dos indivíduos nos anos subsequentes.

Adverte-se, de antemão, que a bibliografia sobre as experiências após os acontecimentos é escassa e possui discrepância entre os países. Ainda que não seja uma revisão exaustiva, pretendia-se explorar como a experiência refletiu nas trajetórias dos participantes de cada um dos movimentos supracitados. No entanto, a maior parte das pesquisas disponíveis em acesso aberto foram conduzidas na Espanha e, por essa razão, há a repetição de estudos que focalizaram o 15M. Além disso, foram as pesquisadoras espanholas as únicas que enviaram os textos completos após serem requisitadas pelo *ResearchGate*, quando eles não estavam disponíveis integralmente.

## **1.2. Ressonâncias da Indignação**

Fernández-Savater e Fominaya (2016) conduziram discussões com ativistas que participaram dos protestos no Egito, Espanha, Turquia, Estados Unidos, Grécia e Portugal, a fim de observar, entre outros aspectos, quais foram os legados dessa

---

<sup>15</sup> Pretende-se expor alguns achados de pesquisas que focalizaram as experiências e trajetórias individuais em protestos recentes, mas sem a pretensão de apresentar estudos sobre participantes de cada um dos movimentos citados na primeira parte do capítulo, em especial devido à escassa bibliografia com esse foco. Portanto, trata-se de uma discussão mais geral a fim de observar possíveis conexões com a temática da tese.

experiência. No Egito, após a intensa repressão nos anos que sucederam a Primavera Árabe, a manifestante entrevistada destaca mudanças nas esferas social, cultural e política em sua vida pessoal e na vida de seus colegas que participaram do movimento. Ela menciona a recomposição em seu círculo social, com a entrada de novas amigas e o fim de antigas; o afastamento de familiares devido a divergências políticas, além de término de relacionamentos amorosos que se tornaram insustentáveis após a formação de novos valores políticos e éticos obtidos pela participação na luta.

Também em relação à Primavera Árabe, Sarah Anne Rennick (2019), explora como se caracteriza o engajamento político atual de jovens que dela participaram. Após coletar depoimentos de mais de 100 jovens - de nacionalidades diversas do mundo árabe- a autora observou que após a experiência de participação nos atos, a geração de jovens denomina seu engajamento atual como “apolítico”. A autora destacou, no entanto, que apesar de se considerarem apolíticos, seus discursos não revelam uma despolitização ou desengajamento, mas sim a recusa à política institucional em prol de ações sociais e culturais voltadas às necessidades das comunidades locais. Além disso, Rennick avalia que o rechaço ao uso do termo “político” para se referir ao ativismo atual pode ser uma estratégia dos sujeitos para escapar da repressão do governo, cujo recrudescimento após 2011 é notório, conforme observado por Jean Tible (2022).

A respeito do arrefecimento dos protestos de rua nos anos mais recentes, os jovens atribuíram a desmotivação ao próprio envelhecimento e às preocupações advindas do mundo adulto, como a entrada e estabelecimento no mercado de trabalho e a construção de uma nova família. No entanto, conforme mencionado previamente, a juventude da Primavera Árabe permaneceu engajada em ações consideradas por eles como apolíticas, tais como participação em conselhos para melhoria das comunidades, ações de preservação do meio ambiente, incentivo ao turismo local, empreendedorismo social, entre outras. Segundo os interlocutores de Rennick, tais atividades seriam apolíticas, pois uma vez que se constituem em atribuições do governo - que não as realiza - ao serem tomadas como responsabilidade da população, seriam ações de cunho social e cultural, mas jamais políticas. A concepção negativa do político e sua associação apenas a aspectos institucionais seriam um reflexo, portanto, do autoritarismo e da omissão

governamental, sendo as ações de caráter sociocultural - ou apolíticas, nas palavras dos jovens - uma forma de resistência.

Schulz e González (2020) analisam as trajetórias feministas espanholas, especialmente as de jovens feministas que participaram do 15M. Uma das comissões mais significativas do movimento foi a "Feminismos Sol" - grupo que segue atuante - , criada para debater e combater desigualdades e opressões de gênero. As autoras expõem as experiências distintas vividas pelas feministas do 15M e por outras que não integraram o movimento, mas estão engajadas no feminismo em contato com elas. Entre aquelas que participaram do 15M, houve relatos sobre a experiência ter mudado a vida - algo recorrente na presente tese, e que será observado nos capítulos posteriores -, a valorização da horizontalidade, da solidariedade e da autonomia. As autoras salientam diferenças entre aquelas que já tinham experiência prévia de engajamento e as que se engajaram a partir do 15M, sendo o movimento, para as últimas, uma escola de ativismo feminista, tendo consequência direta no engajamento atual.

Além disso, há mudanças significativas promovidas pelo contato intergeracional entre feministas propiciado pelo 15M, que se refletiu em suas práticas atuais: as mais jovens trouxeram para as mais velhas debates sobre o transfeminismo, micromachismos do cotidiano, bem como a importância de preservar sua vida pessoal, a fim de que ela não seja relegada ao segundo plano em prol do engajamento político. Ademais, ao comparar aquelas que participaram ou não dos eventos do 15M, as autoras destacam que as que não participaram têm mais esperança na política partidária e nas coalizões eleitorais do que as que viveram o movimento da Indignação. Embora algumas ex-ocupantes da Praça do Sol tenham seguido na política institucional, elas têm uma visão mais utilitarista e pragmática dela e permanecem, ao mesmo tempo, organizadas em espaços autônomos e auto-organizados.

Schulz e González (2020) analisaram as trajetórias feministas espanholas, especialmente das jovens feministas envolvidas no 15M. Uma das comissões mais importantes do movimento foi a "Feminismos Sol", grupo ainda ativo, criado para debater e combater desigualdades e opressões de gênero durante o 15M. As autoras exploram as experiências distintas vividas pelas feministas do 15M e por outras que,



embora não tenham participado do movimento, estão engajadas no feminismo e em contato com elas.

Aquelas que participaram do 15M relataram que a experiência de ocupação transformou suas vidas, - tópico recorrente nesta tese, como será observado nos capítulos seguintes. Além disso, as mudanças significativas promovidas pela participação no momento de contato intergeracional entre feministas, proporcionado pelo 15M, refletem-se em suas práticas atuais. As mais jovens trouxeram debates sobre transfeminismo, micromachismos do cotidiano e a importância de preservar a vida pessoal, para que ela não seja relegada ao segundo plano em prol do engajamento político. Comparando aquelas que participaram ou não dos eventos do 15M, as autoras destacam que as não participantes têm mais esperança na política partidária e em coalizões eleitorais do que as que viveram o movimento da Indignação. À essa diferença, as autoras relacionam os princípios anti-hierárquicos e as críticas ao sistema político presentes no 15M.

Galán e Fersch (2020) conduziram uma pesquisa com 16 ativistas do 15M, seis anos após as ocupações, portanto, em 2017. O objetivo foi identificar, do ponto de vista biográfico, a conexão entre a sociabilidade vivenciada nos protestos e a intensidade e duração dos engajamentos políticos subsequentes.

A partir de entrevistas com indivíduos de idades variadas - entre 16 e 52 anos -, as autoras observaram conexões entre os engajamentos posteriores e as formas de sociabilidade vivenciada nos eventos do 15M, bem como em relação às diferenças geracionais. Entre as formas de sociabilidade, Galán e Fersch (2020) observaram três tipos: uma mais intensa, vivenciada por aqueles que permaneceram no acampamento da praça durante todo o tempo, inclusive durante a noite; outra mais moderada, na qual os indivíduos permaneceram boa parte do dia nos acampamentos, mas dormiam fora e uma mais esporádica e volátil, experienciada pelos independentes, cuja atuação se deu pela participação pontual em determinados eventos, como as assembleias, ações em bairros, produção de materiais, fornecimento de alimentos etc.

Entre aqueles que vivenciaram a experiência de forma intensa houve, evidentemente, uma maior sociabilidade entre os participantes, com a troca de emoções, sensações e sentimentos, sendo enfatizados, pelos entrevistados, principalmente os positivos, como o senso de pertencimento comunitário, de

solidariedade e apoio mútuo. Houve a tônica, em seus relatos, acerca da importância das transformações sociais em nível micro, como aquelas experimentadas pelas práticas prefigurativas, concebidas como um fim em si mesmas.

Por outro lado, entre os ativistas cuja experiência foi moderada, os acampamentos foram compreendidos, de forma geral, mais como uma tática do que como um fim em si mesmos. Para muitos deles, havia certa ingenuidade entre os acampados da praça por acreditarem que mudariam o mundo pela ocupação de um espaço público. Já entre os que participaram dos eventos do 15M de forma pontual, em geral mais velhos, não participaram da ocupação por questões relacionadas ao momento de vida, mas viam os acampamentos de forma positiva.

Ao considerar essas diferentes sociabilidades durante os Indignados e os engajamentos posteriores, as autoras observaram que os acampados foram os menos propensos a se engajar depois do fim da ocupação, alegando desilusão e desconfiança em relação à política após a desocupação da praça pelas forças policiais. Embora manifestassem interesse e compromisso político, suas ações tornaram-se mais voltadas a engajamentos individuais, sobretudo via atividade profissional. Já entre os outros dois grupos - os que participaram de forma moderada e os de forma pontual, denominados pelas autoras como independentes- a disposição ao engajamento imediatamente após a desocupação foi maior, mas com nuances entre si. Os não-acampados e de sociabilidade moderada, apresentaram uma maior tendência a se engajar em espaços diversos, desde coletivos autônomos até partidos políticos de esquerda recém-criados, como o Podemos. Os independentes, por outro lado, evitaram a afiliação a grupos em geral, mas participaram de ações diretas e localizadas nos territórios.

Às sociabilidades nos acampamentos articulam-se as diferenças geracionais, pois foram os mais jovens que estiveram mais presentes na ocupação da praça. Nesse sentido, como foi o grupo mais desiludido com a política após a desocupação da praça, foram também os jovens os menos propensos à continuidade do engajamento político. Os dados obtidos pelas autoras permitem relacionar a sociabilidade intensa - seguida de uma experiência decepcionada, como a desocupação - como inversamente proporcional à continuidade do engajamento.

Betancor e Prieto (2018) analisaram o engajamento político de jovens após a participação nos Indignados a fim de compreender como a experiência refletiu em

suas vidas, do ponto de vista da continuidade ou não do ativismo ou militância<sup>16</sup>. A partir de entrevistas abertas realizadas entre 2012 e 2015, os autores delinearam quatro tipologias de ativistas a partir da experiência nos chamados "espaços 15M", referindo-se a formas de engajamento semelhantes às aquelas do movimento de 2011, como acampamentos, assembleias para a tomada de decisões e ações localizadas em bairros, entre outras.

1."Ativistas fugazes": Jovens sem experiência de engajamento, mas que se implicaram intensamente no movimento, deixando-o logo depois, por razões externas e internas. As razões externas relacionam-se ao momento do percurso de vida, como as trajetórias laborais e vitais dos jovens, enquanto as internas relacionam-se à falta de experiência política prévia, ou "déficit de capital militante", nas palavras dos autores.

2."Convencidos a ficar": Jovens que não tinham experiência no ativismo, mas engajaram-se em "espaços 15M" após o movimento dos Indignados. Nesse grupo, há jovens atuando em bairros, coletivos, e nenhum vinculado a partidos, forma de engajamento a qual criticam de forma incisiva.

3."Jovens com experiência ativista e sem continuidade no ativismo": O grupo menos frequente na pesquisa dos autores, formado por um grupo que deixou de participar por razões pessoais ou pelos desafios do mundo do trabalho. Os autores argumentam que, mais do que uma desvinculação, trata-se de uma desativação do ativismo.

4."Jovens convencidos": Grupo composto por aqueles que já tinham experiência de participação prévia e permaneceram engajados. Dentro desse grupo, há um subtipo de participantes que estavam envolvidos em organizações mais tradicionais, como sindicatos, movimentos sociais tradicionais e partidos políticos, e que, após a experiência nos Indignados, passaram a engajar-se em coletivos mais autônomos.

Betancor e Prieto (2018) argumentam que, apesar dos jovens que tiveram uma participação pontual, há um profundo impacto biográfico nas trajetórias desses jovens, revelando um efeito de longo prazo na politização e empoderamento. Sobre a permanência do ativismo, eles utilizam a noção de capital militante para relacionar com a tendência de continuidade ou ruptura: aqueles cujo capital é maior tendem a

permanecer engajados, enquanto os que têm menos experiência estão mais sujeitos a desistir do engajamento. Além disso, os autores valem-se do conceito de socialização política, compreendendo as assembleias, atos e mobilizações nos bairros realizadas no âmbito do movimento dos Indignados como espaços que socializaram os jovens politicamente. As práticas adotadas no 15M, mais horizontais, autônomas e localizadas, produziram um tipo de socialização política nos jovens distinta daquela da geração anterior, mais afeita a engajar-se em organizações tradicionais como partidos políticos e sindicatos

Em relação ao movimento Gezi, conforme mencionado anteriormente, as irrupções que se iniciaram em 2013 promoveram - e ainda promovem - transformações na sociedade turca, não somente do ponto de vista institucional, mas também nas relações sociais.. No debate com ativistas conduzido por Fernández-Savater e Fominaya (2016), foi mencionada a solidariedade que se formou entre diferentes grupos, como feministas, LGBTIs, movimentos de muçulmanos anticapitalistas, bem como a desconfiança de pessoas comuns em relação ao que é veiculado pela grande mídia, em especial no que se refere à questão curda, tornando-se solidárias a ela.

Acar e Uluğ (2023), acadêmicos turcos que foram ativistas de Gezi - e se posicionam enquanto tais, em sua produção acadêmica- elaboraram um ensaio sobre os dez anos do movimento e ressaltam as mudanças interpessoais e intrapessoais forjadas pela participação, as quais permaneceram na vida dos ativistas e refletem em suas práticas posteriores. A solidariedade entre diferentes grupos e o sentimento de pertença propiciado pela experiência fez com que até os dias atuais eles a autodenominação como “*Gezici*” ou “*çapulcu*”, termos utilizados para se referir aos ocupantes e ativistas de Gezi, seja utilizada. Das mudanças inter e intrapessoais, destacam-se a valorização dos ideais autonomistas, o maior respeito à diversidade étnica, de gênero, orientação sexual, religiosa e a solidariedade e a horizontalidade como princípios inegociáveis.

Em pesquisas anteriores realizadas pelos autores, procurou-se compreender as identidades que emergiram dos/nos protestos, como a “*çapulcu*” - termo turco para se referir a “saqueadores” (Uluğ e Acar, 2015; Uluğ e Acar, 2018; Acar e Reicher, 2021), a qual incorporou grupos que se mantinham em lados opostos da política e da sociedade turca antes dos protestos de 2013, como religiosos e LGBTIs; curdos e

nacionalistas turcos. Os autores destacam não somente a oposição em relação ao partido de Erdogan, mas sobretudo a defesa da democracia e da liberdade compartilhada pelos diferentes grupos, bem como a disposição a engajamentos futuros a partir da mobilização dessa identidade.

Sarmiento, Reis e Mendonça (2017) analisam como a temática de gênero foi abordada durante e após as Jornadas de Junho, por meio de entrevistas semiestruturadas com 20 participantes - homens e mulheres - de coletivos que atuaram nos protestos de 2013, em Belo Horizonte. Os autores discutem a ambivalência dos conflitos políticos e expõem que mesmo em espaços emancipatórios como os referidos coletivos, violências contra as mulheres são perpetradas em diversos níveis, físicos e simbólicos. Para a compreensão dessa ambivalência, os autores mobilizam algumas noções de Axel Honneth acerca da luta por justiça social. Em linhas gerais, o autor vinculado à teoria crítica argumenta que as lutas por justiça podem apresentar algumas contradições: ao mesmo tempo em que pretende a transformação social e a emancipação dos sujeitos, podem reproduzir o desrespeito contra grupos minoritários. No entanto, quando esse desrespeito é exposto durante o processo de socialização política, há a possibilidade de superá-lo.

A análise das entrevistas permitiu aos autores visualizar como se deu esse processo de superação do desrespeito, a qual se deu por meio da formação de frentes feministas e debates sobre gênero organizados pelas mulheres dentro dos coletivos. Sarmiento, Reis e Mendonça (2017) sublinham que ainda que o feminismo não fosse uma pauta central nas Jornadas, o conflito social aberto por elas permitiu que as mulheres observassem as opressões e desigualdade dentro dos espaços de luta, se organizassem contra elas e expusessem o desrespeito. Os relatos das mulheres evidenciaram a tomada de consciência das relações de opressão nos espaços emancipatórios e as estratégias para a superação do desrespeito, como a formação de grupos e frentes feministas, as discussões sobre as opressões de gênero dentro dos coletivos, além de protestos quando algum ato de desrespeito ocorria. Já os relatos dos homens revelaram que a exposição do desrespeito por parte das mulheres permitiu que refletissem sobre as desigualdades de gênero e revissem suas condutas, sendo um aprendizado do processo de socialização política.

Perez (2019) investigou a relação entre as Jornadas de Junho e o aumento do número de coletivos desde então. Ainda que o foco de sua pesquisa não tenham sido

os efeitos da participação nas biografias individuais, as entrevistas com 21 membros de coletivos da cidade de Teresina, no Piauí, bem como a análise da data de criação dos coletivos - obtidas pelo Facebook -, revelou aspectos importantes sobre os engajamentos individuais de jovens depois de 2013, como a predileção por organizações políticas mais horizontais e autônomas. A autora parte do pressuposto de que as Jornadas promoveram uma reconfiguração no ativismo no Brasil, em referência a Pleyers e Bringel (2015), com a utilização de novos discursos e repertórios aprendidos em 2013, dentre os quais as formas de organização mais horizontais e pautadas na autonomia, como os coletivos.

Por meio de entrevistas com jovens de coletivos ligados às causas feminista, antirracista, LGBTQIA+, ambiental, anticapitalista, anarquista, além de coletivos de juventude e ligados a partidos políticos. A autora problematiza a visão que homogeneiza os coletivos em sua caracterização como formas de organização sempre horizontais, autônomas e antipartidárias, afinal, há coletivos ligados a partidos. A defesa da horizontalidade e da autonomia são mais frequentes nos coletivos universitários de defesa aos direitos das mulheres, das pessoas negras e LGBTTT<sup>17</sup>s. Nos coletivos do movimento estudantil, por exemplo, a autora observou hierarquia nas instâncias de tomada de decisão e na divisão de tarefas. Sobre os coletivos partidários, a autora traz as nuances acerca da defesa da autonomia da horizontalidade. Em suas palavras:

Quando falam de autonomia, os coletivos se referem à independência em relação à forma tradicional de partidos e de outras instituições com pouco espaço para exposição de ideias e tomada de decisões de forma compartilhada por todo o grupo. Ainda que pertencentes a partidos hierárquicos, os coletivos tentam se distanciar daquilo que consideram ultrapassado, como a vinculação a normativas centrais. Logo, a autonomia não é ausência de relações hierárquicas, mas sim uma outra forma de decidir, pautada pela importância da horizontalidade” (Perez, 2019, p.584)

Perez (2019) ressalta que embora exista hierarquias em algumas situações, os coletivos tentam, em seus discursos, distanciar-se das práticas tradicionais dos partidos políticos. Ademais, observou que não é possível apontar uma gênese comum na formação dos coletivos: alguns formaram-se após as jornadas, através da união

---

<sup>17</sup> Nas pesquisas, há pequenas distinções para se referir ao movimento que luta pelas sexualidades e identidades de gênero não-heteronormativas, como LGBT, LGBTI, LGBTTT, LGBTQIA+ entre outros. Nessa revisão, optou por utilizar como foi utilizada por cada autor.

de distintas correntes no interior de partidos, ao passo que outros formaram-se a partir de dissidências internas, distanciando-se dos partidos. O espaço universitário também demonstrou ser um locus privilegiado para a formação de coletivos, uma vez que vários se constituíram no interior da universidade.

Em suas conclusões sobre a expansão dos coletivos ser uma expansão das Jornadas, Perez (2019) argumenta que embora não exista possível delinear uma definição comum para os coletivos, eles procuram distanciar-se, ao menos do ponto de vista discursivo, das instituições parlamentares e das práticas tradicionais dos partidos. A autora relaciona as Jornadas de Junho à socialização política dos jovens pelo discurso anti-hierárquico, o que os levou a procurar formas de organização mais horizontais, como os coletivos.

Conforme advertido previamente, a literatura acerca de como a experiência de participação reverberou nas trajetórias, escolhas e práticas dos indivíduos é escassa e, por essa razão, é possível apenas assinalar de forma superficial algumas tendências e pontos de conexão. De modo geral, ressalta-se a crítica à política institucional e o pouco interesse em engajar-se em partidos políticos, refletida em discursos de defesa da autonomia e da horizontalidade. Além disso, houve uma ênfase na expansão do debate acerca das questões de gênero e do ativismo feminista, em consonância com o que defende Holanda (2018) sobre a difusão da agenda feminista no ciclo Indignação Global, configurando a quarta onda do feminismo.

O respeito às diferenças, sejam de gênero, étnico-raciais, de orientação sexual e religiosas, a crítica à manipulação da mídia hegemônica e a consequente expansão das mídias livres, além do ativismo online também formam pontos de convergência entre as pesquisas que olharam para as ressonâncias da indignação.

No próximo capítulo, será feita uma nova contextualização e revisão, mas especificamente das ocupações estudantis.

## Capítulo II - Reflexos das ocupações estudantis na Argentina, Chile e Brasil

Neste capítulo, estabelece-se um diálogo com a literatura que se concentrou nos aspectos pós-ocupações na Argentina, no Chile e no Brasil. Assim como observado no capítulo anterior sobre as lutas políticas contemporâneas no contexto da Indignação Global, a produção acerca dos efeitos das ocupações estudantis nas trajetórias dos jovens é escassa, especialmente se comparada àquela que aborda o momento em que ocorreram os protestos.

A ênfase dada à irrupção das ações coletivas nas pesquisas, em detrimento dos aspectos menos visíveis, foi denominada por Alberto Melucci (1994) como "miopia do presente". A metáfora utilizada pelo autor refere-se ao risco que pesquisadores correm de ter sua visão deturpada pelos momentos de maior visibilidade das mobilizações políticas, tecendo considerações ainda no calor dos acontecimentos sem um distanciamento temporal e analítico, o que os leva a desconsiderar aspectos mais sutis, como as redes submersas que as formaram e seus desdobramentos.

Apesar da advertência de Melucci, ao buscar a literatura em bases de dados como SciELO, Redalyc e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, além da leitura do levantamento bibliográfico realizado por equipes de pesquisa e buscas no ResearchGate, Academia.edu e Currículo Lattes de autores, foi encontrada uma extensa<sup>18</sup> produção sobre as ocupações estudantis nos três países, a qual focou sobretudo nas dimensões relativas ao momento de visibilidade dos protestos. No entanto, ao cotejar aquelas que abordaram seus efeitos, especialmente como eles reverberaram na vida dos jovens, a quantidade de estudos reduziu drasticamente.

---

<sup>18</sup> Foram encontradas centenas de produções sobre as ocupações estudantis no Brasil, Chile e Argentina, conforme pode ser observado pelos levantamentos realizados por equipes de pesquisa coordenados por Richard Romancini, disponível em: [Referências movimentos estudantis – MOVCOM](#) e pela equipe coordenada por Luis Antonio Groppo, disponível em: [Fontes – Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016 \(unifal-mg.edu.br\)](#). Conforme dito, além de consultar os levantamentos prévios, buscou-se pela bibliografia em perfis de autores nos sites supracitados e nas bases dados, com a utilização de descritores em português, espanhol e inglês.

A primeira busca e leitura do conjunto de publicações sobre as ocupações foi feita durante 2020 e 2021, para a construção do relatório de qualificação. À medida em que foram publicados novos trabalhos, nos dois anos seguintes, foram incluídos aqueles que dialogam mais diretamente com a temática da tese.



Como mencionado, serão analisados estudos sobre esses efeitos, devido ao diálogo mais estreito com a temática da tese. Em consonância com o capítulo anterior, não há pretensão de exaurir as pesquisas sobre a temática, mas observar pontos de convergência e tendências da literatura a respeito.

De forma análoga ao capítulo anterior, primeiro apresentam-se os contextos das ocupações - no caso o chileno e o argentino, uma vez que o nacional já foi discutido na introdução da tese- e, feita a exposição, dialoga-se com a literatura sobre os reflexos das ocupações, com destaque para aquelas que focalizam seus efeitos nas trajetórias e biografias dos jovens.

### **2.1.1. Ocupações estudantis chilenas (2006-2011): A Revolta dos Pinguins e o Inverno Chileno**

As ocupações secundaristas chilenas tiveram início no ano de 2006 e ficaram conhecidas como “Rebelión Pinguina” - ou Revolta dos Pinguins, em português -, em referência às cores e ao modelo de uniforme utilizados pelos estudantes secundaristas. Cinco anos depois, em 2011, houve um novo ciclo de mobilizações estudantis no país, o qual ficou conhecido como “Inverno Chileno”, em referência à Primavera Árabe, que ocorreu na mesma época. Lideradas pelos estudantes secundaristas, que priorizaram a ocupação de escolas, as ocupações de 2011 foram conduzidas principalmente por estudantes universitários - muitos dos quais também participaram da Revolta dos Pinguins -, com a ocupação de universidades e prédios públicos (Aguilera Ruiz, 2014; Cuevas; Paredes, 2018).

Desde o final da década de 1990, o movimento secundarista chileno estava em processo de recomposição, a fim de enfrentar as medidas neoliberais herdadas do governo ditatorial de Pinochet, incluindo a mercantilização da educação. Ao analisar os antecedentes da Revolta dos Pinguins, Oscar Aguilera Ruiz (2011) destaca a grande mobilização estudantil de 2001, conhecida como *Mochilazo* ou “mochilaço”, em português. No início do ano letivo, entre dez e doze mil estudantes secundaristas saíram às ruas contra o modelo de educação de mercado implementado no Chile na década de 1990, que se deu por meio da privatização do ensino, da imposição da lógica gerencial na gestão escolar, da aplicação de provas de seleção padronizadas, entre outras medidas que ampliaram as desigualdades

educacionais no país. Conduzida pela *Asamblea Coordinadora de Estudiantes Secundarios* (ACES), organização estudantil formada em oposição às entidades de representação tradicionais - as quais operam em uma lógica hierárquica e burocrática que não representava de fato os estudantes - a mobilização de 2001 foi o prelúdio de uma série de atos nos anos subsequentes, culminando na Revolta dos Pinguins em 2006.

De acordo com Seguel (2011), o ciclo de mobilizações iniciado em 2001 trouxe ao movimento estudantil chileno uma nova lógica, baseada agora no “assembleísmo”, na qual as tomadas de decisão ocorrem de forma horizontal, distinguindo-se, portanto, das práticas pautadas em hierarquias de outrora, como aquelas reproduzidas pelas organizações vinculadas aos partidos políticos tradicionais. Além das assembleias e grandes atos nas ruas, a partir de 2006, as ocupações escolares passam a fazer parte do repertório de contestação dos estudantes chilenos. Segundo Fernando de la Cuadra (2008), dentre as razões pelas quais os estudantes adotaram a ocupação das escolas como tática de protesto, foi a forte repressão policial sofrida durante as manifestações, que acarretou, inclusive, na detenção de centenas de jovens estudantes.

As pautas iniciais da Revolta dos Pinguins incluíam a gratuidade da inscrição no processo de seleção para o ingresso na universidade - denominado *Prueba de Selección Universitaria* -, passe estudantil grátis e sem restrição de horários, merenda escolar gratuita aos estudantes dos liceus e escolas públicas, e melhorias nas condições estruturais das escolas. De acordo com Zibas (2008), essas demandas foram prontamente atendidas pelo governo de Michelle Bachelet, empossado naquele ano. Contudo, as discussões nas assembleias aprofundaram-se, incluindo em suas demandas o fim de práticas discriminatórias nas escolas, como o preconceito com jovens LGBTQIA+ (Aguilera Ruiz, 2011), além de reformas de caráter mais estrutural, como a reformulação da Jornada Escolar Completa (JEC) e a extinção da Lei Orgânica Constitucional (LOCE). Esta última foi promulgada no final do governo ditatorial de Pinochet com o propósito de transferir a responsabilidade pela educação pública dos liceus, que antes era do governo central, para os municípios, resultando em um decréscimo da qualidade educacional (Aguilera Ruiz, 2011; De la Cuadra, 2008; Zibas, 2008).

Devido ao fracasso das tratativas com o governo acerca dessas pautas de caráter estrutural, os estudantes convocaram uma jornada de paralisação, com apoio de diversas categorias profissionais - com destaque para a docente- contando também com a participação de estudantes universitários, o que levou à disseminação da luta pelo país, contabilizando mais de um milhão de pessoas mobilizadas. O governo, então, formou um conselho para dialogar com os estudantes, no entanto, conforme destaca De la Cuadra (2008), sua composição era formada majoritariamente por adultos pouco interessados em acolher as demandas estudantis. Devido à falta de acordo na formulação do texto final pelo conselho, os estudantes decidiram se retirar e não assiná-lo. Em 2007, mesmo sem a presença estudantil, a LOCE foi anulada e, em seu lugar, foi proposta a Lei Geral de Educação (LGE). Criada pela direita, a LGE a mesma concepção mercantil da educação da LOCE (Aguilera Ruiz, 2014) - a qual continuava a regulamentar o ensino superior - , o que acarretou em um novo levante estudantil em 2008.

A nova onda de insurreições estudantis contou com a ocupação de colégios, liceus, universidades e da sede de dois partidos políticos da *Concertación* (PPD e PS) - ambos de centro-esquerda-, a fim de que eles se posicionassem contrários à aprovação da LGE (De la Cuadra, 2008). No entanto, em 2009, a lei foi promulgada por Michelle Bachelet e permanece em vigor.

Em 2011 houve uma retomada dos protestos, dessa vez protagonizado pelos estudantes universitários. O início da insurgência foi motivado pelos altos custos do ensino superior, com a reivindicação de maior participação estatal na educação. Com a adesão da população, a demanda por educação pública, gratuita e de qualidade se ampliou, transformando-se em crítica mais geral ao neoliberalismo.

Ao contextualizar o desenvolvimento dos protestos de 2011, Marcela Sandoval (2016) expõe que quando os 8 mil estudantes foram às ruas em abril daquele ano, a convocação para as manifestações mencionava os altos custos destinados à educação superior, a reestruturação dos auxílios e bolsas de estudos e contra a proposta de reforma de ensino superior de Piñera a qual, embora ainda não fosse conhecida, inspirava a preocupação dos estudantes, dadas as propostas ultraliberais do presidente. Foi ao longo das mobilizações, destaca a autora, que as pautas foram se aprofundando até se constituírem em uma luta pela educação pública e gratuita.

Bellei et al. (2014) apontam a importância do acúmulo de experiência dos protestos estudantis anteriores, em especial da Revolta dos Pinguins, para a concepção dos estudantes como atores políticos capazes de transformações no campo educacional. Além disso, conforme mencionado, muitos dos participantes dos levantes estudantis de 2006 estavam presentes nas lutas de 2011, como estudantes universitários. A tática de ocupações, mobilizada cinco anos antes pelos secundaristas, ganhou força no novo contexto, sobretudo devido ao ciclo global de lutas no qual estava inserida (Pleyers, 2023).

Uma característica do Inverno Chileno em relação aos outros movimentos do ciclo da Indignação Global foi a relevância de alguns partidos de esquerda e de grupos mais estruturados, como as federações estudantis (Pleyers, 2023). Em relação a essas federações, é interessante observar que membros do atual governo chileno, como o próprio presidente Gabriel Boric e a deputada Camila Vallejo, foram lideranças (Caprecci, 2022). Sendo assim, observa-se trajetória semelhante à trilhada pelo movimento dos Indignados da Espanha, uma vez que muitas de suas lideranças chegaram ao parlamento (Feixa; Perondi; Castro, 2015).

Em relação à continuidade dos protestos iniciados, durante meados de 2011 houve uma massificação dos atos, com intensificação da violência policial. Em um deles, houve a execução de um garoto de 14 anos, o que diminuiu ainda mais o apoio da população ao governo de Piñera, que já estava em queda. Após sucessivas tentativas de acordo com o governo e meses de mobilização, as reivindicações dos estudantes foram atendidas de forma muito parcial, com a diminuição dos juros derivados dos empréstimos contraídos pelos estudantes para sanar as dívidas estudantis. Apesar das reivindicações não terem sido atendidas em sua totalidade, os protestos foram perdendo a força no final do ano, restando apenas os secundaristas engajados até janeiro de 2012 (Caprecci, 2022). Segundo Bellei et al. (2014), embora em menor número e com menos projeção midiática, houve alguns atos estudantis de massa nos anos de 2012 e 2013. Apesar da menor visibilidade em comparação a 2011, os autores sublinham a importância da organização estudantil, que por meio da pressão do governo, conseguiu a remoção do Ministro da Educação Harald Beyer, em abril de 2013.

### 2.1.2. Ocupações estudantis argentinas: Las tomas<sup>19</sup> de escuelas

Na Argentina, as primeiras ocupações escolares aconteceram em meados de 2010, em Buenos Aires, antecedidas por grandes atos de rua. Inspirados pela Revolta dos Pinguins chilena, os jovens estudantes secundaristas iniciaram o movimento clamando por melhorias nas condições simbólicas e materiais da educação estatal, como por exemplo: reformas nas instalações dos prédios escolares, cujas condições eram precárias; concessão de mais bolsas de estudos; fornecimento de refeições de qualidade aos estudantes e mais verbas públicas destinadas à educação.

Poucos meses depois, no último trimestre de 2011, ocorreram ocupações na região de Córdoba. Além das mesmas demandas dos estudantes da capital do país, a mobilização em Córdoba também foi motivada pelo rechaço à falta de debate público acerca do anteprojeto da Lei Provincial de Educação (LPE), conforme apontado por Beltrán e Falconi, (2011). De forma resumida, projeto, caso aprovado, promoveria a inclusão da educação religiosa na escola pública, reduziria os espaços de discussão sobre a educação sexual – que seria realizada sob uma ótica religiosa –, além de promover a articulação entre a escola de nível médio e o setor produtivo, o que fortaleceria o projeto em curso na América Latina de uma educação pautada nos princípios neoliberais. Dado o caráter polêmico da iniciativa, os estudantes reivindicaram mais debates em torno das implicações da sua aprovação, que deveria incluir não somente gestores e docentes, mas também os jovens, os principais afetados pela proposta. Após uma série de tentativas de diálogo com o governo provincial, os jovens obtiveram algumas melhorias infraestruturais em suas escolas, todavia, o projeto da LPE foi aprovado, o que levou os jovens cordobenses a protestar diante do parlamento. Nessa ocasião, houve intensa violência policial, com detenções e estudantes feridos (Míguez; Hernández, 2016).

---

<sup>19</sup> “Toma” é o termo utilizado pelos argentinos para se referir às ocupações. Uma particularidade sobre as “tomas” argentinas é o fato de que a ocupação das escolas nem sempre prevê o encerramento das atividades escolares cotidianas. De acordo com Nuñez (2019), há “tomas” estudantis com a interrupção das aulas, enquanto em outras há alteração do tipo de atividades, com rodas de conversas, debates e workshops que funcionam em horários específicos.

Segundo Beltrán e Falconi (2011) e Nuñez (2011), as ocupações escolares de Córdoba ensejaram a construção de uma cidadania ativa nos estudantes e de uma apropriação cultural criativa do espaço público escolar. Nas palavras de Nuñez:

As ocupações podem ser entendidas como um fenômeno de apropriação cultural e desenvolvimento de uma cidadania ativa por parte dos jovens-estudantes no espaço público social; uma instância pela qual eles fizeram uso simbólico e expressivo do espaço, ao mesmo tempo em que recuperaram e reinventaram significados que os constituíram como um setor social diferenciado no cenário escolar. (2011, p.8, tradução nossa)<sup>20</sup>

Esse processo, no entanto, não ocorreu isento de conflitos, conforme discutido por Miguez e Hernandez (2016). Segundo os autores, surgiram confrontos entre as escolas e outras instâncias da sociedade, assim como controvérsias internas. Enquanto alguns estudantes e professores apoiavam as ocupações, argumentando que, além de propiciarem uma formação cidadã por meio do aprendizado de seus direitos, fortaleceriam os laços democráticos entre estudantes e docentes, tornando a relação intergeracional mais positiva, outros se opunham, vendo as ocupações como uma forma de ação autoritária. Para esses, as ocupações não apenas os privavam de assistir às aulas, mas também criavam um ambiente agressivo na comunidade escolar, o que resultaria em uma formação cidadã inadequada.

Ao analisar as transformações do movimento estudantil secundarista argentino ao longo de trinta anos, a partir da transição democrática de 1983, Larrondo (2015) destacou as divergências internas, observando três tipos de identidades políticas antagônicas que engendram as organizações estudantis, as quais refletiam nas distintas concepções do movimento de 2010: a) organizações afiliadas ao espectro kirchnerista; b) organizações de esquerda vinculadas a partidos socialistas; c) os independentes.

Grosso modo, as duas primeiras identidades apresentam vínculos partidários, enquanto a última é declaradamente apartidária. Os jovens afiliados ao espectro kirchnerista tendem, segundo a autor, a defender a manutenção das políticas implementadas a partir de 2003 e não costumam tecer críticas estruturais ao sistema

---

<sup>20</sup> Las tomas pueden ser entendidas como un fenómeno de apropiación cultural y de desarrollo de una ciudadanía activa por parte de los jóvenes-estudiantes en el espacio público social; una instancia por la cual los mismos hicieron un uso simbólico y expresivo del espacio y, al mismo tiempo, recuperaron y reinventaron sentidos que los constituyeron en un sector social diferenciado en el escenario escolar.

educativo. Dito de outro modo, suas demandas têm como objetivo melhorias no que já está implementado e não transformações profundas.

Já as organizações de esquerda afiliadas a partidos socialistas, embora compartilhem com os grupos kirchneristas algumas demandas consideradas clássicas, como a defesa dos estudantes, o debate político nas escolas, a abertura dos centros de estudantes e a luta pelo direito à educação, etc., manifestam, em suas ações, algumas oposições: tanto em relação ao Estado – nacional, provincial e local – quanto aos grupos juvenis kirchneristas. Segundo Larrondo (2015), esse grupo tende a se considerar os defensores “genuínos” dos interesses estudantis, ao passo que consideram o crescimento de organizações da juventude kirchnerista como resultado de uma estratégia do governo para reprimir o processo de lutas de uma juventude verdadeiramente combativa. A autora ressalta que são jovens militantes de grupos ligados a partidos socialistas e à Frente de Izquierda, conhecidos por realizar uma crítica contundente às instituições e pela defesa da autonomia estudantil. Segundo Larrondo:

Para estes jovens, o mecanismo de assembleia e da ação direta são, por antonomásia, parte da identidade estudantil e da sua função. O estudante secundarista deve fazer política com maiúscula, não atividades menores (recreativas, solidárias e de empreendedorismo), e esta política se define na luta. Ela se dá dentro da escola e fora dela, na cidade." <sup>21</sup>(2015, p. 85, tradução nossa).

Os independentes, por sua vez, estão organizados em grupos autoproclamados apartidários e constroem sua identidade a partir dos interesses e direitos dos estudantes, da juventude e dos problemas das escolas. A participação focaliza o nível local, e, ainda que haja aqueles que fazem uma leitura política mais ampla, de modo geral, se destinam a atividades comunitárias dentro das escolas.

Dessa forma, Larrondo (2015) destaca a fragmentação e diversidade na militância secundarista argentina, refletida nos conflitos entre estudantes durante as ocupações. Ainda que haja alguns poucos pontos de convergência entre os diferentes grupos, como a defesa da escola pública e de suas melhorias estruturais, há uma

---

<sup>21</sup> Para estos jóvenes, el mecanismo de la asamblea y la acción directa son por antonomasia, parte de la identidad estudiantil y de su función. El estudiante secundario debe hacer política con mayúscula, no actividades menores (recreativas, solidarias, «emprededurismo») y esta política se define «en la lucha». Ella se da dentro de la escuela y fuera de ella, en la calle.

diversidade ideológica no interior do espectro progressista estudantil, bem como uma presença significativa de partidos políticos nos centros de estudantes, depois de mais de 20 anos de ausência, devido ao período ditatorial.

Além da fragmentação e diversidade ideológica, Pedro Nuñez (2011; 2019) destaca que uma das particularidades da cultura política argentina é o ato de “poner cuerpo”, ou seja, envolver-se nas lutas políticas fisicamente, com o corpo. Nesse sentido, as grandes manifestações de rua e as ocupações dos espaços públicos são privilegiadas em detrimento de mecanismos institucionais para canalizar os conflitos.

As ocupações de escolas, por exemplo, tornaram-se táticas frequentemente mobilizadas pelos jovens argentinos após 2010, com mais de trinta escolas ocupadas em 2013, na capital, em protesto contra mudanças no currículo que o governo buscava implementar sem consultar a comunidade escolar, além dos persistentes problemas estruturais. Em 2017, mais trinta escolas foram novamente ocupadas em repúdio à implementação do projeto “Secundaria do Futuro”, um modelo de educação que aprofunda as práticas neoliberais na escola (Nuñez, 2021).

No ano de 2018, houve uma nova onda de ocupações de escolas, dessa vez protagonizadas por meninas, em apoio à luta pelo direito ao aborto<sup>22</sup>. Em 2022, outro ciclo de ocupações<sup>23</sup>, com mais de 20 escolas tomadas, ocorreu em prol de melhorias nas instalações e fornecimento de alimentação de qualidade aos estudantes, para citar alguns exemplos

## **2.2. Reflexos biográficos pós-ocupações estudantis**

Tal como exposto no início do capítulo e seguindo um fio condutor em relação ao capítulo anterior, não foram incluídos os estudos que abordaram os efeitos institucionais das ocupações e questões de nível macro. Por essa razão, não serão discutidas produções argentinas, uma vez que aquelas que investigaram os efeitos das ocupações o fizeram sob uma perspectiva macrosociológica e/ou focaram nos aspectos institucionais.

---

<sup>22</sup> [https://elpais.com/internacional/2018/06/12/argentina/1528833992\\_241165.htm](https://elpais.com/internacional/2018/06/12/argentina/1528833992_241165.htm)

<sup>23</sup> <https://www.pagina12.com.ar/593637-caba-a-un-ano-de-las-tomas-de-colegios-los-estudiantes-asegu>



Dentre as pesquisas sobre o Chile, a escassa bibliografia sobre como a experiência reverberou na vida dos jovens, em geral, concentrou-se em aspectos mais gerais do fenômeno e não nas trajetórias individuais. No entanto, um desses estudos foi incluído, pois, embora não tenha se centrado nas biografias, abordou questões relativas à subjetividade. Este é o caso do estudo de Aguilera Ruiz (2011), que analisa o 'antes', o 'durante' e o 'depois' da revolta dos pingüins.

O autor divide o texto nesses três momentos e destaca, dentre as ressonâncias do movimento, as transformações subjetivas vividas pelos jovens, as quais se revelam por meio de um reencantamento pela política, manifesta tanto pela disposição de participar em novos grupos, quanto pela construção de laços de solidariedade e reciprocidade no cotidiano após as ocupações. Além disso, Aguilera Ruiz (2011) salienta que após as ocupações, devido aos debates sobre política e diversidade, muitos jovens LGBTQIA+ se sentiram mais confortáveis em assumir suas identidades não-heteronormativas. Nas palavras do autor: “Alguns estudantes afirmam que a ocupação proporcionou o contexto ideal no qual aqueles com diversas orientações sexuais puderam "sair do armário": em outras palavras, manifestar abertamente sua orientação sexual ao mesmo tempo em que exerciam seu direito de vivê-la e expressá-la” (2011, p. 18, tradução nossa).

Juan Fernández Labbé (2016) investigou, em sua tese, as consequências dos protestos de 2011, no Chile, em três diferentes níveis: um mais abrangente e de caráter quantitativo sobre os protestos; um segundo nível sobre as consequências político-institucionais e culturais, por meio de fontes como documentos, declarações públicas, midiáticas e pesquisas de opinião e, por fim, a análise das consequências biográfico-subjetivas nos ativistas, explorando como a experiência influenciou em suas vidas. Dada a proposta da tese e do presente capítulo, é sobre esse terceiro aspecto que se centrará a discussão a respeito do trabalho do autor.

Assim como observado nesta tese, Labbé (2016) menciona a pouca atenção dada na literatura às consequências nas trajetórias biográficas dos participantes de movimentos, privilegiando análises sobre as dinâmicas entre os movimentos e as instituições e sistemas culturais. Embora o autor também investigue essas dimensões, conforme dito, ele as aprofunda e enriquece ao incluir os aspectos biográficos, os quais foram apreendidos por meio de grupos de discussão com os ativistas.

Nos oito grupos de discussão conduzidos pelo autor, participaram 42 ativistas, 26 homens e 16 mulheres; estudantes secundaristas e universitários - os primeiros com idades entre 12 e 18 anos e os segundos entre 19 e 25 anos - os quais participaram intensamente das mobilizações, mas não foram lideranças estudantis.

Entre os universitários, metade teve como primeira experiência de participação os protestos de 2011, enquanto a outra metade já havia participado de grupos libertários, ambientalistas e de ações de voluntariado. Já no grupo dos secundaristas, de maneira semelhante, mais da metade dos ativistas iniciou seu engajamento exatamente no ano de 2011. Por outro lado, há aqueles filiados a partidos políticos, como as juventudes comunistas e socialistas, mas é preciso ressaltar que são minoritários neste grupo. Além dos militantes partidários, há jovens que já estiveram envolvidos e, coletivos libertários, organizações relacionadas aos direitos humanos, ambientalistas e cursinhos populares.

Dentre os resultados nesse nível de análise, Labbé (2016) destaca que a participação nas ocupações constituiu uma experiência de politização e aprendizados políticos, a compreensão da política para além de seus aspectos institucionais, a interiorização de atitudes orientadas à transformação social, expressas pelo desejo de permanecer engajados, seja como trabalhadores em sindicatos, ou através da própria atividade profissional, com destaque para profissão docente e outras ligadas à área social. Além dessas questões, apresentadas aqui de forma sucinta, os relatos revelaram rupturas e tensões com familiares e amigos após a participação, de modo semelhante ao experimentado por participantes do movimento dos Indignados, conforme exposto no capítulo anterior.

No caso da produção acadêmica brasileira, destacam-se alguns estudos produzidos no âmbito da pesquisa coletiva coordenada por Luis Antonio Groppo, intitulada “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação política das e dos ocupas”. Dentre os trabalhos, focalizaram ou ao menos tangenciaram a influência das ocupações nas trajetórias os artigos de Groppo e Silva (2020), Groppo e Oliveira (2021), Sofiati, Marques e Ferreira (2021), Simões (2021), Sallas et al. (2021) e Sallas e Groppo (2022). Como fazem parte do mesmo projeto de pesquisa coletivo, alguns enfoques e noções mobilizadas foram compartilhadas entre os estudos, como a categoria de subjetivação política de Rancière.

Embora não trate somente das dimensões pós-ocupação, dedica uma parte de sua análise a elas. Valendo-se dos conceitos de experiência de Thompson e de subjetivação política, de Rancière, Groppo e Silva (2020) observaram, a partir de entrevistas com quatro jovens, ocupantes de escolas do Rio Grande do Sul, em 2016, a influência do processo de subjetivação política - vivido durante as ocupações - em suas experiências de vida posteriores. A desidentificação em relação aos papéis prévios de “estudante” e “adolescente”, concebidos socialmente como passivos e despolitizados, produziu rupturas e ressignificações em tanto em suas trajetórias escolares, quanto políticas. Além disso, os entrevistados salientam que a ocupação foi um marcador em suas trajetórias, independentemente se houve ou não continuidade do engajamento político. Em relação à continuidade dos estudos, os autores associam a participação no movimento com o desejo de ingressar no ensino superior.

O artigo de Groppo e Oliveira (2021), buscou compreender como a experiência de ocupação afetou a trajetória política de 14 jovens que participaram do movimento no final de 2016, no estado de Minas Gerais. Os autores observam que, dos 14 jovens entrevistados, 13 tiveram a trajetória política fortemente influenciada pela experiência de ocupação, com exceção de um único jovem militante, cuja trajetória política já estava bem estabelecida.

O campo da pesquisa de Sofiati, Marques e Ferreira (2021) foi em Goiânia, onde ocorreram ocupações em 2015 e 2016. Os autores entrevistaram sete jovens e utilizaram as categorias de socialização política e de subjetivação para entender os reflexos da experiência. Nas palavras de Sofiati, Marques e Ferreira:

Para as/os ocupas a experiência das ocupações impactou profundamente a influências políticas e sociais, bem como a sua visão de mundo. Primeiro, na própria concepção da escola enquanto espaço de formação e socialização, segundo na concepção da política e do fazer política, de valorizar a escola e os professores” (2021, p.15).

William Simões (2021) investiga os impactos da participação nas ocupações secundaristas de Santa Catarina, em 2016, na formação dos jovens enquanto sujeitos políticos. A partir da análise de relatos de seis jovens, o autor sublinha o caráter formativo das ocupações, em especial devido aos aprendizados sobre política, os quais refletem no posicionamento progressista atual dos jovens, mesmo inseridos em

um contexto local onde prevalece a direita. Além disso, esses aprendizados são mobilizados e compartilhados pelos jovens os quais, segundo Simões:

Apontam caminhos para transformação da escola, uma escola em que seja possível: o reconhecimento dos saberes, das experiências, das diversidades e desigualdades que marcam a vida das/dos adolescentes jovens, seus territórios e territorialidades; a partir de uma perspectiva dialógica e horizontalizada, a participação ativa, permanente e sistemática das juventudes na gestão, na construção de propostas e tomada de decisões, na organização do trabalho pedagógico, nas proposições de temas e conhecimentos a serem trabalhados e para o enfrentamento das principais demandas que emergem em suas comunidades escolares (2021, p.14).

Sallas et al. (2021) concentraram sua análise na experiência vivida pelos jovens paranaenses e os impactos em suas trajetórias pós-ocupações. Por meio de 15 entrevistas com moças e rapazes que ocuparam escolas em 2016, os autores relacionam o caráter formativo das ocupações com as trajetórias escolares e políticas posteriores. Do ponto de vista da escolarização, Sallas et al. (2021) destacam a continuidade dos estudos em nível superior, sobretudo na área de educação ou outros cursos de ciências humanas e, entre aquele que ainda não haviam ingressado na universidade, foi manifesto o desejo, indicando uma relação entre as ocupações e a valorização dos estudos.

Do ponto de vista do engajamento político, os pesquisadores observaram um aumento do número de jovens engajados após as ocupações, seja em organizações tradicionais, como partidos políticos, ou em coletivos. Em suas conclusões, compreendem a experiência da ocupação como um marcador nas suas trajetórias, ensejando a formação de jovens comprometidos com a transformação da realidade social e a valorização da educação.

O artigo de Sallas e Groppo (2022) constitui uma síntese dos principais resultados de uma pesquisa coletiva realizada em âmbito nacional. Por meio da combinação de abordagens qualitativa e quantitativa, os autores apresentam dados referentes ao pós-ocupação de 80 jovens. Dada a natureza desta síntese da pesquisa nacional, as categorias utilizadas, como subjetivação política, assim como os principais achados, coincidem com os resultados dos estudos mencionados anteriormente. Desta forma, reforça-se o papel das ocupações como um divisor de águas nas trajetórias dos jovens, com grande potencial formativo. Isso se refletiu no

desejo e prosseguimento dos estudos em nível superior, destacando-se o interesse por cursos nas áreas de educação e ciências humanas.

Além disso, uma consciência crítica foi formada em relação às desigualdades, manifestando-se no combate às opressões e no respeito às diferenças. Os debates sobre política e em torno das opressões realizados durante as ocupações, bem como o protagonismo feminino (e feminista), influenciaram na formação dessa consciência crítica, assim como no interesse de se engajar politicamente nos anos subsequentes, seja em partidos políticos, coletivos ou ações sociais.

No capítulo a seguir apresenta-se uma discussão sobre a relevância dessa perspectiva para os estudos de juventude, em particular para a presente pesquisa.

### **Capítulo III- A fecundidade da sociologia do indivíduo como perspectiva teórica nos estudos de juventude**

Juventude, autonomia e indivíduo são três noções que se entrelaçam na tese e cuja gênese se deu no mesmo período histórico, a Modernidade. Momento de descobertas científicas e intenso desenvolvimento tecnológico, de fortalecimento e burocratização dos Estados nacionais, além de expansão da urbanização e do capitalismo em nível global, o longo período da Modernidade pode ser dividido em três fases, de acordo com Sérgio Adorno (1997): a primeira, do século XVI ao XVIII, foi marcada pela descoberta do Novo Mundo, pelo Renascimento Cultural e pela Reforma Protestante - na qual ocorreu a emergência do individualismo moderno-; a segunda, ainda mais intensa, representou a ruptura definitiva com o passado, orientada pelo Iluminismo como filosofia e, portanto, pela universalização da razão, pelo primado do indivíduo e de sua liberdade; já a terceira, no século XX, refere-se ao momento em que a Modernidade se converteu em modernização e tornou-se fragmentária.

Desde o final do século XX, a consolidação de fenômenos como o neoliberalismo, a globalização, o avanço tecnológico e a flexibilização do mundo trabalho amplificaram o processo de singularização dos indivíduos. Nos últimos anos, a conjunção de múltiplas crises, de ordem econômica, financeira, ambiental, pandêmica e geopolítica, intensificou ainda mais esse processo, sendo mais agudo nas gerações mais jovens, cujas experiências de vida foram - e estão sendo- atravessadas por essa sucessão de desafios estruturais. Apesar do seu caráter sistêmico, os indivíduos são interpelados a enfrentá-los de forma autônoma, por meio do desenvolvimento de habilidades como improviso, iniciativa, criatividade e flexibilidade (Colombo e Rebughini, 2022).

O intenso apelo à autonomia, a caracteriza, no contexto atual, como uma prescrição, que se manifestou, nos relatos dos jovens entrevistados no âmbito da tese, como um desejo. Mas antes de adentrar à sua análise, convém elucidar o porquê da escolha da sociologia do indivíduo de Danilo Martuccelli como base teórica da pesquisa. Para isso, discorre-se sobre a gênese do interesse sociológico pelo indivíduo; o processo estrutural de singularização; algumas ideias articuladas pelo referido autor e sua pertinência para os estudos de juventude.

### 3.1. Gênese do indivíduo e os processos de singularização

Segundo Martuccelli e Singly (2009), foi Georg Simmel o primeiro sociólogo a se debruçar sobre a Modernidade e suas conexões com a gênese do indivíduo e do individualismo. Enquanto para a sociologia francesa a questão do indivíduo fora relegada ao segundo plano, preocupando-se com os considerados grandes temas da vida social, como a questão das classes sociais, a dominação e o problema da ordem social, Simmel propôs, no início do século XX, uma inflexão teórica e metodológica, indicando a fecundidade de um olhar sociológico para as experiências dos indivíduos na vida cotidiana, para além das questões estruturais.

Em sua obra *Philosophie des Geldes*, publicada em 1900, Simmel discute o papel central do dinheiro e do desenvolvimento da economia monetária na construção do individualismo. O autor estabelece uma divisão entre dois tipos de individualismo, relacionados entre si: o individualismo quantitativo e o qualitativo. Em síntese, o dinheiro, por meio de seu caráter móvel e objetivo, permitiu que se estabelecessem relações de troca entre os indivíduos, mitigando as desigualdades artificialmente produzidas pelas instituições pré-modernas. Essa discussão, segundo Waizbord (2000), foi realizada em diversos momentos no conjunto da obra do autor. A seguir, um excerto do extraído de sua conferência sobre a *Vida do espírito nas grandes cidades*:

O século XVIII encontrou o indivíduo em ligações violentadoras, que se tornaram sem sentido, de tipo político e agrário, corporativo e religioso - limitações que coagiam os homens como que a uma forma não natural e a desigualdade há muito injustas. Nessa situação surgiu o grito por liberdade e igualdade - a crença na completa liberdade de movimento do indivíduo em todas as relações sociais e espirituais, que permitiria evidenciar imediatamente em tudo o seu núcleo nobre e comum, como a natureza o teriam semeado em todos e como a sociedade e a história o teria apenas deformado” (Simmel, 1903/2005, p. 589)

Assim, devido às trocas monetárias e a mobilidade propiciada por elas, o indivíduo teria se tornando livre e autônomo, nascendo, desse processo, a concepção do sujeito universal kantiano do século XIX - com todas as suas contradições. À noção de um sujeito livre e autônomo, relaciona-se a premissa da igualdade entre os homens, a qual, segundo Simmel (1903/2005), levou o indivíduo a

uma busca de si mesmo, a fim de delimitar-se como uma singularidade distinta dos demais. Esse processo de singularização do indivíduo ocasionou, enfim, no nascimento do individualismo de tipo qualitativo, o qual só pôde existir a partir do total desenvolvimento do individualismo quantitativo. Waizbort (2000) destaca que, para Simmel, somente após o indivíduo se fortalecer pelos princípios de igualdade e universalidade, houve a busca por distinguir-se dos demais, a fim de se constituir não somente como um singular livre, mas um singular único:

Assim que o Eu estava suficientemente fortalecido no sentimento de igualdade e universalidade, ele procurou novamente a desigualdade, mas apenas a desigualdade que se punha a partir do interior. Depois de consumada a libertação por princípio do indivíduo dos grilhões enferrujados das corporações, do estamento de nascença e da igreja, esta libertação avança no sentido de que os indivíduos assim autonomizados querem se distinguir também uns dos outros: não se trata mais de ser em geral um singular livre, mas sim de ser um singular determinado e não intercambiável. (Simmel *apud* Waizbort, 2000, p. 493)

Portanto, devido à interrelação entre as duas concepções de individualismo, pode-se dizer, de forma resumida, que o indivíduo moderno nasceu do cruzamento de círculos sociais distintos. As pessoas, antes reunidas em pequenos grupos, puderam, graças à mobilidade permitida pelas trocas monetárias, circular e ampliar a sua rede de relações sociais. Nesse sentido, estabelece-se a conexão entre a emergência do indivíduo e o desenvolvimento das grandes cidades, consideradas um *locus* privilegiado para a realização das trocas mercantis. Em suma, na concepção simmeliana, por mais contraditório que pareça à primeira vista, foi o crescimento dos círculos sociais que intensificou o processo de libertação e singularização do indivíduo.

Diferentes perspectivas sociológicas, sobretudo a partir do final do século XX, têm se dedicado à compreensão da relação entre as transformações da modernidade e o processo estrutural de singularização. No entanto, antes de analisar a expansão desse processo, Danilo Martuccelli (2010) retorna àquilo que representa a antítese da singularização: a standardização. Na primeira metade do século XX, no contexto da sociedade industrial, havia uma homogeneização dos produtos. Como exemplo, o autor menciona a padronização dos automóveis produzidos na época do fordismo, em citação Henry Ford: 'Você pode comprar o carro da cor que quiser, desde que seja



preto'. Ao longo do século XX, houve uma gradual diferenciação da produção articulada com hábitos de consumo cada vez mais singularizados. O apelo à personalização torna-se prática frequente nas propagandas. Um exemplo contemporâneo desse apelo é a popularização e o marketing em torno de testes genéticos para viabilizar tratamentos médicos e prescrições nutricionais específicas para cada indivíduo. Esse é apenas um de um dos reflexos da delimitação do espaço do eu enquanto singularidade distinta dos demais.

Além da esfera da produção e do consumo, o referido processo manifesta-se nas instituições, as quais propõem soluções cada vez mais individualizadas para problemas de ordem coletiva. Os serviços de assistência social e as inúmeras entrevistas requeridas aos assistidos a fim de propor ajudas individualizadas - bem como sua face menos luminosa, como a responsabilização individual pela causa dos problemas- e a pedagogia diferenciada, com a adaptação individual do currículo, ensino e avaliação, são outros exemplos atuais. Além disso, a singularização se manifesta na esfera da política, da economia, bem como nas relações sociais.

Devido à intensificação desse processo estrutural nos últimos 30 anos, houve, conforme mencionado, um maior interesse sociológico em torno da questão do indivíduo. Colombo e Rebughini (2022) destacam a perspectiva da individualização de Giddens e Beck, formulada nos anos 1990. De forma brevíssima, os autores compreendem o processo de individualização como consequência do enfraquecimento das instituições sociais, isto é, funções que antes eram coletivas tornaram-se responsabilidade dos indivíduos. Dito de outro modo, em uma sociedade de múltiplos riscos (Beck, 1992) os indivíduos devem, por meio da reflexividade, tomar decisões para o seu gerenciamento (Giddens,1990). A ambiguidade, nessa abordagem, reside no fato de que ao propor soluções biográficas para problemas sistêmicos, os indivíduos tornam-se, ao mesmo tempo, mais autônomos, mas também mais solitários e desprotegidos.

A percepção do indivíduo sobre estar desprotegido das instituições é mais intensa na América Latina e isso se deve às suas particularidades sócio-históricas, que diferenciam a formação de individualidades na região daquela da Europa. Ao analisar o processo histórico da modernização e a produção de individualidades no contexto europeu, Araujo e Martuccelli (2020) salientam o papel das instituições na

formação da concepção de indivíduo. Conforme brevemente explicitado anteriormente, o indivíduo moderno emergiu na primeira fase da modernidade e, portanto, está associado, do ponto de vista histórico, à formação dos Estados-nação e à concepção do direito à propriedade privada. Do ponto de vista filosófico, associa-se à noção de sujeito, concebido como livre e autônomo. A constituição do indivíduo em sujeito contou com forte apoio das instituições, o que levou à concepção de individualismo institucional.

Na América Latina, por outro lado, o indivíduo se percebe como desassistido pelas instituições e políticas sociais. Araujo e Martuccelli (2020) retomam as acepções de Ulrich Beck e sua leitura da sociedade europeia, sobre os indivíduos serem impelidos a dar soluções biográficas para problemas sistêmicos. Embora a máxima seja verdadeira, os indivíduos europeus o fazem em resposta a uma prescrição institucional. Por essa razão, configura-se em um individualismo de tipo institucional. Já no contexto latino-americano, embora as soluções biográficas também sejam requeridas, elas ocorrem de maneira mais intensa, afinal, há a percepção de desamparo frente às instituições e políticas públicas, o que leva os indivíduos a constituírem-se em hiper-atores

Vale a pena ser explícito. Mesmo quando, como indicado por Beck (1998), os indivíduos nas sociedades europeias devem encontrar soluções biográficas para contradições sistêmicas, isso não deve fazer esquecer que as soluções pessoais em questão são sempre uma resposta induzida por uma prescrição institucional. O individualismo é diferente na América Latina. O indivíduo se sente desprotegido na sociedade. Percebe-se no meio de uma luta em que é obrigado a estar sempre vigilante e alerta, compelido a ser um ator no sentido mais forte do termo<sup>24</sup>. (Araujo e Martuccelli, 2020, p.6, tradução nossa)

Esse tipo de individualismo que engendra hiper-atores denomina-se agêntico (Araujo; Martuccelli, 2012, 2020). Pautado pela desconfiança nas instituições, impele os indivíduos a acionar e mobilizar recursos próprios frente aos diversos desafios que lhe são interpostos. São valorizadas uma série de habilidades sociais, como a

---

<sup>24</sup> Vale la pena ser explícitos. Incluso cuando, como lo indica Beck (1998), los individuos en las sociedades europeas deben dar soluciones biográficas a contradicciones sistémicas, esto no debe hacer olvidar que las soluciones personales en cuestión son siempre una respuesta inducida por una prescripción institucional. El individualismo es distinto en América Latina. El individuo se siente desprotegido en la sociedad. Se percibe en medio de un combate en el cual se ve obligado a estar siempre vigilante y al acecho, compelido a ser un actor en el sentido más fuerte del término.

capacidade de formar redes de relações interpessoais. Assim, segundo os autores, o individualismo agêntico constitui hiper-atores relacionais. À diferença da noção de *self made man*, o indivíduo agêntico ao mesmo tempo em que exalta os próprios esforços, reconhece a importância do laço social e das redes de apoio no enfrentamento dos desafios. A família e os laços comunitários preenchem a lacuna deixada pelas instituições na construção de individualidades fortes.

Nesse contexto, as capacidades pessoais de adaptação, flexibilidade, criatividade, autonomia e valorização da singularidade não se contradizem com o reconhecimento da importância das relações interpessoais, pois, segundo Colombo e Rebughini (2022), é na comunidade que a singularidade é reconhecida e o indivíduo encontra apoio em um contexto de incerteza. No caso da atual geração de jovens, os quais têm experimentado crises diversas, o sentimento de incerteza é ainda maior e são nessas redes de apoio mútuo que encontram suporte diante do reconhecimento das vulnerabilidades. As pesquisas conduzidas pelos autores revelam que os jovens, diante dessa conjuntura, engajam-se em ações coletivas baseadas na solidariedade e apoio mútuo e mais voltadas para a realidade local.

Além da fecundidade da perspectiva que considera a singularidade nos estudos sobre juventude e engajamento político, pesquisas sobre jovens têm demonstrado sua pertinência para compreender os desafios que eles enfrentam nos seus percursos de escolarização, trabalho, transição para vida adulta entre outros (Tarábola, 2016; Silva, 2018; Santos, 2018; Pinheiro, Di Leo; Varela, 2023; Corrochano; Tarábola, 2023). Os estudos citados, baseiam-se na sociologia do indivíduo de Danilo Martuccelli e mobilizam algumas noções do autor que auxiliaram na compreensão dos relatos dos jovens entrevistados nesta pesquisa, em especial a de provas e de suportes. Sobre as provas:

As provas são desafios historicamente produzidos, distribuídos de maneira desigual, que os indivíduos são obrigados a enfrentar. E, como em qualquer prova, os atores podem, ao enfrentá-las, ter sucesso ou fracassar. Portanto, elas não são independentes das posições sociais, mas são heterogêneas em posições idênticas (Martuccelli, 2006, tradução nossa).

Na teoria de Martuccelli, as provas são o operador analítico utilizado para aliar as dimensões diacrônica e sincrônica nos processos de individuação. De forma

sucinta, a individuação é uma perspectiva de estudo que visa compreender que tipo de indivíduo é estruturalmente fabricado em uma sociedade. Por meio da identificação das provas, é possível articular os processos sociais e as experiências pessoais (Martuccelli, 2010). Já os suportes referem-se aos recursos materiais ou simbólicos que sustentam os indivíduos no mundo. Nas palavras de Tarábola:

Suporte é a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com seus apoios no mundo, considerando que todos os indivíduos são dotados de suportes graças aos quais podem se construir e se manter socialmente eles seriam o conjunto de sustentações que mantém o indivíduo face ao mundo (2016, p.166).

Feitas essas considerações acerca da relevância da abordagem para a problemática da tese, parte-se para a apresentação do trabalho de campo e os percursos da pesquisa.

## Capítulo IV – Espaços e tempos da pesquisa

### 4.1. Espaço da pesquisa: Sorocaba

A escolha de Sorocaba para a realização da pesquisa não se deu por acaso. Conforme constatou-se no Estado da Arte (2009), as pesquisas sobre juventude concentram-se nas capitais e grandes centros urbanos, sendo escassos os trabalhos realizados sobre jovens em cidades pequenas e médias. Situada a 100 km da capital, Sorocaba tem uma população de 723.682 mil habitantes (IBGE, 2022) e integra, desde 2014, a Região Metropolitana de Sorocaba (RMS), composta por 27 municípios.

Em relação a alguns dados educacionais gerais, a taxa oficial de escolarização é de 98,1 %, para a faixa etária de 6 a 14 anos (IBGE, 2010) . Já a respeito do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública, era de 6,2 e para os anos finais, de 5,5 (IBGE, 2021). Em relação às outras cidades do Estado de São Paulo, Sorocaba, ficava nas posições 251 e 165 de 645. Em nível nacional, ficava nas posições 1045 e 565 de 5570 (IBGE, 2021).

Ainda sobre dados mais genéricos sobre a educação básica na cidade, é importante fazer algumas considerações a fim de compreender o contexto das ocupações nos anos de 2015 e 2016. De acordo com dados da Diretoria de Ensino<sup>25</sup> da cidade, Sorocaba possui 80 escolas estaduais e 103 escolas particulares. Em relação à quantidade de escolas ocupadas somente no município – ou seja, sem considerar as ocupações das demais cidades que compõem a RMS – chega-se ao número de vinte e duas escolas, ou seja, mais de ¼ das escolas estaduais da cidade foram ocupadas contra o projeto de reorganização escolar, no ano de 2015.

Além disso, considerando o número total de escolas ocupadas ao redor de todo o estado de São Paulo, qual seja, 213, de acordo com Corsino e Zan (2017), observa-se que mais de 10% de todas as ocupações se deram em Sorocaba, constituindo-se,

---

<sup>25</sup>Ver: [Diretoria de Ensino de Sorocaba – Rua Manoel Gomes dos Santos Neto, 45 – Jd. Pagliato – CEP: 18046-154 – Sorocaba/SP – Horário de Funcionamento das 8h às 17h – Todos os Direitos Reservados – Copyright© 2017 \(educacao.sp.gov.br\)](#)

portanto, em um *campo* relevante para a compreensão do movimento de ocupações secundaristas.

#### **4.2. O trabalho de campo em tempos de pandemia**

Para localizar os sujeitos da pesquisa, foi criado um questionário virtual<sup>26</sup>, o qual foi divulgado pelas redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea (Facebook, Instagram e Whatsapp) ao longo do ano de 2020. O questionário foi respondido por 90 pessoas e, para obter esse número de respostas, contei com contatos prévios com alguns secundaristas e utilizei algumas estratégias.

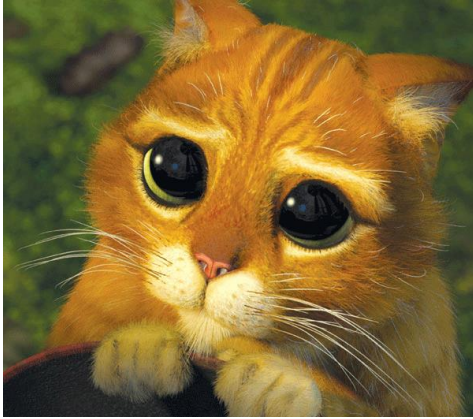
Em 2015 e 2016, tive a oportunidade de visitar as ocupações e participar, como integrante de coletivo feminista e educadora de cursinho popular, de aulas públicas e rodas de conversa organizadas pelos estudantes. Desse modo, antes de ingressar no doutorado, eu já conhecia diversos jovens que haviam participado das ocupações, mantendo contato com eles através das redes sociais. Quando compartilhei o questionário pela primeira vez, no começo de 2020, alguns me responderam e, gentilmente, replicaram para seus colegas que também haviam ocupado escolas, o que tornou possível obter cerca de 20 respostas.

Após um mês compartilhando o questionário no *Facebook* e no *Instagram* diariamente, observei certo arrefecimento no número de respondentes, sendo orientada a utilizar o humor como uma estratégia para chamar a atenção dos jovens. Nesse sentido, o uso de memes foi fundamental para motivá-los a responder e compartilhar o questionário com seus contatos: em apenas uma semana, obtive cinquenta respostas, ou seja, mais do que o dobro da quantidade que havia obtido em um mês.

Dentre os memes, o primeiro a ser compartilhado foi o desenho de um gato triste e piscando os olhos, com a legenda lamentando o fato de ninguém estava respondendo ao questionário:

---

<sup>26</sup> O questionário foi criado pelo Google Forms, ferramenta disponível nos serviços Google: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Uma cópia das perguntas do questionário encontra-se nos anexos desta tese.



Fonte: Google imagens.

“Estou tão triste, ninguém mais respondeu meu questionário. Será que você poderia responder?”

Ao ver o número de respostas aumentar, decidi adaptar os memes que estavam sendo compartilhados com mais frequência pelos(as) jovens, como este a seguir:



Fonte: Instagram (adaptado).

O desenho original é um esqueleto correndo enquanto foge de um homem sem pele, com os músculos aparentes, enquanto diz: “sai maluco, todo dia isso...”. Vários jovens estavam compartilhando esse meme, cujo humor consiste na alteração das frases do homem de musculatura aparente - que sempre é representado como alguém extremamente chato e repetitivo -, enquanto o esqueleto, cansado, foge dizendo “sai, maluco, todo dia isso”. Após me deparar com versões diversas, decidi

adaptá-lo com o meu apelo por respondentes - já que eu estava sendo bastante insistente ao compartilhar o questionário todos os dias. Sem dúvida, esse foi meme mais compartilhado, gerando dezenas de respostas em pouco tempo.

Segui compartilhando diferentes memes, até o momento em que não obtive mais respostas. Como já havia conseguido um volume expressivo, decidi contatar os jovens para as primeiras entrevistas. Como técnica, foi escolhida a entrevista compreensiva, motivada pelo fato de articular formas tradicionais de entrevista semi-diretiva com técnicas de natureza mais etnográfica, com a finalidade de possibilitar que os sujeitos relatem aquilo que julgam mais relevante de forma espontânea - ainda que haja, por parte do entrevistador, um estímulo à reflexão em relação aos temas mais gerais a serem abordados (Kaufmann, 1996).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota a perspectiva da “biografia extrospectiva”, defendida por Danilo Martuccelli (2020). Para elucidar essa proposta, o autor estabelece uma comparação com a “biografia introspectiva”, predominante nas Ciências Sociais. Em linhas gerais, a perspectiva “introspectiva” teria como foco o passado pessoal do sujeito, enfatizando mediações familiares e a posição social. No momento da entrevista, o pesquisador teria o papel de mobilizar a autorreflexão do sujeito sobre sua trajetória, o que produziria uma narrativa sequencial dos acontecimentos vividos. Nessa via, o pesquisador deve identificar os processos de internalização/incorporação das questões estruturais pelo sujeito, isto é, identificar como o social reverbera no sujeito. Em suma: o eixo de análise da “biografia introspectiva” se constituiria, portanto, no trabalho de socialização, através do qual cada sujeito seria, concomitantemente, resultado e ator.

À “biografia introspectiva” Martuccelli (2020) propõe a “biografia extrospectiva”. Nessa via, defendida pelo autor, o pesquisador não se concentraria na narrativa sequencial dos eventos vividos pelo entrevistado, tampouco no processo de internalização ou incorporação das estruturais sociais por um indivíduo, mas buscaria, no momento da análise, identificar as grandes provas/desafios estruturais e históricas que os atores enfrentariam ao longo de suas vidas, no marco de um processo de individuação. Nas palavras do autor:



Se trata de conhecer as vidas individuais a partir de um modo de individuação histórica. É através de um conjunto comum de provas (ou desafios) específicos de uma sociedade e de um período histórico que se pode estabelecer uma relação entre as mudanças societárias e a vida dos atores. Ou seja, na biografia extrospectiva o objetivo é esmiuçar, a partir das experiências vividas, o processo de individuação estrutural de uma sociedade e suas grandes provas/desafios” (2020, p. 87, tradução nossa).

O processo de individuação ao qual o autor se refere diz respeito ao “tipo” de indivíduo que é estruturalmente fabricado em uma sociedade, processo através do qual ocorreria na intersecção entre uma dimensão diacrônica e uma dimensão sincrônica. É tarefa do pesquisador, nessa perspectiva, identificar determinada situação histórica e social na escala dos indivíduos. Com este objetivo, Martuccelli (2010, 2020) propõe a noção de prova/desafio, a qual se constituiria no operador analítico capaz de relacionar a história coletiva com a experiência pessoal dos indivíduos. Segundo Martuccelli (2020),

As provas são desafios históricos, produzidos socialmente, representados culturalmente, distribuídos de maneira desigual, que os indivíduos se veem obrigados a enfrentar. São resultado de uma série de determinantes estruturais comuns a todos os membros de uma sociedade, os quais se declinam de forma distinta de acordo com as trajetórias e lugares sociais, adquirindo significados plurais segundo os atores considerados. É esta diversidade de inscrições que permite justamente uma biografia” (p.88, tradução nossa).

Feita essa breve descrição metodológica, apresenta-se, a seguir, alguns dados obtidos a respeito dos 90 jovens contatados. As informações<sup>27</sup>, obtidas pelo questionário<sup>28</sup>, foram tratadas no Excel e serão apresentadas por meio de quadros:

---

<sup>27</sup>As porcentagens foram arredondadas para proporcionar maior fluidez na leitura.

<sup>28</sup> O questionário encontra-se anexo à tese.

**Quadro 1** – Distribuição dos(as) jovens segundo ano de nascimento:

<b>Ano</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
1994	3	3
1996	2	2
1997	7	8
1998	27	30
1999	21	23
2000	15	17
2001	7	8
2002	2	2
2003	3	3
2004	3	3
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se, no Quadro 1, uma concentração de jovens nascidos nos anos de 1998, 1999 e 2000, ou seja, jovens que tinham entre 15 e 17 anos durante as ocupações de 2015 - faixa etária considerada típica para estudantes de ensino médio. Todavia, também é possível observar seis jovens que nasceram com um intervalo de uma década de diferença: três nascidos em 1994 e três em 2004. Ao olhar para as respostas desses jovens, observa-se que dentre os mais velhos, uma moça e um rapaz já haviam concluído o ensino médio – ela no ensino superior e ele trabalhando -, enquanto uma jovem estava no ensino médio (defasagem-idade série). Já os nascidos em 2004, participaram das ocupações quando ainda estavam no ensino fundamental.

**Quadro 2** – Sexo:

<b>Sexo</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Masculino	27	30
Feminino	63	70
Totais	90	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao sexo, há uma predominância de mulheres. Pesquisas sobre ocupações têm apontado uma predominância de mulheres no movimento (Groppo et al., 2018; Moresco, 2020; Groppo; Oliveira, 2021; Sallas; Groppo, 2022) no entanto, é importante considerar o fato de que como eu visitei as ocupações como integrante de um coletivo feminista e estabeleci contato com muitas jovens, esse predomínio de

mulheres pode ser, em parte, influenciado pelo fato da maioria dos meus contatos prévios serem mulheres.

### Quadro 3 – Orientação sexual:

Orientação sexual	n	%
Bissexual	32	36
Heterossexual	42	47
Homossexual	14	16
Prefiro não responder	2	2
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à orientação sexual, observa-se, no quadro 3, que mais da metade das moças e rapazes contatados se identifica com uma orientação não-heteronormativa. Esse dado foi frequente entre os estudos, conforme observado por Sallas e Groppo (2022). Tanto no Chile (Aguilera Ruiz, 2011) quanto no Brasil (Moresco, 2020; Groppo e Oliveira, 2021; Sallas e Groppo, 2022) pesquisas enfatizam que muitos jovens LGBTQI+ se sentiram mais confortáveis com a própria orientação sexual após a experiência de participação nas ocupações.

### Quadro 4 - Cor/raça

Cor/raça	n	%
Amarelo(a)	1	1
Branco(a)	46	51
Indígena	1	1
Pardo(a)	25	28
Preto(a)	17	29
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

A autodeclaração étnico-racial foi baseada nos critérios do IBGE (brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas). Considerando como negros o grupo de autodeclarados pretos e pardos, observam-se 42 jovens negros, 46 brancos, um amarelo e um indígena.

### Quadro 5 – Religião:

Religião	n	%
Agnóstico	1	1
Candomblé	1	1
Católica	18	20
Cristã	1	1
Espírita	1	1
Evangélica	14	16
Não tenho religião	44	49
Protestante	1	1
Quimbanda	1	1
Umbanda	8	9
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre religião, e nota-se que, dentre as opções assinaladas, houve um predomínio de jovens - quase metade do total - que declararam não ter religião, indo na contramão da dos dados relativos à população brasileira, que tem se declarado católica e evangélica (IBGE, 2010). Dois jovens incluíram denominações que não estavam presentes no questionário, como “cristão” e “quimbanda”.

### Quadro 6 - Estado Civil:

Estado civil	n	%
Casado(a) ou mora junto	9	10
Separado(a) ou divorciado(a)	0	0
Solteiro(a)	80	89
Sem declaração	1	1
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o estado civil, não há jovens divorciados(as) e há um predomínio de solteiros(as). Destaca-se, também, que quatro jovens haviam assinalado a opção “Outros. Quais?” no questionário e escreveram “namorando” no estado civil. Como não se trata de um estado civil, essas respostas foram contabilizadas como “solteiro(a)”.

**Quadro 7** - Você tem filhos(as) naturais, adotados(as) ou enteados (as) que você cria:

<b>Filhos</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	6	7
Não	84	93
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados, apresentados nos quadros 7 e 8, expõem questões importantes para se pensar gênero e parentalidade. Seis jovens disseram ter filhos ou enteados (três homens e três mulheres). Em relação aos homens, dois são solteiros e um é casado. Os solteiros assinalaram que as responsáveis pelo cuidado da criança são a mãe da criança e a sogra, enquanto o jovem que é casado, ao invés de assinalar a opção “eu mesmo(a)”, assinalou “outros. Quais?” e escreveu “eu e minha esposa”. Em relação às mulheres, duas são casadas ou moram com companheiro, enquanto uma é solteira, mas todas assinalaram “eu mesma”, na questão sobre o cuidado com a criança.

**Quadro 8** – Quem é ou são o(s) responsável(is) pelo cuidado da criança:

<b>Quem cuida dos seus filhos?</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Não tenho filhos(as)	84	93
A mãe da criança	1	1
O pai da criança	0	0
A minha mãe	0	0
A minha sogra	1	1
Eu e minha esposa	1	1
Eu mesma	3	3
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 9** - Com quem você mora:

<b>Com quem mora</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Família	66	73
Sozinho(a)	7	8
Colegas	9	10
Com Companheiro(a)	8	9
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro 9, observa-se que dos 90 jovens, uma maioria expressiva - 73% dos respondentes - reside com a família.

**Quadro 10** - Na época das ocupações, em que período você estudava:

<b>Período em que estudava</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Matutino	53	59
Vespertino	12	13
Noturno	15	17
Integral	7	8
Não estudava	3	3
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro 10, é possível observar que a maioria dos jovens era estudante, em especial do período matutino.

**Quadro 11** - Na época das ocupações, você participava de algum grupo ou associação:

<b>Participava de algum grupo ou associação?</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	53	59
Não	37	41
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados do questionário, apresentados no quadro 11, mostram que quase 60% dos respondentes faziam parte de algum grupo ou associação na época das ocupações.

**Quadro 12** - Assinale aquela (ou aquelas)<sup>29</sup> que você participava

<b>Grupos ou associações</b>	
Comunicação (jornal, rádio etc.	0
Esportivas	9
Estudantis (Grêmio)	37
Meio-ambiente/ecologia	1
Melhoria da comunidade	11
Político-partidárias	22
Religiosas	2
Trabalhos voluntários	13
Totais	95

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos(as) 53 jovens que participavam de algum grupo ou associação, foram obtidas 95 respostas em relação às oito alternativas do questionário, o que indica a participação concomitante de uma parte dos(as) jovens em diferentes grupos.

**Quadro 13** - Como você classifica a sua participação:

<b>Como classifica essa participação</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Intensa	38	72
Moderada	12	23
Eventual	3	5
Totais	53	100

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível observar que entre os(as) 53 que participavam de grupos ou associações, mais de 70% consideram que a atuação era intensa.

**Quadro 14** – Como você classifica a intensidade da sua participação nas ocupações:

<b>Como classifica essa participação</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Intensa	69	77
Moderada	18	20
Eventual	3	3
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>29</sup> Como havia a possibilidade de assinalar diversas associações ou grupos, não serão apresentadas as porcentagens.

Em relação à intensidade de participação nas ocupações, a maior parte, mais de 75%, considera que fora intensa; enquanto apenas 3% consideram que participaram eventualmente.

**Quadro 15 - Trabalhava na época das ocupações:**

<b>Trabalhava</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim, em tempo integral	7	8
Sim, em tempo parcial	14	16
Não	69	77
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados expostos no quadro 15 indicam que mais de 75% dos(as) jovens não trabalhavam quando ocuparam escolas.

**Quadro 16 – Trabalha atualmente:**

<b>Trabalha hoje</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim, em tempo integral	31	34
Sim, em tempo parcial	29	32
Não	30	33
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às questões sobre trabalho é possível observar, por meio da leitura dos quadros 15 e 16, que se antes a maioria não trabalhava, hoje, o número de jovens que não trabalham é um pouco maior do que 30%. Esse fato corresponde ao que pesquisas sobre juventude e trabalho já apontaram sobre a entrada na maioria constituir um marco para a inserção dos jovens no mundo do trabalho (Corrochano, 2012). É preciso advertir, contudo, que o questionário não contemplou o questionamento a respeito da procura de emprego, então não é possível saber entre os(as) 30 jovens que não estão trabalhando quantos(as) estão em busca de inserção laboral.



**Quadro 17 – Situação estudantil atual:**

<b>Estuda</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	49	54
Não	41	46
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os respondentes do questionário, pouco mais da metade estava estudando enquanto 46% não estava. Não foi possível, pelos dados obtidos, definir quantos(as) entre as(os) 90 concluíram o ensino médio,

**Quadro 18 – Entre os estudantes, em que nível de escolaridade se encontram:**

<b>Estudante de</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Ensino médio	3	6
Ensino superior	41	84
Ensino técnico	5	10
Totais	49	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos(as) 49 jovens que estudam, quase 85% estão no ensino superior, enquanto apenas 3 jovens estão no ensino médio. Das estudantes da educação básica, são três moças, duas nascidas em 2003 e uma em 2004. Elas participaram das ocupações quando estavam no ensino fundamental e, quando responderam ao questionário, em 2020, uma delas tinha 16 anos e estava no segundo ano do ensino médio, enquanto as outras duas tinham 17 anos e estavam no terceiro ano do ensino médio.

**Quadro 19 – Renda atual<sup>30</sup> própria:**

<b>Renda própria</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Até 1 salário-mínimo (até R\$ 998,00)	36	40
Mais de 1 até 3 salários-mínimos (de R\$999,00 até R\$2.994,00)	34	38
Mais do que 5 salários-mínimos (mais de R\$ 4.991,00)	1	1
Não sei	19	21
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>30</sup> Reitera-se que o valor do salário-mínimo corresponde ao final do ano de 2019, quando foi elaborado o questionário.

Embora 33% dos(as) jovens não trabalhem, todas(as) responderam à questão sobre a renda própria. A maior parte dos que assinalaram “não sei” é composta por aqueles(as) que não estão trabalhando, porém, dentre os que não trabalham, muitos assinalaram “até 1 salário-mínimo”.

**Quadro 20 – Renda familiar:**

<b>Renda familiar</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Até 1 salário-mínimo (até R\$ 998,00)	11	12
Mais de 1 até 3 salários-mínimos (de R\$999,00 até R\$2.994,00)	44	49
Mais de 3 até 5 salários-mínimos (2.995 até R\$ 4.990,00)	16	18
Mais do que 5 salários-mínimos (mais de R\$ 4.991,00)	4	4
Não sei	15	17
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 21 - Atualmente, você participa de algum grupo ou associação:**

<b>Participa</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	28	31
Não	62	69
Totais	90	100

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados do questionário, quase 70% dos(as) respondentes não participam de grupos ou associações. Contudo, as razões pelas quais não participaram não foram contempladas pelas perguntas.

**Quadro 22-** - Assinale aquela (ou aquelas)<sup>31</sup> que você participava:

Grupos ou associações	n
Comunicação (jornal, rádio etc.	0
Esportivas	3
Estudantis (grêmio, conselho de escola, centro acadêmico, diretório dos estudantes, conselho universitário etc.)	7
Meio-ambiente/ecologia	2
Melhoria da comunidade	10
Político-partidárias	15
Religiosas	6
Trabalhos voluntários	12

Fonte: Dados da pesquisa.

Mais uma vez, observa-se, entre as(os) que participam, a atuação concomitante em diferentes grupos.

**Quadro 23** – Como você classifica a intensidade de participação atual:

Como classifica essa participação	n	%
Intensa	14	50
Moderada	11	39
Eventual	3	11
Totais	28	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos(as) 28 respondentes que participam de grupos ou associações, metade considera a atuação intensa, quase 40% moderada e 11% eventual. Em relação à intensidade de participação prévia nos grupos, cujos dados encontram-se no quadro 13, observa-se uma diminuição no percentual de jovens que participam intensamente e um aumento da participação em nível moderado e eventual. Conforme advertido, não é possível captar nuances pelo questionário, como as razões para a não

<sup>31</sup> Mais uma vez, como havia a possibilidade de assinalar diversas associações ou grupos, não serão apresentadas as porcentagens.

participação ou diminuição da intensidade, porém, nas entrevistas, algumas pistas poderão ser traçadas para auxiliar nessa compreensão.

## **Entrevistas**

Foram selecionados para as entrevistas<sup>32</sup> jovens de perfis<sup>33</sup> variados tanto no que se refere aos marcadores sociais da diferença (sexo, cor/raça e orientação sexual) quanto em relação à intensidade da participação nas ocupações (intensa, moderada e eventual). Além disso, buscou-se uma diversidade de escolas, sendo possível entrevistar jovens egressos de 13 das 25 escolas estaduais ocupadas na RMS em 2015 e um jovem que ocupou o Instituto Federal em 2016. A fim de preservar a identidade dos jovens, o nome das escolas foi substituído pelo de escritores. Foi utilizada a categorização de escola central e periférica conforme mobilizada por Sallas e Groppo (2022). Essa definição não diz respeito necessariamente ao bairro “centro”, mas consideram-se bairros centrais aqueles que são servidos por uma maior rede de bens e serviços.

---

<sup>32</sup> Ainda que as entrevistas não tenham obedecido a um roteiro fechado, procurou-se tratar de um conjunto de questões: engajamento político, educação, trabalho, família, vida afetiva e desafios.

<sup>33</sup> A fim de preservar a identidade das moças e rapazes, foram utilizados pseudônimos escolhidos por eles(as). Além disso, foram alterados os nomes das organizações políticas que fazem ou fizeram parte, bem como das escolas das quais são egressos. No caso dos(as) estudantes universitários(as), o nome das universidades foi suprimido. Também foram suprimidos os nomes das cidades em que aqueles(as) que se mudaram de Sorocaba residem, do mesmo modo que os pequenos municípios da RMS, a fim de evitar a identificação dos(as) interlocutores(as) da pesquisa.

**Quadro 24-** Lista e tipo de escola ocupada pelos(as) interlocutores(as) da pesquisa:

<b>Escola</b>	<b>Tipo</b>
E.E. Ana Cristina César	Periférica
E.E. Augusto dos Anjos	Periférica
E.E. Carlos Drummond de Andrade	Periférica
E.E. Carolina Maria de Jesus	Periférica
E.E. Cecília Meireles	Periférica
E.E. Clarice Lispector	Periférica
E.E. Conceição Evaristo	Periférica
E.E. Gilka Machado	Central
E.E. Graciliano Ramos	Periférica
E.E. Hilda Hilst	Periférica
E.E. Lima Barreto	Periférica
E.E. Machado de Assis	Central
E.E. Manuel Bandeira	Central

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 25-** Perfil geral dos(as) jovens:

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cor/raça</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Filhos</b>	<b>Religião</b>
Ariel	F	Branca	1999	Bissexual	0	Não tem
Augusto	M	Branco	2000	Homossexual	0	Candomblé
Cecília	F	Branca	1997	Heterossexual	0	Não tem
César	M	Branco	1999	Homossexual	0	Não tem
Chico	M	Pardo	1999	Bissexual	0	Não tem
Dandara	F	Preta	1998	Bissexual	0	Umbanda
Helena	F	Preta	1999	Bissexual	0	Não tem
Igor	M	Branco	1998	Homossexual	0	Não tem
Janaína	F	Branca	1998	Bissexual	0	Umbanda
Jhon	M	Branco	1997	Heterossexual	1	Não tem
Joaquim	M	Preto	1999	Heterossexual	1	Evangélico
Kamila	F	Branca	2000	Bissexual	0	Não tem
Lucas	M	Pardo	1998	Bissexual	0	Umbanda
Ludmila	F	Preta	1999	Bissexual	0	Não tem
Maria	F	Branca	2000	Homossexual	0	Não tem
Mel	F	Preta	1997	Não sabe	0	Evangélica
Olga	F	Preta	2000	Bissexual	0	Umbanda
Raimundo	M	Pardo	1998	Heterossexual	0	Não tem
Wanda	F	Branca	2000	Prefere não dizer	0	Católica

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 26** - Dados da primeira rodada de entrevistas:

<b>Nome</b>	<b>Estudo</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Reside com</b>
Ariel	Sim	Não	Família
Augusto	Não	Sim	Amigos(as)
Cecília	Sim	Não	Família
César	Curso trancado	Sim	Amigos(as)
Chico	Curso trancado	Sim	Família
Dandara	Sim	Sim	Companheiro
Helena	Curso trancado	Sim	Sozinha
Igor	Sim	Não	Família
Janaína	Sim	Sim	Sozinha
Jhon	Não	Sim	Família
Joaquim	Sim	Sim	Amigos(as)
Kamila	Sim	Sim	Família
Lucas	Sim	Sim	Sozinho
Ludmila	Não	Sim	Família
Maria	Sim	Sim	Amigos(as)
Mel	Não	Sim	Família
Olga	Sim	Sim	Companheiro
Raimundo	Não	Sim	Família
Wanda	Sim	Sim	Família

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 27-** Dados da segunda rodada de entrevistas:

<b>Nome</b>	<b>Estudo</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Reside com</b>
Cecília	Concluído	Sim	Família
Dandara	Sim	Sim	Companheiro
Jhon	Não	Sim	Família
Joaquim	Sim	Sim	Companheira e filho
Kamila	Sim	Sim	Família
Lucas	Sim	Sim	Sozinho
Mel	Não	Sim	Companheiro
Raimundo	Não	Sim	Família

Fonte: Dados da pesquisa.



## Capítulo V - Memórias e Fragmentos das ocupações

Neste capítulo apresentam-se as memórias dos jovens a respeito do movimento de ocupações secundaristas. Ainda que inicialmente tenham sido interpelados sobre o momento atual de suas vidas - foco da presente tese-, uma parte dos sujeitos optou por realizar uma reconstrução biográfica tomando como ponto de partida a experiência de ocupação. Essa reconstrução a partir da experiência, bem como a ênfase dada a ela, pode ter sido motivada, ao menos em parte, pelo anúncio de que se tratava de uma pesquisa com moças e rapazes que participaram do movimento de ocupações escolares. De todo modo, tal fato não minimiza a importância das memórias evocadas e está em consonância com o que foi observado por pesquisas anteriores (Sallas; Groppo, 2022) cujos apontamentos conceberam a experiência de ocupação - pela intensidade, momento do curso de vida em que ocorreu e, principalmente pela ênfase dada pelos próprios sujeitos - como um importante marcador nas trajetórias daqueles que a vivenciaram.

Ressalta-se, ainda, que embora seja um capítulo sobre as memórias dos jovens, não se pretende realizar os procedimentos formais de análise de suas histórias de vida, tal como preconizam os estudos realizados no campo de pesquisas da história oral. O que se pretende, tão somente, é capturar fragmentos da referida experiência a partir da premissa de que a memória é um fenômeno construído – tanto em nível consciente quanto inconsciente -e sofre mutações e flutuações de acordo com o momento em que é reconstituída (Pollak, 1992). Partindo-se dessa abordagem, considera-se, portanto, que as memórias mobilizadas não refletem as ocupações exatamente como ocorreram, mas sim partes da experiência, as quais foram moldadas por eventos posteriores e pela situação atual de suas vidas.

Feitas essas breves considerações, apresentam-se os relatos à luz da noção de experiência social de Thompson (1981), a qual se mostrou fértil em análises sobre as ocupações estudantis no Brasil (Borges; Silva, 2019; Groppo; Silveira, 2020; Sallas; Groppo, 2022; Ramos; Goulart; Jacomini, 2023). De forma resumida, a ideia de experiência social consiste em considerar ação e pensamento, isto é, refere-se ao modo pelo qual os indivíduos vivenciam, percebem e interpretam a realidade social.

Sob essa ótica, a experiência é moldada ao mesmo tempo pelo contexto histórico, social e cultural e pelas ações e percepções dos indivíduos, os quais, em síntese, ao mesmo tempo em que são forjados pela estrutura social são capazes de agir sobre ela

Além disso, e em consonância com demais estudos, tanto nacionais quanto chilenos (Sandoval, 2016; Borges; Silva, 2019, Sallas; Groppo, 2022). concebe-se as ocupações como um processo de subjetivação política. Na teoria de Jacques Rancière, a subjetivação política refere-se à reconfiguração de determinada *partilha do sensível*<sup>34</sup>, compreendida como a existência de um comum partilhado em que cada sujeito teria uma determinada função e lugar fixados. Há, assim, um campo de experiência partilhado entre aqueles que têm voz e lugar na tomada de decisões - os que têm “parte”, em termos rancierianos - e outros que estariam numa posição subalterna, os “sem parte”. A subjetivação política ocorre quando se instaura o *desentendimento*, momento em que se revelaria a verdadeira política - compreendida como dissenso-, quando os “sem parte” tomam parte e reconfiguram a partilha do sensível. Segundo Rancière:

A política não existe porque os homens, por meio do privilégio da fala, acordam seus interesses em comum. A política existe porque aqueles que não têm o direito de ser contados como seres falantes conseguem ser contados, e instituem uma comunidade pelo fato de colocarem em comum o dano que nada mais é que o próprio enfrentamento, a contradição de dois mundos alojados num só: o mundo em que estão e aquele em que não estão, o mundo onde há algo “entre” eles e aqueles que não os conhecem como seres falantes e contáveis e o mundo onde não há nada (2018, p.40).

Nesse processo ocorre a “desidentificação”, em que determinada identidade atribuída aos sujeitos em situação de subalternidade é rejeitada e deslocada no processo do político do desentendimento. Ao contrário dos movimentos denominados

---

<sup>34</sup> Nas palavras de Rancière: “Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (2018, p.15).

“identitários”, que buscam afirmar sua identidade, o que se observa é a sua rejeição e a adoção de um nome coletivo que se refere justamente ao dano que levou ao desentendimento. Para ilustrar, Rancière (2018) traz como exemplos o uso da alcunha de “plebeus” na tomada de parte no Aventino na Roma antiga, a adoção de “proletariado” pela classe operária, nas lutas do século XIX, bem como a adoção de “somos todos judeus alemães”, durante as ocupações do Maio de 1968, na França. Rossana Reguillo (2017) observou essa desidentificação em movimentos contemporâneos, como o “somos 99%”, no *Occupy Wall Street*; o #15M espanhol; o *Yo soy 132* no México, entre outros. No caso das ocupações secundaristas, Groppo e Silveira (2020) observaram a rejeição e a desidentificação dos secundaristas em relação às imagens do senso comum associadas à condição adolescente e estudantil, o que levou à sua autodenominação como “secundas de luta”.

Ainda sobre a subjetivação política, observa-se que, tomarem a palavra<sup>35</sup> - e as escolas- as moças e rapazes estabeleceram um poder de enunciação que não possuíam na partilha do sensível anterior, revelando a subjetivação política. Segundo Etienne Tassin:

Uma subjetivação política reconfigura o campo de experiência que atribuía a cada uma a identidade com a sua parte. [...]. Um sujeito político não é um grupo que “toma consciência” de si mesmo, se dá uma voz e impõe seu peso na sociedade. É um operador que une e separa as regiões, as identidades, as funções, as capacidades existentes na configuração da experiência dada, ou seja, no nó entre as distribuições [partilhas] da ordem policial e o que já está inscrito nelas de igualdade, por mais frágeis e fugazes que possam ser essas inscrições. [...] Uma subjetivação política é uma capacidade para produzir essas cenas polêmicas. (2012, p. 45, tradução nossa)<sup>36</sup>

Essas “cenas polêmicas” - momento em que se instaura o desentendimento - reconfiguram a ordem anterior - denominada ordem “policial”, na perspectiva de

---

<sup>35</sup> Alude-se ao conceito de “tomada da palavra” tal como é mobilizado por Michel de Certeau (1994) para designar a recusa ao silenciamento imposto.

<sup>36</sup> Una subjetivación política redefine el campo de la experiencia que otorgaba a cada uno una identidad con su parte. [...] Un sujeto político no es un grupo que “toma conciencia” de sí mismo, se da una voz, impone su peso en la sociedad. Es un operador que une y separa las regiones, las identidades, las funciones, las capacidades existentes en la configuración de la experiencia dada, es decir, en el nudo entre las distribuciones [partages] del orden policial y lo que ya se ha inscrito en ellas de igualdad, por más frágiles y fugaces que puedan ser estas inscripciones. [...] Una subjetivación política es una capacidad para producir estas escenas polémicas.

Ranciére<sup>37</sup>- e vozes que eram silenciadas, fazem-se ouvir. Nos relatos a seguir esse processo pode ser observado tanto pelo desentendimento estabelecido entre os estudantes e o governo do estado de São Paulo, quanto pelos inúmeros embates travados entre os ocupantes e a direção das escolas. Esse processo se evidencia no relato de Kamila:

Eu era muito quieta na escola, tinha vergonha até de pedir para ir ao banheiro. E a ocupação me ajudou muito conseguir falar. Sempre sofri muito *bullying*, tinha muita insegurança de falar em público. Falavam: “você é sapatão, né?”. Depois da ocupação que eu consegui falar: “Sim, sou sapatão e daí?”. E ficou todo mundo assim, em choque. Passei a falar sem medo. Tudo mudou na escola depois que participei da ocupação, porque foi nela que eu comecei a falar em público, falei com o diretor que ameaçava a gente. Eu perdi o medo.

Assim, partindo-se da relevância da experiência de ocupação, explicitada pela subjetivação política que proporcionou, apresentam-se as memórias evocadas sobre ela, Para a análise, os relatos foram divididos, neste capítulo, de acordo com o engajamento prévio: 1. Organizados: Jovens engajados em partidos políticos e juventudes partidárias; 2. Independentes: engajamento prévio não-partidário; 3. Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação.

Na literatura acadêmica sobre os engajamentos políticos há uma multiplicidade de definições, das mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, a respeito dos conceitos de militância e de ativismo. De modo geral, à militância está associada a defesa de uma causa, em uma organização hierarquicamente estruturada, que se sustenta ao longo do tempo (Sawicki; Siméant, 2011; Silva; Ruskowski, 2016), ao passo que o ativismo se caracteriza por adesões mais provisórias e não demanda necessariamente o vínculo a organizações estruturadas, priorizando a dimensão individual da ação. Tal vínculo associativo, quando existe, baseia-se nos princípios de horizontalidade e autonomia entre os membros, assumindo a forma de coletivos (Gohn, 2018; Pleyers, 2018; Sales, 2019; Sales; Fontes, 2020).

---

<sup>37</sup> Para Ranciére, “polícia” compreende-se “o conjunto de processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição” (Ranciére, 2018, p. 42), dito de outro modo, a ordem policial seria, nessa perspectiva, o que geralmente é entendido como “política” - sobretudo por “política institucional”, quando falamos dos sistemas de legitimação do poder-. O autor adverte, ainda, que essa concepção de “polícia” tem um sentido neutro, não devendo ser confundida com a “baixa polícia”, caracterizada pela violência.

Quando as categorias nativas são consideradas, nota-se que os significados atribuídos à militância e ao ativismo são variáveis, conforme observado em pesquisas sobre o Movimento Passe-Livre, nas quais os sujeitos se declararam militantes (Pantoja, 2017; Seidl, 2021) ainda que suas práticas, de acordo com a literatura acadêmica, sejam mais próximas do que se entende por ativismo (Gohn, 2018, Sales, 2019; Mendonça; Sales, 2019; Sales; Fontes, 2020).

Nesta pesquisa, foi reiterado o uso termo “militância” por parte dos jovens para se referir aos seus engajamentos, mesmo quando eles consistiam em ações pontuais, como o compartilhamento de conteúdo político em redes sociais. Já a autodefinição como ativista foi episódica, estando presente em apenas um relato, para descrever a atuação no ambiente universitário via participação em grupos de estudo sobre questões de gênero e étnico-raciais e a promoção de debates, rodas de conversa e palestras sobre tais temáticas. Nesse sentido, a fim de não incorrer em erros conceituais e, tampouco, desrespeitar a autodefinição dos sujeitos, optou-se pelo uso do termo “engajamentos” para se referir às diferentes formas de atuação dos indivíduos na esfera pública, tal como utilizado por Jacques Ion (2012) em suas pesquisas sobre as mutações e diferentes formas de ação política na França.

A seguir, serão apresentados memórias e fragmentos da ocupação, tal como mobilizados pelos jovens. Essas narrativas foram agrupadas de acordo com a presença ou ausência de experiência prévia em engajamentos políticos.

### **5.1. Organizados: Jovens engajados em partidos políticos e juventudes partidárias**

Neste tópico estão reunidos os relatos de moças e rapazes que já possuíam um engajamento prévio antes das ocupações, mais especificamente em partidos políticos e/ou juventudes partidárias. Segundo Sartori (1980) juventudes partidárias são organizações formadas por jovens que integram os partidos políticos, mas com atividades e regras de funcionamento próprias. Anna Karina Brenner (2011) em sua tese sobre jovens militantes de partidos políticos, observou a diversidade de formas pelas quais os partidos organizam os jovens, ora em setoriais e secretarias, ora em correntes. A definição de quem seriam os jovens do partido também é variável,

enquanto para alguns vale o critério etário, de até 29 anos, outros consideram a condição estudantil.

Nesta pesquisa, como se trata de jovens que tiveram grande exposição na região, mesmo que seus nomes tenham sido substituídos por pseudônimos, se mantidos os dos partidos, correntes ou juventudes partidárias das quais fizeram parte, poder-se-ia, porventura, inferir a sua identificação. Por essa razão, a fim de resguardar o anonimato dos interlocutores, o nome dos agrupamentos juvenis partidários - juventudes partidárias, coletivos, correntes etc. - tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios, quais sejam: Discórdia, Insurreição, Primavera e Revolução. Todos os partidos que fizeram parte encontram-se no espectro de esquerda e maiores especificações sobre eles também poderiam permitir sua identificação e, por essa razão, foram referenciados de forma genérica, como “um partido de esquerda”.

Nesse grupo, estão reunidos os relatos de jovens filiados(as) e daqueles(as) que, embora não tenham oficializado a filiação, eram bastante próximos e se consideram membros das organizações, frequentando reuniões, protestos e as demais ações realizadas por elas.

Mel era estudante do terceiro ano do ensino médio na Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade, localizada em um bairro periférico da cidade de Sorocaba. Quando ocupou sua escola, estava filiada a um partido político e a um grupo a ele vinculado, o Revolução. Sua filiação se deu alguns meses antes da ocupação de 2015, por inspiração de seu professor de sociologia. Filha de pais filiados a um partido de esquerda, começou a se interessar por política desde cedo e, a partir das discussões realizadas na aula de sociologia, decidiu se filiar.

Embora os estudos sobre as ocupações secundaristas - bem como os relatos dos próprios sujeitos da pesquisa - destaquem os princípios autonomistas que as guiaram, em especial a horizontalidade na relação entre os participantes e na tomada decisões, Sallas e Groppo (2022) destacaram a presença de lideranças que, embora não formais, foram jovens que de alguma forma tomaram a frente do movimento e assumiram mais responsabilidades, constituindo-se em figuras de referência para os demais participantes. Eis o caso de Mel.

Mel reconheceu que assumiu a linha de frente da ocupação de sua escola - fato que a levou posteriormente ao adoecimento e afastamento da política, conforme será discutido em capítulo posterior. Em suas palavras: “As pessoas não escutavam ninguém, mas me escutavam. [...]. Eu que falava que tinha que limpar, eu que falava com os pais. Eu que ia em outras escolas ver se estava tudo certo, se todo mundo estava seguindo a cartilha. Eu que evitava que as pessoas brigassem. Era como se eu fosse a diretora da escola! (risos). Essa posição de “diretora” de Mel foi citada por Ariel - outra jovem que foi interlocutora da pesquisa e ocupou a mesma escola de Mel -, mas não foi associada à uma figura de repressão, tal como associaram o diretor da escola. Ao contrário, a liderança política da estudante foi concebida pelo viés da assunção de responsabilidades pelos(as) integrantes do movimento: “A gente passou o Natal na escola, pelo que me lembro. Foi muito legal porque a gente se tornou o centro de referência de todas as escolas ocupadas. A menina que estava organizando, a Mel, era como se fosse a diretora da ocupação. Ela ia para outras escolas dar palestra para falar sobre a ocupação e cuidava de todo mundo. (Ariel)”. Quando questionada sobre quem era sua principal figura política de referência, Ariel mencionou justamente sua colega Mel.

O papel central na organização da ocupação da escola Carlos Drummond de Andrade foi destacado por Mel em diversos momentos da entrevista:

Era tudo muito intenso. Então, a maioria dos jovens queria fazer bagunça, eles não queriam entender o motivo [da ocupação] e então eu falava: “não, gente, tem que ser organizado!”. Eu fiz uma declaração, entreguei para cada aluno que estava lá e falei: “olha, vocês vão entregar essa declaração para os pais de vocês, para eles saberem que vocês estão aqui na escola e que não vai ser uma bagunça. Vocês irão estudar aqui, na escola, mas de uma maneira diferente, por um motivo diferente, fora dos padrões: vocês vão estudar e aprender um pouco mais sobre a política!”. Então, várias pessoas me trouxeram as autorizações assinadas pelos pais. Os pais que não estavam entendendo o motivo daquela autorização, chegavam até nós, na escola, e falavam: “olha, isso é uma coisa perigosa, então não sei o quê” e então eu falava: “o intuito da escola é que a gente aprenda. Só que com essa Reforma [reorganização escolar] não vai ser legal para a gente”. Eu pensava: “meu Deus, eu vou ter uma responsabilidade muito grande!”. Mas pensei: “se é para ocupar, tem que ser tudo muito bem organizado”. Então fiz a reunião com o pessoal da escola e falei: “gente, não pode ser uma baderna, está virando uma baderna e não é isso. O intuito não é esse. Porque se for esse intuito, vai todo mundo sair e entregar a escola para o diretor de novo!”. Então eles disseram: “não, a gente vai colaborar!”. Quando todos disseram que ajudariam, separei os seguranças em

dois turnos. Desses dois turnos, haviam pessoas que controlavam os seguranças, haviam responsáveis pelo auxílio da cozinha, haviam responsáveis por limpar a escola, tinha tudo isso. Então, eu acabei organizando a ocupação! (risos).

Quando perguntei se ela se considerava uma liderança, respondeu: “Sim, mas tinham outras pessoas! Eu gosto de falar que era tudo em conjunto!”. Esse papel assumido parece ser compreendido por ela muito mais pela ótica de uma sobrecarga de responsabilidades do que por uma posição de prestígio, a qual ela refutou totalmente em prol do discurso da horizontalidade, tanto no processo de tomada de decisões quanto na organização das tarefas. Ela ressaltou, inclusive, as assembleias que aconteciam diariamente para a divisão das tarefas e escolha das atividades que eram realizadas no cotidiano da ocupação. Dentre elas, destacou atividades culturais como teatro, saraus, apresentações de música e os debates sobre feminismo e política, que, segundo ela, eram executados de forma que chamassem atenção e despertassem interesse nos jovens:

A gente queria falar sobre política e ensinar que não é tão chato como todo mundo dizia que era. Porque na escola era: “ah, vamos falar sobre feminicídio?”. E todo mundo: “Nossa, que chato!” ou “vamos falar sobre como está o nosso governo?”, e todo mundo: “Nossa, que chato!”. Mas, quando falamos: “Gente, vamos fazer um teatro?”. E nesse teatro, tinha um moço representando nosso presidente e ratos ao redor dele, enquanto ele pisava em cima de uma pessoa. Depois discutimos: “O que vocês entenderam sobre isso?” Então eles falaram: “Que estamos sendo pisados e não estamos vendo”.

Ainda sobre o papel de liderança, Mel ressaltou que era a “tia chata” durante as ocupações, por pedir que respeitassem as regras estabelecidas:

O pessoal falava: “Tia, eles estão fazendo tal coisa”, aí eu ia lá e falava: “Gente, não pode fazer bagunça!”. Tornei-me a tia chata! Sentei-me com eles, conversei, porque queriam fazer um monte de coisa errada! Falei “gente, tem espaço para zoar lá fora, longe da câmera, fora do alcance das pessoas, fica ali, ó! Aqui dentro não, só do lado de fora, por favor”. E eles super entenderam. Mas o que eu achei super importante foi: comunicação. Eu falava “gente, pelo bem de todos, o que é que vocês acham? Porque aqui o intuito não é de bagunçar”. E conversando com eles, pela comunicação, consegui fazer com que eles obedecessem às regras que estabelecemos. No fim, acabaram acatando e ajudaram a gente. As regras que a gente criou, chamávamos de “regras do bom convívio”.



Sobre as dificuldades e desafios vividos durante aqueles dias, Mel lembrou a tentativa de invasão durante uma das noites em que estavam dormindo na ocupação:

Tentaram invadir a escola com faca! Foram pessoas que foram até lá para pôr medo na gente. Não sabemos quem são, mas, provavelmente, acreditamos que eles [a direção] contrataram pessoas para vir pôr medo nas escolas. Foi um choque tão grande que ali caiu a minha ficha, eu falei: “meu Deus, eu estou responsável por muita gente aqui dentro! Muita gente que ficou lá, foi por causa das minhas palavras! Se acontecer alguma coisa com esse povo, eu não vou me perdoar nunca!” E todo mundo ia me culpar, porque eu falei com os pais deles, eu estava ali, eu apareci falando em vídeo chamando para a ocupação, apareci fazendo um monte de coisa. Deu pânico!

Felizmente, a invasão da escola não ocorreu e os alunos não se machucaram, mas Mel relatou que depois de desocupação, vários estudantes disseram que, por culpa dela, eles poderiam ter se prejudicado. Mel evocou memórias bastante negativas da ocupação e repetiu diversas vezes a palavra “culpa”. Ela lembrou o episódio de um jovem que foi picado por um escorpião dentro da ocupação e, mesmo que ele tenha ficado bem, diversos alunos a responsabilizaram pelo ocorrido:

Eles diziam: “não, mas você você é culpada, você é a mais culpada! Porque você o fez entrar na ocupação, você os fez fazerem isso, você que fez eles fazerem aquilo.” Então, eu fiquei com esse pensamento até hoje. Eu me fechei muito depois da ocupação. Eu perdi muito, perdi muito amigo. Tem amigos que eu ainda tenho contato, mas tem outros amigos que, sei lá, eu acho que quando você tem uma grande influência sobre as pessoas, e você acaba fazendo uma coisa muito grandiosa, depois que essa coisa acaba, você fica com medo de você fazer alguma pessoa fazer alguma coisa errada! E no caso do menino, poderia ter acontecido algo com ele e eu nunca ia me perdoar.

A perspectiva de assunção de responsabilidade pela segurança dos colegas também esteve presente no relato de Ludmila, estudante da Escola Estadual Ana Cristina César, situada na periferia de Sorocaba. Ludmila estava no segundo ano do ensino Médio e era bastante próxima do grupo Primavera, ainda que não tenha oficializado a filiação. Começou a participar das ações promovidas pelo grupo no ano de 2015, um pouco antes das ocupações. Sobre a responsabilidade assumida, Ludmila destacou:

Eu lembro de muitos detalhes até hoje e penso: "Nossa, não sei se hoje em dia eu teria feito". Hoje em dia não teria feito porque a forma de lutar, eu acho que mudou. Eu acho que quando você é mais jovem, você não se importa em correr riscos. E depois que eu ocupei aquela

escola, teve muito risco. Teve vida de amigos meus em risco por causa da ocupação que nós convocamos. Eu não achei justo e não acho justo fazer as pessoas correrem riscos. Hoje eu não faria porque eu já tive a vivência que eu tive. Eu sei o que é uma ocupação, eu sei o que aconteceu naquela ocupação. Porque na periferia colocaram arma na cabeça dos alunos para roubarem a escola. E hoje, sabendo disso, talvez eu pensasse mais nisso. Se fosse necessário mesmo eu ocuparia, faria ações radicais, mas não colocaria vidas de menores de idade em risco.

Sobre seu engajamento no grupo Primavera, Ludmila atribuiu a gênese de interesse pela política à causa LGBTQIA+, que se deu tanto individualmente quanto coletivamente em sua escola. Quando estava no ensino médio, uma professora de ciências humanas propôs que os estudantes fizessem um trabalho sobre a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Seu grupo, composto predominantemente por jovens LGBTQIA+, realizou um trabalho primoroso que levou a um convite feito pela direção para apresentar para os demais estudantes da escola. A partir disso, realizaram diversas ações contra o preconceito, politizando-se cada vez mais sobre assuntos diversos. Naquele momento, Ludmila se aproximou do Primavera e começou a frequentar protestos junto aos seus filiados. Sobre a politização mencionada por ela:

A gente fez um trabalho sobre sexualidade, a diretora deixou apresentar para toda a escola. A gente espalhou bandeira LGBT pela escola inteira! A gente fez esse trabalho, a gente criticou quem a gente precisasse criticar! Professores que eram contra a causa, enfim, todo mundo que era contra. E a gente fez esse trabalho e acabou apresentando da sétima em diante, até o terceiro ano. Apresentamos para a escola inteira! E a diretoria forneceu muito apoio. Teve apresentação, foi super bacana. Depois a gente ficou super politizado depois dessa experiência e, a partir desse debate LGBT, trouxemos ainda mais debates: a gente começou a debater racismo, machismo e foi daí que a gente foi se politizando, se politizando, politizando cada vez mais! A partir disso que eu entrei no Primavera e, quando iniciou essa história toda de fechar a nossa escola, a gente falou: "Não vão, não! Não vão fechar!".

Sobre a decisão de ocupar, Ludmila destacou o fato de ser uma escola periférica, cujo fechamento levaria muitos jovens à evasão:

Não tinha cabimento fechar a nossa escola pelo fato de que ela é uma das mais periféricas da cidade. A Ana Cristina César é totalmente periférica! Havia pessoas que iam até lá apenas para se alimentar, de tão periférica que era. E se a gente tivesse que ir para outra escola, que era longe para muita gente, teria que pegar vários ônibus, e não haveria ônibus escolar, porque na proposta não garantia o ônibus. O

ônibus escolar, aliás, fazia parte dos cortes do governo. Havia alunos que não tinham como se alimentar ou finalizar os estudos. Então, nos mobilizamos e conseguimos causar um grande caos que marcou a vida de muita gente

Augusto ocupou a Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade - mesma escola de Mel-, mas fazia parte de outro grupo de juventude, o Insurreição. Ele participava do grêmio estudantil desde 2014 e, no começo do ano de 2015, no contexto da greve dos professores<sup>38</sup>, filiou-se ao Insurreição. Segundo Augusto, seu interesse pela política começou quando ingressou no teatro, aos 14 anos. Em suas palavras:

Quando eu tinha 14 anos, eu participava de um grupo de teatro, e o teatro por si só já é bastante político. Então, nós apresentávamos peças que abordavam temas como prostituição, AIDS, o movimento hip-hop, drogas, entre outros assuntos que queríamos discutir e conversar, mas não tínhamos espaço para isso. Foi através do movimento organizado, especialmente durante a greve dos professores em 2015 e a juventude Insurreição, que minha visão política se expandiu.

Sua atuação na referida organização foi intensa e, nas ocupações, uma das tarefas delegadas pelo Insurreição era circular e apoiar diferentes escolas ocupadas. Em seu discurso, Augusto salientou a diferença do apoio externo recebido pelas escolas situadas em bairros centrais e periféricos, fato que se repetiu em nível nacional, conforme atestaram Sallas e Groppo (2022). Inúmeros movimentos sociais, partidos políticos, artistas, estudantes universitários e de pós-graduação etc. deram apoio às ocupações, seja fornecendo alimentos, suporte jurídico, apresentações artísticas, apresentações artísticas etc., contudo, conforme observou Augusto, esse apoio era menor em escolas distantes do centro:

Eu lembro que a Carlos Drummond foi uma das melhores ocupações, claro que era a minha escola, né? Eu estava ali com as pessoas, a gente estava ocupando a escola sempre, a gente tinha muita solidariedade um com o outro, mesmo com pessoas que a gente não conhecia. Mas, a maioria eu conhecia, estavam comigo o ano inteiro, no intervalo, jogando e tudo mais. Eu fiquei bastante lá, ocupei por bastante tempo porque era minha escola, mas não conseguia ficar todos os dias de ocupação, por exemplo. Eu tive que andar, teve muita escola que teve problema com alimentação, então tinha, por exemplo, o Manuel Bandeira e as outras escolas centrais que eles recebiam bastante alimentação. Os professores iam para lá, pais que apoiavam iam para lá, doavam um saco de arroz, um saco de macarrão. E as

---

<sup>38</sup>[APEOESP - Greve dos professores de SP é considerada a maior da história](#)

escolas mais distantes, tinham pouca alimentação; então, a gente pegava um pouco de uma e levava para a outra. Eu lembro que eu pegava muita comida do Machado e do Manuel Bandeira, que ficavam no centro, e levava para as escolas da periferia, como a Carlos Drummond de Andrade e a Cecília Meireles, que tinham mais problema de alimentação.

Devido à sua atuação nas ocupações, Augusto foi expulso de casa pela segunda vez - a primeira havia sido alguns meses antes, devido à sua orientação sexual. Todo o seu relato foi pautado pelo seu engajamento no movimento estudantil, enquanto filiado à juventude partidária - a qual faz parte até o momento atual, conforme será discutido em capítulo posterior. Ele relatou, também, ter sido detido três vezes: a primeira em 2015, em um protesto do movimento secundarista contra a reorganização escolar, e as outras duas durante a segunda onda de ocupações estudantis, em 2016, que culminou na ocupação da ALESP.

Apesar das detenções, dos problemas familiares e da perseguição política que sofreu, Augusto destacou somente aspectos positivos das ocupações e da sua atuação no movimento estudantil:

De repente, fomos para Brasília participar de um Congresso sobre educação. Estávamos muito engajados nos debates do congresso estudantil municipal, discutindo principalmente o fechamento de escolas na região de São Paulo na época. Isso afetaria drasticamente a rotina dos estudantes e exigiria que muitos deles mudassem de escola. Foi então que fundamos um grupo municipal. Ao voltarmos, estávamos discutindo o Plano Municipal de Educação, e de repente nos encontramos ocupando escolas. Estávamos fugindo da polícia, enfrentando bombas, cacetetes, gás lacrimogêneo... As coisas aconteceram muito rápido; quando percebi, já estava envolvido no movimento estudantil da minha cidade. Estávamos debatendo sobre passe livre municipal, conversando com diretores que ameaçavam os alunos, conquistando coisas. Conseguimos impedir a reorganização que fecharia muitas escolas do estado de São Paulo. A partir do momento em que os estudantes se organizam, mesmo que minimamente, começam a conquistar coisas aos poucos, como formigas. Mesmo que hoje em dia as conquistas para a educação sejam mais lentas e escassas, é gratificante ver o movimento estudantil ativo dentro das escolas, nos grêmios, no movimento cultural, apoiando os professores em greve. A educação, por vezes, não nos prepara para entender certas coisas, mas quando entendemos, nossa visão de mundo muda completamente. Por isso, gosto de falar sobre levar esperança aos estudantes. Muitos deles estão sem perspectivas de educação, sem perspectivas de mercado de trabalho. Enquanto lutamos para conseguir emprego, para ter um bom salário, vemos nossas escolas se deteriorando, nossos professores adoecendo, ganhando pouco, e nossos colegas abandonando a escola. Organizamos eventos culturais, como

batalhas de rap, e a polícia sempre está lá para nos reprimir. Mas quando nos organizamos, começamos a conquistar coisas

Janaína fazia parte da mesma organização política de Augusto e era estudante da Escola Estadual Machado de Assis, localizada na região central de Sorocaba. Ela estava no segundo ano do ensino médio e já era uma liderança estudantil. Em suas palavras: “Eu já era do Insurreição desde o começo do ano, já tinha uma orientação política e já estava despontando como quadro do Insurreição na época das ocupações”. Sua atuação foi intensa e, assim como Augusto, ocupou várias escolas da cidade com a juventude partidária:

Acho que éramos adolescentes lidando com a adolescência e uma grande responsabilidade ao mesmo tempo, sabe? Acredito que consegui tirar o máximo proveito disso, mas, bem, falando sobre essas ocupações, eu desempenhei um papel de liderança. Fechei escolas, como o Hilda Hilst, e bloqueei a entrada das escolas para convidar as pessoas para as ocupações, protestos e manifestações. Também fui para São Paulo algumas vezes.

No ano seguinte, quando ingressaria no terceiro ano do ensino médio, foi impedida de se matricular em sua escola, retornando à de seu bairro, na periferia de Sorocaba. Segundo ela, o diretor forjou um abandono de matrícula para que ela não voltasse ao Machado de Assis, depois de sua participação nas ocupações:

Na época, tive embates diretos com o diretor do Machado, que ainda é diretor lá até hoje. De vez em quando, vejo que surgem novas polêmicas relacionadas a ele. Ele foi muito esperto, porque não me expulsou; em vez disso, realizou uma transferência compulsória. Ficou registrado que minha mãe não compareceu para fazer minha matrícula no Machado, então ele me transferiu de volta para a minha escola de origem, conforme ele já havia mencionado. Se você procurar documentos sobre isso, é muito provável que não conste que fui expulsa. A informação será que não compareci para fazer minha matrícula e, por isso, fui transferida compulsoriamente de volta para a escola de onde tinha saído. Ele sempre disse que faria isso, pois, mesmo antes das ocupações, ele bloqueava qualquer coisa que eu tentasse fazer na escola, dizendo que a escola dele não era lugar de comunista, mas sim para aprender português e matemática. Lembro-me disso e do orgulho que tínhamos do que estávamos fazendo.

Janaína conheceu o Insurreição quando estava no segundo ano do ensino médio, por meio de uma ação que realizaram em sua escola, em apoio à greve dos

professores de 2015. Interessou-se pela organização pelo discurso pró LGTQIA+, conforme será discutido mais à frente, e, também, pela sociabilidade propiciada pelo grupo:

Eu entrei no partido no início do ano, quando prepararam uma bandeira na frente do portão da escola Machado e nos chamaram para manifestar apoio à greve dos professores. Gostei da ideia e fui. Na época, fui convencida pelo discurso LGBTI, estava me descobrindo. Já havia começado a me descobrir na minha escola anterior, mas no Machado pude assumir essa nova identidade, de aceitação. Estava muito motivada a expressar o orgulho, o partido me convidou para um beijaço que nem aconteceu, no fim. Hoje em dia, acho que nem faria algo assim, muito provavelmente. Era adolescente, né? Na época, achei interessante. Confesso que comecei a ir também pela política, mas também porque gostava de me sentir incluída na juventude, nas atividades e tudo mais. Foi uma mudança na minha realidade, pois morava com minha família evangélica, que não saía... Minha família nunca foi de comemorar nada, fazer passeios diferentes, sempre foi muito religiosa. E eu também não saía, não fazia nada, enfim, descobri minha adolescência com o partido.

Atualmente, ela não está mais filiada, conforme será exposto no capítulo sobre o momento presente. Quando rememorou as experiências pessoais e de seus colegas daquela época, destacou que, em sua avaliação, houve uma grande exposição por parte dos jovens, apesar de conselhos de dirigentes do Insurreição para que não o fizessem:

Sabe o que eu penso muito quando lembro dessa época? É que, falando muito sobre mim, mas também lembrando dos meus colegas, estávamos muito maduros para debater questões educacionais, considerando nossas idades, né? Fazíamos um movimento que era muito conseqüente e responsável dentro do contexto político, porém, ao mesmo tempo, quando se tratava de nossas sexualidades, nossos corpos, nossas identidades, éramos muito liberais, de uma forma que hoje eu não vejo como saudável. Reconheço que, inclusive, na época, o partido ao qual eu era filiada tentou nos frear, mas não acho que a conversa tenha funcionado muito bem (risos). Só fui entender muito depois que alguns de nós nos expusemos demais.

Maria também era integrante do Insurreição e estudava na Escola Estadual Lygia Fagundes Telles, localizada em um bairro central de Sorocaba. Ela fazia parte do grêmio estudantil há três anos, mas compreende que sua formação política se deu

a partir das ocupações. Ela estava no primeiro ano do ensino médio e, além de sua escola, ocupou a Diretoria de Ensino e a escola Hilda Hilst, situada na periferia.

Possuía forte ligação afetiva com sua escola, pois diversos familiares foram estudantes e funcionários da Lygia Fagundes Telles. Filha de pais filiados um partido de esquerda distinto, Maria concebeu a participação no movimento de ocupações como um marco importante em sua vida, principalmente pela formação de sua consciência crítica, bem como pela apresentação à uma de uma multiplicidade de organizações e formas de atuação na esfera pública até então desconhecidas:

Eu frequentava aquela escola desde menina, então tinha uma relação muito forte com o local. Antes das ocupações, antes mesmo de entender o que era feminismo ou movimento estudantil, já estava no grêmio há três anos e no Insurreição. Já tinha passado por toda aquela experiência do 'centralismo democrático' [tom irônico], já sabia sobre as 'alianças' que precisava fazer com a diretora, como quando insistiam que a festa deveria ser do Saci, e não do Halloween, e assim por diante... Então, quando chegou o final de 2015 e começamos a ocupar primeiro o Hilda Hilst e depois o Lygia, percebi o que era de fato o movimento estudantil organizado. Foi aí que entendi que não era apenas um movimento, mas várias organizações atuando juntas.

Contudo, sobre o engajamento político prévio na juventude partidária - a qual ela permaneceu até o início de 2018, conforme será discutido posteriormente-, ela tem um olhar bastante crítico atualmente, em especial no que se refere à necessidade de se fazer alianças, o pouco espaço para o dissenso e a questão da exposição, também citada por Janaína:

Percebo que houve uma exposição que muitas vezes era válida para o discurso de terceiros, mas não necessariamente para o que estávamos buscando, entende? Nossa cara estava ali à mostra, e não me arrependo disso, faria tudo de novo, tintim por tintim. No entanto, hoje vejo que minha cara, de uma garota de 16 anos, estava exposta enquanto algumas pessoas lucravam em cima disso, sabe? E não estou falando apenas de lucro financeiro, mas também de lucrar com a imagem, entende? Lucrar com a imagem de 'sim, ela está aqui do meu lado! Olha só essa estudante secundarista fazendo política com a gente'. Fizemos a ocupação no final do segundo ano. Já tinha uma ligação com os alunos, e quando participei do movimento estudantil, estive ali no *front* mesmo, sendo a Maria, diretora do Insurreição. Acredito que outras pessoas que vão relatar isso para você talvez o façam com muito mais amor e carinho, pois conseguiram ter um filtro maior. E esse é um filtro que eu não consigo ter. Um contexto

importante: sou de uma família que é inteiramente de um partido, cresci dentro disso. Desde menina, desde pequena, gostava de falar em público e de levar minhas ideias adiante, mas nunca tive estômago para política. Nunca tive estômago para as alianças. Vou, faço, como 'vamos fazer um projeto para dar aula em tal escola de não sei onde', eu vou, dou essa aula, faço isso. Mas não quero participar da aliança que levou até isso, porque não tenho estômago mesmo. Sinto que muitos colegas meus tiveram muito mais estômago por já irem nesse imaginário de que é preciso ter alianças, de que política é assim mesmo.

Apesar das críticas ao movimento estudantil, Maria pontuou aspectos positivos sobre as ocupações, as quais propiciaram, inclusive, maior aproximação com seus pais, professores engajados na luta pela educação. Todavia, destacou que a euforia que sentiu quando o projeto foi revogado deu lugar à decepção nos meses subsequentes, quando ocorreu a denominada “reorganização silenciosa”<sup>39</sup> que levou o fechamento paulatino de turmas:

Das partes positivas e negativas, a parte positiva inclui todo esse contato e crescimento, além de ver pessoas que eram referência nos tendo como referência também. Houve uma aproximação muito forte com a minha família, que é uma família de professores, e com a ideia de 'segurar a barra', percebendo que nem todo mundo estava do nosso lado, por mais que parecesse estar. Isso ficou claro com a direção do Lygia, que inicialmente nos apoiou e nos deu a chave para não termos que sair da escola para tomar banho, mas na semana seguinte, publicamente, tentou nos tirar da ocupação. Foi muito proveitoso perceber como as coisas funcionam e experimentar aquela 'esperança' [tom irônico], aquela sensação que não tenho mais, sabe? Lembro-me do dia em que estávamos na DE, após ocuparmos o Hilda e o Lygia. Fomos à primeira Diretoria de Ensino do Estado e foi um momento lindo e maravilhoso, que ainda me arrepiava só de lembrar. Não esqueço quando estávamos lá e todos começaram a dizer 'ele revogou! Ele revogou! Ele voltou atrás, conseguimos!'. Era uma euforia incrível, pensando 'meu deus! Não vão cortar o noturno, não vão cortar sociologia'. Mas, no ano seguinte, alguns meses depois, em maio, abril, percebemos que o noturno fechou, não existia mais noturno. O Lygia estava seguindo o mesmo caminho, e o Hilda também. Foi um choque de realidade.

---

39 Embora tenha sido suspensa em 2015, pelo então governador Geraldo Alckmin, desde 2016 iniciou-se o processo paulatino de fechamento de escolas e turmas, concretizando, aos poucos, o projeto de reorganização escolar (Cássio et al., 2016).



Cecília era estudante da escola Carolina de Jesus, situada na periferia de Sorocaba e estava no terceiro ano do ensino médio quando participou das ocupações. Naquele ano, em 2015, havia ingressado em um cursinho popular e iniciou sua luta pela educação. Participou do Discórdia, mas não chegou a oficializar a filiação. Segundo ela, aquele ano foi decisivo em sua vida, tanto pela participação nas ocupações, quanto pela atuação no cursinho popular:

Nas ocupações, eu estava no terceiro ano do ensino médio e 2015 foi um ano que trouxe muitas mudanças para minha vida, especialmente no meu reconhecimento de identidade. Foi quando comecei a me reconhecer como indivíduo, como mulher, como sujeito histórico e social. 2015 foi um ano determinante, pois no início do ano entrei em um cursinho popular como aluna e, até o final do ano, já estava profundamente engajada no movimento estudantil, no movimento pela educação e no próprio cursinho, que promovia a educação popular. A ocupação fez parte de um processo que me ajudou a questionar algumas relações de poder que eu tinha até então, questionando o que era mais importante para mim. Seria o dinheiro, como sempre me foi ensinado? Foi nesse ano de 2015, quando estava no ensino médio, fazendo técnico em contabilidade, com o objetivo de entrar na área de ciências contábeis, passar em um concurso público e ganhar um bom salário, buscando estabilidade financeira. Porém, durante esse processo de emancipação emocional e intelectual, que ainda está em curso, percebi minha afinidade e paixão pelas ciências humanas, ciências sociais, geografia e, principalmente, história. Foi nesse ano que reconheci o valor da educação, e sem dúvida, as ocupações tiveram um papel importante nesse processo, assim como o cursinho popular. Por isso, decidi mudar completamente meu plano e optei por seguir o curso de História.

Em seu relato sobre as ocupações, foi constante a defesa da autonomia dos estudantes secundaristas em relação a partidos políticos, sindicatos ou coletivos de juventude vinculados a partidos. Ainda que na época ela fizesse parte do Discórdia, salientou que em sua escola houve uma intensa mobilização para resguardar a autonomia, uma vez as que forças políticas - como ela denominou movimentos institucionalizados - tentavam, de forma muitas vezes invasiva, tomar parte do movimento para adquirir visibilidade:

Foi uma luta muito árdua, não só para nossa escola, mas para todas as escolas, para conseguirmos permanecer como um movimento secundarista autônomo, e não como um movimento partidário. No caso do Carolina de Jesus, logo após ocuparmos a escola e estarmos no meio da ação no primeiro dia da ocupação, durante a tarde, chegou pessoal de um partido político, que estava presente em praticamente todas as escolas. Eles nos ajudaram a efetivar a ocupação, mas ao mesmo tempo, como alguém com experiência nesse meio político, pude perceber uma disputa por visibilidade e influência, não apenas entre os coletivos de estudantes secundaristas, mas também envolvendo sindicatos e diversas forças políticas. Era uma situação bastante complexa. Antes mesmo de iniciar a ocupação, eu e meus colegas da escola discutimos bastante, sem influências externas. Combinamos que iríamos garantir, acima de tudo, a autonomia dos secundaristas da nossa escola, deixando claro que a ocupação era conduzida pelos estudantes do Carolina de Jesus. No entanto, mesmo com esse combinado, houve pessoas ligadas a partidos políticos que permaneceram durante quase toda a ocupação, algumas até de outras cidades, tinha gente até de Osasco! E o que ficou combinado? Como eu fazia parte do Discórdia, adquiri mais visibilidade. De repente, eu estava desafiando toda a estrutura hierárquica que eu conhecia até então. Estava confrontando a polícia e a direção da escola, duas forças institucionais muito fortes dentro da organização do estado. Debater com a diretora e enfrentar um policial foi uma tarefa muito difícil. Fomos muito corajosos em tomar o poder da escola.

Cecília iniciou sua atuação em defesa da educação naquele ano e participou de uma série de protestos e ações, como o apoio à greve dos professores, panfletando pela cidade e indo aos atos em apoio, bem como na luta pela aprovação do plano municipal de educação e nas ações em defesa da educação pública promovidas pelo cursinho popular. Por essa razão, quando iniciaram as ocupações e já ter experiência de engajamento política prévia, recebeu bastante destaque, mas não considerou que tenha sido uma liderança, ainda que a diretora de sua escola a tenha coagido a assinar um documento dizendo que ela era a responsável pela ocupação e pela segurança dos estudantes:

Assim como em outras experiências que já tive, se não me engano, o voto do plano municipal de educação foi no começo de 2015, e já foi um momento de confronto com outras pessoas que estavam dispostas a debater, e foi muito intenso. Eu já tinha passado por algumas situações desafiadoras antes. Então, quando entramos na escola, como aluna da instituição, negocie com a diretora e a polícia logo no início. Meus colegas estavam comigo, mas na hora de defender nossas ideias, eu tomei a frente. Quando um professor vinha nos insultar no portão, eles me chamavam. Todos os meus colegas também. Mas nesse momento de expressão de ideias, argumentação

e confronto com o poder que sempre esteve presente em nossas vidas, eu acabei recebendo mais destaque. Tanto que a diretora da escola, antes de sair do local – ela permaneceu lá durante toda a manhã e metade da tarde do primeiro dia da ocupação, em horas e horas de debates e discussões –, fez um documento à mão, onde escreveu que eu ficaria responsável pela escola e pelos alunos. Isso acabou gerando uma grande preocupação para mim depois, pois percebi que poderia enfrentar consequências sérias se algo acontecesse. Lembro-me que recebemos apoio jurídico, com advogados presentes na escola e doações de alimentos de várias pessoas. Entre os grupos que ofereciam ajuda, havia três advogados que estavam circulando pelas escolas e me tranquilizaram, dizendo que, na pior das hipóteses, me forneceriam apoio jurídico.

Cecília destacou que diversos partidos e coletivos a procuraram para filiação, mas por não concordar com hierarquias e com o modo de funcionamento das organizações partidárias, pouco tempo depois das ocupações se distanciou do Discórdia, optando por se manter autônoma, conforme será discutido em outro capítulo. Ao finalizar a entrevista, após ter tratado de temas diversos relativos ao momento atual de sua vida, Cecília foi questionada se havia algo de importante que não havia sido exposto e que gostaria de dizer. Ela então retomou o relato acerca dos dias da ocupação, destacando a horizontalidade e, sobretudo, o apoio mútuo entre os jovens:

Eu acho que sobre o ambiente a ocupação, né? Que como a gente já falamos, foi um momento no qual toda a ordem hierárquica quebrou. O espaço da escola também foi ressignificado. Foi ressignificado a partir de uma criação espontânea. Não havia nada dessa estrutura do cotidiano da escola normal e, mesmo assim, a gente aprendeu muito mais do que naquela estrutura da escola. E muito mais no sentido de acolhimento, muito mais no sentido de autogestão, cidadania, noções de política, o papel da política e o papel do Estado... [...]. Estávamos ali, tomando todas as decisões em conjunto; tivemos diversas aulas, aula de música, teatro. A escola foi outra coisa! E outro ponto no Carolina, é que havia alunos que tinham plena consciência de que estavam fazendo política, enquanto havia outros alunos que estavam ali para fugir do ambiente da casa. Por exemplo, tinha uma aluna que namorava um rapaz que estava preso. A mãe dela parou de falar com ela porque ela não queria terminar o relacionamento e, naquele momento, ela estava com suspeita de gravidez. Então durante esses 15 dias ela morou na ocupação, pois era um espaço de muito acolhimento e de cuidado. Aqui em Sorocaba, aconteceu de roubarem a escola durante a ocupação. Roubaram o Carolina, só que não foi a mão armada, não fizeram reféns. Mas houve uma outra escola em que fizeram, mas eu não lembro qual. Não vimos quem foi, levaram apenas equipamentos. Porém depois disso, além de temer pelas ameaças da polícia e das forças políticas, eu me sentia muito em risco, porque parecia que não havia uma proteção ao redor do bairro. Era uma ameaça de todos os lados! Então eu tive um surto de

tanto medo. Eu ouvia o barulho em cima da escola, já imaginava que era assalto. Falava: “gente, tem alguém lá em cima”! O pessoal tinha preparado umas armas, tipo pedaço de pau. Aí todo mundo saía correndo, pulava o muro para achar a pessoa e, no fim, não tinha ninguém. Isso aconteceu várias vezes. Eu entrei num estado de surto nervoso e até fizeram um chá pra mim. Prepararam um chá calmante. Tinha muito esse cuidado. Hoje eu mal tenho contato com as pessoas que estavam na ocupação, mas o sentimento que a gente tinha ali era de que estávamos em família. A gente se sentava ao redor da barraca antes de dormir e eu lembro de todo mundo se abraçar. Teve muito cuidado e todo mundo compartilhava as responsabilidades. Por mais que fosse uma questão política ou não, havia diversos motivos para estarmos ocupando a escola. E sendo político ou não, criou-se essa consciência coletiva, que é o que a gente precisa hoje.

Joaquim era estudante da escola Lima Barreto, localizada na periferia de Sorocaba. Ele estava no segundo ano do ensino médio quando ocupou sua escola e fazia parte do Revolução. Embora seja filho de pais militantes de um movimento de luta por moradia e filiados a um partido de esquerda, sua aproximação com a política se deu pelo contato com outros jovens, em 2014, quando foi com um grupo de outra juventude partidária para um ato em São Paulo, pela reeleição de Dilma Rousseff. Joaquim relatou ter se “encantado” pela manifestação, mas, no entanto, não chegou a filiar-se e nem frequentar reuniões desse grupo, aproximando-se do Revolução alguns meses depois, após conhecer os militantes em um sarau organizado por um sindicato. Segundo Joaquim: “Era muito legal ser do Revolução. No Revolução, eu aprendi várias coisas: de como ser militante e de como não ser militante (risos)”. Joaquim associou as ocupações a um processo de empoderamento, reflexividade e construção da autonomia. Após seu fim, ele acabou se distanciando do Revolução e se aproximou de ideias anarquistas:

A ocupação, em 2015, representou para mim um processo de empoderamento muito grande, porque foi um momento em que a gente começou a se organizar e sentiu o poder da organização estudantil e isso, querendo ou não tem poder. O empoderamento é uma questão de ter o poder. A gente uniu as forças dos estudantes e começou a ver que tínhamos poder. Foi um processo de muito empoderamento. E aconteceu de forma muito espontânea, existiam pessoas que se organizavam dentro de movimento estudantil, eu fiz parte de um coletivo na época, eu já estava participando do Revolução fazia um tempo. E foi no período da ocupação que comecei a despertar dentro de mim os olhares para esse tipo de crítica, de como ser um militante, de como lutar pela minha causa, de começar a entender mais que a minha luta não era representada por aquelas pessoas que estavam fazendo conciliação, sabe? Acho que a ocupação mostrou como os trabalhadores, e no caso os estudantes, conseguiram se organizar com autonomia. Autonomia estudantil: nós

por nós. Esse negócio de partido já não era tão importante naquele momento, a gente já não estava tão ligado a isso... A gente tinha uma causa estudantil, era uma coisa bem clara. A gente não queria levantar bandeira de partido, de movimento, de nada disso. E mesmo que tivesse uma pequena pressão para que isso acontecesse, porque apareciam uns caras de partidos que queriam falar para a gente o que deveríamos fazer. Então foi durante as ocupações que eu fui me distanciando do Revolução e fui conhecendo mais as teorias anarquistas, que acho que me representam muito mais.

Lucas era do Insurreição e estudava na escola Augusto dos Anjos, localizada em uma pequena cidade da Região Metropolitana de Sorocaba. Além de ocupar sua escola, em 2015, participou da ocupação da escola Hilda Hilst e da Diretoria de Ensino, em Sorocaba, e da ocupação da Assembleia Legislativa, em 2016. Embora seja de uma família de militantes de um movimento de luta pela terra e tendo crescido em um assentamento rural, foi quando estava no terceiro ano do ensino médio, poucos meses antes das ocupações, que conheceu o Insurreição, por meio de uma moça com a qual ele flertava, em um grupo LGBTQIA+ do Facebook. Em seu relato, Lucas destacou a diferença entre as ocupações de sua cidade e as de Sorocaba, destacando o conservadorismo ainda mais intenso presente nas cidades menores:

As ocupações abriram um leque na minha cabeça em questão de crescimento pessoal, de crescimento político. De práticas que eu tinha que eu passei a me cuidar para não ter mais. Práticas de como me relacionar com as pessoas, a questão amorosa, entende? A questão do feminismo, que estava sempre pautado dentro das entidades que eu participei, sempre pautado no movimento estudantil, sempre pautado nas ocupações. Então isso me ajudou bastante no crescimento pessoal, mesmo que antes das ocupações eu já estivesse inserido no movimento estudantil. Mas acho que depois delas, depois de estar dentro de uma ocupação, onde você está lidando com grupo de trabalho, com grupo de pessoas, a maneira de se relacionar como ser social mesmo, muda muito. Eu participei de três ocupações: na cidade de Sorocaba, na minha cidade e a da ALESP. E eu percebi a diferença pelo lugar, pelo espaço geográfico que a gente está. E aqui na minha cidade foi o pior, foi o pior! Porque a gente sente na raiz, a gente sente na cara a questão do conservadorismo. A questão de como as pessoas não estão dispostas a ouvir o diferente, a ouvir o que está acontecendo. Acho que essa questão do conservadorismo pesou bastante. A ALESP foi em 2016, pela merenda. Acho que a ocupação da ALESP foi a minha maior experiência de vida. Porque a gente sofreu ameaça, a gente ficou no frio, foi bem curioso.

Sobre a ocupação de sua escola, Lucas destacou que foi a primeira e única ação direta em sua cidade. Em um primeiro momento, o objetivo era somente o boicote ao SARESP, mas a adesão foi tão grande que permaneceram por cinco dias:

Porque ação direta mesmo aqui na cidade, a única que teve foi a ocupação, em 2015. E eu que comecei a ocupação. A gente decidiu um dia antes, umas meninas da minha sala e um amigo. Eu fui de noite na escola, tranquei o portão principal com um cadeado e uma corrente próprios. Eu já tinha participado da ocupação do Hilda, em Sorocaba e na da Diretoria de Ensino. Eu fui sozinho. Era dia de SARESP. Eu falei: nós vamos boicotar o SARESP! Não vai ter SARESP. A ideia era essa: vamos boicotar o SARESP! Era para ser só dois dias, durou cinco (risos). E teve bastante gente. Eu precisava da chave da funcionária para fechar o outro portão e ela praticamente me agrediu[...]. Nossa, foi muito cansativo. Porque chamaram a polícia, queriam me prender. A minha mãe foi na frente da escola querendo me tirar de lá pelos cabelos. Não tinha nenhum maior de idade na ocupação, então foi o Conselho Tutelar, tive que assinar vários termos. E a gente fez palestra, a gente teve aula de português, teve as oficinas. Foi bem legal depois. Era para ficarmos só dois dias, que eram os dias do SARESP, mas a gente se empolgou, porque a gente começou a receber comida, a gente recebeu roupa recebeu colchão, a gente foi ficando...E esses cinco dias foram mais valiosos do que dois meses de aula, porque eu nunca vi os estudantes tão disciplinados. Foi fenomenal. Eu acho que esse sentimento de fortalecer uma coisa assim traz mais naturalidade para as pessoas participarem das coisas. Foi a partir da ocupação que comecei a pensar sobre esse sentimento das pessoas de participar naturalmente das coisas, sem necessariamente estarem envolvidas diretamente com o partido político, mas de fazer parte, de ser útil. Isso move muito as pessoas, move muito as causas.

Lucas destacou, ainda, que foi uma das lideranças do movimento da sua cidade, junto com o grupo de meninas mencionado. Na primeira entrevista, em 2020, ele ainda não havia passado pelo processo de transição de gênero e ressaltou que: “Foi uma mulher lésbica a responsável pela maior ação política que essa cidade já viu”.

Neste grupo, é possível notar que dentre os jovens previamente engajados em partidos e juventudes partidárias, Mel, Maria, Joaquim e Lucas são oriundos de famílias cujos membros também eram vinculados a partidos e/ou a movimentos sociais, o que pode sugerir a relevância da socialização política familiar para seus engajamentos posteriores.

Anne Muxel (2008) ao analisar a relação dos jovens franceses com a política na contemporaneidade, destacou que a despeito de um contexto de mutação social, no qual há um processo de individualização da socialização, que leva os indivíduos a

tomar suas decisões de forma cada vez mais autônoma e liberada das prescrições e mediações das instituições, a família ainda tem um peso relevante na formação das identidades políticas. Partindo dessa abordagem, o engajamento juvenil não é concebido como mero reflexo dos engajamentos familiares, mas sim como um processo multifacetado, que se constrói pela conjunção entre as disposições prévias, os múltiplos espaços de socialização e as experiências dos indivíduos. Além dos estudos franceses (Fillieule, 2001; Muxel, 2008) pesquisas nacionais também têm partido dessa perspectiva, tanto para a compreensão do engajamento em partidos políticos (Brenner, 2011) quanto em movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (Carvalho-Silva; Tomizaki, 2021), ambientalistas (Oliveira, 2008) e causas variadas (Seidl, 2009).

O protagonismo feminino e LGBTQIA+ no movimento de ocupações, discutido em pesquisas anteriores (Moresco, 2020), foi evidenciado pela maior parte dos relatos desse grupo, tanto entre aqueles que se identificaram como lideranças, caso de Mel, Janaína e Lucas, quanto aqueles que embora não se reconheçam enquanto tais, tomaram a frente e foram responsabilizados pelas ocupações de suas escolas, como Ludmila, Maria e Cecília.

Estudos que se dedicaram à interpretação das emoções evocadas pela participação nas ocupações secundaristas observaram, a partir da análise de entrevistas realizadas em temporalidades distintas, que a autorreflexividade e a mobilização de emoções negativas tende a ser maior quanto mais distante é o tempo entre a ação coletiva e a entrevista (Meucci; Sallas, 2021; Groppo; Sousa, 2022). Groppo e Alves (2022), destacaram a centralidade das lideranças, em sua maioria femininas, no apoio emocional dos colegas durante as ocupações, sendo muitas delas chamadas de “mães”. Nos relatos ora apresentados, observa-se que os sentimentos de “culpa” e “medo” evocados pelas jovens remetem à outra face menos luminosa da participação feminina no movimento, que é a intensa responsabilização pelo cuidado com o outro. É bastante explícito nos relatos de Mel e Ludmila a percepção de si mesmas como responsáveis pela segurança dos colegas e a culpa por eventuais percalços por eles experimentados.

A defesa da autonomia dos estudantes em relação aos partidos, já bem estabelecida na literatura sobre as ocupações (Groppo; Oliveira, 2021; Sallas;

Gropo; Santana, 2023), se fez presente entre uma parte dos jovens a eles vinculados, tal como exposto pelos depoimentos de Cecília, Maria e Joaquim. A fala de Cecília, sobre a ocupação ser um espaço de acolhimento, onde prevaleceram os princípios de solidariedade, horizontalidade e o apoio mútuo, remete às políticas prefigurativas comuns aos movimentos da indignação (Pleyers, 2023), em que os valores e ideais defendidos são postos em prática durante a ação coletiva.

## **5.2. Independentes: engajamento prévio não-partidário**

Kamila ocupou a Escola Estadual Machado de Assis, situada no centro de Sorocaba. Ela estava no primeiro ano do ensino médio quando participou das ocupações e, antes delas, fazia parte de um coletivo ambientalista que funcionava na escola. Embora a Machado de Assis tenha sido uma das escolas que mais recebeu apoio externo, foi também uma das que sofreu maior repressão, em especial por parte da direção, tanto que a primeira frase dita durante a entrevista de Kamila foi justamente sobre as ameaças do diretor aos estudantes: “Aconteceu uma situação específica que não foi falada em entrevista nenhuma, em entrevista nenhuma: o diretor chegou com um pedaço de pau no portão. E eu estava lá. Ele chegou e falou: “Saíam da minha escola! Saíam da minha escola!” E um amigo meu falou: “a escola não é sua, a escola é nossa!”.” Ela lembrou que o diretor a submeteu a uma série de interrogatórios e ameaças para delatar os colegas, inclusive de expulsão, a qual não se concretizou após sua mãe ir até a escola conversar com ele. Outras estudantes que estudaram na mesma escola, como Helena, Janaína e Olga, também sofreram essas ameaças - as duas últimas foram impedidas de se matricular no ano seguinte.

Helena era estudante da escola Machado de Assis e estava no segundo ano do ensino médio quando participou das ocupações. Moradora de um bairro da periferia de Sorocaba, sua mãe a matriculou no Machado de Assis por considerar o ensino melhor do que em seu bairro, onde ela estudou durante o ensino fundamental. Sua participação na ocupação do Machado de Assis foi breve, decidindo se integrar à ocupação da sua escola anterior, a Escola Estadual Clarice Lispector. Dentre as razões pelas quais ela decidiu ocupar a escola de seu bairro, Helena destacou o fato



da localização da escola ser em frente à casa em que residia na época e, também, o fato do Clarice Lispector ter recebido muito menos apoio do que a do Machado de Assis, situada na região central.

Ainda que tenha ficado poucos dias na ocupação da escola Machado de Assis, Helena sofreu represália por parte do diretor, que também a ameaçou de expulsão:

O diretor da minha escola me chamou, chamou minha mãe e recebi uma ameaça de expulsão, porque ele sabia que eu havia ocupado a escola, obviamente. E minha mãe achou que eu ia virar uma vândala, que eu ia pichar muro de escola, que eu ia enlouquecer! Eu não sei o que aconteceu, não sei como foi a conversa entre eles; inclusive, entrei depois, porque ele conversou somente com a minha mãe primeiro. Foi terrível. Tive amigas expulsas do Machado.

Helena atribuiu seu primeiro contato com a política à sua irmã, que era estudante de psicologia em uma universidade federal e trouxe para a família debates sobre questões étnico-raciais. Além disso, salientou que frequenta a parada LGBT desde 2013, embora não tenha feito parte de nenhum coletivo ligado à causa LGBTQIA+, participava de protestos.

Conforme dito anteriormente, Helena estudava na escola Machado de Assis na época das ocupações, mas foi na Clarice Lispector que ela passou a maior parte delas:

Eu fui para São Paulo, participei de diversos protestos! Conversei com funcionários da prefeitura aqui de Sorocaba, com moradores dos bairros, principalmente porque a gente usava muito os equipamentos públicos [nome suprimido]. Por essa razão precisávamos sempre estar em contato com quem tomava conta dos equipamentos públicos [nome suprimido], e para liberação de eventos também, porque o nosso foco, na verdade, era na periferia. Até por isso que eu saí da ocupação do Machado, porque havia muita gente lá, todo mundo queria participar da ocupação do Machado, afinal, está localizado no centro da cidade, né? O restante das escolas ficava ofuscado e elas sofriam bastante represália. As escolas periféricas foram as que mais sofreram. Então optei por ficar na escola do meu bairro, que foi onde eu cresci, na realidade. Entrei na quinta série e estudei lá até o oitavo ano. Era em frente à minha casa. Aproveitei que era perto, inseri-me e me adaptei totalmente à ocupação.

Naquele ano de 2015, participou intensamente de protestos estudantis antes das ocupações, mas foi a partir delas que entrou em contato com a juventude partidária que fez parte e se engajou de forma ainda mais intensa. Em seu relato,

embora tenha sofrido perseguição na escola em que estudava, Helena rememorou os aspectos positivos da experiência de ocupação:

Foi incrível. Toda vez que eu converso com qualquer pessoa que participou da ocupação comigo, comentamos sobre esse assunto. Ele se torna pauta, nem que seja durante cinco minutos de conversa, porque realmente foi muito incrível. Mudou a vida. E você muda por completo, você entende a opressão onde estava, em todos os âmbitos da sua vida. Se você está ali participando, você quer saber mais. E aí você vai saber mais sobre tudo, né? Sobre todos os aspectos em relação a você na condição de estudante e relação à sua condição humana mesmo, participante da sociedade.

Sobre os desafios vividos, Helena destacou o fato de as escolas periféricas terem recebido muito menos apoio do que as escolas centrais, fato também observado por Augusto, conforme supracitado. Além disso, Helena mencionou a questão do tráfico de drogas na região, fato observado em outras pesquisas (Corsino; Zan, 2017) - e citado por Ludmila, estudante de outra escola periférica- o que levou à necessidade de negociação entre os estudantes e os traficantes a fim de que a ocupação permanecesse.

Dandara estava no terceiro ano do ensino médio quando participou das ocupações, em 2015. A escola em que estudava, onde fazia ensino médio integrado ao técnico, não foi ocupada, mas ela participou ativamente da ocupação da escola Conceição Evaristo, situada na periferia de Sorocaba.

Dandara havia feito parte de um coletivo feminista anteriormente, mas saiu por ver situações de violência de gênero dentro do próprio coletivo. Iniciou seu discurso dizendo que achava necessário expor alguns aspectos negativos do que aconteceu durante as ocupações, mas, ao mesmo tempo, temia que suas críticas soassem “anti movimento”, em suas palavras. Sobre os aspectos negativos, relembrou uma situação de importunação sexual que sofreu enquanto estava dormindo na escola, por parte de um homem que não era secundarista, mas que, por ser filiado a um partido, estava dando apoio às ocupações. Tal fato levou os ocupantes da Conceição Evaristo e de escolas próximas a não permitir a presença de militantes que não fossem integrantes do movimento secundarista. Além dessa situação de violência, Dandara sofreu ameaças em sua escola de origem que, mesmo não tendo sido ocupada, a direção, por saber que ela participava do movimento, disse que se ela tentasse ocupar, seria expulsa e perderia o ensino médio. No Conceição Evaristo, escola em que ficou quase

um mês, Dandara disse que os ocupantes sofreram todo tipo de perseguição: de alunos que eram contra as ocupações, de traficantes de drogas da região e por parte da inspetora, que ameaçou agredir os alunos. Naquele momento, em que sofreram diversos ataques, os estudantes solicitaram a ajuda de um sindicato, que forneceu apoio:

Além de todos os problemas, enfrentamos ataques por parte de alguns alunos do período noturno que não aceitavam a ocupação, seja por falarem que não conseguiriam se formar por nossa culpa ou por outros motivos. Houve até ameaças físicas, com alguns deles portando facas! Foi um momento muito assustador, e decidimos buscar ajuda na comunidade local e até mesmo com grupos como o sindicato [nome suprimido]. Explicamos nossa situação para traficantes locais, pedimos proteção, mas eles também estavam irritados com a presença frequente da polícia na escola por nossa culpa, o que, segundo eles, afetava suas atividades. Essa situação nos deixou bastante apreensivos, mas o sindicato nos orientou a contatá-los caso precisássemos de apoio

Apesar das violências sofridas, Dandara lembrou do movimento de forma saudosa e pretende, inclusive, fazer um trabalho acadêmico sobre ele. Salientou sobre o caráter educativo dos debates e palestras realizados que, para ela, foram importantes ações de formação política e de cidadania, além das atividades culturais e esportivas que não ocorriam durante o ano letivo e se tornaram diárias no mês em que estiveram dentro da escola.

Jhon era estudante da escola Graciliano Ramos, também localizada na periferia de Sorocaba e estava no segundo ano do ensino médio quando participou das ocupações. Ele começou a se engajar politicamente após conhecer o movimento hip-hop, em 2014, através de um jogo online. Nesse jogo, os jogadores utilizavam um aplicativo para se comunicar e, alguns deles, iniciavam a conversa fazendo rimas, o que chamou a atenção de Jhon, que logo começou a elaborar suas próprias rimas e a participar de batalhas virtuais. Pouco tempo depois, Jhon começou a participar de batalhas presenciais, inserindo-se de forma intensa no movimento hip-hop.

No primeiro semestre de 2015, época em que ocorreu uma grande greve dos professores de escolas estaduais, Jhon acompanhou seu professor de Geografia nas manifestações, criando rimas em apoio à greve e à educação pública. O contato com esse professor e com o movimento hip-hop o levou a se interessar por política, lendo

diversos autores indicados pelo docente e acompanhando-o em diversos os protestos que ocorreram na cidade.

Durante o movimento de ocupações, Jhon e seus colegas, que também eram do movimento hip-hop, criaram um grupo com o objetivo de ser um coletivo autonomista dentro do movimento estudantil secundarista. Esse coletivo rechaçava a presença de partidos e juventudes partidárias nas ocupações, nas quais engajaram-se intensamente, em 2015 e 2016, realizando debates sobre anarquismo, movimento negro, feminista, LGBT e, evidentemente, batalhas de rimas, já que se originaram do movimento hip-hop.

Então, já tinha os MCs que acompanhavam os movimentos de protesto e tudo mais, e então comecei a me envolver com os MCs que cantavam aqui e nos eventos locais de hip-hop e rap. Fui me aproximando aos poucos. E durante as ocupações, tive contato direto, porque queríamos protestar e nos manifestar na ocupação da Graciliano, tudo isso em 2015, praticamente ao mesmo tempo em que comecei a rimar. Ah, verdade, esqueci de contar um detalhe: em 2015, depois que comecei a frequentar as batalhas de rap, tem um professor conhecido nosso, você também o conhece. Ele também frequentava as batalhas e começou a frequentar os eventos conosco. Ele já estava envolvido na militância educacional e compartilhava conhecimento conosco. Ele era aquele professor que colocava música de rap nas aulas de Geografia. Ele também foi uma influência para eu me envolver nesse meio, encorajou-me a ingressar na militância, a participar dos protestos. Ele ia aos eventos para nos apoiar nas batalhas e nos shows dos MCs. E foi assim. Fomos às manifestações e, em uma delas, em 2015, ele conseguiu um espaço com microfone, e assim fomos nos aproximando das pessoas, participando dos protestos, principalmente porque naquela época a luta era pela educação, então havia muitos estudantes e professores envolvidos. Também entrei em contato com os orientadores pedagógicos, fomos conhecendo as escolas.

Chico participou da ocupação do Instituto Federal de sua cidade, que compõe a Região Metropolitana de Sorocaba e do campus da capital, que contou com a presença de estudantes dos diversos institutos federais do estado de São Paulo. Conforme dito, as ocupações de 2016 fizeram parte da segunda onda e reivindicavam pautas de caráter nacional.

Chico havia ingressado no grêmio estudantil um pouco antes das ocupações e, até aquele momento, não havia participado de uma ação coletiva tão expressiva. Em seu relato, enfatizou o fato de ser um jovem de classe média, que estudou numa

escola particular durante o ensino fundamental e, portanto, não tinha muito contato a educação e demais serviços públicos: “Até então eu, como um jovem de classe média, o Estado ele não tá tão presente, né? Não por culpa do Estado, mas sei lá, você vai no médico, eu ia no particular, ia também no SUS, mas ia mais no particular, então você não entende. Aí surgiu algo que ia sucatear o IF, que ia interferir diretamente na minha vida”. Sobre a gênese da ocupação no Instituto Federal em que estudava, descreveu:

Começou com o grêmio, o grêmio estudantil. A minha turma do Ensino Médio foi a primeira turma aqui do IF. Sempre tinha um professor de sociologia que incentivava. Eu nem queria participar do grêmio. Vindo de uma escola conservadora, particular, tinha uma mentalidade fechada. Quando entrei no IF, tudo mudou, e eu relutava em aceitar essa mudança, sem compreender a função de um grêmio. No entanto, um amigo que estava envolvido me convidou. Eventualmente, assumi o cargo dele. O grêmio começou com quatro pessoas, mas teve um grande impacto na escola. Depois, veio o diretor, que convocou todos os estudantes para o auditório e explicou que não seria possível seguir com o projeto devido à PEC 241 e à reforma do ensino médio. Fiquei surpreso com o conhecimento detalhado do diretor sobre essas questões. Isso me fez perceber que algo que eu valorizava estava ameaçado. Como um jovem de classe média, eu ainda não tinha plena consciência do papel do Estado em minha vida. Comecei a entender melhor ao coordenar a articulação entre os grêmios da região e organizar uma reunião com todos os grêmios do IF. Lembro-me de encontrar todos eles discutindo fervorosamente, e uma das propostas discutidas era a ocupação. Aceitei a proposta, mesmo sem compreender completamente o que significava. Voltamos para a reunião e decidimos ocupar a reitoria do prédio de São Paulo. Havia cerca de 26 grêmios envolvidos. Foi tudo planejado em sigilo, e começamos a recrutar pessoas discretamente. Enfrentei a oposição dos meus pais, que achavam que eu era muito novo para participar, principalmente considerando a oportunidade que eu poderia ter na faculdade. Meu pai, formado em uma universidade pública, tinha uma visão particular sobre faculdade pública e protestos e achava cedo para eu militar. Porém, insisti e participei da ocupação desde o início

Ao recordar a ocupação, Chico elencou somente os aspectos positivos.

Chegamos lá e realizamos uma assembleia para garantir a democracia e a legalidade. A proposta da ocupação foi aprovada e foi uma experiência sensacional! Como um garoto de classe média, que estudou em escola particular e tinha uma visão limitada, foi uma mudança brusca. Meus colegas do ensino fundamental, por exemplo, votaram no Bolsonaro. Chegando lá, me deparei com um mundo totalmente diferente, uma diversidade de pessoas, algumas da minha idade ou até mais velhas, com um conhecimento vasto, habilidade de

expressão e capacidade de persuasão, enriquecendo muito minha experiência. Coloquei essa ocupação facilmente no top cinco de eventos que mudaram completamente minha vida, e talvez até em primeiro lugar. Lembro que, após retornar, as pessoas notaram uma mudança em mim. Eu havia crescido, evoluído. Tive a oportunidade de participar de diversos minicursos e, acima de tudo, compreendi o funcionamento e a importância de uma coletividade. As assembleias de quatro horas, as diversas comissões como de segurança, limpeza, mobilização e cozinha funcionando harmonicamente, tudo isso foi uma verdadeira luz que se acendeu em minha mente, algo que me orgulho muito. A ocupação mudou minha perspectiva de mundo, a maneira como sinto e percebo as coisas, inclusive o outro. Percebi que o mundo é muito maior do que imaginava e que a luta é necessária.

### **5.3. Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação**

Ariel, era aluna do segundo ano do Ensino Médio durante as ocupações e estudava na escola Carlos Drummond de Andrade. Ela prosseguiu na escola no ano seguinte e relatou ter sido denominada como “uma das chatas da ocupação” pelo fato das aulas terem se estendido ao período das férias devido ao movimento.

Ariel não fazia parte de nenhum coletivo ou organização e teve nas ocupações a sua primeira experiência de engajamento em uma ação coletiva. Ela também lembrou a tentativa de invasão citada por Mel e ainda destacou que o próprio diretor da escola tentou entrar na ocupação inúmeras vezes, inclusive com a polícia: “O diretor queria invadir a ocupação então ele chamava a polícia no meio da noite para arrombar o portão da escola. Então chegava polícia no meio da noite para tentar abrir o portão e a gente tinha que agir rápido!”. Sobre o diretor, Ariel lembrou as inúmeras perseguições e ameaças perpetradas por ele, que se utilizava de sua orientação sexual para constrangê-la e intimidá-la a delatar seus colegas que participaram das ocupações. Ela relatou que o diretor ameaçava contar sobre sua bissexualidade para sua família como represália por ter participado das ocupações, salientando o intenso sofrimento psíquico que sofreu:

A gente não teve nenhum apoio do ponto de vista psicológico. Nós estávamos lá dentro, sendo submetidos a coisas horríveis, como, por exemplo, o próprio diretor utilizando as câmeras para monitorar quem estava presente e inventando situações falsas para os pais, entendem? Dizendo coisas erradas que não estavam ocorrendo lá dentro, acusando alunos de comportamentos inadequados, como uso de drogas, para que os pais interviessem, pois ele conhecia o poder de influência deles. [...] Ele sabia que a maioria dos participantes era LGBT, então sabia como usar isso contra nós. Ele sabia que eu era

bissexual e ameaçava contar para minha mãe, dizendo: 'Você acha que eu não sei que sua mãe não sabe? Se você não me contar quem estava lá (na ocupação), eu vou contar para ela.' Ele fazia ameaças, não só a mim, mas também à K. (colega que participou da ocupação)... Foram muitas coisas e minha saúde mental ficou muito abalada. Após voltar, precisei passar por acompanhamento psicológico e psiquiátrico por um longo período devido aos eventos ocorridos durante e após a ocupação. Além disso, sofri bullying e ameaças, como 'vou matar você' por ter participado da ocupação. Não recebemos nenhum apoio após o retorno às aulas, inclusive, fomos perseguidos por outros alunos.

Ariel salientou o apoio que tiveram de advogados:

Como tínhamos muitos amigos advogados, eles nos ajudavam com as causas sem cobrar nada, sabem? Eles estavam ao nosso lado. Graças a essa ajuda dos advogados, eles não invadiram, mas o diretor tentava, sabem? Era algo surreal. Ele começou a monitorar através das câmeras quem estava dentro, e tivemos que cobrir todas elas. Eu fui muito perseguida.

Apesar de enfatizar a perseguição sofrida, Ariel trouxe dimensões positivas das ocupações, como o fato de não haver LGBTfobia, bullying, além dos aprendizados advindos dos debates e a sociabilidade propiciada pelo estar junto:

Fazíamos debates, muitos debates. Então, por exemplo, discutíamos sobre o Ensino Médio. Não sobre a reforma em si, porque não abordávamos muito esse tema, mas sim sobre outras questões, como 'sexualidade no ensino médio. O que você acha?' Nos reuníamos em roda e cada um tinha que expressar sua opinião. 'Alguém mais quer falar? Não? E você, o que gostaria de dizer?' Aprendemos muitas coisas, entende? Inclusive, alguns professores de sociologia, história e de outras disciplinas de outras escolas participavam conosco, ensinavam novas matérias. Alunos que tinham dificuldades em ler e escrever também vinham para nos ensinar. Era muito gratificante. Pude compreender mais profundamente o que é educação, entende? Foi um novo ponto de vista que adquirimos. Eu gostava muito de estar lá, porque sentia como se fosse minha segunda família. Era muito bom, tinha muitos amigos. Era um lugar onde não era julgada, onde não sofria bullying como na escola. Na ocupação, todos se divertiam, brincavam, dançavam.

Além da sociabilidade, Ariel atribui às ocupações à autoaceitação de sua sexualidade. Ainda que na época tivesse se distanciado da igreja evangélica e já se entendesse como bissexual, ela disse que ainda se reprimia e tinha medo de “ir para o inferno”. Ela salientou que a maioria dos jovens que ocuparam sua escola pertenciam à comunidade LGBTQIA+, o que suscitou a reflexão a respeito o que diziam na igreja a respeito de sexualidades não-heteronormativas:

A maior parte das pessoas que estavam na ocupação era do grupo LGBT. É, pelo menos, grande parte deles era LGBT. E assim, uma coisa que eu olhava assim por ter muito LGBT lá dentro eu olhava e falava "nossa, vai todo mundo pro inferno, aí, meu Deus do céu! Vai todo mundo pro inferno! Se Deus vir aqui agora vai todo mundo pro inferno! E aí eu comecei a olhar, comecei a ver, conviver com essas pessoas e comecei a refletir e falei: "Não, não é isso! Não é assim!"

Olga participou da ocupação do Machado de Assis quando estava no nono ano do ensino fundamental e foi impedida de se matricular na escola no ano seguinte por ter feito parte do movimento- "expulsa", em suas palavras. Segundo ela, o diretor intimidou seu pai para que ele a matriculasse em outra escola, caso contrário, ele a expulsaria. Apesar dessa violência, ela ressaltou diversas vezes os aspectos positivos dessa experiência, a partir da qual iniciou seu engajamento político, conforme será discutido em capítulo posterior. Em suas palavras:

Aquela ocupação de 2015 mudou minha vida e sou muito grata por isso. Se não fosse pela ocupação, a vida seria difícil... Não teria sido expulsa, não teria ido para o Manuel Bandeira, não teria conhecido meu namorado, não teria conhecido a universidade, não teria percebido o quanto desejo ser professora e talvez não teria conhecido as pessoas que tanto me transformaram. As pessoas que conheci na ocupação mudaram minha vida profundamente. Uma delas é como uma irmã mais velha para mim. Ela é maravilhosa, me deu muito suporte. Fomos expulsas juntas, sem conhecer ninguém. O diretor conseguiu o que queria, ainda está no Machado de Assis até hoje. Mas mudou minha vida. Foi bom ocupar, porque minha primeira experiência política foi a ocupação, embora tenha tido consequências negativas. Fui expulsa da escola. Ele alegou que algumas partes da escola foram quebradas em um incidente em que alguns jovens entraram e causaram danos, mas não fomos nós, da ocupação, e que também arrombamos a cozinha. De fato, arrombamos a cozinha porque precisávamos comer. Não usamos a comida da escola, mas precisávamos de um lugar para preparar nossa própria comida, de um fogão. Essas foram as alegações dele. No entanto, ele agiu de maneira ilegal. Meu pai foi até lá conversar e ele disse: 'ou eu tiro sua filha ou a expulso'. Meu pai preferiu me tirar, porque se ele me expulsasse, ficaria registrado em meu histórico escolar. Mas várias pessoas foram expulsas sem assinar a expulsão, e no ano seguinte apareceram numa lista no portão com os nomes das pessoas expulsas. Não comunicaram aos pais, não sei exatamente o que aconteceu, mas acredito que tenham perdido o ano letivo, porque como conseguir uma vaga assim, né?

César era estudante da escola Manuel Bandeira, localizada na região central de Sorocaba. Sua primeira experiência de engajamento político foi a ocupação, quando estava no primeiro ano do ensino médio. César estudava no período da



manhã na Manuel Bandeira e numa escola técnica do Centro Paula Souza à tarde. Em diversos momentos, citou a qualidade do ensino e o prestígio da escola, fato que o levou a engajar-se contra o projeto de reorganização escolar. Tem memórias positivas da experiência de ocupação de sua escola, a qual recebeu apoio significativo tanto externo, quanto da comunidade escolar - professores, direção e famílias. Embora tenha sido a Hilda Hilst a primeira escola a ser ocupada, César acredita que a ocupação do Manuel Bandeira foi a responsável pela adesão das demais escolas às ocupações:

O Hilda Hilst foi a primeira escola, acho que fazia uns quatro dias que estava ocupada e tal. E então decidimos ir lá! Pensamos: "vamos lá ver como é e tentar descobrir uma forma de ajudar a nossa escola". Naquela época, no Hilda, havia pessoas de uma organização política e todos tinham muito a dizer, tipo: "gente, o Manuel é no centro, não vai rolar, as pessoas moram longe, são diferentes, são burgueses, não vai dar certo, lá não dá para ocupar uma escola grande, a Diretoria de Ensino é perto, não vai rolar, não vai rolar!". Ouvimos o que tinham a dizer, e tudo bem, decidimos: "vamos ocupar o Manuel!". Foi algo muito organizado, porque eram pessoas que não estavam ali para brincadeira, que entendiam a importância do movimento, entendeu? E foi muito gratificante! Tipo, foi... a coisa mais maravilhosa da minha vida! Lembro-me de ficar muito feliz com isso, ainda me emociono hoje. Lembro-me de ficarmos na escola, os professores ficaram até o horário deles terminar, depois foram embora. Lembro-me muito bem de professores tirando do armário deles um suco, uma bolacha, uma maçã e deixando com a gente. Dizendo: "pessoal, amanhã estamos aqui para trazer mais coisas para vocês, fiquem em paz!". Tivemos o apoio dos professores, de alguns moradores da comunidade que levavam coisas, e lembro-me de uma senhora que foi e disse: "eu tinha perdido a esperança, vocês estão de parabéns, estão mostrando que é possível fazer". E lembro-me que, se não me engano, foi a sétima ou oitava escola a ocupar. Depois que o Manuel ocupou, teve um boom! Tipo, seis escolas ocuparam no mesmo dia, senão no dia seguinte, entendeu? Porque é uma escola de referência, com renome em Sorocaba. Foi a partir desse momento que começou a sair nos jornais, entendeu? Daí sim o movimento começou a ganhar força e foi muito gratificante. Tivemos apoio de professores. E era bom, era bom. Nos primeiros dias, tudo era novo, e eu, com a idade que tinha, sabe? Estava no primeiro ano, tudo era muito novo, e nossa, toda essa independência, tudo o que estava acontecendo. Foi incrível.

Contudo, com o passar dos dias, a euforia foi cedendo lugar ao cansaço e o fato de dormir na escola e ter a alimentação limitada foi tornando a experiência extenuante. Além disso, houve alguns embates com uma organização política de juventude e os ocupantes da escola, que queriam mantê-la independente de partido.

No Manuel em si, eu e os meus amigos, a gente sempre quis que fosse uma coisa apartidária, entendeu? Sem movimento, sem organização, sem nada. Então, a gente ocupou e a organização [nome suprimido], não vou falar mal, mas ela quis dizer que a ocupação foi dela, entendeu? Tipo, eles queriam ficar no primeiro dia, e tipo, falar: "a organização [nome suprimido] ocupou!", gravando vídeos para as redes sociais, porque eles são uma organização também, então é de importância pra eles. A gente falou: "não, vocês não ocuparam, a gente ocupou! Nós, alunos do Manuel, que não temos partido, nem filiação à nada, nós ocupamos!". E tipo, a gente meio que tocou eles de lá sem precisar falar, aí eles perceberam e foram para o Machado que foi o foco deles, da organização [nome suprimido]. Mas, assim, a gente sempre deixou claro que a gente não queria esse negócio de partido, a gente sempre falou que não, que era uma ocupação dos alunos do Manuel, não tinha partido, porque sabíamos que a partir do momento que a direita usasse do argumento de que era partidário, correríamos o risco de perder o apoio da sociedade. Queríamos que fosse um movimento realmente apartidário para poder mostrar que somos cidadãos. Somos alunos, é isso! Não precisamos de ninguém!

Assim como outros alunos que eram estudantes de escolas localizadas na região central, César salientou a diferença entre o Manuel Bandeira e a escola da qual era egresso em seu bairro, na periferia de Sorocaba:

Eu sempre tive uma paixão muito grande por essa escola, é uma escola que gera um amor muito grande mesmo. Então, a gente amava a escola, a gente tava defendendo não só a ideia, mas também o espaço físico, tudo era nosso, a gente que cuidava, era nosso! Era um sentimento de pertencimento mesmo, sabe? Eu sempre tive uma paixão muito grande por aquela escola. Eu acho que, por exemplo, por eu estudar numa escola de periferia antes, eu estudava na Graciliano Ramos, que também foi ocupada. E tipo assim, é diferente, sabe? As pessoas, elas não têm a mesma oportunidade. Então, às vezes, um professor de uma escola de periferia, ele não consegue dar aula, os grupos sociais são diferentes, entendeu? Geralmente uma grande parte que estuda na região central são pessoas que o pai e a mãe têm condições de pagar um ônibus, são pessoas têm uma qualidade de vida um pouco melhor, entendeu? E os pais tão mandando na escola, porque entendem a importância do filho estudar. Então, por isso, que manda pra uma escola no centro, porque ela tem um renome maior. Os meus professores eram professores excelentes, com doutorado, mestrado, sabe? Eram professores muito bons mesmo. E lembro que tipo, quando eu saí do Graciliano e falei para minha mãe na oitava série, comecei na oitava série, falei: "mãe, eu não quero estudar mais na Graciliano, porque eu não consigo estudar", falei: "o pessoal só brinca, eu não quero, eu quero estudar!". E daí, na época, ela conseguiu vaga pra mim lá no Manuel e assim, eu lembro que quando eu cheguei e vi que era perfeito, falei: "nossa, os professores tem qualidade aqui", eu entrei em uma turma

muito boa, eu falei: "eu tenho como estudar e é o que eu quero, eu posso estudar.

O apreço pela escola era tão grande que, mesmo após ter concluído o ensino médio, retornou a ela a fim de questionar a nova direção por ter apagado o grafite que fizeram durante as ocupações. Naquele momento, César era estudante de direito em uma faculdade privada:

Eu fiquei bem bravo, porque um dia vazou um no Facebook que um dos nossos grafites feitos na escada tinha sido apagado! Eles pintaram simplesmente o negócio! Fui à escola tirar satisfação! Eu fui à escola, falei: "quero falar com a diretora", cheguei lá fui falar, ainda tinha uma outra coordenadora, na época era nova, que já foi minha professora. Um pessoal que já me conhece, tipo, querendo ou não, o pessoal me conhece no Manuel, sabe? Sabem quem eu sou e tal. E eu cheguei lá, aí falei: "quero falar com você, por causa que eu não gostei disso e disso" e ela a princípio não gostou, ela ficou: "mas, que que eu devo satisfação?", eu falei: "eu sou integrante da sociedade, isso aqui é público, eu já fui estudante e isso é uma memória das ocupações! Faz parte da história!" Entrei na sala dela, ela começou: "você não me conhece e não sei que!", eu falei: "você não me conhece!", falei: "eu sou estudante de Direito, eu sou ex-aluno!" e me impus! Falei: "eu sei muito bem de legislação, eu sei muito bem o que se faz, sei muito bem ler direitos e daí ela viu que ela não estava falando com qualquer um, entendeu? Briguei um monte com ela, briguei um monte, monte, monte, monte! Falei pra ela, na cara dela, falei: "você não sabe você com quem tá falando! você me respeite, porque as coisas que eu já fiz por essa escola", tive que me impor, sabe? Eu falei assim: "me respeite, porque você não me conhece, se essa escola tá, de certa forma, do jeito que você pegou foi por causa que eu e vários alunos fizemos, porque nunca fizeram antes, entendeu?".

Igor participou da ocupação da escola Lygia Fagundes Telles, quando estava no terceiro ano do ensino médio. Morador de um bairro periférico, estudava no Lygia pela qualidade do ensino. Em seu relato, salientou todo o investimento familiar para que não estudasse nas escolas de seu bairro, consideradas "piores", fato que o levou a refletir, durante as ocupações - que inicialmente não apoiou - sobre a educação fornecida pelo Estado de São Paulo. Igor não fazia parte de nenhum partido ou coletivo, mas disse que tinha uma militância individual em prol da causa LGBTQIA+.

Então, vamos lá, 2015, que foram as ocupações, eu sempre na minha vida pessoal mesmo, sempre tentei ser muito político, embora se eu contasse pra idade que eu tenha hoje e pra idade que eu teria no ensino médio, a ideia de política seria outra, eu não teria os meus posicionamentos de hoje, porque oitava série, quando a gente entra

no ensino médio, a gente começa a ver sociologia, eu vi que eu tinha uns ideais muito de direita, e questões que eram bem radicais, com o tempo fui desconstruindo, óbvio, e em 2015 foi um divisor de águas, né? Porque aquela coisa, no Brasil a gente fala muito sobre a coisa do "pobre de direita" e esse é um conceito muito válido. E eu estudei no Lygia, que é uma escola que fica numa área nobre da cidade. E tem essa questão de que sou de um bairro periférico. E eu estudava numa área nobre morando numa área que era pobre e considerada periférica. Que é periférica. E aí em 2015, quando saiu a notícia da reorganização e tudo mais, eu não dei a mínima para aquilo. Eu já estava muito desconstruído, já tinha a minha militância do meu jeito, mas eu não ligava para a política em um âmbito que saísse do meu umbigo. Então eu levantava a bandeira da causa LGBT porque eu me incomodava, me fazia mal, só que a partir do momento que eu ouvi que na reorganização a gente ia ter o fechamento de escolas pra realocar os alunos de acordo com as localizações, aquilo me pegou, porque desde sempre eu estudei fora do meu bairro.

Em seu discurso, refletiu criticamente sobre os estereótipos atribuídos às escolas do seu bairro e a respeito do fato de que mesmo uma escola como a sua, situada em uma área considerada nobre e bem avaliada pelos índices educacionais, há questões como a falta de professores e outros dilemas relacionado à infraestrutura que o levou a refletir sobre a importância da luta por educação pública de qualidade: “Ao mesmo tempo que eu falava que o ensino da minha escola era sensacional, porque era do Estado, mas era uma escola numa área nobre, eu vi que faltava professor e tinham vários problemas estruturais. Eu lembrei que na época da ocupação eu arrumei torneira na escola, porque a torneira não tava funcionando. Realmente a escola não tinha coisas funcionando, tipo, é bizarro pensar nessas coisas.”

Nesse sentido, destacou as aulas que teve durante as ocupações e a formação política propiciada pela participação na ação coletiva, bem como pelo contexto político mais amplo:

E aí desde que eu percebi que eu era uma minoria, eu comecei a ter a minha militância pessoal. Mas como eu falei, eu tinha a militância gay, ignorando a militância feminista, ignorando a militância negra, eu focava na minha dor, no meu umbigo. E a ocupação foi para todo mundo um grande mergulho para o mundo político. Independentemente de você entender de política ou não, você estava mergulhado nela. Então eu me lembro que, no Lygia, a gente teve oficina de sanduíche com um chefe de cozinha, a gente tinha rodas de conversa, a gente tinha apresentações musicais. Coisas que a gente nunca teve anteriormente na escola. E no período de ocupação eu acabei ficando com uma pessoa que estava na ocupação e é um guri que também passou por muitas crises relacionadas à homofobia,

preconceito, essas coisas todas. E eu me lembro que no período da ocupação eu acabei conhecendo outros movimentos que tinham muito envolvimento com o pessoal que falava de questões relacionadas a UNE desde a época da ditadura até os movimentos atualmente. Então, você tinha muitas visões de muitos jovens naquele momento e teve uma imersão, né? Porque o adolescente e o jovem na adolescência, a gente está muito disposto, a gente tem muito mais paciência pra debater, conversar, pra aprender de fato. Já sobre a ocupação, não sei se você sentiu muito isso, mas eu acho que a minha geração que se formou em 2015, no meio da ocupação, a gente teve muito essa evolução política, que a gente viu uma coisa em âmbito estadual, como a ocupação, e em 2016 a gente teve uma eleição em âmbito municipal. Em 2016 a gente teve uma crise nacional e ela está se prolongando até agora. Então a gente tem um caminho trilhado, em que absolutamente todo mundo em algum momento esbarrou com um posicionamento e levantou uma bandeira.

Wanda era estudante da escola Gilka Machado, situada em um bairro central de Sorocaba. Ela estava no nono ano do ensino fundamental e foi sua primeira experiência de engajamento político. Embora não tenha dormido na escola durante as ocupações, foi todos os dias para ajudar na cozinha e na limpeza. Diferentemente de outras escolas, a Gilka Machado contou com o apoio não somente dos professores, mas da própria direção, que disponibilizou o contato de advogados para caso os estudantes tivessem quaisquer problemas.

Após essa experiência, Wanda começou a se interessar mais pela política:

Eu comecei a me interessar na época das ocupações, porque eu era bem nova, eu tinha 14, 15 anos. Era muito jovem, não sabia de coisas como: "ah, o prefeito cortou verba, o governador fez isso, o presidente fez aquilo". Era pra mim tudo bem, não fazia diferença. Porém, quando mexeram com a minha escola eu pensei: "Meu Deus, vão tirar minha escola". Então comecei a aprender mais sobre essas questões e tal, acompanhar as notícias.

Raimundo era estudante da escola Cecília Meireles, localizada na periferia de Sorocaba e estava no segundo ano do ensino médio. Não fazia parte de nenhum movimento antes das ocupações, mas foi bastante ativo durante elas.

Era estudante da escola desde o primeiro ano do ensino fundamental e disse que só começou a valorizar a escola depois das ocupações: "Foi engraçado, porque eu não gostava da escola tanto assim. Mas depois comecei a dar valor":

Dormíamos, comíamos, fazíamos brincadeiras na escola; chamávamos o pessoal que morava perto pra participar das atividades que a gente fazia. Assistíamos filme lá na escola, era bastante coisa para fazer. Aprendemos a cuidar mais da escola. Aí como eu fui rebelde, repetiram-me de ano. Repeti de ano por causa disso. E isso que eu tinha nota boa, aliás. Repetiram eu e os outros líderes da ocupação. Nós éramos três líderes. Mas aí foi cansando...Primeiro, saiu um, aí saiu outro, depois só sobrou eu. Aguentei ainda mais uns três dias lá, sozinho, mas depois a chave. Ficamos duas semanas, apenas uns 4 ou 5 professores apoiaram. E tínhamos dois advogados para caso acontecesse algo pior, mas não aconteceu nada.

Raimundo salientou que costumava tirar boas notas, todavia, após ter participado das ocupações, foi reprovado, como retaliação pela sua atuação política. Após essa reprovação, ele desistiu dos estudos e não concluiu o ensino médio. Desde então, tem se dedicado somente ao trabalho, conforme será discutido no próximo capítulo<sup>40</sup>.

\*\*\*

Conforme exposto, a questão LGBTQIA+ esteve presente nos relatos dos três grupos apresentados, seja na gênese do interesse pela política, que levou à participação nas ocupações posteriormente quanto na assunção da identidade de gênero e orientação sexual. Na pesquisa, treze dos vinte jovens que participaram das entrevistas - assim como metade dos que responderam ao questionário - declararam possuir uma sexualidade e/ou identidade de gênero não heteronormativa. Esse número expressivo de pessoas LGBTQIA+ dentre os participantes do movimento de ocupações secundaristas se repetiu em outros contextos<sup>41</sup>, conforme observou Sallas e Groppo (2022) no âmbito da pesquisa nacional sobre o movimento. Em capítulo dedicado aos jovens LGBTQIA+ que integraram as ocupações, os autores salientam que quase 60% dos entrevistados se declararam LGBTQIA+ e argumentam que a participação no movimento foi fundamental tanto para aqueles que

---

40

<sup>41</sup> Ressalta-se aqui a peça “Quando quebra queima”, do grupo Coletiva Ocupação, dirigida por Martha Kiss Perrone, que retrata as ocupações escolares e cujos atores são jovens que integraram o movimento. Em uma cena da peça, jovens LGBTQIA+ se beijam em sinal de celebração e protesto contra a LGBTQIA+fobia.

já haviam assumido sua sexualidade e/ou identidade de gênero antes das ocupações, quanto para aqueles cuja assunção se deu após a experiência de ocupação.

Inspirados em Alberto Melucci, Sallas e Groppo (2022) argumentam que a pauta LGBTQIA+ já fazia parte da latência que antecedeu as ocupações estudantis. De forma resumida, na teoria do sociólogo italiano, a latência seria o período que antecede as ações coletivas, quando mudanças culturais - como por exemplo em relação às diferenças sexuais, a forma de lidar com o tempo, com o corpo, a tecnologia, a natureza, etc. - já passam a ser experimentadas pelos indivíduos, formando-se, assim, as pré-condições culturais e políticas que tornarão visíveis as mobilizações vindouras. Para Melucci (1997), essas redes submersas que estavam latentes são retroalimentadas após as mobilizações, configurando, assim, latência e visibilidade como dois pólos reciprocamente correlacionados.

Partindo dessa abordagem, observa-se que a proeminência da referida pauta durante as ocupações, expressa tanto por meio das inúmeras oficinas, sessões de filmes, debates, etc. sobre a temática-, bem como pelos relatos dos jovens que enfatizaram a questão durante as entrevistas, é possível correlacionar tal visibilidade com a latência dos anos anteriores, em especial ao observar durante a formulação dos Planos de Educação<sup>42</sup> - em níveis nacional, estadual e municipal - debates em torno das questões de gênero e sexualidade ganharam a cena pública, ocasionando uma série de disputas entre pesquisadores, professores e militantes das áreas de educação e dos direitos humanos de um lado e alguns grupos religiosos e movimentos conservadores de outro (Reis; Eggert, 2017).

Na região de Sorocaba, campo da presente pesquisa, houve intenso conflito durante a elaboração e aprovação do Plano Municipal de Educação em 2015, poucos meses antes das ocupações estudantis (Ferreira et al., 2016). Membros do Fórum Popular de Educação, organização coletiva formada por integrantes da sociedade

---

<sup>42</sup> Refere-se aqui ao Plano Nacional de Educação (2014-2024), aprovado na forma de Lei a forma da Lei n.º 13.005/2014, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014) com o objetivo de estabelecer as metas e objetivos para o ensino pelo período de dez anos. Ao período seguinte à aprovação do Plano Nacional, Estados e Municípios deveriam elaborar os planos correspondentes, em consonância com o Plano Nacional, conforme consta no Art. 8º: Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão elaborar seus correspondentes planos de educação, ou adequar os planos já aprovados em lei, em consonância com as diretrizes, metas e estratégias previstas neste PNE, no prazo de 1 (um) ano contado da publicação desta Lei. (BRASIL, 2014).

civil, em especial da comunidade escolar, defendiam a participação democrática na construção do plano, enquanto membros do poder público e aliados vinculados a grupos religiosos, sob o argumento de defesa da família e o combate à falaciosa “ideologia de gênero”, defendiam a retirada de metas ligadas ao combate à discriminação por gênero e orientação sexual. Muitos professores e mesmo estudantes que posteriormente participaram das ocupações secundaristas integraram o movimento pela aprovação do Plano construído pelo Fórum Popular de Educação, o qual não foi aprovado.

As perseguições e ameaças sofridas por parte da direção também foram comuns aos grupos, e parecem ter sido mais intensas entre aqueles previamente engajados, tanto em partidos/juventudes partidárias quanto de forma independente.

Feitas essas considerações acerca das memórias da ocupação, serão analisados, no próximo capítulo os desafios vividos pelos jovens em seus percursos laborais e educacionais e em seus processos de conquista de autonomia e independência.



## **Capítulo VI - Provas comuns, trajetórias singulares: itinerários de escolarização e trabalho em face à conquista autonomia e independência**

Neste capítulo, apresentam-se percursos educacionais e laborais dos jovens que participaram das ocupações escolares, refletindo como - e se - essa experiência incidiu em suas vidas em tais esferas. Além disso, procura-se apreender como se dão seus processos de conquista de autonomia e independência em relação às famílias, compreendendo-os como desafios comuns vividos neste momento do percurso de vida.

Parte-se da perspectiva de que a juventude é uma construção histórica e social, fruto da modernidade (Ariès, 1978; Galland, 1997), e, portanto, vivenciada de maneiras distintas de acordo com marcadores sociais, como a classe social (Bourdieu, 1983), gênero, raça e sexualidade (Fachini; Carmo; Lima, 2020; Rebughini; Schiavo 2023), bem como em relação ao contexto histórico, econômico e político nos quais estão inseridos (Van de Velde, 2008, Ferreira; Nunes, 2014).

Concebida como uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta (Ariès, 1978), a juventude foi historicamente compreendida pela ótica da moratória social (Margulis; Urresti, 1996), isto é, como um tempo da vida em que certas responsabilidades atribuídas aos adultos, como o ingresso no mundo do trabalho e a formação de um novo núcleo familiar, poderiam ser adiadas em função da preparação profissional por meio da dedicação integral aos estudos, sendo tal período mais longo nas camadas médias e altas da sociedade. Nesse sentido, muitos pesquisadores associam a juventude à condição estudantil, levando-se à afirmação de que a escola faz juventude (Fanfani, 2000). No entanto, no caso brasileiro, estudos demonstraram que a compreensão da juventude como um período de moratória não se aplicaria à grande parcela da população, uma vez que o ingresso no mundo do trabalho costuma dar-se ainda na adolescência, sendo os 18 anos um marco na vida dos jovens para a inserção laboral, ressaltando-se que para aquelas das camadas populares essa inserção pode se de forma ainda mais precoce (Corrochano, 2012), podendo-se afirmar que, no Brasil, “o trabalho também faz juventude (Sposito, 2005)”.

## 6.1. Percursos labirínticos e a conquista da autonomia e independência em um contexto de incerteza

Pesquisadores europeus afiliados a distintas concepções teóricas, têm se dedicado à compreensão acerca de quais seriam os marcos que indicariam o início e o fim da juventude, compondo o denominado campo de estudos sobre a transição para a vida adulta. Tradicionalmente, a transição para a vida adulta era compreendida como uma sequência linear entre os seguintes eventos: término da escolarização básica, entrada no mercado de trabalho e formação de um núcleo familiar distinto daquele de origem. Todavia, uma série de transformações políticas e econômicas experimentadas pelos países europeus - sobretudo após meados dos anos 1970 - tornaram esse processo de transição mais complexo: se antes as transições juvenis apresentavam-se de forma homogênea e linear, nesse momento elas passam a se mostrar mais diversas, prolongadas e dessincronizadas. (Galland, 1997).

Como não faz parte do escopo dessa tese uma análise aprofundada a respeito da transição para a vida adulta, as diferentes abordagens sobre a temática não serão perscrutadas, mas cabe assinalar, de forma sucinta, algumas contribuições. Estudos desenvolvidos pelo GRET (*Grupo de Investigación en Educación y Trabajo*) inseriram a abordagem biográfica para a compreensão da passagem para a vida adulta, desmantelando a concepção de um modelo único de transição, apontando para uma diversidade de trajetórias possíveis. Os trabalhos de Olivier Galland (1997) também questionaram a concepção clássica e demonstraram que mudanças econômicas e políticas contribuíram para um prolongamento da fase juventude, além de apontar para uma dessincronização das etapas que levaram à condição de adulto.

Já os estudos transnacionais desenvolvidos pela EGRIS (*European Society for Regional and International Social Research*), as pesquisas conduzidas no âmbito do FATE (*Families and Transitions in Europe*), bem como aquelas desenvolvidas por Cecilie van de Velde (2008) e Ferreira e Nunes (2014) apontaram para diferenças nas transições experimentadas pelos jovens em diferentes países, destacando que o contexto político, econômico, além de questões culturais, como a religião, influenciam no processo de transição. Dada a problemática da presente pesquisa, adotou-se a perspectiva de Machado Pais (2001) - filiado a EGRIS - para quem as trajetórias dos

jovens devem ser compreendidas por meio da metáfora do ioiô, devido ao movimento de idas e vindas.

Em linhas gerais, os estudos de Pais (2001) apontam para mais do que um simples prolongamento da juventude ou dessincronização das etapas: a passagem à vida adulta caracteriza-se como um processo delineado pela não linearidade e reversibilidade. Conforme mencionado, o autor utiliza o termo 'trajetórias ioiô' para caracterizar esse processo, marcado por idas e vindas: jovens saem da casa familiar para, posteriormente, retornar; ingressam no mundo do trabalho e, em seguida, perdem um emprego; casam-se para, mais tarde, se separarem. Essa experiência da incerteza (La Mendola, 2005), característica da modernidade tardia, configura-se como um desafio comum (Martuccelli, 2006) experimentado pelos jovens em sua busca por autonomia e independência

De acordo com Pappámikail (2010), a conquista de autonomia e independência financeira não são processos exclusivos da juventude, mas têm início e são particularmente intensos nesse momento da vida. Embora tais conceitos estejam relacionados entre si e sejam, muitas vezes, utilizados como sinônimos, eles se referem a processos distintos e possuem diferentes significados para quem os experimenta. De modo resumido: a independência está relacionada a um processo de aquisição de recursos - sobretudo materiais - que possibilitam a autossuficiência dos indivíduos (Singly, 2005), enquanto a autonomia se configura numa norma central da modernidade relacionada à possibilidade do indivíduo de agir segundo motivações próprias (Pappámikail, 2010). Ligada ao plano da subjetividade e às motivações para agir, a autonomia tem sido intensamente negociada entre os jovens e suas famílias, uma vez que eles não estariam dispostos a aguardar pela independência financeira - cada vez mais tardiamente conquistada - para usufruir da autonomia desejada (Singly, 2005).

À modernidade que engendrou a juventude como momento específico da vida e tem como norma central a autonomia, associa-se a concepção de indivíduo, também nascida nesse contexto histórico<sup>43</sup>. Conforme exposto em capítulo anterior, pesquisas têm apontado para a relevância da sociologia do indivíduo nos estudos

---

<sup>43</sup> Conforme previamente discutido no terceiro capítulo desta tese.

sobre os desafios vividos por jovens e nos processos de transição para a vida adulta (Tarábola, 2016; Silva, 2018, Santos, 2019; Pinheiro, Di Leo; Varela, 2023; Corrochano; Tarábola, 2023).

O conceito de provas de Danilo Martuccelli (2006), mobilizado pelos autores, apontam para um conjunto de desafios no mundo do trabalho, na família, na escolarização e na conquista de autonomia e independência, entre outros. Inspirada nesses estudos e na análise dos relatos dos jovens, a pesquisa identificou desafios nos referidos domínios, os quais se declinaram de forma distinta nas trajetórias individuais.

No caso dos entrevistados, trata-se de jovens que cresceram em uma conjuntura econômica mais favorável, com alguns suportes de políticas sociais dos governos petistas (Pochmann, 2012) e que experimentaram relativa ascensão social, principalmente por meio do consumo (Pinheiro-Machado, 2019). Contudo, na última década, o paulatino desmonte das políticas sociais, a profunda crise econômica e política e, mais recentemente, sanitária, têm refletido na percepção de uma inconsistência posicional (Martuccelli; Araujo, 2012). A inconsistência posicional refere-se, grosso modo, ao risco de perder as posições sociais recém conquistadas. Fora uma pequena parcela composta por uma elite econômica que tem a posição social muito bem consolidada, a maior parte dos indivíduos na sociedade latinoamericana reconhecem a possibilidade dessa perda. No grupo estudado, a percepção deriva do fato de terem assistido às promessas de futuro que lhes foram feitas, como o acesso à universidade e a um trabalho decente (Corrochano e Abramo, 2016), não serem concretizadas - ou serem de forma muito árdua.

As pesquisas com jovens conduzidas por Colombo e Rebughini (2021, 2022) revelam que se trata de uma geração da incerteza, a qual, por experimentar um encadeamento de crises - econômica, pandêmica e geopolítica - precisam ser cada vez mais adaptáveis e flexíveis em relação às diferentes situações sociais. A partir de uma perspectiva geracional, os autores argumentam que são sobretudo os jovens que devem ter a capacidade de lidar, de forma individual, com os constrangimentos estruturais. Eles devem saber se adaptar e improvisar para se inserir em um mundo do trabalho cada vez mais precário. No entanto, a agência imposta aos indivíduos se distingue de acordo com a origem social: aqueles oriundos de famílias com maiores

capitais econômicos e culturais são capazes de sustentar por mais tempo a incerteza, ao passo que aqueles que detêm menos recursos devem ter essas capacidades ampliadas - além de serem mais responsabilizados do ponto de vista individual.

Essa perspectiva dialoga com a formação de indivíduos agênticos na América Latina (Araujo; Martuccelli, 2012, 2020) os quais, não dispendo de suportes institucionais, acionam e mobilizam os próprios recursos diante da incerteza conjuntural. Diante desse contexto, para a compreensão dos relatos optou-se por agrupá-los de acordo com os percursos educacionais e laborais, uma vez que o trabalho e a escolarização constituíram em provas enfrentadas por eles(as).

### **6.1.1. Educação como bandeira de luta e profissão: os(as) estudantes de licenciatura**

Neste tópico, estão reunidos os relatos de jovens que ingressaram em cursos de licenciatura e pretendiam se tornar professores. Trata-se do grupo mais numeroso apresentado neste capítulo. Dos nove jovens, cinco relacionam a escolha direta ou indiretamente à participação nas ocupações. Os demais, atribuem à influência de professores que admiravam durante a educação básica.

Entrevistei Olga em meados de 2020, e naquela época, ela já residia com seu namorado havia um ano. A decisão de compartilhar o espaço foi motivada pelo desejo de ter autonomia em relação à família, a qual, segundo ela, enfrentava uma série de problemas. Desde o início do relato, Olga destacou que havia rompido o contato com sua mãe após ter sofrido violência física e psicológica por parte dela. Filha de pais divorciados, Olga relatou que, embora mantivesse uma relação positiva com seu pai no presente, o intenso controle sobre suas ações, motivado por questões de gênero, limita sua autonomia.

Meu pai tinha aquela ideia de criar a filha no cabresto, sabe? De “ser mulher decente”. A minha família sempre me incentivou a estudar, mas meu pai já tinha a ideia muito machista de criar no cabresto. Ele tinha várias ideias machistas internalizadas e eu ficava me contrapondo a essas ideias o tempo inteiro. Eu, menina negra, bissexual e feminista desde os 15 anos, sempre discuti. Com a teoria que aprendi e a militância, sempre debati muito com ele. Ele falava alto? Eu falava mais alto ainda. Eu sempre bati muito de frente com o que ele acreditava. Para ele, eu sempre fui problema, sempre fui alguém que ele precisava “dar um jeito”, sabe? Mas ele não deu um jeito (risos). Então, com 18

anos, eu ainda estava confrontando-o, sobre política e enquanto mulher esquerda e socialista. Tudo que ele odiava. E mesmo depois de tudo isso, com 18 anos eu passei em primeiro lugar nas cotas de uma universidade federal. Foi um choque para ele.

Após o ingresso na Universidade, Olga começou a namorar seu companheiro, a quem conheceu no Ensino Médio, quando ele lecionava sociologia em sua escola. Filiados ao mesmo partido político, ela enfatizou que somente após o término da escolarização básica começaram a se relacionar. Quatro meses depois, decidiram morar juntos:

Foi rápido e um pouco difícil, talvez. Eu estava morando com a minha madrinha, e ainda tinha o meu pai no meu pé. Eu queria viver, sabe? Estava na faculdade e trabalhando. Pensei: 'Eu tenho que viver. Posso morar em uma república ou dividir um apartamento com as amigas, mas eu tenho um namorado, e ele também está procurando um lugar para morar sozinho. Então, por que não morarmos juntos e dividirmos as despesas.

Perguntei se o interesse compartilhado em política foi o que os aproximou. Olga respondeu de forma enfática:

A militância, com certeza! Com certeza, mesmo. Porque eu queria muito aprender, quero até hoje. Eu vejo as fotos da militância da Angela Davis e percebo que ela é uma mulher que tem certeza do que está falando. Eu quero chegar aos 50 anos e saber do que eu estou falando, também. Eu fui uma adolescente com muitos problemas, reconheço isso. Mas sempre gostei de estudar e de aprender sobre política. Foi somente após terminar o ensino médio que eu e meu namorado começamos a nos relacionar. Conversamos sobre militância, discutimos textos, debatemos... Eu o admiro muito. Ele tem muito domínio sobre a teoria. Acabei me apaixonado após vê-lo falando sobre Marx.

Além do interesse por política, Olga compartilhava com seu namorado a escolha profissional pela docência. Estudante do segundo ano de Pedagogia em uma universidade pública, revelou que o desejo de lecionar iniciou-se antes das ocupações, motivado por professores da área de ciências humanas. Na época da nossa conversa, ela estava realizando um estágio de forma remunerada em uma creche municipal.

O desejo de adquirir novos conhecimentos<sup>44</sup> foi expresso reiteradas vezes durante a entrevista, manifestando-se tanto no engajamento político, conforme discutido em capítulo posterior, quanto nos estudos acadêmicos. Olga citou Paulo Freire e seu interesse em iniciar uma pesquisa de iniciação científica baseada na obra do autor a fim de aplicar seus métodos em sua atividade profissional.

Cecília foi entrevistada em dois momentos distintos e, em ambos, residia com sua família. Na primeira conversa, estava prestes a concluir sua graduação em História em uma universidade privada e, devido à pandemia, encontrava-se desempregada. Durante a graduação, trabalhou em uma série de atividades, incluindo ser atendente em cafeterias, restaurantes e ajudante em um serviço de transporte escolar. Além disso, foi bolsista do PIBID, o que proporcionou maior contato com a atividade docente.

Nesse primeiro relato, mostrou-se preocupada com o desemprego e com a falta de autonomia e independência que essa condição lhe impunha:

Eu quero me estabilizar financeiramente e ter autonomia, tanto financeira, quanto intelectual. Conseguir pensar por mim mesma e ter, de fato, autonomia. Ter independência financeira, para conseguir decidir sobre as coisas da minha vida. Principalmente enquanto mulher, a gente fala muito de autonomia emocional, intelectual. Mas se você não tiver autonomia financeira, ainda mais no sistema capitalista, você não tem autonomia emocional e até mesmo intelectual para poder decidir aonde ir, por exemplo. Faz muito tempo que estou desempregada e toda renda que sobra para mim vai pra faculdade. Não sobra dinheiro para sair, para comprar um lanche vegano, para nada.

Na segunda entrevista, Cecília já havia concluído a graduação e estava trabalhando como professora de História em uma escola pública. Além disso, como será discutido em capítulo posterior, ela continuava na coordenação do cursinho popular no qual ingressou primeiro como aluna e, posteriormente, como militante<sup>45</sup>. A luta pela educação pública norteou ambos os relatos, destacando que a escolha profissional foi motivada pela participação nas ocupações estudantis.

---

<sup>44</sup> Esse anseio é compartilhado com outros jovens interpelados na presente pesquisa e aparece com mais frequência nos relatos sobre os engajamentos atuais, sintetizados no próximo capítulo.

<sup>45</sup> Ela concebe a atuação dos professores e coordenadores que fazem parte do cursinho dessa forma. Essa questão será debatida no próximo capítulo.

Se no primeiro encontro ela demonstrou tensão devido ao desemprego, no segundo revelou entusiasmo pela profissão docente, que norteou o relato sobre sua vida profissional. Além de contar com a autonomia propiciada pela independência financeira, Cecília salientou o quanto gosta de trabalhar como professora, mencionando diversos projetos que estava implementando com os estudantes, como o diálogo da disciplina de história com práticas teatrais. Ela destacou que, para ela, trabalhar com a educação é uma forma de engajamento político, e que em suas aulas, busca estabelecer diálogo com movimentos sociais e culturais.

Dandara, estudante de Pedagogia em uma universidade pública, também ressaltou que sua escolha pela docência se deu após a participação no movimento de ocupações:

Eu saí da ocupação pensando em estudar Pedagogia, mesmo. Eu lembro que por muito tempo eu quis fazer contabilidade, porque eu fazia técnico de logística e já fiz técnico de contabilidade. Na época da ocupação, eu falava que ia fazer contabilidade, mas saí de lá totalmente de humanas, mais de humanas impossível, querendo ser professora.

Concedeu duas entrevistas e, em ambos os encontros, residia com seu companheiro e seguia nos estudos universitários. Após as ocupações, Dandara chegou a ingressar no curso de Educação Especial, mas após um ano optou por mudar para Pedagogia:

Eu acho que a pedagogia sempre foi o meu caminho mesmo. Depois da Educação Especial, eu pensei bastante em Pedagogia, História, Ciências Sociais, que são áreas que sempre conversam bastante comigo, mas não sei se são áreas eu seguiria, a pedagogia me completa porque é muito lindo e eu amo criança. E como falei, eu quis ser contadora por muito tempo, mas as ocupações mudaram tudo.

A experiência estudantil universitária foi central em ambas entrevistas, revelando interesse em seguir carreira acadêmica após a conclusão do curso. Na primeira entrevista, sua fonte de renda advinha de uma bolsa de pesquisa de iniciação científica, enquanto na segunda Dandara atuava como estagiária em uma escola de educação infantil, além de mediadora cultural em uma exposição de arte.



Dandara salientou o quanto se dedicava intensamente aos estudos acadêmicos, considerando-se, inclusive, uma ativista acadêmica, conforme exposto no capítulo a respeito dos engajamentos atuais. Além disso, Dandara destacou que no tempo que transcorreu entre as duas entrevistas ela passou a se ver como artista e a expor sua arte, tanto seus desenhos, quanto suas poesias. O interesse em seguir carreira acadêmica, que já existia na primeira entrevista, se mostrou mais intenso na segunda. Em vias de concluir o curso, Dandara estava com várias ideias de projetos de pesquisa para seu trabalho de conclusão de curso e para um futuro mestrado, que gostaria de ingressar.

Janaína, estudante de Letras em uma universidade pública, também pretendia seguir carreira acadêmica tão logo concluísse a graduação. Seu interesse pela profissão docente se deu antes das ocupações graças à fluência na língua francesa, que adquiriu primeiramente graças a um projeto municipal de ensino de idiomas, para estudantes de escolas públicas e, depois, aprofundou-se de forma autodidata, a qual lhe despertou o desejo de se tornar professora do idioma. Participou de uma entrevista, em 2022, residia sozinha em outra cidade e estava prestes a se formar. Além de uma bolsa concedida pela universidade, trabalhava como professora e destacou que devido à intensa rotina laboral, atrasou a conclusão de seu curso:

Hoje eu estou com 23 anos, vou fazer 24 e me encontro fora de período na faculdade. Acontece nas melhores famílias, né? (risos). . Era para eu ter me formado já, só tive que atrasar faculdade por conta de trabalho. O custo de vida no Brasil aumentou muito, né? E a cidade que eu moro [nome suprimido], é muito, muito cara. Então, assim, eu tenho muito, muito, muito trabalho! O que fez com que eu me atrasasse.

Desde antes de iniciar a graduação, Janaína trabalhava como professora particular de língua francesa, mas após a aprovação na universidade em outro estado, Janaína precisou aumentar sua carga de trabalho para se sustentar de forma independente de sua família, que sendo de camada popular, não tinha condição de pagar suas despesas em outra cidade

Embora atualmente trabalhe em uma escola e consiga se manter financeiramente, revelou que pretende aumentar sua renda para ter mais estabilidade e realizar o sonho de se tornar mãe. Salientou que por não ter um relacionamento

afetivo, planeja a parentalidade solo, razão pela qual se sente impelida a buscar trabalhos mais bem remunerados:

Eu acho que talvez quando eu penso em projeto, o que me motiva a continuar vivendo todos os dias, acho que é a vontade muito grande de ser mãe. E como sou um pouco pessimista amorosamente falando, eu me vejo nesse projeto sozinha. Então a minha ideia, querendo ou não, ela acaba sempre passando por estabilidade. Meu sonho é ter estabilidade, ter um emprego estável para poder ter um filho.

Joaquim participou de duas rodadas de entrevistas, a primeira em meados de 2020 e a segunda dois anos depois. Estudante de história em uma universidade pública, em outro estado, residia com amigos na primeira entrevista e com sua companheira e filho na segunda. O desejo de cursar História se deu depois de participar das ocupações e, principalmente, depois de estudar em um cursinho pré-vestibular popular. Em diversos momentos salientou que sua escolha foi motivada por acreditar na transformação social por meio da educação.

Extremamente engajado nos estudos universitários, Joaquim destacou que nos primeiros anos da graduação se dedicou integralmente aos estudos e obteve um excelente desempenho acadêmico:

Uma coisa eu posso falar: favelado é um sujeito que pode pra fazer só um tipo de coisa, ele faz muito bem, com muita eficiência. Eu entrei na faculdade só para estudar, dedique-me em 200%: minha única função era estudar. Eu estudava mesmo! Um ritmo de estudo que hoje, que eu estou no quinto semestre, eu penso: “Meu Deus, como eu consegui construir aquilo?”. Porque assim, eu lia muito! Eu lia duas, três horas... Tinha dia que eu lia quatro horas, porque eu só tinha aquilo para fazer. Então eu começava a ler, ler, ler.

Durante esse processo de dedicação intensa aos estudos, Joaquim decidiu escrever um projeto de iniciação científica sobre cursinhos populares e teorias pós-coloniais, cujo objetivo seria um construir um projeto piloto de um cursinho pré-vestibular popular pautado nos princípios dessa teoria. Segundo Joaquim, a temática escolhida foi inspirada na vontade de devolver para seu bairro a dádiva que a educação lhe proporcionou.

Eu gostaria muito de retribuir tudo o que a educação fez por mim, dentro da favela onde eu nasci. Eu quero chegar lá, como professor, e poder fazer diferente da educação que vi por lá. Eu escrevi esse projeto de iniciação científica. E o que eu resolvi escrever? Propus uma coisa que mudou minha vida, que foi o cursinho pré-vestibular.

Então resolvi fazer um projeto de um cursinho popular pré-vestibular com metodologias e práticas pedagógicas pós-coloniais e decoloniais. Então eu comecei com uma sacada e falei pro professor: "Então, tem que fazer um cursinho que seja popular, né? Que seja para o povo, voltado para que a gente possa recuperar a autoestima das pessoas negras, já que muitas vezes entramos no processo de prestar o vestibular extremamente desmotivados. Você já entra pensando que está competindo com gente que você acha que é muito melhor que você, que você não vai conseguir.

A dádiva, tal como concebida por Marcel Mauss (2007), reside no movimento triplo de: dar, receber e retribuir. Sposito e Tarábola (2016) observam essa prática entre jovens de camadas populares estudantes que ingressaram em uma universidade de prestígio. A partir da percepção do ingresso não como apenas como fruto do mérito individual, mas de uma série de incentivos familiares, de amigos, professores e ações afirmativas, os jovens se veem motivados a retribuir a educação, concebida como dádiva, para os demais. É o caso não somente de Joaquim, como de outros jovens na presente pesquisa, conforme será evidenciado em outros relatos.

O projeto de Joaquim foi aprovado com financiamento e, quando estava em andamento, foi aberto um edital na universidade para apresentação de pesquisas de iniciação científica em um evento sediado na Alemanha. Entusiasmado pela oportunidade, Joaquim se inscreveu e teve seu trabalho aprovado para apresentação, o que lhe proporcionou a experiência de viajar um mês pela Europa, vivência descrita com muita alegria durante a conversa.

Alguns meses após o retorno de sua viagem, Joaquim descobriu que se tornaria pai, o que levou a uma inflexão em sua trajetória. Embora tenha permanecido na universidade, precisou fazer diversos "bicos" para sustentar seu filho, que residia com sua namorada em outro estado: trabalhou como garçom, faxineiro, em um guarda-volumes e vendendo água no semáforo. Devido às regras de distanciamento social, Joaquim se viu sem trabalho e recorreu ao auxílio emergencial. Após receber a primeira parcela do auxílio, Joaquim decidiu investir o dinheiro integralmente na compra de roupas a fim de revendê-las em uma loja virtual que criou no Instagram.

Naquele período da pandemia, destacou que a solidão imposta pelas regras de distanciamento social suscitou a reflexão a respeito das mudanças recentes em sua vida, bem como sobre sua origem social. A paternidade recente e as

responsabilidades dela advindas levaram Joaquim a pensar na sua família de origem e na sua trajetória de vida até aquele momento:

Acho que eu não estou conseguindo lidar bem com esse processo de me autoconhecer, sabe? Porque eu só tenho 21 anos, estou começando uma trajetória agora, que é de viver sozinho, de fazer tudo por mim mesmo, eu tive um filho...Então sei lá, o processo de me tornar adulto, para mim, tem sido uma coisa muito dolorosa, muito difícil. Mas tirando isso, a vida está sendo muito boa, está sendo um momento de aprender muito. Está sendo o tempo que mais estou aprendendo na minha vida, esse processo de se tornar adulto. Porque a partir de um tempo nesse processo você começa a entender que você está no mundo para cumprir alguns objetivos. Eu estava pensando sobre isso, acho que antes de passar por esse processo de amadurecimento, eu não entendia muito bem qual era o meu objetivo, o que eu ia fazer, como eu ia estruturar o que eu ia fazer e por que eu estava aqui. Eu não me conhecia nem um pouco porque eu não sabia por que eu estava aqui. Eu nunca tinha parado para ter aquele ápice de "quem sou eu? o que eu estou fazendo? por que eu estou aqui? de onde eu vim?". Eu nunca tinha me preocupado de onde eu tinha vindo, então nesse processo de amadurecimento, começa esse questionamento de onde eu vim. Então está sendo um processo de conhecer muitas coisas: primeiro, conhecer minha família. Depois do nascimento do meu filho, eu parei para pensar muito na minha família, comecei a ver minha família de um jeito muito diferente, fui procurar saber quem era minha família.

Sobre sua família de origem, Joaquim mencionou que seus pais foram militantes do movimento de luta por moradia em Sorocaba, no qual seu pai foi uma das lideranças. Destacou as dificuldades financeiras vividas durante a infância e adolescência, bem como as experiências em seu bairro de origem, situado na extrema periferia da cidade e marcado pela violência policial, da qual Joaquim foi vítima: após sofrer ameaças de morte por parte de um policial, sua mãe, preocupada com sua vida e integridade física, lhe aconselhou a mudar para outra cidade, onde seu irmão havia ingressado na universidade.

Nessa nova cidade, Joaquim passou a frequentar um núcleo de estudos étnico-raciais e um cursinho pré-vestibular popular, espaços que o motivaram a ingressar no ensino superior. Conforme mencionado anteriormente, após o ingresso na universidade, em outro estado, Joaquim se dedicou intensamente aos estudos e conseguiu se manter com o suporte das políticas de permanência estudantil e de pesquisadores e militantes do núcleo de estudos étnico-raciais que fez parte, até o nascimento de seu filho:

Depois do nascimento do meu filho, minha vida mudou radicalmente. Porque ir para a Alemanha já tinha me mostrado muitas coisas, já tinha aprendido muitas coisas. Eu estava começando a ver futuro naquilo que eu estava construindo na universidade. Comecei a acreditar mais naquilo. E aquilo tinha se tornado o foco da minha vida, a universidade para mim, naquele período, era o negócio mais importante da minha vida, eu estava vivendo para aquilo. Depois que meu filho nasceu, tudo mudou radicalmente. Eu não conheço muito de Nietzsche, mas eu sei que tem a história do niilismo, que diz que nada faz sentido, que o mundo não faz sentido, que as coisas não fazem sentido. E com certeza ele não foi pai, porque depois o meu filho nasceu, minha vida começou a fazer sentido. O sentido da vida está ali. O sentido da minha vida é esse: a paternidade. Com certeza a paternidade, hoje, é o sentido da minha vida. É o que me move, é o que me faz resistir. Tudo o que eu estou construindo é pelo meu filho. Meu empenho foi maior em tudo. E a universidade deixou de ser o centro da minha vida, porque a universidade foi o foco até o meu filho nascer. Depois dele nascer, meu futuro passou a ser pautado no que for melhor para ele. Hoje eu estou trabalhando com empreendedorismo, e eu penso que se o empreendedorismo for dar um futuro para o meu filho, ser professor de história não é tão importante assim para mim. Eu quero muito ser um professor de história, quero entregar minha vida para isso, não vou desistir, mas hoje a universidade não é aquilo que eu entrego minha vida, eu entrego minha vida para o meu filho.

Conforme supracitado, Joaquim utilizou a primeira parcela do auxílio emergencial para dar início à sua loja virtual, estando muito entusiasmado com o lucro obtido em menos de dois meses:

Agora na pandemia entrei no ramo do empreendedorismo, abri uma loja de roupas com meu amigo que está sendo um sucesso! Estou começando a vender muitas roupas, começamos agora, faz 45 dias, e já consegui juntar muito dinheiro. Investimos 800 reais e em 46 dias conseguimos mais de 5 mil reais. Sucesso total! A gente começou a vender pelo Instagram e agora tem muita gente pedindo roupa.

Corrochano e Tarábola (2023) observam, em pesquisa com jovens periféricos durante a pandemia, a atuação frequente no ramo do empreendedorismo. Além dos jovens que já estavam inseridos no mundo dos pequenos negócios, muitos ingressaram após demissão no contexto pandêmico. Segundo os autores:

Houve também aqueles que iniciaram seus negócios na pandemia porque foram demitidos. Considerando os limites do sistema de proteção social no Brasil e do próprio “auxílio emergencial”, disponibilizado pelo governo federal no contexto pandêmico, vários interlocutores desta pesquisa decidiram começar alguma atividade para gerar renda. Para muitos deles, não se tratou de começar

qualquer negócio: era preciso realizar um negócio com sentido para si próprio e para o seu entorno, o que também contribui para contestar a construção de uma subjetividade neoliberal, especialmente entre jovens que se consideram “empreendedores”. (Corrochano; Tarábola, 2023, p.12)

Em seu relato, Joaquim, destacou o caráter de novidade de seu empreendimento. Residente de uma pequena cidade no interior do centro-oeste do país, as roupas compradas para revenda eram consideradas diferentes e criativas, bem como o conteúdo produzido por ele no Instagram. Na segunda entrevista, todavia, sua visão sobre empreendedorismo mudou e o entusiasmo deu lugar a uma crítica profunda:

A loja representa o resumo da minha situação financeira durante a pandemia. Em 2020, eu costumava dizer: "O empreendedorismo é algo inexplicável, é incrível para mim!". Hoje, percebo que é ilusório. No início, era muito bom; ganhava muito dinheiro, comprava roupas no Brás e revendia aqui na cidade com 100% a 150% de lucro. Obtive sucesso propondo um conteúdo no Instagram diferente do que havia na cidade, o que gerou grande visibilidade. A marca e a empresa cresceram bastante, e em 2021 consolidamos todo esse trabalho com a abertura de uma loja física. Criamos um espaço legal, uma fachada bonita e enchemos de mercadorias, foi a consolidação. No entanto, junto com a consolidação, começaram a surgir as verdadeiras faces do empreendedorismo. Parece ser um neocapitalismo, um capitalismo disfarçado. Acredito que o capitalismo está sempre se renovando, e essa estratégia de dizer "você é possível, você é capaz, só depende de você, você vai conseguir!" talvez seja outra maneira de oprimir as pessoas. Porque, no final das contas, percebi que trabalhei muito em 2020 e 2021, vivi intensamente, mas no final de 2021, tive uma surpresa: a primeira grande queda da loja, que considero como a primeira falência.

Essa primeira falência mencionada por Joaquim foi causada pela transportadora das peças de roupa, que deu prioridade à entrega das encomendas de lojas maiores, as quais haviam feito compras em maior volume. Após essa situação, Joaquim passou a encarar o empreendedorismo de maneira muito crítica:

O capitalismo é assim: quem tem mais, é quem manda. Os transportadores deram prioridade para quem comprou mais. Foi a primeira quebra da loja, sabe? A primeira falência, fiquei com aquela mercadoria parada um tempo, as dívidas começaram a aparecer, o dinheiro que eu tinha guardado no caixa, eu acabei gastando na festividade de final de ano. Enfim, acabou que essa foi a primeira falência. Dessa primeira falência, eu tenho várias lições: a primeira delas é que o empreendedorismo, como está sendo posto agora, é

uma estratégia muito grande de renovação do capitalismo para prender as pessoas. Porque as pessoas ficam escravas disso, sabe? As pessoas vivem isso constantemente, as pessoas expõem a sua vida diariamente no Instagram para conseguir seguidores, para conseguir vender. Enfim, é um bagulho assim que faz com que a pessoa trabalhe até mais do que aquele sistema antigo que a gente tem de oito horas por dia. Porque você trabalha mais de oito horas por dia, definitivamente, você trabalha muito! Você trabalha muito! E no final das contas, qualquer deslize que você der, qualquer adversidade que acontecer no negócio, você acaba quebrando, acaba falindo, acaba entrando em dívida.

Após essa decepção com o empreendedorismo, Joaquim mencionou que voltou a **se** dedicar de forma intensa aos estudos, pois com a loja estava estudando menos do que antes. Nessa segunda entrevista, ele estava residindo com a namorada e o filho e destacou que a renda que tinha no momento atual era somente para sobrevivência, não restando dinheiro para o lazer. Apesar das dificuldades, destacou que, para ele, essa experiência serviu como aprendizado para que não se desviasse de seu foco:

A quebra da loja me ensinou algo: não pode desviar o foco. Não pode desviar o foco. Vai ter muitas oportunidades no meio do caminho, oportunidades que parecem lindas, oportunidades que parecem maravilhosas e coisas que tipo assim, que ilude a sua cabeça mesmo. Mas quando você tem um foco, você precisa seguir nesse foco. E eu vim para cá com o foco de estudar, eu vim para cá [nome suprimido] para estudar não para ser empreendedor. Eu vim para ser professor. E tipo, eu me peguei numa situação em que o meu foco não estava batendo com o que eu estava vivendo, sabe? Eu estava sendo empreendedor, não estava conseguindo ser professor. Então acho que essa foi uma lição pessoal muito grande. É muito importante você ter seu foco, independente das propostas que aparecerem na vida, porque são várias, você precisa ter aquilo como certo, independente das trincheiras que você vai ter que passar para chegar no objetivo final.

Joaquim disse que 2022 foi o renascimento da sua vida intelectual e universitária: “Esse ano foi o renascimento da minha vida intelectual e universitária. Eu decidi que em 2022 eu ia voltar a me dedicar totalmente aos estudos e à universidade”. Joaquim conseguiu uma bolsa de um projeto de residência pedagógica e estava atuando como professor de História. Para os próximos anos, pretendia seguir com a carreira de professor, preferencialmente em um cargo público e almejava seguir nos estudos acadêmicos quando se formasse, com o desejo de ingressar em um mestrado.

Wanda participou de uma entrevista, no meio do ano de 2020 e estava no terceiro ano do curso de Licenciatura em Química de uma universidade pública. Residia com sua família e estava trabalhando na produção de materiais didáticos, além de participar do PIBID. Conforme dito no capítulo sobre as memórias das ocupações, participou delas muito jovem, quando ainda no ensino fundamental, mas atribuiu a esta experiência de participação a gênese do interesse em seguir na área de educação, a qual se consolidou, de fato, no final do terceiro ano do ensino médio. Wanda pretendia estudar astronomia ou engenharia pois tinha receio quanto à desvalorização da profissão docente, no entanto, seus professores a motivaram a prestar licenciatura em química. Aprovada direto do ensino médio, Wanda, no terceiro ano da graduação e bolsista do PIBID, se diz muito feliz pela escolha em se tornar professora:

Depois que eu entrei, eu gostei muito. E hoje eu vejo que não daria para fazer outra coisa. Quando a gente gosta, a gente não tem o que fazer, não dá para fugir. E aí eu gosto muito, muito, muito da licenciatura. É assim, perfeito e está muito ligado com antes, com o ensino médio, porque eu tive uma influência muito grande dos professores. Nossa, hoje não me vejo fazendo outra coisa assim. Eu participei do PIBID também por um tempão, aí agora voltou esse ano, o PIBID voltou. E passei também em primeiro lugar no PIBID, mas ainda não recebi nenhuma bolsa porque a CAPES ficou sem verba e cortou a bolsa de todo mundo.

Com a pandemia e os cortes de bolsas no Governo Bolsonaro, Wanda estava trabalhando com a produção de materiais didáticos e destacou as dificuldades de convivência familiar durante o isolamento social, discurso comum entre os jovens que moravam com os pais durante a pandemia.

Chico foi um dos jovens que também mencionou os pequenos conflitos cotidianos de residir com os pais durante o período de distanciamento social. Estudante de Geografia em uma universidade pública, precisou trancar o curso e voltar a morar com seus pais durante a pandemia, a fim de trabalhar no comércio de seus pais naquele momento. Ele ressaltou que pretendia retornar à universidade assim que possível.

Ao terminar o ensino médio, Chico ingressou em engenharia ambiental em uma universidade pública, mas além de não se identificar com o curso, seu pensamento crítico em relação às opressões tornaram difícil a convivência em um



curso de exatas cujos discentes praticavam trotes violentos com os ingressantes, o que desmotivou Chico a permanecer nessa universidade e retornar para a cidade de origem. De volta à casa da família, trabalhou um tempo como atendente de uma papelaria por alguns meses, até ser aprovado em geografia em outra universidade pública, ingressando em 2019. Embora tenha ingressado em engenharia ao terminar o ensino médio no instituto federal, Chico associa o interesse pela docência e o ingresso em geografia à participação no movimento de ocupações.

Na universidade, também em uma cidade distinta daquela de origem, Chico contava com o apoio da família para se manter, salientando ser um jovem de classe média, uma das exceções entre os jovens entrevistados. Destacou a tristeza por ter precisado trancar curso, bem como as dificuldades de se manter em isolamento:

Graças a Deus, mesmo eu não acreditando em deus (risos) os meus pais têm condição de pagar uma psicóloga para mim nessa quarentena. Eu achei muito necessário, aconteceu muitas coisas muito difíceis na minha vida e aí eu pedi e eles tão conseguindo me ajudar com isso. Eu estou trabalhando na loja e então eles me dão essa ajuda.

Maria foi entrevistada no começo da pandemia, em 2020 e estava no último ano do curso de história em uma universidade particular. Ela morava com amigas e se mantinha com uma bolsa do PIBID, com a venda de artes produzidas por ela e de comida vegana, esta última realizada junto com suas amigas com quem residia. Quando questionada sobre como estava sua vida, no momento atual, salientou: “Hoje minha vida é de uma garota ansiosa, em meio à pandemia, que está lutando para se formar em história no meio desse caos todo”.

Oriunda de uma família de professores, ressaltou que sempre quis seguir na área de educação e que considerava o ofício docente além de profissão, uma forma de engajamento político, assim como Cecília, Ingressou na faculdade após concluir o ensino médio e se mudou da casa de seus pais naquele ano para ter mais autonomia, morando primeiro com um primo, depois com suas amigas, para terem a companhia umas das outras durante a pandemia. Todo o seu relato foi marcado pela defesa da educação pública e pelo apreço à docência, salientando que estava ansiosa com o isolamento social e as demandas estudantis de final de curso.

Houve uma série de tentativas de realizar uma segunda conversa com Maria, mas a intensa rotina laboral como professora não permitiu. Ainda que a observação das redes sociais dos jovens não faça parte do escopo da pesquisa, observou-se que o entusiasmo com a iminência da formatura e início da função docente parece ter se mantido, explicitado por meio de diversas fotografias em sala de aula, bem como por textos que revelam o gosto pela profissão.

Lucas participou de duas entrevistas: uma em meados de 2020 e outra no começo do ano de 2023. Conforme explicitado em outro capítulo (ver qual), houve uma série de tentativas para que a entrevista fosse feita em 2022, mas devido à intensa rotina de trabalho de Lucas não foi possível. Na primeira conversa, Lucas estava no curso de Geografia em uma universidade pública, tendo ingressado em 2017. Devido ao trabalho, ele precisou trancar o curso duas vezes, motivo pelo qual atrasou a conclusão, levando-o ao abandono e ingresso no curso Direito em uma universidade privada, em 2022.

Na primeira entrevista, ressaltou que morava sozinho e era independente financeiramente desde os 15 anos. A escolha por estudar geografia foi motivada pelas ocupações e pela experiência de estudar em dois cursinhos populares, sendo o primeiro durante o ensino fundamental, o qual tinha como objetivo auxiliar no ingresso de estudantes de escolas públicas em cursos de ETECs e do SENAI. Após estudar no primeiro cursinho, Lucas ingressou no SENAI e se formou em mecânica de usinagem. Depois do segundo, onde estudou logo após concluir o ensino médio, Lucas ingressou em Geografia em uma universidade pública. Devido a essas experiências, Lucas expressou que gostaria de devolver o acesso que recebeu por meio do estudo para outros jovens, fato que o motivou a se tornar professor e, também, a se engajar na construção de um cursinho pré-vestibular gratuito em sua cidade, conforme explicitado em capítulo posterior:

De sala de aula, não sei o que acontece, mas não consigo ficar longe. Mas a parte de geografia, de história, toda essa parte de sociologia, filosofia veio do cursinho. Porque o professor que mais incentivou, que mais foi atrás, era um professor de geografia. E isso me encantou muito. Então, para mim, tá fazendo geografia e dar aula, é devolver para as pessoas tudo o que eu recebi, entendeu? Eu estudo numa universidade pública, eu tenho que devolver isso para as pessoas, de alguma maneira.

Embora gostasse do curso de Geografia, o fato de trabalhar em período integral em uma cidade e estudar no período noturno em outra, dificultou a conclusão da graduação. Como na cidade em que reside existe um transporte financiado pela prefeitura para alunos estudarem em uma cidade onde está situada uma faculdade privada, Lucas conseguiu, pela sua nota do ENEM, uma bolsa para estudar Direito e declarou estar gostando do curso e das possibilidades que a formação lhe traria futuramente, mas pretendia, quando possível, retornar à universidade pública se formar em geografia.

Em relação aos trabalhos, Lucas realizou uma série de ocupações e disse ter carteira assinada desde os 15 anos. Na primeira entrevista, trabalhava em uma loja de utilidades e, na segunda, numa loja de piscinas. No tempo que transcorreu entre uma entrevista e outra, chegou a trabalhar em uma hamburgueria, local onde foi vítima de transfobia:

E eu não sei o que acontece que de um jeito ou de outro eu acabo me envolvendo com política. Até na hamburgueria que eu estava trabalhando eu acabava discutindo sobre. A gente já chegou a fazer reunião lá sobre questão trans.. Porque quando eu comecei a transição, eu falei: gente, eu tenho preguiça de ter que ficar repetindo a mesma coisa para as pessoas. E assim, eu era muito mais passivo no começo, no sentido de não cobrar a pessoa do jeito certo de me chamar. Mas chamei um pessoal pra conversar com os colegas do meu trabalho, para ajudar a conversar, que é meu ex-sogro e minha ex-sogra. Depois parece que eles progrediram, mas por questões de brigas eles começavam a me tratar pelo “nome morto”. Aí eu falei: “não quero mais ficar aqui!”. Era péssimo, não sei como eu aguentei. Mas agora eu estou muito mais livre.

Sobre a mudança de curso de graduação, Lucas afirmou que além de gostar de Geografia, lhe agradava o fato de estudar em uma universidade pública por todas as atividades, debates e oportunidades que se têm acesso quando se estuda em uma delas. No entanto, surpreendeu-se com as relações sociais na nova universidade, muito mais positivas do que na anterior:

O ambiente é muito mais acolhedor que na universidade pública [nome suprimido]. Tem a questão de classe, que você vê que o pessoal tem dinheiro, mas é um ambiente muito mais acolhedor, eu estou me sentindo muito mais confortável, até com os professores. E foi um choque para mim quando eu entrei lá porque eu senti essa diferença e não imaginava que seria assim: pessoal se ajudando, todo mundo junto, unido. E apesar dessa diferença financeira, o pessoal é gente boa.

A concepção da docência como uma forma de engajamento político atravessou os relatos dos jovens deste grupo. Labbé (2016) e Galán e Fersch (2020) observam a tendência da percepção da atividade profissional como um tipo de engajamento político entre jovens que participaram do 15M. Os autores destacam a profissão docente, mas também mencionaram outras ligadas à área social. As pesquisas de Groppo com jovens que ocuparam escolas também encontraram um grande número de jovens que ingressaram em licenciaturas e atribuem a experiência de ocupação a essa escolha.

### **6.1.2. Escolhas pragmáticas em busca de independência e autonomia**

No presente tópico, estão cinco jovens que ingressaram no ensino superior em cursos distintos da área de educação. São jovens que ingressaram em cursos como Enfermagem, Jornalismo, Direito, Cinema e Processos Gerenciais e nenhum deles atribuiu a participação nas ocupações à escolha profissional. É um grupo composto por jovens das camadas populares e todos se identificam como LGBTQIA.

Ariel era estudante do quarto ano de Enfermagem, curso que desde a infância sonhava em estudar. Ela estudava em uma universidade privada, residia com os pais e, quando entrevistada, estava sem trabalhar para se dedicar integralmente aos estudos. Ariel contava com o apoio financeiro de seus pais, sua mãe empregada doméstica e seu pai motoboy. Ela frisou que seus pais sempre apoiaram seus estudos e que, até aquele momento, ainda não havia trabalhado, embora tivesse vontade. Sobre a escolha do curso, disse ter sido motivada pelo desejo de ajudar as pessoas. Desse grupo, é a única que associou a escolha profissional a um sonho, o qual existe desde a infância.

Eu queria trabalhar. Primeiro que eu não tenho dinheiro para pagar a mensalidade da faculdade né? Tem que pagar a mensalidade e são meus pais que pagam. Não acho justo porque eles pais já tão ficando idosos. E fora que também eu quero arrumar alguma coisa na minha vida, quero ter meu dinheiro e guardar para ter minhas coisinhas, para quando eu começar a exercer a profissão, eu já tenha um pouco de dinheiro guardado para conseguir arrumar uma casa, conseguir arrumar o meu espaço para eu viver. Mas minha mãe não quer que eu trabalhe. Ela não quer, porque ela fala que eu vou reprovar na faculdade e preciso me dedicar.

Kamila participou de duas entrevistas, a primeira no começo de 2020, antes da pandemia, e a segunda no final de 2021. Nas duas trabalhava como professora de inglês em uma escola de idiomas, ocupação que exerce desde 2017, quando estava no terceiro ano do ensino médio. Na primeira entrevista, estudava em um cursinho pré-vestibular e se preparava para o vestibular de Medicina, enquanto na segunda estava cursando o primeiro ano de jornalismo em uma universidade particular, na modalidade a distância. Destacou que pretendia se formar e se mudar para outro país, para se especializar em relações internacionais. Sobre a mudança de curso, Kamila pontuou que embora sempre tenha sonhado em estudar Medicina, a área de humanas a atraía e, depois de tentar ingressar em medicina por vários anos, optou por Jornalismo e estava gostando do curso.

Residia com sua família e pretendia se mudar em breve, quando a situação familiar se estruturasse, pois sua mãe perdeu o emprego durante a pandemia e Kamila se tornou a principal responsável pela renda familiar. Em diversos momentos, sublinhou a falta de tempo livre, uma vez que dava aulas do período da manhã até à noite de segunda a sexta e durante as manhãs e tardes aos sábados. Começou a dar aulas de inglês após ter se tornado fluente de forma autodidata e embora goste do trabalho, disse estar cansada e com vontade de viver outras experiências “Tem dia que chego quase 01h da manhã. Não sobra tempo para nada. Meu namoro acabou por rotina diferente, porque eu sempre estava trabalhando”.

Em diversos momentos ressaltou a centralidade do trabalho em sua vida e a seriedade com que leva sua profissão, fato que a afastou de muitos amigos e ocasionou alguns términos de relacionamento. Sobre o desejo de se especializar em Relações Internacionais, Kamila atribuiu ao interesse por jornalismo político, tema de interesse que atribui à relação com sua mãe. Segundo Kamila, sua mãe sempre trabalhou em mais de um turno e que o momento em que costumavam ficar juntas, era durante o noticiário, em especial quando o tema era a política. Além de atribuir o gosto pelo jornalismo político à relação com a mãe, Kamila destacou que o fato de levar o trabalho a sério também é inspirado por ela, que sempre foi a responsável pelo sustento da família.

A falta de tempo devido à intensa rotina laboral foi reiterativa nos discursos dos jovens, sendo bastante enfatizada no relato de Helena. Em entrevista única concedida

no meio do ano de 2022, Helena trabalhava numa agência de Marketing, como coordenadora administrativa, e havia trancado a graduação em Direito, iniciada em uma universidade particular. Começou a trabalhar aos 17 anos, como professora de inglês e afirmou que não pretendia voltar a dar aulas nunca mais, após ter sofrido racismo por parte de alunos. Ela acentuou a centralidade do trabalho em sua vida, exercendo diversas ocupações ao longo dos anos, além de diversos cursos. Frisou a falta de tempo devido à dedicação integral ao trabalho que a levou a trancar o curso de Direito quando estava no segundo semestre, durante a pandemia.

Além de ter precisado trancar a graduação, a falta de tempo a impede de se engajar politicamente e de tempo livre para o lazer: “O trabalho toma conta de 99% do seu tempo útil. Enquanto você tá sobrevivendo, você está trabalhando. É o tempo de você chegar do seu trabalho, de você voltar pra sua casa, resolver sua vida e acabou. A vida se resume isso: a trabalhar”.

Apesar da rotina extenuante, Helena disse que o fato de ser independente financeiramente e poder morar sozinha, tendo autonomia e liberdade para fazer o que deseja, compensava o cansaço do dia a dia. A respeito de retornar aos estudos, ponderou se voltaria ao Direito ou se iniciaria outro curso, mais próximo da sua atuação profissional na área de Marketing. Sobre ter escolhido Direito, disse que a motivação, mais do que o interesse pela profissão, era a busca da compreensão sobre como funcionam as leis no Brasil, pois tinha um irmão presidiário e percebia a injustiça e racismo do sistema carcerário brasileiro.

Assim como Helena, César estava com o curso de Direito trancado em uma universidade particular, por causa do trabalho. Entrevistado no começo da pandemia, César trabalhava como atendente de uma farmácia, no período noturno. Ele residia com um amigo e, a fim de manter sua autonomia, disse que precisou priorizar o trabalho em relação aos estudos, mas que pretendia voltar ao curso de Direito assim que possível:

Desde o meu ensino fundamental, da minha oitava série, eu sabia que eu iria fazer Direito, que é uma área que eu gosto, que eu sei que eu quero para minha vida. Fiz três semestres, tranquei agora no final de 2019, em novembro, por conta de alguns problemas pessoais que envolvem amor, que envolvem maturidade, todas essas coisas. Às vezes, não consegue. Você sabe que não está se dedicando tanto quanto você queria, faculdade de Direito é uma faculdade que,

querendo ou não, exige muita dedicação, um aporte financeiro muito grande e, apesar de eu ter a bolsa do Prouni de 50%, era algo que me exigia muita energia. A gente sabe que fazer uma faculdade é algo que você precisa estar 100% para se dedicar. Eu tive uns problemas no meio do caminho, um término, algumas coisas assim que me tiraram um pouco do foco e eu senti que apesar de eu estar indo na faculdade, fazendo tudo bem, tirando notas excelentes, não estava feliz. Então, eu falei: "não tem sentido, eu tenho 20 anos e já estou no terceiro semestre de uma faculdade de Direito, vamos mudar um pouco, né?". Daí eu não morava mais com a minha mãe, morava com uma tia minha, por causa de algumas outras relações familiares que tive problema na época. Então resolvi morar sozinho e, nesse período que eu tranquei a faculdade eu pensei: "poxa, fazer uma graduação é algo muito legal, muito mesmo! Mas morar sozinho também é um outro passo que é muito legal também, que amadurece de outras formas". Então, eu tranquei a minha faculdade em novembro do ano passado e em janeiro desse ano resolvi morar com um amigo meu, a gente divide apartamento. E para mim está sendo uma experiência maravilhosa. Mas assim que me estabilizar, quero voltar para a faculdade.

César é um jovem gay e sua saída da casa de sua família, que o levou primeiro a residir com sua tia e, posteriormente, com seu amigo - com quem morava quando foi entrevistado-, foi graças à dificuldade de sua mãe em aceitar sua sexualidade, mas destacou que, aos poucos, a convivência com ela tem se tornado mais positiva e sua orientação sexual deixando de ser um tabu, em suas palavras:

Então, eu sempre tentei introduzir nesses dez meses que namorei o meu namorado, mas minha mãe tinha uma resistência, ela falava: "não estou pronta, não estou pronta, não estou pronta". Só que acabou gerando uma discussão entre nós e eu acabei me distanciando e fui morar com a minha tia por causa disso. Mas entendo, é outra geração e eu tenho muita paciência, muita paciência mesmo. Hoje em dia, o meu amigo que mora comigo é gay também e a gente acabou de chegar da casa da minha mãe, a gente foi tomar café lá. Então, aos poucos, vai se deixando de ser um tabu.

Igor havia ingressado no curso de Cinema, em uma faculdade privada, mas depois de três anos havia trancado e ingressado no curso de Tecnólogo em Processos Gerenciais, a fim de se inserir com mais facilidade no mercado de trabalho. A escolha por Cinema foi motivada por sempre ter gostado de filmes, sobretudo durante sua adolescência solitária. Igor ressaltou que fora um adolescente tímido e sozinho e que via nos filmes uma companhia.

Em relação à trajetória laboral, Igor começou a trabalhar no comércio da família, durante a adolescência, mas, depois que o comércio fechou, ficou sem trabalhar por quase três anos, enquanto estava estudando Cinema. Por não ver perspectivas de trabalho na área, trancou o curso, passou trabalhar em lojas de shopping e ingressou no tecnólogo em Processos Gerenciais,

Entrevistado em maio, ele estava sem trabalhar desde dezembro, após ter se demitido de um emprego por se sentir muito desconfortável tanto com a carga horária, quanto com o relacionamento entre a equipe. Relatou que desde que entrou nessa loja, o fato de ser um rapaz homossexual fez com que colegas de trabalho e até mesmo sua chefe, fizessem perguntas desagradáveis sobre sua orientação sexual, além de atribuírem a ele uma série de estereótipos relacionados à sua sexualidade:

Eu tranquei a faculdade e, no ano passado, 2019, eu consegui um emprego em uma loja de chocolates no Shopping, maravilhosa, tenho um carinho gigante por lá, mas fui demitido em outubro e entrei numa outra loja em novembro, onde eu sofri muito. Eu sofri muito mesmo. Eu entrei na loja, só tinha um outro menino que era gay e que foi demitido no dia seguinte. Então eu fui o único rapaz gay da loja. Tanto que eu saí de lá, pedi demissão e a gerente me chamou até a porta para conversar e, na frente de várias pessoas, perguntou sobre como eu exercia minha sexualidade com outros homens. Ela perguntou na frente de todo mundo que estava passando no shopping. E eu não soube como reagir, morri de vergonha. Eu desviei do assunto, contornei a situação, pedi demissão e estou desempregado. Não sei quanto tempo vou ficar, porque temos uma crise gigantesca pela frente, não chegamos nem no início da crise ainda, com essa pandemia. Teremos momentos difíceis nos próximos meses.

Sobre o novo curso, de Processos Gerenciais, Igor disse que: “é uma área que eu gosto, mas não é uma área que eu quero para a vida”. “eu quis fazer cinema, não rolou. agora eu estou numa faculdade que talvez dê certo, mas não sei como vai ser minha vida. Estou vivendo uma crise dos 20 absurda e não sei o que vai ser da minha vida, mas seja lá o que eu for fazer da minha vida, eu quero ter no mínimo um conhecimento em que eu possa potencializar minha causa (LGBTQIA+).

No tópico ora apresentado, estão cinco jovens que ingressaram no ensino superior em cursos que não eram da área de educação. São jovens que ingressaram em cursos como Enfermagem, Jornalismo, Direito, Cinema e Processos Gerenciais e nenhum deles atribuiu a participação nas ocupações à escolha profissional.



Nesse grupo, com exceção de Ariel, a questão da provisoriedade das escolhas foi transversal aos demais relatos. O sonho de infância de estudar medicina de Kamila, foi substituído pelo jornalismo, realizado na modalidade a distância a fim de conciliar com o trabalho como professora de inglês, de onde obtém a renda para sustentar a si mesma e a mãe, que estava desempregada. A graduação em Direito, também sonho de infância de César, precisou ser trancada a fim de se dedicar ao trabalho e manter sua autonomia e independência em relação à família, que não aceita sua orientação sexual. De modo semelhante, Helena também precisou trancar a graduação em Direito para se dedicar ao trabalho e permanecer autônoma e independente, mas já não sabia se voltaria ao mesmo curso ou a algum que estivesse mais relacionado à sua área de atuação. Igor, que gostava de estudar Cinema, abdicou do curso em nome de uma inserção laboral mais rápida com o curso de tecnólogo em processos gerenciais.

Em relação às idades, Ariel tinha 21 anos e já estava prestes a se formar em enfermagem, enquanto Kamila, aos 22, estava no primeiro ano de graduação, assim como Igor, que também tinha 22 anos. O fato de ser um grupo composto integralmente por jovens LGBTQIA+ que priorizaram trabalhos possíveis em detrimento de graduações que sonhavam em ingressar/concluir, suscita a reflexão de como a prova do trabalho se declina entre jovens LGBTQIA+ e os impele a criar estratégias de inserção laboral para independência. Caracterizam-se em tipos agênticos que acionam suas próprias habilidades para se inserir.

### **6.1.3. Da luta pela educação à luta pela sobrevivência: trabalho precário e afastamento dos estudos**

Neste tópico estão reunidos os relatos de quatro jovens que não ingressaram na universidade e de um que não chegou a concluir o ensino médio. É um grupo composto integralmente por jovens de camadas populares, que ingressaram no mundo do trabalho antes dos 18 anos e que desempenham funções como manicure, garçom, saladeira, militante profissional e motorista de caminhão.

Mel foi entrevistada em dois momentos e, se na primeira rodada focalizou as ocupações e o engajamento político, na segunda a vida profissional e familiar

nortearam seu relato. Na primeira entrevista, trabalhava exclusivamente como manicure, ocupação que exerce desde os quinze anos, e residia com a família. Na segunda, estava casada, gestante e conciliava o trabalho de manicure com a escrita de ebooks para agências de marketing.

Na primeira conversa, mencionou que sempre sonhou em fazer faculdade de Direito, mas por falta de tempo e condições financeiras, não havia sido possível até o momento. Na segunda, disse que a desilusão com a política refletiu no seu desinteresse pela área jurídica e que estava focando em cursos livres na área de Propaganda e Marketing:

Na verdade, eu me desiludi bastante com tudo. O Direito é um curso que às vezes você vai ser obrigada defender uma causa que não tem nada a ver com aquilo que você acredita. Não tenho mais vontade. Uma coisa que eu foquei mais é em mim mesma, em investir no meu futuro. Porque assim, eu tenho potencial, eu sei falar, eu sei me virar bem. Eu sempre falo para todo mundo que você tem que ter desenvoltura. Se precisar fazer faxina, eu faço. Se precisar fazer cabelo, faço. Fazer unha? faço. Faço tudo. Mas eu foquei mais no Marketing e Propaganda, que é algo que eu gosto bastante. Na verdade, eu já faço cursos por fora, né? Faço bastante coisa. Estou no rumo, fazendo bicos. Faço e-books para empresas, já fiz dois, os dois sobre culinária. Estou gostando bastante.

Mel destacou que seu foco atual era em si mesma, na sua carreira e família e disse estar muito feliz com a chegada de seu primeiro filho:

O meu foco, hoje, é meu trabalho e minha família. O meu bebê, eu planejei. Depois que eu saí de tudo [dos movimentos que fez parte] eu falei: "acho que vou focar na minha família". Porque eu não tive uma família estruturada, né? Então meu sonho sempre foi ser uma família estruturada para o meu bebê. Eu quero ter um filho, alcançar meus objetivos, ajudar o meu marido... Tanto que sobre meu marido, eu falo que foi um achado, porque ele concorda comigo politicamente, também. Ele sabe tudo que eu já passei, tudo que ocorreu. Ele me apoia bastante e eu também o apoio bastante. E a gente tem conseguido bastante coisinha, estamos subindo na vida. É importante subir na vida, né? Fazendo o que é certo. Então está bem agradável. Dá até um medo às vezes, mas é uma realização.

Assim como Mel, Jhon também está focado em sua família e na vida profissional. Na primeira entrevista, já havia mencionado que tinha uma filha, que vivia com sua ex-namorada. Seu principal objetivo naquele momento, era poder continuar sendo um pai presente, capaz de fornecer recursos e atenção, além de manter o apoio financeiro à sua mãe e irmã, com quem residia em ambas entrevistas. Na

primeira conversa, Jhon trabalhava como garçom e disse que já havia atuado como auxiliar de eletricista, estoquista e em campanha política, com o grupo de hip-hop que fazia parte:

Eu já trabalhei como auxiliar de eletricista durante um tempo, trabalhei no shopping como estoquista de tênis, em lanchonete, em várias funções. Já trabalhei em campanha política. O nosso grupo [de Hip-hop] era bem influente, a gente compareceu em campanha, como militante profissional. Agora não mais, por causa do receio em relação à repressão, mas também porque tem outras prioridades. Sabe, para você fazer isso tem que ficar um certo tempo, mas nunca vou deixar de lado totalmente. É que minha prioridade é minha família; quando eu precisei, as pessoas que me elogiavam e que gostavam o meu trabalho de rap foram as primeiras a me criticar. Quem sempre esteve ao meu lado foi a minha família.

Na segunda entrevista, Jhon trabalhava como garçom em outro restaurante e estava dando início a uma loja virtual de roupas, junto com amigos do grupo de Hip-hop. Além disso, estava ganhando dinheiro por meio de criptomoedas e refletiu que embora muitos vissem como uma contradição ele estar “*jogando o jogo do neoliberalismo*”, [em suas palavras], o fato de poder comprar bens de consumo que sua família nunca teve acesso, como eletrodomésticos e móveis novos, faziam-no entender como uma necessidade e valorização da família, e não como uma traição à sua ideologia, conforme poderia ser visto por pessoas que sempre tiveram esses acessos. Na segunda entrevista, realizada presencialmente em sua casa, Jhon mostrou, com orgulho, o sofá novo que havia comprado para sua mãe e disse que, desde pequeno, seus móveis e eletrodomésticos eram sempre adquiridos por meio de doações e estava muito feliz de poder ampliar o acesso ao consumo de sua família.

Em relação aos estudos, disse que fez vários cursos online, como Gestão de Pessoas, Marketing Digital e salientou que, quando fosse possível, gostaria de ingressar em uma faculdade para estudar Relações Públicas ou Propaganda e Marketing.

Ludmila trabalhava preparando saladas em um restaurante industrial durante o dia e em um bar durante a noite. Devido à extenuante jornada de trabalho, Ludmila só conseguiu fazer a entrevista por telefone, enquanto se deslocava em direção à segunda jornada de trabalho. Ela residia com sua irmã e, quando questionada sobre sua família de origem, disse que não tinha pais, pois havia sido adotada por uma

família com a qual não mantinha boas relações., desvinculando-se dela ao fazer 18 anos. Após a maioridade, Ludmila foi residir com sua irmã biológica, com quem residia até o momento da entrevista.

Não estava estudando, mas sonhava em cursar algum curso de licenciatura na área de humanas, como ciências sociais, história ou filosofia. Ressaltou que gostava muito de estudar e chegou a participar de um cursinho popular, além de grupos de estudo sobre feminismo negro; contudo, devido à rotina de trabalho, não pôde continuar a frequentar. Sobre o interesse em ingressar em um curso de licenciatura em humanas, atribuiu à luta pela educação que fez parte e por gostar de adquirir e transmitir conhecimentos a fim de contribuir com a transformação social: “Eu quero passar conhecimento, porque graças ao conhecimento, a gente pode mudar muitas coisas, pode mudar a vida de muita gente, pode transformar muita coisa. Eu gosto de adquirir conhecimento e passar para a frente”.

Augusto trabalhava como militante profissional e ainda não havia ingressado no ensino superior, a fim permanecer em uma organização de estudantes secundaristas de seu partido. Ele estava planejando estudar jornalismo, pois já trabalhava na área de comunicação dentro da organização que era engajado. Ele residia com amigos do coletivo após ter sido expulso de casa, devido à sua orientação sexual.

Começou a trabalhar aos 12 anos, em um lava-jato e disse que durante a adolescência teve muitos trabalhos informais:

Eu ficava seis horas no Lava-jato, estudava de manhã né, eu saía da escola ia direto para o Lava-jato. Porque meu pai trabalha no Lava-jato, então ele tem muitos amigos, muitos conhecidos que trabalham nessa área, inclusive, foram para um emprego melhor depois de um tempo. Eu comecei a trabalhar com pintura, que é um trabalho desgastante também, mas recebia bem mais. Sempre trabalhei de forma informal, mas na sempre na área de automóveis.

Seu discurso foi delineado pela questão do engajamento político, que é o foco principal da sua vida, norteador sua escolha profissional, suas amizades e é de onde advém sua fonte de renda, sendo o que se denomina militante profissional.

Raimundo foi o único dentre os entrevistados que não concluiu o ensino médio. Ele morava com seu tio e, na primeira entrevista, trabalhava como encarregado em

uma empresa de transportes, enquanto na segunda era motorista de caminhão. Dentre os jovens entrevistados, Raimundo foi o único que não concluiu o ensino médio, evadindo dos estudos no segundo ano, quando foi reprovado pela sua participação nas ocupações, segundo ele.

Chegou a ingressar na EJA, mas achou as aulas muito fáceis e perdeu o interesse: “Eu cheguei a entrar na EJA, mas era muito fácil e eu queria ter pelo menos um professor explicando. Aí eu fui atrás de vaga em uma escola que estava aberta, mas não consegui. Porque faz falta ter a presença de professor e ali na EJA é só apostila, tudo fácil e não é a mesma coisa para aprender. Você não aprende nada. O professor só tinha como função corrigir, mas não ensinava nada”.

Na primeira entrevista, estava trabalhando presencialmente, pois o setor dos transportes não fechou nas semanas em que houve alguma medida de distanciamento social. Na segunda entrevista, estava trabalhando como motorista de caminhão para uma empresa de transporte e disse que, se tivesse condições, estudaria Gastronomia ou Arquitetura. Entre as duas entrevistas, chegou a trabalhar em um hortifruti de maneira informal, onde recebia menos de um salário-mínimo. O trabalho atual, além de propiciar uma condição financeira um pouco melhor, lhe agradava por gostar de dirigir e de viajar para outras cidades. Naquele momento, permanecia residindo com seu tio e revelou que o que tinha como meta era o progresso pessoal, sintetizado em: “Ah, pra mim o progresso é ter uma casa própria, ter meu carro, ter um canto para você morar com conforto com ninguém enchendo o saco. E ter dinheiro para ter um filho, também futuramente”.

Nesse grupo se evidencia as trajetórias de maior precariedade em relação ao mundo do trabalho e a menor disponibilidade de suportes. É o grupo que parece ser composto por jovens oriundos de classes mais baixas. São indivíduos agênticos, que se inseriram em trabalhos precários a fim de sobreviver. Essa agência é expressa no relato de Mel, que disse: “Porque assim, eu tenho potencial, eu sei falar, eu sei me virar bem. Eu sempre falo para todo mundo que você tem que ter desenvoltura”.

No relato de Jhon, a questão da parentalidade e o apoio à sua mãe e irmã, ou seja, a questão familiar, que refletiu em seu percurso profissional e o adiamento do sonho de ingressar no ensino superior. Ludmila, filha de pais adotivos - com os quais

rompeu contato-, também precisou adiar o ingresso no ensino superior para se dedicar aos trabalhos precários que exerce para sobreviver. Raimundo, jovem que evadiu dos estudos ainda no ensino médio, precisou se submeter a um trabalho em que ganhava menos de um salário mínimo. Augusto é o único militante profissional e adiou seu ingresso no ensino superior por imposição da organização. Trata-se do único entrevistado da tese que seguir uma carreira militante (Brenner, 2010).

\*\*\*

Os relatos do capítulo revelam a instabilidade e provisoriade nas escolhas, típicas de um contexto de incerteza (La Mendola, 2005; Colombo; Rebughini, 2022). Trata-se de tipos agênticos (Araujo; Martuccelli, 2020) que precisam mobilizar os próprios recursos para lidar com a imprevisibilidade e falta de suporte institucional. Nesse sentido, destacam-se desde habilidades pessoais até as redes de apoio acionadas, formada por familiares e amigos.

A escolha pela docência, motivada sobretudo por motivações políticas, influenciada direta ou diretamente pela experiência de luta pela educação, também parece ser guiada pela possibilidade de maior estabilidade em um contexto de crise econômica e precariedade no mundo do trabalho.

No caso das mulheres e de forma ainda mais intensa os jovens LGBTQIA+, as provas do trabalho e familiar se declinam de forma particular. Diante de um contexto precário que atinge a todos, o desejo de adquirir emancipação em relação à família os impele a elaborar estratégias de inserção laboral que os permitam ter independência financeira e efetivar sua autonomia. Sob esse aspecto, para uma parte dos jovens LGBTQIA+, a continuidade dos estudos e a escolha pelo curso superior torna-se secundária em relação à efetivação da autonomia.

A parentalidade, presente apenas entre os rapazes, também influencia nas experiências do trabalho e da escolarização. A urgência de obter renda suficiente para o sustento próprio e de seus filhos os empurra a inserções precárias e relega os estudos para segundo plano.

## Capítulo VII - O que restou da experiência?

Neste capítulo, procuro apreender como a experiência de participação no movimento de ocupações estudantis reverberou nas trajetórias das moças e rapazes, com foco no momento presente. De acordo com Jaques Ion (2012) e David Graber (2014) a participação é uma luta política, por mais efêmera que seja, produz transformações na subjetividade dos indivíduos que nela se engajaram, ampliando sua visão de mundo e senso crítico. Tomando essa premissa como referência, compreende-se que participação nas ocupações estudantis levou à politização dos jovens que delas participaram e, independentemente se continuaram engajados ou não, busca-se a compreensão de como essa experiência ressoou em seus caminhos e quais as significações atribuídas a ela.

Além disso, os relatos são compreendidos pela ótica da experimentação e da provisoriedade. Concebe-se a juventude como um momento do curso de vida caracterizado por experiências multifacetadas na educação, trabalho, relacionamentos afetivos e, também, no que se refere à relação com a política. Parte da perspectiva de que os caminhos trilhados por jovens são não-lineares (Pais, 2001) e suas escolhas são múltiplas, temporárias, reversíveis (Melucci, 1997) e pautadas no tempo presente (Melucci, 1997; Leccardi, 2005).

Alberto Melucci (1997), ao analisar a experiência social do tempo em sociedades complexas, observou que a multiplicidade e a descontinuidade tornaram-se experiência comum. De forma distinta do que ocorria em sociedades tradicionais - em que o tempo era regulado pelos ritmos da natureza - e mesmo na sociedade industrial, em que o tempo era regulado pela máquina e orientado em direção a um fim, na sociedade contemporânea, altamente diferenciada, há uma multiplicidade de experiências subjetivas em relação ao tempo. No campo de estudos da juventude é célebre a aceção de Melucci (1997) de que os jovens são como um espelho que reflete os dilemas vividos pela sociedade como um todo. Partindo dessa perspectiva, os jovens vivenciarão de forma mais intensa o dilema do tempo e a essa multiplicidade de temporalidades estaria associada uma diversidade de possibilidades. Segundo o autor:

Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida (p. 9)

Ainda que o autor tenha mencionado a adolescência, fase inicial da juventude, tais atributos são comuns a todo esse período do curso de vida, sobretudo ao considerar que estão relacionados à experiência social do tempo que, por sua vez, está ligada ao desenvolvimento tecnológico, em especial às redes de informação. Melucci (1997) teorizou sobre o tempo, descontinuidade e a multiplicidade de possibilidades que são colocadas aos jovens em um momento anterior à expansão e universalização da internet e das tecnologias de informação e comunicação. Dessa forma, ao pensar no momento atual, a multiplicidade de caminhos, a transitoriedade e a reversibilidade estariam mais intensas do que outrora, uma vez que a exposição a uma miríade de informações se intensificou.

Ao examinar como os jovens se relacionam com a temporalidade na sociedade contemporânea, Carmen Leccardi (2005) observou que o aumento da incerteza em relação ao futuro tornou o presente o principal ponto de referência da experiência cotidiana. A partir do conceito de Ulrich Beck (1992) de “sociedade de risco”, na qual a segunda modernidade - tal como é concebida a modernidade contemporânea na perspectiva do autor - seria governada por riscos globais de ordens diversas - associados às crises ambiental, econômica, sanitária etc. - as quais levariam ao aumento de desigualdades sociais e, dessa forma, tornariam o futuro incerto e, portanto, a ideia de um projeto de vida orientado em sua direção perderia o sentido. Esses riscos e incertezas afetam sobretudo o modo pelo qual os jovens lidam com o tempo, uma vez que despidos de um projeto de vida orientado ao futuro e com as possibilidades em aberto, teriam no presente o seu principal horizonte de significação. Dessa forma, o controle - tão desejado na primeira modernidade, da sociedade industrial - cede lugar à experimentação e a ideia de um projeto de vida único torna-se suplantada pelo desejo de projetos diversos e provisórios em uma vida.



Em relação aos engajamentos políticos, compreende-se que as formas pelas quais os indivíduos agem coletivamente é influenciada por processos de mutação social mais amplos e, portanto, a lógica da experimentação e provisoriedade também se dá nesse campo (Ion, 2012; Muxel, 2008). Para ilustrar a provisoriedade e manter um fio condutor em relação ao primeiro capítulo da parte empírica, os relatos estão agrupados novamente em: 7.1 Organizados: engajamento prévio em partidos e juventudes partidárias; 7.2 Independentes: engajamento prévio não-partidário; 7.3. . Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação.

### **7.1. Organizados: engajamento prévio em partidos e juventudes partidárias**

Mel participou de duas entrevistas, a primeira no começo do ano de 2020, antes da pandemia, e a segunda em meados de 2022. A primeira entrevista foi presencial e a segunda por videochamada. Conforme dito, ela fazia parte do Revolução e foi muito ativa nas ocupações, sendo considerada uma liderança no movimento. Já na primeira entrevista, Mel estava afastada do grupo Revolução e dos outros coletivos que participou brevemente depois das ocupações.

Em ambas entrevistas, Mel destacou a culpa que sentiu por ter, em sua visão, incentivado seus colegas a ocuparem a escola. Nos anos que sucederam as ocupações, revelou ter enfrentado grande desgaste emocional, em especial por se sentir responsável pelo sofrimento de seus colegas que participaram do movimento:

Foi bem complicado o que aconteceu com a gente. Éramos simples adolescentes, ainda não éramos adultos. Foi algo realmente intenso. Passamos por uma situação muito difícil, um verdadeiro terror psicológico. Não conseguimos lidar com isso. Eu não consegui lidar. Vou contar para você, eu me culpo bastante. Me culpo mesmo. Fico pensando: "se eles não tivessem participado e eu não tivesse influenciado, será que não teriam se sentido tão mal quanto estão agora?" Foi logo depois das ocupações, uns meses depois, acho que todos começaram a perceber. Eu fiquei com um trauma enorme, acabei desenvolvendo síndrome do pânico. Então, pensei: "preciso me reerguer para ajudar quem está ainda mais frágil do que eu!" Uma amiga chegou a tentar se suicidar! Eu realmente pensei: "se eu a influenciei nisso [de participar da ocupação], a culpa é minha!"

Devido às dificuldades enfrentadas, Mel chamou atenção para o fato de achava necessário que houvesse tido apoio por parte das organizações políticas aos jovens secundaristas após o fim das ocupações:

Faltou um pouco mais de organização na forma como eles abordaram a situação, algo como: "Gente, o que vocês passaram foi bem desafiador, então talvez fosse interessante a gente marcar, sei lá, toda quarta-feira, uma roda de conversa com uma psicóloga, pra falar sobre o que aconteceu, porque depois de tudo isso...". Às vezes, por ser adolescente, as pessoas comentam: "Nossa, você tem uma mente bem avançada pra sua idade". É verdade, mas eles esqueceram que eu ainda sou uma adolescente! E isso vale para todas as organizações. Eu tentei oferecer apoio a todo mundo, mas não recebi... não tive apoio. E, sinceramente, não foi fácil! Não está sendo fácil até agora.

Conforme mencionado, além do Revolução, Mel chegou a frequentar coletivos ligados a questões diversas – a maioria vinculada ao partido -, no entanto, não permaneceu em nenhum. A razão pela qual decidiu se desvincular foi a percepção de que não havia acolhimento e espaço para o dissenso

Eu tentei me envolver com outros movimentos, mas acabei não me identificando. Isso foi frustrante, porque quando você entra em uma rede de acolhimento, eu digo "rede de acolhimento" porque são pessoas que passam por experiências parecidas, compartilham os mesmos interesses, mas nem sempre é assim. Participei de vários coletivos, pois estava tentando me encontrar em um deles. Mas, não consegui me identificar em nenhum deles: no Revolução, no movimento feminista, no movimento negro, e nos movimentos sem partido que lutavam por educação, saúde, sexualidade. Eu me envolvia em muitos movimentos, acabava me encaixando em vários, sendo ativa e militante em diversos. Acho que, por ter sido tão ativa, vivi muitas situações que me afetaram negativamente. Hoje em dia, se olharmos, são poucos os que permaneceram nos movimentos. Aí, você se pergunta o porquê, e não é um "ah, porque mudou de partido!". Não, muitos saem por medo, essa é a grande realidade

Sobre o medo aludido, Mel ressaltou acusações e perseguições diversas que enfrentou dentro dos coletivos, destacando uma situação em que, ao defender uma jovem vítima de abuso sexual por um membro do Revolução, foi silenciada e afastada da organização. Segundo Mel, esse silenciamento ocorreu porque o agressor ocupava uma posição de destaque no Revolução. Além disso, ela enfatizou que, devido a essa postura, passou a ser rotulada como "bolsonarista" por posicionar-se em favor da jovem e expressar críticas contundentes aos membros do grupo:

Começaram a interpretar de uma forma como se eu estivesse apoiando o Bolsonaro. Me rotularam como se eu fosse pró-Bolsonaro, mas uma semana antes, eles vieram falar sobre o assunto do estupro. Era uma forma de minar a minha credibilidade, para outras pessoas não acreditassem em mim, algo como: "ela está dizendo isso, mas ela é bolsonarista". Tentaram me classificar como sendo da direita para eu perder credibilidade. Tanto que recebi mensagens de outros participantes dizendo "nossa, eu não vou te apoiar porque você está do lado do Bolsonaro, eu nem sei se o que você fala é verdade". E me bloquearam. Então, eu fui excluída e afastada porque eu questionava

Fora a situação supracitada, Mel relatou inúmeras críticas que sofreu em coletivos quando discordou de atitudes e posicionamentos dos demais integrantes. Ela enfatizou os embates que travou nos coletivos feminista e negro. Sobre seu distanciamento de grupos feministas, Mel imputou ao fato de haver, em sua avaliação, uma certa imposição de comportamentos:

Eu acho que todo mundo passa por diversas situações, dificuldades, incluindo problemas familiares, que acabam afetando o emocional e eles não me davam muito espaço para falar sobre isso. No coletivo feminista, havia uma roda sobre meninas que foram estupradas, mas no fim, não deixaram uma moça participar, porque, na visão delas, ela não havia sofrido o suficiente. Eu falei: "Ela só pode falar sobre estupro se tiver sofrido muito, apanhado, ou até estar morta? Como assim?". Então, não tive experiências positivas, confrontei bastante o movimento feminista! Porque, convivendo com muitas pessoas e situações, aprendi que há mulheres que querem ser donas de casa, ter sua família e não querem trabalhar. Não é fazer isso porque o marido proíbe, mas porque é o sonho delas do mesmo modo, que também há mulheres que não querem ser mães, querem ficar sozinhas e estão bem assim. E há mulheres que querem casar, ter um marido, trabalhar, passear, ambos terem seus empregos, e pronto! Mas muitas vezes, o movimento feminista pré-determina o que você deve fazer. Uma moça veio falar comigo e disse: "Não, você não é feminista se agir assim!". Eu respondi: "Não, eu sou feminista! Só quero que você entenda que são pessoas diferentes, você não pode padronizar". Nunca conseguirá padronizar nada! Após o movimento da ocupação da escola, aprendi que não se pode padronizar nada. Aprendi a ter uma mente mais aberta, a observar tudo. E isso de padronizar, de impor um jeito de ser, acontece muito dentro de partidos e coletivos, demais mesmo! Você não pode ter nenhum tipo de liberdade que fuja do padrão que elas impõem. Você quer fugir do padrão que a sociedade te impõe e, chegando lá, tem outros padrões

Já sobre o afastamento do coletivo negro, Mel relatou ter se sentido excluída por se relacionar com um homem branco:

Fui procurar o movimento negro, pensando que seria um pouco melhor, mas eles excluem os brancos, acham que eles não sofreram como os negros. Na verdade, acho que as pessoas estão intolerantes com várias coisas. Eu costumava dizer para as pessoas: “Às vezes, estamos buscando igualdade, mas acontece que nunca tem uma igualdade, porque a gente mesmo se separa”. No coletivo negro, se aparecia algum branco, já era hostilizado. Aí eu falava: “Mas não era pra ter igualdade”? No fim, o oprimido oprimia. Eles falavam: “Você participou do movimento das escolas?” Eu respondi: “Participei!”, e eles: “Que legal! Pelo menos um negro tinha que liderar alguma coisa!”. Eu disse: “Não é assim! Eu não liderei nada, era tudo em equipe”. Eles: “Você liderou sim, não sei como você teve capacidade de liderar com brancos, pedindo a opinião de brancos!”. Aí eu disse: “Democracia é o quê? Só para negros?”. Eles falaram: “Não, mas os brancos fazem isso com a gente!”. Mas eu me senti perdida, porque depois você fala com alguns brancos e tem brancos que tem muito preconceito contra negros. Então, acho tudo muito pesado. Você vai correr para um lado, vai correr para o outro e os dois lados estão sempre se atacando. Eu dizia “a partir do momento que a gente mesmo se separa, não tem como dar certo”. Mas eles me diziam: “Foram trezentos anos de escravidão, Mel, você está com os brancos?” Eu respondi: “Não, eu só não estou contra os brancos!”. Aí uma menina falou: “Não, ela está ao lado dos brancos, sim, ela até namora um branco!

Quando a questioneei se ela sentia falta de se engajar politicamente, Mel respondeu afirmativamente, mas que ponderava devido às experiências negativas que vivenciou em seus engajamentos pós-ocupação

Às vezes, sinto a falta de participar um movimento, de estar com pessoas que, muitas vezes, compartilham pensamentos parecidos, a maioria. Mas confesso que tenho muito medo de me entregar e confiar novamente em algum partido ou grupo. O medo da decepção é bem maior, porque é muito desanimador passar por tudo isso. A decepção é algo que vai te consumindo aos poucos, te consome até não sobrar mais nada. E é tão difícil sair de uma depressão... Acho que poderia piorar minha depressão.

Na pandemia, após sucessivas perdas familiares, Mel voltou a frequentar a igreja evangélica neopentecostal que havia se afastado quando se filiou ao Revolução. Esse retorno só foi possível após perceber que questões de gênero estavam sendo discutidas dentro da igreja:

Tenho frequentado bastante a igreja. Gostei muito porque antes havia uma questão de machismo na igreja, mas agora está bem tranquilo, porque os pastores mais antigos foram se aposentando e estão sendo substituídos por novos, Os novos pastores chegaram e há muito mais espaço para as mulheres. Estamos sendo mais enfatizadas, e nas igrejas em geral tem sido assim. Está bem agradável.

Perguntei sobre o afastamento da igreja e se o retorno se deu pelo fato dela considerar um suporte ou “espaço de acolhimento”, como ela gostaria que fossem os grupos políticos. Mel respondeu:

Me afastei quando entrei no Revolução. Depois, retornei e tem sido um suporte maravilhoso. Ajudamos muitas pessoas e temos várias missões. Lá, percebo que agora tenho mais espaço. Eles abordam bastante temas como estupro, violência doméstica, entre outros, e como tenho um sendo crítico amplo e me expresso bem, na maioria das vezes, acabo falando na igreja. Gosto muito. Outras mulheres também têm a oportunidade de falar, porque defendemos que todo mundo deve ter um espaço. É um ambiente de acolhimento. A questão de homens agredindo mulheres melhorou muito. Não digo que está zerada, mas melhorou bastante. Eu havia me afastado por causa de um obreiro que era bem machista, espancava a esposa. Tentei falar na época, mas era um pessoal mais antigo e não deram muita importância. Agora, ele foi até expulso! Passei até a ter mais um pouco de fé na humanidade.

O relato de Mel convoca à reflexão pois ao mesmo tempo em que sua aproximação com a política, em especial com o feminismo, a afastou da igreja, o retorno se deu justamente por sentir que tinha mais abertura para discutir questões relativas à violência contra a mulher nesse espaço do que no partido e nos coletivos que fez parte. Em diversos momentos da entrevista, ela salientou que os grupos políticos deveriam ser espaços de acolhimento:

Um grupo que deveria proporcionar acolhimento, você acaba ficando com medo. Porque eu realmente, saí do grupo de negros e de feminismo com um medo grande, porque ou você literalmente faz o que eles falam, ou eles te criticam, falam mil coisas.

Sobre a eleição de 2018, Mel disse que havia votado nulo. Quando questionada sobre em quem votaria em 2022, disse embora ainda fosse avaliar melhor as opções, não votaria em Bolsonaro. Por ora, sua opção seria pelo voto nulo, como em 2018:

Vou estudar as opções de voto, mas é claro que eu nunca votaria no Bolsonaro. Vou analisar os partidos, examinar tudo direitinho porque, como já disse, não funciona para mim da mesma forma que para outras pessoas. É tudo uma ilusão e eu vejo muito a realidade, sou bem realista. Tanto que não consigo mais ficar sonhando com várias coisas, sou muito realista, mesmo. Precisamos, claro, de um presidente que cuide da gente, que faça tudo. Mas realmente acho que neste ano vou anular de novo.

Ludmila participou de uma entrevista, no começo do ano de 2022, de forma remota. Embora não tenha oficializado a filiação, participou intensamente da juventude Primavera e de seus setoriais de gênero, raça e sexualidade. Em 2018, afastou-se devido às demandas do trabalho e por discordar de alianças feitas com outros partidos. Revelou que caso houvesse mais tempo disponível, gostaria de participar de coletivos e grupos de estudos não vinculados a partidos políticos e que priorizassem discussões teóricas, pois, segundo ela, “informação nunca é demais”. Relatou ter se desiludido com as práticas comuns da política institucional, como as referidas alianças. Embora esteja afastada dos engajamentos, sublinhou que caso houvesse um golpe no Brasil, ela “iria para o front”. Nesse momento, relatou sentir saudades de estar engajada:

Depois do ensino médio ainda fiquei uns dois anos, eu me mobilizava com o pessoal do Primavera por algumas causas, mas depois me desliguei totalmente. Desliguei-me porque o rumo já não era mais o mesmo, a política mudou de forma, os pontos de vista internos básicos mudaram um pouco. Eu ainda acompanho o Primavera por fora. Mas em 2018 eles se articularam com outro partido para promover uma candidatura. Desanimei. Mas claro que de tivesse um golpe, eu ia para o front. Estou morrendo de saudade do front! (risos), mas não dessa política partidária.

Quando questionada sobre o que faltava para ir “para o front”, já que sentia saudades, Ludmila disse que faltava motivação e que gostaria de ter mais formação teórica antes de se engajar. Esse é motivo pelo se interessava em participar de grupos de formação sobre os temas de gênero, raça e classe. Ela destacou, inclusive, que chegou a frequentar a reunião de um grupo de estudos que discutia a obra de Angela Davis “Mulheres, Raça e Classe”, mas devido à rotina exaustiva do trabalho não pode dar continuidade.

Augusto concedeu uma entrevista por videochamada, no começo de 2020, quando a pandemia e o isolamento social já haviam se iniciado no Brasil. Filiado ao

Insurreição desde 2015, alguns meses antes das ocupações, ele permanecia, até o presente, na mesma organização. Em 2020, estava atuando como militante profissional. Após finalizar o ensino médio, optou por não ingressar no ensino superior para permanecer vinculado ao movimento secundarista - via organização política. Porém, mencionou que, quando possível, gostaria de estudar Jornalismo, curso o qual se interessara assumir um cargo de comunicação dentro do Insurreição.

Conforme mencionado no capítulo V, sobre as memórias e fragmentos da ocupação, Augusto foi expulso de casa duas vezes, uma por ser homossexual e outra pelo seu engajamento político. Quando foi expulso, mudou-se para uma república de jovens militantes de sua organização. Quando perguntei se considerava que o partido fora um suporte nesse momento, assentiu, mas atribui o suporte aos laços de amizade que formou com os outros integrantes mais do que à organização em si:

Eu saí de casa, fui para São Paulo e não tinha onde ficar. Então, fiquei na casa do Insurreição, porque os diretores da organização tinham uma casa como se fosse uma República. Na época, fiquei alguns dias em São Paulo até conseguir um lugar para ficar em Sorocaba. O partido foi um suporte porque as pessoas que me ajudaram são do partido, né? Porém, elas me ajudaram não só pelo partido, mas por serem minhas amigas e me verem naquela situação. Foi mais uma questão de amizade mesmo.

Quando entrevistado, em 2020, ele estava como pré-candidato a vereador para as eleições municipais que ocorreriam no final daquele ano. Sua fonte de renda advinha do trabalho como militante do partido:

Estou trabalhando, na verdade, no partido. Os diretores do Insurreição conseguem oferecer uma ajuda de custo que utilizamos para ir às escolas, dar palestras aos estudantes, para o dia a dia[...]. Recebemos essa ajuda para viagens e, também, dinheiro para cobrir os custos dos congressos [...]. Mas tem prestação de contas e tudo mais.

Sobre sua candidatura, Augusto disse:

Sou pré-candidato, estou em fase de pré-candidatura, e ainda nesse mês ou no próximo vamos uma organização de juventude e, ao mesmo tempo, a minha candidatura a vereador. A ideia é uma candidatura jovem, com pautas da juventude, pautas da educação, da cultura e do lazer. E falar de transporte, de meio ambiente, a partir da mente de um jovem. Um jovem na câmara de vereadores.

Como sua entrevista foi realizada algumas semanas depois do primeiro relato de Mel, o qual fora intensamente marcado pelo sofrimento emocional, questionei

Augusto se ele havia passado por algo semelhante após as ocupações. Respondeu-me:

Acho que todo mundo passou por isso. Houve pessoas que ficaram 23 dias no hospital. Aqueles que passaram a maior parte dos dias ali dentro da ocupação, absolutamente todos ficam afetados emocionalmente. Alguns mais, outros menos. Eu diria que eu fiquei menos, consegui lidar melhor com todo esse processo, mas outras pessoas, não. Fiquei muito mal na época de ver muitos amigos nessa situação, às vezes tendo crise de ansiedade, de preocupação. Às vezes eu ficava muito preocupado à toa, mas depois disso a gente vai aprendendo a lidar, né?

Janaína também integrou o Insurreição e foi muito atuante no movimento secundarista. Em suas palavras: “Eu já despontava como um quadro do Insurreição”. Ela participou de uma entrevista por videochamada, em 2022, quando não estava mais filiada.

Como previamente dito no capítulo VI, Janaína é estudante de Letras em uma universidade pública e não reside mais em Sorocaba. Participou intensamente do movimento estudantil universitário, foi do Centro Acadêmico e do Diretório Central dos Estudantes, mas se distanciou após observar contradições nas práticas do Insurreição, as quais considera injustas. Destacou que sempre se dedicou intensamente às tarefas partidárias, participou de processos eleitorais na universidade - muitos dos quais a contragosto, apenas em respeito à designação da organização-, conduziu inúmeras atividades, foi a congressos; enfim, dedicou-se integralmente ao seu compromisso militante para, no fim, observar que homens e mulheres ricos possuíam mais espaço na organização, ainda que não possuíssem o mesmo nível de envolvimento que ela:

Sobre política, hoje, considero-me comunista, mas não milito mais eu me considero comunista, mas hoje eu não milito. Se você procurar meu título de eleitor lá no STF, encontrará minha filiação ao partido, mas pedi a desfiliação em 2021. Devido a divergências mesmo, mas não ideológicas. Foram divergências do cotidiano, da vida interna do partido. Foi pela forma como o partido lidava com as relações. Havia contradições, o Insurreição priorizava mulheres ricas, mesmo que elas não se dedicassem o suficiente.

A situação limite surgiu quando uma moça rica, que Janaína havia inclusive filiado ao partido, obteve um cargo remunerado almejado por ela. Além de não possuir



o mesmo tempo e experiência na organização, essa moça não se dedicava à militância com a mesma intensidade e comprometimento que Janaína. Mesmo sem um envolvimento tão profundo, ela conseguiu o cargo desejado por Janaína, que há muito tempo solicitava uma atividade como essa. No entanto, Janaína, que se dedicava integralmente ao Insurreição e já estava há um tempo requerendo tarefas fora da universidade, foi preterida para a função. Esse sentimento de injustiça levou Janaína a se afastar do grupo Insurreição, embora tenha destacado que permanecia como eleitora do partido político ao qual o grupo está vinculado:

Foi um processo muito desgastante, muito, muito difícil. Eu disse para o Insurreição que não queria mais continuar no movimento estudantil. Eles queriam me colocar no DCE, mas tive problemas com alguns militantes do Insurreição em algumas questões. A pessoa que deveria ter levado adiante o projeto comigo, a menina que filiei durante a gestão no C.A., era muito rica, tinha seus problemas de menina rica, surtou e sumiu. Ela fez o que bem entendia, abandonou o centro acadêmico e foi jubilada. Depois, fui convidada ao cargo de segunda diretora de mulheres do DCE da universidade, mas nossa chapa se dividiu e nos traiu durante todo o processo. Foi tudo muito complicado e eu ainda não tinha saído. Depois de um tempo, descobri que essa menina que abandonou o C.A. conseguiu um trabalho na prefeitura, remunerado, no qual lidaria diretamente com a população jovem e pobre. Ela ia ganhar dinheiro depois de tudo o que fez, depois de toda a falta de comprometimento! Foi aí que percebi que, quanto mais ideológico você é, mais você dá mal. Mas, tudo bem. Hoje não estou filiada a nenhum partido, mas permaneço como eleitora dele. Só não estou militando.

Além de prosseguir como eleitora do partido, Janaína fez questão de ressaltar que o afastamento não significava uma descrença da política e, tampouco, a associação do engajamento político a uma atividade específica da juventude. Ao ser questionada se tinha interesse em participar de outros partidos ou coletivos, disse que, no momento, não sentia falta, mas que um movimento que a despertava interesse era um grupo criado por sua mãe de santo, em defesa das religiões de matriz africana.

Encontrei um espaço interessante, um lugar legal para talvez começar a participar, que é o movimento de defesa das religiões de matriz africana criado pela minha mãe de santo, que também é do partido. Talvez seja um ambiente onde eu consiga me envolver, mas não sinto muita falta, entende? Não me tornei aquela pessoa amargurada que diz: "Ah, isso ficou na juventude. Depois que se envelhece, a gente vê que não dá." Não sigo esse discurso derrotista, meio niilista do tipo

"nada presta", aquele discurso meio Fukuyama de "é o fim da história", sabe? Não é o caso. E acho essa postura absurda.

Além do movimento de defesa das religiões de matriz africana, Janaína manifestou interesse em ingressar em um mestrado para estudar decolonialismo. Em sua visão, esta seria uma forma de aliar a luta política ao seu interesse acadêmico. O relato de Janaína foi permeado pela importância da religião em sua vida. Para ela, essa centralidade deriva-se do fato do terreiro ser um espaço comunitário que funciona na contramão da lógica capitalista. Perguntei se a religião era um suporte, ela respondeu:

Definitivamente, sim. E eu creio que os terreiros têm uma importância que vai além da ancestralidade e da cultura de maneira mais ampla. Acredito que a relação comunitária dentro de um terreiro revela outra forma de organização social, mais comunitária. Isso proporciona uma esperança para além da fé, uma esperança de que é possível nos organizarmos coletivamente de maneira diferente daquela imposta pelo capitalismo devastador

Ainda sobre a importância da religião, Janaína salientou que, hoje, é a prioridade em sua vida:

Hoje, o que eu mais gosto, o que me define, o que define minhas prioridades, é a minha religião. Então, qualquer pessoa que se relaciona comigo em qualquer nível afetivo, precisa saber que essa é a minha prioridade. E isso não é no sentido de fanatismo. É no sentido de realmente ter definido algumas prioridades que passam pelo meu terreiro, que me fizeram bem. Bom, eu acho que uma das minhas grandes prioridades hoje é um senso de lealdade a mim, de respeito comigo mesma, de autocuidado e de autorrespeito.

Assim como Janaína, Maria também foi integrante do Insurreição, mas quando entrevistada no primeiro semestre de 2020, por videochamada, já havia se afastado há dois anos, desde que ingressou na universidade. Em seu relato, revelou que o afastamento, depois de quatro anos sendo bastante ativa, foi devido ao pouco espaço para a discordância de ideias e opiniões, prevalecendo um discurso único imposto pela organização:

Comecei a perceber que pessoas incríveis, as quais eu admirava muito, deixavam de expressar suas verdadeiras crenças para reproduzir o que uma entidade maior solicitava. Elas até acreditavam

naquilo, mas não era a fala delas. E eu falo isso porque também fiz o mesmo. Reproduzi coisas sem ter ideia do que era aquilo! Não fazia a menor ideia! Entendo a importância, vejo o que representava naquele momento. No entanto, hoje, mais amadurecida e estudando História, o que me permite ter uma compreensão mais ampla do desenvolvimento das ideias, do "como chegamos ao mundo em que estamos hoje", percebo que talvez teria sido mais benéfico para minha construção pessoal, para mim, Maria, se tivesse tido um pouco mais de espaço para expressar o que verdadeiramente acreditava, não o que estava sendo imposto.

Além de não haver espaço para o dissenso, destacou certa perda da individualidade por meio da assunção de papéis e estereótipos impostos pela organização. Relatou que, após as ocupações, jovens que tiveram atuação intensa durante elas e se tornaram figuras de destaque, tiveram uma série de tarefas atribuídas, mas sempre relacionadas ao que o grupo Insurreição gostaria que eles falassem, nunca sobre temas de interesse próprio. Ela comparou atitudes de perseguição e desonestidade que sofreu por parte da direção nos anos seguintes às ocupações, às atitudes contraditórias do movimento estudantil - como ela se refere ao seu engajamento no Insurreição.

O que me chocou e me fez afastar ainda mais do movimento estudantil foi perceber que, assim como a direção estava sendo desonesta e tomando essas atitudes, o movimento estudantil também era desonesto e tomava atitudes semelhantes, entende? Não necessariamente no sentido de ameaça, mas no sentido de influenciar a ponto de você não ter mais controle sobre seu corpo e saúde para estar na linha de frente. A militância é isso, é o que costumo discutir muito com meus amigos: você deixa de ser uma figura humana. Você é rotulado como lésbica, ou como alguém de baixa renda. E isso é tudo o que você é, porque a sociedade rotula você dessa forma, mas você deixa de ser humano. A militância tira a humanidade das pessoas. Uma coisa muito importante nesse contexto é: as ocupações foram perfeitas, lideradas por alunos secundaristas, com certeza, mas que posteriormente se tornaram: 'esse aqui fala sobre economia, esse aqui fala sobre racismo, essa aqui fala sobre feminismo, entende?' Eu via minhas amigas negras sendo colocadas apenas para falar sobre feminismo negro. Por que uma mulher negra não pode falar sobre economia, e só fala sobre feminismo negro, porque é a única coisa que a contempla, né? Eu, enquanto mulher, na época em que me entendia como bissexual, tinha que falar sobre o quanto era difícil ser bissexual e secundarista. Meus amigos que eram negros e gays só podiam falar sobre como era difícil ser negro e gay. Então, a humanidade é tirada na medida em que você é apenas o que é, mas só pode falar sobre isso. São coisas que gradualmente destroem tudo o que achávamos ser emancipador, o que achávamos ser

esperançoso, porque não era mais sobre nós, eram figuras que falariam sobre determinados assuntos

O ápice para o seu afastamento foi logo após a conclusão do ensino médio, no início de 2018, quando a organização propôs que ela fizesse cursinho pré-vestibular para permanecer atuando como secundarista. Após ponderar e se ver desgastada física e psicologicamente, optou por ingressar na universidade:

Eu comecei a perceber o quanto a minha subjetividade era importante no meio daquilo. Eu comecei a entender que pra eu dar algo, eu precisava receber. Eu precisava de mim, eu precisava me entender, eu precisava dar o que eu tinha em mim. Então eu comecei a me ver extremamente desgastada, comecei a perceber o descaso por parte daqueles que diziam estar do nosso lado. Eu tinha uma decisão para tomar, e eu tomei uma decisão: eu não ia mais fazer cursinho. [...]. Eu acho muito importante e eu estarei do lado dos meus amigos que escolherem ser a linha de frente por parte de uma entidade, a linha de frente por parte de alguma organização. Mas o meu lugar, o lugar que eu atuo, é a sala de aula. Então eu tomei essa decisão, eu falei: “eu quero sim fazer a diferença, eu quero sim alcançar todos os secundaristas, mas para isso eu vou me formar professora e aí eu vou alcançar esses estudantes”. E aí foi isso, foi isso. Eu comecei a faculdade, eu percebi o quanto era prazeroso entender tudo aquilo, o “se encontrar”. Quando eu lia textos e textos, eu falava: “que maravilha, como é bom entender, como é bom ver aquilo que eu acredito”. E aí eu percebi e a fragilidade que eu estava naquele momento em que eu precisei voltar para mim. Eu precisava olhar quem eu era. Porque eu tive uma trajetória, até então, de quatro anos de movimento estudantil, de total exposição, de todo mundo saber quem eu era. Todo mundo saber o que é que eu estava fazendo, onde é que eu estava, o que eu fazia ou deixava de fazer. Eu fui me perdendo no meio daquilo e deixei de ser a Maria e comecei a ser a “figura da Maria”.

Além da falta de espaço para o dissenso e para a troca de ideias, Maria passou a questionar os objetivos do movimento que fazia parte, como a conquista dos Diretórios Centrais dos Estudantes das universidades em detrimento de ações que promovessem transformações mais concretas, as quais, para ela, seriam provenientes da educação.

A desvinculação da organização não significou o fim do desejo de se manter engajada politicamente. Além de compreender a docência como uma forma de ação política, Maria revelou o interesse de participar de cursinhos pré-vestibulares

populares e de um coletivo que discute acesso à cultura, depois que a pandemia chegasse ao fim. Sobre esse coletivo, Maria chegou a participar de uma das reuniões, antes do isolamento social, e ressaltou o quanto foi bom chegar em um espaço em que ela não era conhecida e não tinha o estigma de pertencer ao Insurreição:

O momento em que me reaproximei foi quando participei de uma reunião de um grupo que discute a cultura na cidade. Durante essa reunião, organizamos estratégias de alcance e senti meu coração aquecer novamente. Foi incrível, era exatamente o que eu queria. Percebi que não preciso me afastar completamente da militância, mas ela deve estar alinhada com minhas crenças. E o que acredito é no acesso. Então, atuo dentro do que acredito, mas não de forma partidária, não dentro de um único coletivo. São pessoas legais, algumas delas não estavam envolvidas no movimento estudantil. Quando você está tão exposta, conhece muita gente, e essas pessoas tendem a ter opiniões preconcebidas sobre você. Quando me desvinculei completamente, percebi que podia me apresentar de forma mais neutra. Entrei na reunião e disse: 'Oi, meu nome é Maria, tenho 19 anos e sou estudante de história'. Acho que estou em um momento em que não sinto a necessidade de me envolver em nada específico, em nenhum coletivo fechado. Não sinto vontade de levantar uma bandeira, mas sim de promover o acesso a essa bandeira

Apesar das inúmeras críticas ao grupo Insurreição que levaram à sua saída, no começo de 2018, Maria declarou que, no final de 2019, participou de um congresso estudantil e de atos pela educação junto aos colegas do antigo grupo. Pontuou, no entanto, que participou de forma reservada e sem levantar a bandeira da organização, mas sim na condição de uma estudante que luta pela educação:

O que acho importante destacar é que qualquer crítica que eu tenha feito à forma como meu movimento estudantil se organiza é direcionada aos indivíduos que, aproveitando-se da boa vontade daqueles que estão dispostos a agir, agem de forma desonesta. A crítica é direcionada às lideranças que organizam, não aos militantes que estão dispostos a participar e se organizar. Eu também sou uma dessas pessoas dispostas a agir. A crítica surge ao perceber que esses militantes, que estão dispostos a fazer coisas incríveis, estão sendo usados como peões para enriquecer pessoas que não se importam conosco. Pessoas que não estão contribuindo para a educação, que não estão promovendo o acesso. Por isso, acredito muito na educação como a chave para uma saúde e uma economia melhores

Críticas semelhantes foram tecidas por Cecília, que participou de outra organização, o Discórdia. Assim como Maria, Cecília é estudante de história e pontuou a importância da autonomia política e intelectual. Cecília fez parte do grupo Discórdia - do começo de 2015 até meados de 2016 - e de um cursinho popular, o qual ela ingressou na mesma época e é vinculado à juventude partidária da qual fez parte. No cursinho, ela permanece engajada até o momento atual, de forma bastante intensa.

Sobre o desligamento da organização - também denominada por ela como “movimento estudantil”, Cecília pontuou que não concordava com a reprodução da lógica empresarial no movimento, como o estabelecimento de metas a serem cumpridas e, principalmente, com a prática da reprodução de discursos sem ter conhecimento do que se tratava, valorizando a formação teórica, assim como Maria:

O pessoal do Discórdia costumava dizer: 'Temos uma meta de três atividades para fazer'. Eu não gosto da palavra 'meta', pois remete a uma lógica empresarial, sabe? Fiquei no Discórdia por um ano e meio. Mas percebi que não garantiam a autonomia dos secundaristas. Havia uma pessoa que nem era mais estudante, liderando os secundaristas. Nas vezes em que tive a oportunidade de ir para São Paulo, percebi que a autonomia secundarista também não era garantida. Havia lideranças estudantis, jovens universitários, sempre querendo liderar, estabelecendo uma hierarquia. Já tínhamos provado a todos que tínhamos força política, capacidade de mobilização e organização. Foi por isso que saí do movimento estudantil, do coletivo. Sofri uma desilusão nesse sentido com o movimento estudantil. Além disso, meu momento pessoal, meu nível de autonomia intelectual na época, era diferente do que é hoje. Hoje estou terminando uma faculdade de história. Então, embora meu contato teórico fosse mais superficial naquela época, comecei a estudar mais, a ler mais teóricos. Pensei: 'Nossa, eu já defendia isso e nem lia'. Absorvi conhecimento por meio de conversas e observações. Marx é um autor muito citado, mas é um pouco mais denso. O estudante do ensino médio muitas vezes ouvia o líder do movimento estudantil da USP falar sobre Marx, sem ter a base, a maturidade ou a visão de mundo para entender. Por isso é preciso orientação, mas com cuidado para não comprometer a autonomia e a formação intelectual dos estudantes. Muitas vezes, os movimentos deslizam nesse aspecto, ficam apenas repetindo ideias

Cecília foi entrevistada em dois momentos: em meados de 2020 por videochamada, durante o isolamento social, e no final de 2021, presencialmente. Em ambas entrevistas ela estava engajada no cursinho popular, no qual ela é

coordenadora e focalizando sua ação política nas periferias da cidade, em especial no bairro em que reside. Sobre seu engajamento no cursinho, Cecília considera uma luta pela educação popular e delineou uma distinção entre cursinhos comunitários e populares: “Na educação popular, não tem como você desvincular a educação dos movimentos sociais, das pautas políticas, não tem como. Existem cursinhos que não fazem isso, que são gratuitos e destinados a alunos de baixa renda, que são os cursinhos comunitários. Os cursinhos populares, pelo menos no que eu entendo, nas leituras que eu fiz e dos contatos que tenho, esses são cursinhos políticos, que colocam pautas, problemas reais, regionais, de conjuntura, dentro ali de suas práticas”.

Além do cursinho, Cecília estava engajada em desenvolver projetos de permacultura e economia solidária em seu bairro e de fomento à produção cultural em outras áreas periféricas da cidade. Destacou, inclusive, o quanto muitas vezes os movimentos sociais deixam de lado questões locais em prol de pautas mais amplas ou muito distantes da realidade do povo periférico: “O pessoal conseguiu uma casa no bairro para fazer esse espaço cultural e uma galera colocou uma bandeira da Palestina lá. Poxa, claro que eu sou a favor da luta da Palestina, mas o que isso vai mudar a vida do povo daqui, da periferia? Acho que a gente tinha que olhar para as questões dos bairros primeiro, dos territórios, do que acontece na periferia daqui da cidade”.

Sobre a atuação nos bairros periféricos, Cecília manifestou o interesse de desenvolver ações que dialoguem com as interfaces da educação popular:

A ideia é começar a trabalhar com as interfaces da educação popular. Não só com a educação popular de uma forma de extensão da educação formal, mas trabalhar também com ocupação de espaços aqui no bairro, trabalhar com parceria com ONG aqui também. Então, projetos paralelos que já faz uns anos que eu tenho isso na minha cabeça, até porque eu sou moradora do bairro, então eu tenho contato com as coisas que acontecem de mim, até pensando em fazer tipo permacultura, sabe? Oficinas para reutilizar os espaços que tem ali embaixo, horta. E assim os moradores aqui, alguns que moram aqui na rua de baixo da minha casa que é beirando a linha, tem um espaço bem grande e que a gente tem pedaços que são super mal utilizados que se utilizar e tem outros que o pessoal começou a fazer.. Fazer oficinas de permacultura para eles conseguirem produzir uma quantidade bacana de forma legal, ecologicamente legal e fazer

propagandas de giro interno do próprio trabalho, gerar renda aqui dentro.

Além do desejo de apoiar projetos em seu território, Cecília evidenciou o quanto procura ser coerente em relação ao que acredita, o que reflete em suas práticas cotidianas mediante a adoção do estilo de vida vegano e o consumo consciente, ao privilegiar comprar suas roupas em brechós

Assim como Cecília, Joaquim também tem como objetivo desenvolver ações em seu território de origem, por meio da implementação de um cursinho popular. Conforme dito no capítulo anterior, Joaquim é estudante de história em uma universidade pública fora de Sorocaba e participou de duas entrevistas virtualmente: a primeira durante a pandemia, em 2020, e a segunda em meados de 2022. Joaquim teve contato com dois grupos, o Insurreição e o Revolução, mas atualmente se identifica com os princípios anarquistas. No capítulo a respeito das memórias, Joaquim mencionou que foi durante as ocupações que começou a se afastar das juventudes partidárias, processo que se intensificou ao ingressar na universidade.

Oriundo de um bairro periférico, Joaquim mudou-se para a cidade que seu irmão estudava a pedido de sua mãe, após ser ameaçado de morte por um policial. Ao chegar na cidade, Joaquim começou a frequentar o espaço da universidade e conheceu um núcleo de estudos e pesquisas étnico-raciais, o qual foi responsável por despertar seu interesse pelo mundo acadêmico, levando-o a se matricular em um cursinho pré-vestibular popular. Este foi um ponto de inflexão em sua trajetória tanto acadêmica, quanto em relação ao seu engajamento político, uma vez que optou por estudar história e ser professor para contribuir com a transformação social por meio da educação. Sobre o contato com o núcleo de pesquisas, Joaquim falou:

Comecei a conhecer coisas novas, fui me acostumando com o universo universitário, conheci um pessoal que faz uma discussão intelectual que se refere a mim, também. Conheci um pessoal que discutia as teorias pós-coloniais, aí eu fui me interessando mais pela universidade, comecei a me ver mais na universidade. Conheci um grupo de estudos incrível, li Fanon, "Peles Negras, Máscaras Brancas". A intelectualidade despertou em mim verdadeiramente depois de Fanon. Pensei : "Eu posso ser um intelectual. Eu posso falar de mim através da intelectualidade. Eu posso compartilhar isso".



Graças ao contato com o grupo de pesquisadores, Joaquim entrou em contato com uma rede de docentes negros que fornece suporte para estudantes, sendo encorajado a prestar vestibular em uma universidade pública fora? do estado de São Paulo. Joaquim foi aprovado em uma universidade estadual e, graças ao apoio dos professores dessa rede, conseguiu moradia na nova cidade e pode iniciar seus estudos universitários.

Na universidade, Joaquim fez parte do Diretório Central dos Estudantes e, estava como um dos integrantes do Centro Acadêmico do curso de história, junto com outros jovens anarquistas:

Logo que fomos eleitos, fizemos uma aula inaugural para debater genocídio da juventude negra. Foi muito bom, foi uma experiência muito legal, foi agora logo depois da nossa posse. Como eu estou como presidente do Centro Acadêmico, querendo ou não eu acabo influenciando mais as outras pessoas que estão dentro da gestão, inclusive, porque fui eu quem os convidou para formar a chapa, então são pessoas que estão dentro do meu vínculo social, com o mesmo pensamento não partidário que eu: anarquistas.

O afastamento das juventudes partidárias se deu não somente pelo fato de não respeitarem a autonomia estudantil, mas devido ao modo pelo qual pautam a questão racial:

Nesses movimentos partidários, os pretos são mais excluídos do que incluídos. Os pretos são mais utilizados do que tudo. Eu achei isso muito triste e revoltante. Eu critico muito o movimento negro dentro desses coletivos porque esse pessoal se submete a uns tipos de submissão que eu não acho digno. Eles escolhem quando você, que é negro, vai falar de assunto de negro. Eles vão fazer um evento da juventude negra e você é o convidado? É algo que eu não entendo. Os brancos fazem um evento e convidam os pretos? É um negócio que não faz sentido.

Embora Joaquim não faça parte de nenhum coletivo voltado especificamente à questão étnico-racial, trata-se de uma pauta central em seu engajamento, tanto no âmbito do movimento estudantil, quanto pelo seu projeto acadêmico e político, já dito em capítulo anterior: Joaquim desenvolveu um projeto de iniciação científica sobre a construção de um cursinho pré-vestibular popular baseado nas metodologias e práticas decoloniais e pós-coloniais, o qual ele pretende implementar em seu bairro de origem, após concluir a graduação, conforme exposto no capítulo anterior.

Na segunda entrevista, realizada em julho de 2022, teceu inúmeras críticas à política institucional, sobretudo devido à chapa presidencial com Geraldo Alckmin como vice, revelando profunda descrença:

Eu vejo o contexto político que estamos vivendo agora, em ano eleitoral de 2022, como um verdadeiro circo dos horrores. Estamos em um momento de polarização política tão intensa que parece que tudo se resume à esquerda e à direita, enquanto os pobres estão no centro, sofrendo as consequências de ambos os lados. É uma situação tão grave que não consigo encontrar outra forma de descrever além de dizer que os pobres estão se dando muito mal.. E o pior é que aqueles que prometeram nos ajudar estão se aliando aos nossos maiores inimigos. Os políticos que já sabíamos que estavam contra nós estão se saindo até pior do que esperávamos, especialmente o Bolsonaro. A situação está tão ruim que tem gente morrendo de fome, e até mesmo na minha casa a situação está difícil. Tem osso na minha geladeira. Os preços dos alimentos estão altíssimos, a ponto de um simples osso custar seis reais. É um verdadeiro circo dos horrores político, onde aqueles que prometeram nos ajudar estão se aliando aos nossos inimigos. É como se o pessoal tivesse esquecido tudo o que aconteceu no passado, e isso é revoltante. A sensação de traição é imensa. Lembro-me das chacinas que aconteceram, das lutas durante as ocupações das escolas, e hoje vemos nossos próprios professores apoiando aqueles que eram os inimigos da educação. É vergonhoso. Isso é decepcionante, porque quem viveu aquelas lutas das ocupações das escolas está completamente descrente no sistema político atual. Não consigo mais acreditar em nada desse pessoal. Não tem como acreditar que as coisas vão melhorar com gente como o Alckmin no poder. Não consigo mais confiar em nada. Parece que mais uma vez estamos sozinhos nessa luta, como na época das ocupações. Naquele momento, falávamos muito em 'é nós por nós'. Os partidos políticos deram algum suporte, mas quando as coisas ficaram difíceis, foram os próprios estudantes que estavam lá pelos estudantes.

Apesar de todas as críticas, Joaquim disse faria campanha para Lula, mas de forma reservada. Sublinhou que independentemente de quem ganhasse, teria que ser “nós por nós”, lema que, segundo ele, permanecia norteando suas ações desde as ocupações. Em suas palavras: “O contexto do momento político é acreditar que mais uma vez, independente de quem vai entrar, a lógica é que continuemos nós por nós. Não vai poder ser diferente disso”.

Sobre o movimento estudantil universitário, que estava participando na época da primeira entrevista, Joaquim disse que se distanciou devido à burocratização do grupo, passando a focalizar sua atuação no colegiado de curso:

Centro Acadêmico, a proposta do centro acadêmico, foi se perdendo no decorrer do tempo, justamente por conta dessa burocracia, por conta dessa institucionalização. Era gestão participativa, tinha um grupo de gestores e eu fazia parte desse grupo de gestores. Eu acabei me distanciando por conta da institucionalização total do movimento. O pessoal está preso nas burocracias da universidade e eu acabei me distanciando. A gente iniciou com o projeto de Centro Acadêmico mais libertário, mas a gente se desmobilizou na pandemia e acabou mesmo. Agora, nessa volta às aulas, eu acabei me distanciando um pouco dessas participações políticas no meio estudantil, mas me vinculei recentemente com uma representação institucional que eu acho que é importante, que é o colegiado de curso aqui da universidade. Então agora eu me tornei o representante de curso aqui da universidade. Esse colegiado de curso é responsável por tomar as decisões internas do curso. Por exemplo, a organização do horário, a discussão do plano político-pedagógico do curso, enfim, tudo o que discute o curso, em si, na sua esfera micro e não macro, é o colegiado de curso que decide. E por que eu me envolvi nesse colegiado? Eu falei isso até na minha campanha: porque aqui a gente tem aula de sábado. E quem é trabalhador tem muita dificuldade, porque nosso curso é noturno e as aulas aos sábados são de manhã. E a gente precisa estudar de manhã. Então eu me envolvi no colegiado para tentar mudar essa situação.

Lucas participou de duas entrevistas, a primeira em 2020 e a segunda em 2023, ambas de forma remota. Houve uma série de tentativas para realização de uma segunda rodada em 2021 e 2022, mas devido à intensa rotina de trabalho de Lucas, só foi possível executá-la em 2023. Ele fez parte do Insurreição, mas desde a primeira entrevista estava em outro partido político de esquerda. Em 2020, como pré-candidato em uma chapa coletiva LGBTQIA+ para as eleições da câmara de vereadores de sua cidade.

Além de todas as mudanças que ocorreram em sua vida entre as duas entrevistas, que se deram nos mais variados âmbitos - trabalho, educação, engajamento político e vida afetiva - ele ressaltou que a mais importante delas foi a assunção de sua identidade de gênero, em 2021. Em sua primeira entrevista, em 2020, Lucas estava atravessando uma depressão e se emocionou em diversos momentos durante a conversa. Em nosso segundo encontro, Lucas disse estar se sentindo muito mais feliz e livre: “E eu tô muito feliz, me sentindo muito mais livre! e isso tem relação com o processo de transição. Porque você se encontrar nesse sentido não tem explicação, foge de qualquer palavra!”.

Mesmo sendo engajado em uma organização política antes e depois das ocupações, ele atribui a elas a primeira vez que questionou sua identidade de gênero:

E com certeza isso também está relacionado com as ocupações. Com certeza. Porque quando você encontra pessoas que fazem militância de coração, pela luta, pela causa mesmo, essas pessoas estão mais abertas. Então, nós ficamos mais abertos, né? Estamos em um ambiente onde podemos nos expressar. Pelo menos essa parte nas ocupações ficou muito clara pra mim. Porque você encontra pessoas de todos os tipos. Eu saí lá do meio da zona rural para participar de uma ocupação em Sorocaba, que é uma cidade grande, e encontrei pessoas de todos os tipos. E pensei: nossa, talvez eu seja isso aí! E mesmo que a transição tenha ocorrido muitos anos depois, eu vejo que teve relação com as ocupações, porque eu acredito que retardei algumas coisas, coloquei muito sentimento para dentro, às vezes até por falta de atenção e correria da vida, acabamos nos negligenciando. Então, quando voltei para a terapia em 2021, foi justamente para tratar disso. Cheguei lá e disse: 'eu tenho muita coisa para tratar sobre a minha vida, mas eu quero tratar sobre isso'

Ele foi bastante ativo no movimento secundarista, mas, ao ingressar na universidade, passou por uma série de tensões com o movimento estudantil universitário. Relatou, aos prantos, acusações de machismo - mesmo que na época da acusação ainda não tivesse passado pela transição de gênero e se identificasse como uma mulher lésbica- e de racismo, por se autodeclarar pardo. Disse que se sentia diminuído pela sua origem - Lucas cresceu em um assentamento rural - e acreditava que não tinha o mesmo nível de conhecimento para debater com outras pessoas da universidade, fato que o levou a se distanciar do movimento estudantil universitário e se aproximar da política em sua cidade:

Os coletivos que têm dentro da universidade, nossa senhora, são sensacionais! Mas eu sempre fui muito tímido na universidade. Imagina um caipira entrando num lugar muito descolado, com muitas questões... E quando eu achava que estava para a frente, eu estava em outro nível de debate. Eu via que eu estava muito atrasado. Eu falava "nossa, eu tenho atitudes ainda ruins, racistas, machistas", pensava muito isso... Um caipira num lugar assim, muito aberto, num lugar que eu queria muito estar, mas eu tinha que me fechar um pouco porque eu sentia que estava sendo menos do que estava acontecendo lá, sabe?

Mediante a candidatura coletiva em que era pré-candidato em 2020, Lucas tinha como objetivo lutar pela questão LGBTQIA+ e construir um espaço cultural em sua cidade no qual funcionasse diversas atividades, dentre as quais um cursinho pré-

vestibular popular. Ele frisou que era egresso de um desses cursinhos, localizado na cidade de Sorocaba e, devido aos aprendizados e experiências positivas que teve nesse espaço, gostaria que jovens de sua cidade também tivessem esse acesso. Na segunda entrevista, Lucas permanecia engajado com os outros membros da candidatura que, embora não tenham sido eleitos, permaneciam na luta pela população LGBTQIA+ em sua cidade. Além disso, destacou que tinha o desejo de criar grupos específicos para pessoas transexuais.

A respeito desse grupo, composto por moças e rapazes que já possuíam experiência de engajamento político em juventudes político-partidárias antes das ocupações, nota-se que apenas Augusto permaneceu vinculado ao mesmo grupo - o Insurreição - e Cecília, embora tenha se afastado da juventude partidária Discórdia, permaneceu engajada no cursinho vinculado a ela. Somente Lucas migrou para um partido político distinto, enquanto Maria e Joaquim passaram a se engajar de forma independente. Já Mel, Ludmila e Janaína não estavam engajadas, mas por razões distintas.

Por seu vínculo duradouro em uma organização política hierarquicamente estruturada orientada pela defesa de uma causa, Augusto é o que mais se assemelha à concepção tradicional do militante (Brenner, 2011; Sawicki; Siméant, 2011; Pudal, 2011; Silva; Ruskowski, 2016). Além de permanecer vinculado à mesma organização, Augusto atua como militante profissional. Sobre a experiência da ocupação, relembrou os aspectos positivos da ação coletiva, que, pelo seu relato, foi uma dentre outras tantas que participou na condição militante na organização.

Cecília permaneceu engajada de forma intensa no cursinho popular e, em seu discurso, estabeleceu as diferenças entre cursinho comunitários e populares, compreendendo a atuação no último como militância política. Em seu relato, destacou a importância da autonomia política e intelectual, em consonância com o que tem sido observado nos estudos sobre os engajamentos juvenis contemporâneos (Ion, 2012; Gohn, 2018; Sales; Fontes, 2020). Sobre os engajamentos atuais, Pleyers (2023) observa um declínio da adesão a causas utópicas e totalizantes em detrimento de ações mais concretas e voltadas para a realidade cotidiana. O relato de Cecília exemplifica essa tendência, sobretudo quando pontuou a necessidade de olhar mais

para problemáticas específicas da periferia da cidade em que reside ao invés de uma luta internacional e distante de sua experiência do dia a dia.

Maria expressou críticas semelhantes à hierarquia e à falta de autonomia nas organizações partidárias, e adicionou a falta de suporte fornecido aos jovens por parte de integrantes mais experientes dessas organizações. Conforme previamente explicitado, Danilo Martuccelli (2002) parte da concepção de que os suportes são os recursos materiais e simbólicos que sustentam os indivíduos para o enfrentamento de determinada situação. Se para Augusto o Insurreição foi um suporte quando foi expulso de casa, por homofobia, Maria e sobretudo Mel, que fora filiada ao Revolução, destacaram justamente o quanto os partidários não foram esse suporte que necessitavam para enfrentar as situações difíceis nos pós ocupação.

Maria também questionou a falta de ações concretas dos movimentos e destacou a escolha da profissão docente por acreditar ser uma ferramenta de transformação social, destacando que seu espaço de atuação atual é a sala de aula. Sobre como a ocupação ressoou em sua trajetória, apresentou aspectos positivos e negativos e, em diversos momentos, quando mencionou a exposição e a perseguição que sofreu, disse que caso não tivesse vivido essa experiência, não teria a consciência crítica que possui no momento atual. Como fora bastante ativa no movimento estudantil secundarista pós ocupações, chegando a travar embates com a direção por razões distintas no ano seguinte em que ocupou sua escola, seu distanciamento da militância político-partidária está mais relacionado às experiências posteriores às ocupações do que a experiência delas.

Lucas migrou para outro partido político, também na perspectiva de desenvolver ações em seu território de origem. A criação do cursinho popular em sua cidade, a fim de proporcionar a outros jovens o acesso que teve, remete à retribuição da dívida, tal como é concebida por Mauss (2007).<sup>46</sup> Objetivo semelhante ao de Joaquim, com a proposta de construir um cursinho popular baseado nas teorias pós-coloniais e decoloniais no bairro em que nasceu. Felipe Tarábola (2016), em sua tese de doutorado observou essa tendência entre jovens de camadas populares que ingressaram em uma universidade de prestígio, os quais, com o objetivo de retribuir

à dádiva recebida, atuavam em cursinho populares para contribuir com o acesso universitário de jovens de mesma origem social.

Sobre como a experiência reverberou em seu momento atual, Joaquim mencionou o lema “nós por nós”, que guiou as ocupações estudantis, para expressar a resistência diante daquilo que ele considera uma traição dos partidos de esquerda. O referido lema, remete aos princípios de horizontalidade e autonomia, também muito presentes nos relatos de Cecília e Maria.

Facchini, Carmo e Lima (2020), ao analisar os movimentos feminista, negro e LGBTI, compreendem o engajamento político em movimentos sociais como uma forma de resistência em um mundo marcado pela violência e a exclusão. O desejo de Mel, de que os coletivos que ela frequentou fossem o que ela denominou como “espaços de acolhimento”, suscita a reflexão de como tais movimentos têm operado na prática e abre espaço para novas pesquisas sobre como hierarquias e normas de conduta também têm se reproduzido nos coletivos.

O desengajamento de Ludmila, motivado principalmente pelo trabalho - mas também por discordar das alianças, vale sublinhar-, se distingue das razões pelas quais Mel e Janaína não estão engajadas no momento. Enquanto Janaína permanece distante - ainda que ideologicamente próxima, conforme fez questão de salientar - sobretudo devido ao não reconhecimento pelos anos dedicados à organização. Os estudos que partem de uma perspectiva retributiva para a análise dos engajamentos políticos, expõem que há ganhos e perdas nesse tipo de ação, não só materiais, como também simbólicos. Fillieule (2010) destacou que a expectativa de uma retribuição pela dedicação militante tende a ser descoberta na própria ação e não a principal motivação para o engajamento político. Contrariando perspectivas utilitaristas, segundo as quais a participação política seria motivada pela expectativa de se obter benefícios, a expectativa de retribuição por parte de Janaína se insere em outra ordem, mais motivados pelo não reconhecimento do esforço empreendido por anos do que pela não obtenção de benefícios previamente esperados.

Foi reiterativo o desejo de que os grupos políticos fossem espaços de “acolhimento”, aparecendo tanto no relato de Mel no presente capítulo, quanto no de Cecília, no capítulo sobre as memórias e fragmentos da ocupação. Conforme dito

previamente, remetem à práticas prefigurativas (Pleyers, 2018) e também o desejo de construção de Comuns (Dardot e Laval, 2017), como nos movimentos da Indignação.

No caso específico de Mel, é fértil a noção de mal-estar militante, tal como é concebida por Fillieule, Leclercq e Lefebvre (2022) na obra *Malheur Militant*. De forma sucinta, o mal-estar militante consiste em um estado emocional relativamente duradouro ou recorrente ocasionado por situações compreendidas como negativas. Sendo assim, emoções pontuais suscitadas por experiências de engajamento breve não são contempladas por essa noção. No caso de Mel é possível dialogar com essa noção, pois sua experiência é de uma jovem que dedicou anos ao engajamento militante na juventude partidária e aos coletivos a ela relacionados. Já na primeira entrevista, Mel revelou mal-estar em relação às suas experiências, mobilizando emoções negativas ao se referir às ocupações - conforme exposto no capítulo anterior – e principalmente à organização que participava. Contudo, do ponto de vista sociológico proposto, não é possível desvincular as dimensões subjetivas de questões sociais, tanto estruturais quanto referentes às relações sociais. Além do próprio contexto da entrevista, na qual a relação de interlocução entre as partes não é socialmente neutra e, portanto, certas emoções podem ser mais facilmente verbalizadas do que outras, de acordo com o modo pelo qual são socialmente concebidas, isto é, se são consideradas ou não aceitáveis. Além disso, é importante ponderar que a pesquisa foi realizada durante a pandemia de Covid-19 e o governo de ultradireita de Jair Bolsonaro, marcado não somente por diversas violações e perdas de direito, como o ensejo à desconfiança institucional e a quaisquer manifestações políticas consideradas de esquerda.

## **7. 2. Independentes: jovens que possuíam engajamento prévio não partidário:**

Kamila participou de duas entrevistas: a primeira no primeiro semestre de 2020 e a segunda em meados de 2021. Seu engajamento prévio havia sido participava em um grupo ambientalista na escola e, após as ocupações, participou de protestos contra os cortes na educação, além de reuniões de partidos políticos de esquerda, mas não chegou a se filiar em nenhum. Conforme previamente discutido, Kamila tem uma rotina de trabalho exaustiva e, por essa razão, não está engajada em nenhum movimento. Ela ressaltou que caso houvesse tempo, gostaria de participar de



protestos e reuniões, mas não estava com esses planos no momento, devido ao trabalho.

Helena participou de uma entrevista, em 2021 e, conforme explicitado, já participava de protestos LGBTQIA+ desde 2013 e dos protestos estudantis anteriores às ocupações, no ano de 2015. Durante as ocupações conheceu a juventude partidária Revolução e manteve-se próxima até 2018, dois anos após a conclusão do ensino médio. Embora não tenha chegado a se filiar, Helena destacou que participou de diversos protestos com a juventude Revolução, entrou em contato com a prefeitura para a implementação de projetos culturais na periferia, Devido à intensa rotina de trabalho, distanciou-se, mas disse que caso tivesse tempo, voltaria a participar do Revolução e se engajaria no movimento negro e no movimento LGBTQIA+:

Se eu tivesse tempo, com certeza participaria do movimento negro e do movimento LGBT. Em relação ao movimento feminista, ainda tenho minhas ressalvas. Estamos lutando pelo movimento feminista, mas por quais mulheres? Aquelas que vão pichar banheiros e escrever 'não é não', enquanto esquecemos das mulheres trabalhadoras que terão que limpar essa bagunça que estamos criando. Muitos assuntos são colocados em pauta sem considerar as mulheres que realmente sofrem com isso. Existem mulheres que não têm acesso à educação e sofrem violência doméstica. Mas um movimento no qual eu certamente participaria é o movimento LGBT, pois a homofobia e o racismo estão presentes em minha vida até hoje. Infelizmente, sei que continuarão presentes talvez por toda a minha vida. Participaria muito, mas tem a questão do tempo. O capitalismo parece sugar sua alma todos os dias, como se você estivesse se vendendo. E você vai perdendo sua vitalidade para precisar se manter alerta no seu ambiente de trabalho.

Dandara participou brevemente de um coletivo feminista antes das ocupações e, depois delas, devido ao assédio que sofreu - exposto no capítulo sobre as memórias da ocupação-, voltando em 2018, após ter morado em outra cidade:

Eu fiquei um pouco afastada dos movimentos, toda a questão do assédio me deixou muito fragilizada. Foi nesse momento que descobri que tinha bipolaridade. Então, nesse primeiro ano, além da mudança de cidade e do desejo de ficar longe de todo mundo daqui, pois estava saturada, comecei esse tratamento. Acho que o momento em que consegui voltar à ativa politicamente foi quando retornei aqui em 2018 e vi que a cidade estava na mesma baderna de sempre. Nada muda, né? É incrível como Sorocaba pode passar mil anos que nada muda. O pessoal dos eventos é o mesmo, o pessoal da militância é o mesmo, e parece que nada vai mudar.

Ela participou de duas rodadas de entrevistas: a primeira no começo de 2020, durante o isolamento social, e a segunda no meio de 2022. Na primeira entrevista, destacou que seu engajamento atual é menos extremista do que na adolescência e que, procura, em sua atuação política, incluir uma série de pautas:

Agora estou com o coletivo na universidade, mas como a universidade está fechada, estamos fazendo as coisas de forma meio online. Mesmo assim, estou sempre envolvida com os movimentos, tentando militar de forma segura, digamos, sem ser daquele jeito extremista como era na minha adolescência quando comecei nos coletivos feministas, saindo na rua gritando. Apesar de que, no ano passado, eu estava na rua gritando por causa da educação, né? Mas acho que agora desenvolvi uma consciência que me fez não me tornar uma extremista. Acho que é um extremismo que pode acontecer dos dois lados. Eu sempre tentei pensar em todas as minorias, até porque me encaixo em todas elas. Não teria como militar e concordar 100% com o feminismo, porque você sabe que o feminismo tem uns posicionamentos bem racistas. Da mesma forma, não posso me importar só com o movimento negro, porque existe a questão LGBT também, da qual faço parte e está sofrendo com a falta de representatividade e outras questões. Acredito que o extremismo é isso, quando você enxerga apenas uma pauta e milita apenas por ela, limitando sua capacidade de compreender outras questões. Acho isso bem errado.

Quando a questioneei sobre como associa as diferentes causas pelas quais luta, Dandara mencionou o que denominou “ativismo acadêmico”, o qual se definiria pela atuação na universidade mediante a participação em grupos de estudo étnico-raciais e coletivos de feminismo negro. Na segunda entrevista, em 2022, quando questionada se ainda permanecia uma ativista acadêmica, Dandara respondeu:

Olha, mudou bastante de lá para cá, porque agora eu comecei a ver as coisas de um jeito diferente, sabe? A partir do momento em que eu criei a consciência de que eu também sou uma artista e que eu posso fazer a minha revolução através dos meus desenhos, através dos meus poemas, eu acho que tipo, explodiu uma bomba aqui dentro, em relação a todo tipo de ativismo que eu posso estar construindo, sabe? Então, assim, eu acho que eu vou entrando em todas as portinhas e tentando plantar a sementinha ali no meio de tudo, porque dentro da arte eu consigo articular bem a questão acadêmica. Eu acho que eu consigo levar não só a teoria, mas também as práticas que a gente tem para fora da universidade e dentro principalmente do hip-hop. Então estamos trazendo espaços bem bacanas para trazer essa teoria, ao mesmo tempo que carregando tudo isso tem a própria militância, porque a todo momento a gente está falando de uma resistência, eu sou uma resistência. Então eu acho que a partir do momento que eu comecei a enxergar todas essas potências, acho que ficou meio difícil definir em qual área exatamente eu atuo.

Ela ressaltou, ainda, que a participação em protestos de rua ficou em segundo plano, por questionar a efetividade desse tipo de ação e, principalmente, por achar que não atinge os jovens da periferia:

Eu acho que a questão de ir em atos, se colocar mesmo na linha de frente, se tornou uma coisa de segundo plano, por questão de saúde mental mesmo. Na nossa primeira conversa a gente falou bastante sobre muitas ocupações e foi um momento em que eu depois eu consegui enxergar as fragilidades que isso acabou despertando, até mesmo os machucados que esse processo acabou gerando, sabe? Então, me colocar nessa outra posição, mais dentro de casa, talvez. Não é dentro de casa porque eu não fico tanto dentro de casa, mas não necessariamente nos atos. E enxergar que os outros momentos mesmo da vida, ou até mesmo outros momentos, outros lugares de atuação. Porque é muito difícil se manter nos atos de rua, eu admiro muito a galera. Quando eu ia era maravilhoso, mas aqui na cidade já começou a ser muito difícil porque o pessoal se perde muito fácil. Perdem-se nas ideias, planejam algo e sai totalmente diferente e aí começa as divergências dentro do próprio movimento mesmo. E aí acaba tipo: Por que estamos fazendo isso? A quem isso atinge? É uma coisa que sempre me incomodou aqui em Sorocaba como um todo, é que os atos sempre são ali na região central. E assim, minha vontade de militar começou quando eu vi os atos dos secundaristas na Zona Norte, meus colegas da Zona Norte. Então, hoje, para mim parece que aqueles jovens que realmente lutaram, que colocaram a sua vida em risco, não estão nesses atos.

Quando interpelada sobre o porquê esses jovens da zona norte, moradores dos bairros da periferia de Sorocaba, não estavam nos atos, Dandara respondeu:

Primeiro porque é sempre muito estigmatizado. Eu acho que se tem ali o preconceito mesmo, que é sobre o que são esses atos e o que é lutar pelos seus direitos, isso já é uma grande problemática. E é uma falha e aí é uma falha que de um certo modo eu acho que eu também tive. Quando eu estava ali, tendo contato com aqueles jovens, da gente não plantar a sementinha direito, em não dialogar sobre o que são os movimentos mesmo. Mas também teve aqueles jovens que se inseriram no movimento e se frustraram.

Jhon também participou de duas entrevistas, a primeira durante o isolamento e a segunda em dezembro de 2021. Conforme dito, ele fazia parte do movimento hip-hop e, durante as ocupações, formou, junto com seus colegas, um coletivo autonomista. Devido à intensa atuação política que tiveram na época, diversos

partidos e movimentos de esquerda os procuraram para que se filiassem, mas, em um primeiro momento optaram por permanecer independentes.

Em 2017, após participar das ocupações de 2015 e 2016, além de diversos protestos, Jhon, junto com seu coletivo, passou a focalizar suas ações fora do contexto escolar, centrando-se no bairro, situado na periferia de Sorocaba. A atuação consistiu na associação de moradores, onde impulsionam atividades culturais e esportivas, como o time de futebol, escola de samba e batalhas de rimas. Junto à atuação no coletivo, Jhon e seus colegas montaram um grupo de rap que rapidamente ganhou projeção nacional a partir de um clipe que lançaram. Após o clipe atingir milhares de visualizações no Youtube, foram convidados a se apresentar em várias cidades, tornando-se referência para o movimento hip-hop regional.

Segundo Jhon, naquele mesmo ano de 2017, os integrantes do coletivo – os quais também estavam envolvidos no grupo de rap e no movimento hip-hop - decidiram ingressar na política institucional a fim de criar um núcleo dentro de algum partido e, posteriormente, eleger um vereador ou deputado. Disse que, apesar de ter críticas à política partidária, julgou pertinente essa inserção do coletivo em algum partido. Após participarem de reuniões com diversos partidos - todos de esquerda - optaram pela filiação no qual mais se identificaram:

Quando eu participei dos eventos do partido, percebi que os líderes estavam lá de chinelo, e isso, junto com a identificação ideológica, me atraiu mais para esse partido. Nos outros partidos tinham discursos que eu não entendia metade das palavras. Claro, isso também existe internamente no partido que estou, mas foi o que mais me identifiquei. Não acredito que exista um partido perfeito, mas acredito que é importante tomar uma posição. Além disso, tínhamos projetos de ter um candidato a vereador ou deputado de dentro do nosso grupo, dentro do nosso núcleo.

Após se filiar ao partido, Jhon trabalhou como “militante profissional”. Segundo ele, essa atividade consistia, basicamente, em participar de campanhas por candidatos do partido e manifestações. Além disso, ao constituir um núcleo dentro do partido, Jhon avalia que o grupo conseguiu realizar mais eventos na comunidade: “a gente tinha planos e também pra continuar realizando projetos. E a gente não tinha estrutura pra fazer os eventos na comunidade é bem mais difícil, e com o partido a gente conseguiu realizar mais eventos, conseguiu ter mais contatos e apoiadores”.

No ano de 2018, o grupo oficializou a candidatura de um dos integrantes para concorrer ao cargo de deputado estadual, no entanto, de acordo com Jhon, eles se envolveram em uma “polêmica” que o levou a se afastar do compromisso partidário por um tempo: o seu amigo, o rapaz que seria o candidato, foi acusado de agredir a namorada, o que acarretou que os demais integrantes do núcleo e do grupo de rap - em que esse rapaz atuava como empresário - fossem publicamente criticados e chamados de machistas. Isso levou ao cancelamento de shows e todos os meninos foram expostos nas redes sociais, nas batalhas de rimas e manifestações.

Atualmente, Jhon continua no partido e na "militância do dia a dia", como ele define sua atuação no bairro. Mais recentemente, o grupo de rap retornou à ativa - com outro empresário - e, aos poucos, voltaram a ser aceitos na cena hip-hop da cidade. No entanto, Jhon ressaltou que após a eleição de Jair Bolsonaro a perseguição contra o grupo se tornou mais intensa, sobretudo após lançarem uma música bastante crítica à atuação violenta da polícia militar. Ao sofrer diversas ameaças de morte, Jhon se viu obrigado a dar um tempo do grupo de rap e diz, que hoje, seu principal foco é o trabalho que exerce como garçom e o cuidado família.

Chico participou de uma entrevista, em julho de 2020. Egresso do Instituto Federal, participou da segunda onda de ocupações, em 2016, quando estava no segundo ano do ensino médio. Já integrava o grêmio estudantil, mas foi a partir da experiência das ocupações que passou a se engajar e se interessar por política de forma mais intensa. Organizou, junto com seus colegas, vários protestos em sua cidade, situada na região metropolitana de Sorocaba “Mudamos a cidade [nome suprimido], conseguimos fazer manifestações de mais de 200 pessoas. Isso é muito pra cidade [nome suprimido], nunca tinha acontecido. A gente juntou os grêmios de todas as escolas, fizemos muitas manifestações, muitas mesmo. Foi um trabalho de base muito da hora que eu e uma galera fizemos. Aí eu percebi que a luta social era fundamental.

Chico é um rapaz bissexual, e disse que associa indiretamente a descoberta de sua orientação sexual à participação no movimento de ocupações. Ainda que só tenha tido a primeira experiência não-heterossexual anos depois, quando já estava na universidade, destacou que a experiência de conviver com pessoas diversas durante as ocupações contribuiu para que anos depois se sentisse livre para

experienciar sua sexualidade de forma mais livre: “ Eu tô me descobrindo ainda (bissexual), tô provando e vendo, mas por enquanto eu sou bi. E nas ocupações que deu um start, porque lá você via tudo: homem beijando homem, uma galera não-bináriae, uma galera trans... Então lá foi um “start”. Eu tive oportunidades lá, mas eu era muito travado na época. Aí foi na universidade que eu falei: aqui eu vou me libertar!”.

Na universidade, participou do movimento estudantil e foi próximo a partidos de esquerda, mas não se filiou. Revelou que não se identificou com a dinâmica do movimento estudantil universitário e, segundo ele, prefere se manter autônomo e se engajar à medida que as demandas surgirem:

Depois, quando entrei na universidade, me envolvi no Centro Acadêmico (C.A.), mas estava totalmente desmobilizado. Fiquei indignado porque esperava encontrar o centro acadêmico organizado e com várias pessoas engajadas. Decidi, então, tentar reativá-lo, junto com algumas outras pessoas. Começamos a realizar reuniões, revisar as finanças do centro acadêmico e trazer atividades para o instituto, como grupos de estudo sobre Milton Santos, durante cerca de um ano. Ao mesmo tempo, comecei a me aproximar do Primavera, a juventude do partido. Achei o projeto deles interessante e comecei a participar de alguns atos e congressos estudantis, embora de forma não tão ativa. Colaborava no que podia, ajudava a fazer faixas e até fui a Brasília com eles, o que me abriu portas. Mantive meu envolvimento tanto no C.A. quanto no coletivo da juventude partidária. Quando ocorreram eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), surgiu uma polêmica entre o pessoal do C.A. e uma integrante do Primavera, o que me levou a sair do coletivo devido às desavenças. Isso gerou muitos conflitos. Decidi focar minha militância em compreender o mundo, ler e estudar geografia para poder criticar. Também pretendia engajar-me em uma militância mais autônoma, respondendo às demandas de luta que surgissem. Com o início da pandemia, acabei me distanciando. A militância na universidade também me cansou um pouco, pois não via um engajamento forte lá. Talvez não fosse o momento certo na minha vida. Ainda estou envolvido, mas não quero me envolver em brigas entre partidos. Prefiro ser autônomo e participar das lutas conforme elas surgem

Em isolamento social, estava residindo com seus pais, em sua cidade de origem e tinha o projeto de apoiar a candidatura de um amigo, que sairia vereador nas eleições municipais daquele ano. Salientou que era a primeira vez que estava

mais envolvido com a política institucional e que estava sendo mais interessante se engajar em projetos da sua cidade do que no movimento estudantil universitário, por ser mais concreto:

Depois, mudei-me para [nome suprimido] e comecei a apoiar a campanha de um amigo que está tentando lançar sua candidatura. Estou engajado nessa luta aqui na cidade. Além disso, estamos formando um movimento de hortas urbanas e apoiando um candidato a prefeito mais alinhado à esquerda. Também estamos elaborando um plano para a política jovem local. Estamos mobilizando nesse sentido. Esta é a primeira vez que estou me aproximando mais da política institucional, e tem sido mais interessante do que na universidade, com certeza. É algo concreto, você está diretamente envolvido com a população, o que permite entender melhor a dinâmica da cidade em que vive, incluindo as questões de poder e a presença de oligarquias. Tudo isso aconteceu depois da pandemia, quando precisei retornar para cá. Agora estou aqui e consigo dedicar minha atenção a essas questões

Sobre o desejo de focalizar em ações concretas, destacou que a política acionou sentimentos, como frustração e ressentimento, após a aprovação da PEC 241, da reforma do ensino médio e a eleição de Jair Bolsonaro:

A política aciona sentimentos. Como estudante de geografia, é importante ter essa compreensão. É importante entender por que você está lutando, como está lutando e como descreve os fenômenos. Como acadêmico e membro da universidade, aprecio estudar essas questões. Isso precisa ser levado em conta. Não adianta rotular todas as pessoas que apoiam Bolsonaro como "malvados". Eu não atribuo toda a culpa a essas pessoas, apenas uma pequena parcela. Tenho ressentimentos e frustrações por tudo o que fiz em 2018 e 2016 contra Temer. Minha vida foi dedicada a lutar contra a PEC 241, que considerava extremamente prejudicial. Depois disso, veio a reforma do Ensino Médio e, em seguida, o governo Bolsonaro. Como não sentir ressentimento? Decidi não me filiar a nenhum partido, buscar minha segurança e envolver-me em atividades que considero reais, concretas e que me proporcionem experiências novas e legais. É isso.

Nesse conjunto de relatos, observa-se que Kamila e Helena, embora tenham interesse por política e por se engajar, as demandas do mundo do trabalho não permitem que elas o façam.

Dandara destacou o seu ativismo acadêmico e sua própria existência como política, por ser uma mulher negra e bissexual. Além disso, destacou que seu afastamento de grupos, partidos e coletivos se deu principalmente pela situação de violência vivida durante as ocupações.

Jhon engajou-se em um partido por razões pragmáticas: fortalecer as ações em curso de bairro e os projetos do movimento hip-hop. A aliança entre o movimento hip-hop e partidos políticos foi analisada por Moreno e Almeida (2017) na cidade de Campinas e as motivações para o ingresso na política partidária foram semelhantes aos de Jhon.

Chico também tem voltado seu engajamento para seu território de origem e criticou as ações do movimento estudantil universitário. Em seu relato, Chico destacou que pretende se engajar de acordo com questões que lhe forem impostas - como foi o caso das ocupações - , em suas palavras :“de acordo com as demandas que surgirem” o que reitera o que as pesquisas apontam sobre engajamentos atuais serem mais focados em ações pontuais (Muxel, 2008, Ion, 2012; Bringel; Pleyers, 2015; Pleyers, 2023)

### **7.3. Estreantes: primeira experiência de engajamento na ocupação**

Ariel foi entrevistada somente uma vez no começo de 2020, antes da pandemia e sua única experiência de engajamento político foi nas ocupações, e se aproximou do grupo Revolução, frequentando algumas reuniões influenciada por sua amiga Mel, mas não chegou a se filiar. Sobre o porquê não se filiou, respondeu: “Eu tenho umas opiniões diretas, mas entre escolher um partido político, eu não acho muito legal, porque todo partido tem coisa boa e coisa ruim. Eu acho que não faz sentido eu escolher um lado”.

Em relação a não estar engajada em nenhum movimento atribuiu à falta de tempo, por estar se dedicando integralmente ao curso de Enfermagem:

Então, eu não continuo participando porque, ao sair da escola e entrar direto na faculdade, não tenho tempo disponível. Esses grupos demandam bastante tempo. Reuniões, debates, às vezes aos fins de semana ou à noite, mas eu estou estudando, fazendo estágio, lidando com outras responsabilidades... Meu dia inteiro gira em torno da faculdade. Não consigo me envolver cem por cento como antes quando estava na escola. Naquela época, eu sabia o que eles estavam fazendo, como planejavam cada dia, era uma dinâmica totalmente diferente. A gente se divertia, mas também mantinha um



engajamento político para entender o que estava acontecendo. Era muito legal.

Conforme dito, Ariel foi bastante ativa nas ocupações e sofreu retaliação por parte da direção no ano seguinte. Ao ser interpelada se ainda se interessava por política atualmente, respondeu: “eu sou um pouco desligada, mas tem alguns aspectos assim que eu me interessava, como por exemplo a saúde, por eu fazer faculdade na área da saúde eu me interessava também pela política da saúde”.

Olga participou de uma entrevista, em 2020, durante a pandemia. Fez parte das ocupações quando estava no nono ano e, depois delas, engajou-se intensamente na política partidária. Durante as ocupações, em 2015, conheceu a juventude Insurreição e passou a frequentar reuniões e participar de protestos. Em capítulo anterior, já foi mencionado que Olga foi impedida de se matricular na escola devido à participação nas ocupações.

Na nova escola, conheceu seu professor de sociologia, que atualmente é seu namorado, e passou a se interessar ainda mais por política, mudando para a juventude Primavera. Olga atribui às discussões em sala de aula e à leitura de obras indicadas por seus professores o desencantamento pela organização e a busca por outro espaço de engajamento:

Foi a questão do parecer que era só uma bandeira que eles estavam levantando mesmo, sabe? Foi assim: primeiro eu li “O Manifesto” e depois “Olga”. E foi quando li Olga que tudo mudou e eu vi que militância não é só levantar bandeira na praça. É muito mais. Tem que dominar o que está escrito, eu acredito nisso. Tem que dominar. Tem que defender, tem que aplicar, se for possível, né? Então não é isso, sabe, lá a gente estava perdendo tempo. Era muito legal para uma garota de 15 anos, só que quando eu li a “Olga”, tudo mudou... Eu queria entender os textos e era o mínimo que uma militante socialista tinha que fazer: entender um texto socialista. E com eles eu não estava sentindo isso, sabe? Era só uma bandeira, um adesivo. Eu nem sabia por que estava ali

Durante todo o seu relato, Olga ressaltou a importância da leitura e de dominar diversos autores e teorias. Por essa razão, começou a frequentar reuniões de diversos partidos, até encontrar algum que a contemplasse nesse sentido:

Ai eu fui conhecer outros coletivos, ai eu fui no [outro partido] e é muito bom, é muito direto, mas acho que aqui em Sorocaba, no ano que participei em 2017 que era o ano que eu estava conhecendo, eles não estavam organizados ainda. Aí eu conheci o Primavera, que tinha tudo isso, o espaço de formação, quando teve leitura e discussão do “O Manifesto”, já falaram: “Vamos juntas para ler?”, quem tinha um conhecimento a mais explicava e a gente debatia. E era exatamente isso que eu procurava. Encantei-me. Comecei a ter contato com o partido, mas me filiei no final no ano. Identifico-me com a militância e o jeito de militar.

Sobre o “jeito de militar”, Olga se refere ao engajamento com embasamento teórico. Relaciona esse grande interesse pelas teorias não somente à sua filiação político-partidária, mas também à escolha pelo curso de Pedagogia e ao interesse em se envolver afetivamente com seu companheiro: “Foi a questão de conversar sobre militância mesmo, sabe? Sobre debater, discutir texto... Eu admiro muito ele, ele tem um domínio da teoria muito grande! Assim, tipo, muito fofo ele explicando e eu me apaixonei por ele falando de Marx”. Apesar de ter sido seu professor, Olga resalta que só começaram a se envolver afetivamente quando terminou o ensino médio e se encontram no grupo Primavera, do qual Olga é a atual liderança.

Além de relacionar sua saída do Insurreição à falta de discussão teórica, pontuou que havia “muita hierarquia”. Todavia, quando questionada sobre o fato de ser contra hierarquias e ser uma liderança no Primavera, Olga atribui ao acúmulo de funções e não a uma posição de poder:

O meu papel hoje no Primavera eu assumi faz um ou dois meses. O menino que era da liderança antes teve vários problemas psicológicos, de saúde mental, ele ficou muito atarefado... foi um erro do coletivo fazer isso. Ele se afastou porque o coletivo atribuiu muitas funções e tarefas para ele. [...] Ele se afastou ano passado, em outubro. Então eu assumi a liderança, mas como que eu vejo a liderança?! É uma questão mais organizativa, no sentido de organizar de passar um recado aqui, fazer a conexão do coletivo com o partido, então: “pessoal, vamos organizar um evento?!” Seria mais a questão

tipo de organizar uma data, o pessoal escolhe um dia e eu vejo com o partido para organizar um espaço. É uma liderança que penso em ser no coletivo, não quero tomar decisões sozinha, ser uma liderança igual da [outra juventude partidária] em comparativo, eu quero ser mesmo uma liderança organizativa e administrativa da coisa, mas eu me vejo como uma militante igual qualquer outra dali.

César participou de uma entrevista, em 2020, durante a pandemia. Sua primeira experiência de engajamento político foi a ocupação, quando estava no primeiro ano do ensino médio. Nos dois anos seguintes, participou de ações na escola, fez uma chapa para concorrer às eleições do grêmio, mas não foi eleito. Apesar disso, participou ativamente de projetos em sua escola. Após a conclusão do ensino médio, afastou-se por falta de tempo, por conciliar estudos e trabalho. , Destacou, no entanto, que o fato de ser gay em uma sociedade homofóbica e não ter vergonha de ser quem é, configura-se a sua forma de militar:

Eu não faço parte de coletivo. Eu acho que assim, o meu militar é não ter vergonha de quem eu sou, entendeu? Eu faço questão de mostrar quem eu sou. Eu não tenho vergonha. E eu acho que é a coisa mais prazerosa da minha vida ser gay. Eu acho a coisa mais legal do mundo isso, adoro, adoro, adoro! Tanto que esses dias eu estava trabalhando com os rapazes lá que trabalham comigo, super gente boa, mas super menos esclarecidos também, sabe? E daí eu cheguei perto de um deles e ele falou assim: "cara, você trabalha de maquiagem?". E eu falei: "passei uma base" e ele falou "ai, por quê?", falei "porque eu sou linda!". É muito doido poder ser quem eu sou, entendeu? É muito legal que às vezes eu me encontro me descobrindo, por exemplo, o lance da maquiagem que eu falei para você. O dia que eu resolvi, tipo, me maquiar pela primeira vez, passar uma base, eu falei: "nossa, eu não fazia isso, porque era coisa de bicha", e eu pensei: "nossa, mas que que eu sou? Se isso é coisa de bicha, então eu vou usar". E isso é muito legal [...]. É motivo de orgulho, tipo, sempre foi para mim. Eu sou daquele tipo que quando vou na balada com os meus amigos, toca uma música que eu gosto, eu choro e falo: "gente, eu amo ser gay, amo quem eu sou, tipo, não troco por nada, eu amo isso!".

Igor concedeu uma entrevista durante a mesma época e estava no terceiro ano do ensino médio quando ocupou sua escola. Assim como César, também focalizou seu relato na questão LGBTQIA+, associando seu engajamento ao seu modo de existir no mundo. Após concluir o ensino médio, Igor chegou a estudar um tempo de Cinema, onde foi vítima de homofobia. Era época das eleições de 2018 e Igor foi discriminado por eleitores de Jair Bolsonaro. Após a violência sofrida, Igor

escreveu um relato em suas redes sociais, o qual “viralizou”, levando a uma série de ações na universidade contra o preconceito. Ele destacou que seu engajamento pela causa é mais por via das redes sociais, compartilhando conteúdos políticos e se posicionando publicamente como um homem gay.

Wanda participou de uma entrevista, em julho de 2020 e estava no nono ano do ensino fundamental quando ocupou sua escola. Durante seu relato, enfatizou que embora tenha sido na ocupação o seu primeiro contato com debates sobre política, só começou a se interessar, de fato, quando ingressou no ensino médio, graças às aulas de sociologia. Sobre seu engajamento, considera que começou a se engajar mais politicamente na universidade, através do contato com colegas dos cursos de ciências humanas.

Atualmente, Wanda é presidente do Centro Acadêmico de seu curso que, de acordo com ela, estava estagnado:

O C.A. da Química não fazia nada! Aí eu me candidatei e hoje sou presidenta. Hoje tento fazer o que eu posso, pelo menos dentro do curso, que é um curso que não tem muita participação política, então é muito difícil tentar ficar falando de política com pessoas que não querem ouvir, mas a gente ainda orienta, faz publicações, tipo "vote para a eleição". É o mínimo do mínimo, mas pra um curso que nunca fazia nada, já é bastante coisa.

Em 2019, Wanda era bolsista do projeto PIBID, mas com os cortes de verbas da CAPES, acabou perdendo a sua bolsa. Sozinha, elaborou panfletos explicando os efeitos dos cortes para as pesquisas científicas e liderou um movimento de divulgação científica com outros estudantes de cursos de exatas, indo até o centro da cidade conversar com a população e apresentar as pesquisas em andamento que estavam correndo risco de perder o financiamento.

Embora seja próxima de integrantes da juventude partidária Revolução, Wanda optou por não se filiar a nenhum partido ou organização por considerar que não teria tempo de se dedicar ao compromisso político. Ressaltou, ainda, que tem tentado organizar uma votação para criar um estatuto para o Centro Acadêmico de seu curso, pois o estatuto vigente impede os integrantes de ter envolvimento político. Durante a

pandemia, Wanda estava participando de uma ação voluntária da universidade de produção de álcool em gel para distribuição gratuita tanto na cidade de Sorocaba, quanto em São Paulo, por meio do contato com o Padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo de Rua.

Raimundo participou de duas entrevistas, a primeira em 2020, no começo da pandemia e a segunda em meados de 2022. A primeira entrevista foi por chamada de vídeo e a segunda presencial. Raimundo foi muito ativo nas ocupações, tendo inclusive reprovado de ano em retaliação pela sua atuação, conforme previamente exposto.

Em ambos os relatos, revelou profunda descrença da política institucional e se mostrou adepto a teorias da conspiração diversas, dentre as quais o controle mundial por parte da maçonaria, bem como a invenção da pandemia pela China.

Eu não defendo tanto o Lula quanto o Bolsonaro. Para mim não tem um e outro. Para mim não tem diferença. O que entrar ali tem que dançar a música, tanto a bancada da esquerda, quanto da direita. A esquerda, pelo meu ponto de vista, o pessoal vai olhar mais para o lado do pobre essas coisas, mas vão roubar um pouquinho. Agora o lado da direita, eles vão roubar mesmo e se foda o pobre. Os dois lados pra mim não tem diferença. Na minha opinião, quem controla tudo ali é a bancada da maçonaria. A maçonaria tem um peso maior que a esquerda e a direita. Quem entrar ali, tem que fazer o que eles querem.

Sobre como a maçonaria controlaria o mundo e quem faz parte dela, respondeu:

Acho que através de muita propina, muito dinheiro. O controle que eles querem ter do mundo, não só aqui no Brasil, como no mundo afora, tudo eles comandam. Igual essa pandemia: pra mim é um plano deles para a eliminação da população. Eliminar a população em massa. É para o pessoal morrer mesmo. E quem faz parte da maçonaria? Ah, digamos assim, o Lula faz parte, o Bolsonaro faz parte. O Mourão lá, acho que ele que é o vice-presidente, ele também faz parte. Ainda mais ele que é de um grau maior da maçonaria. Às vezes eu acho que ter elegido o Bolsonaro é só uma forma do povo se iludir que é o Bolsonaro que vai ficar ali, mas na verdade ainda acho que como ele tem o poder da maçonaria e ele é vice, como aconteceu o caso lá da Dilma e Michel Temer, que a Dilma assumiu por um tempo e depois ele assumiu a metade do outro tempo e afundou mais ainda o país.

Já a respeito da pandemia ser uma invenção por parte da China para obter lucro, Raimundo disse: “Eu acho. Acho que se a gente pode produzir máscara, o

álcool em gel, por que tem que comprar lá da China, se a gente pode produzir aqui mesmo, tem a matéria prima? Acho que é para a China alcançar o topo da elite mundial, que a maior economia acho que é dos Estados Unidos, por enquanto. A China vem em seguida... Então tudo isso que tá acontecendo, a China já tem a cura para tudo. Eles vão ganhar em cima disso, vendendo vacina, álcool em gel, máscara”.

Sobre a descrença na política, prosseguiu: “Acho que a gente não tem voz perto desse povo, no meu ponto de vista. Pela política, não dá para mudar. Vai passar anos e anos, pode aparecer outro candidato que vai querer fazer alguma coisa, mas de alguma forma vão matar ele. É sempre assim. É que nem eu comentei: acho que é o fim dos tempos”.

Na segunda entrevista, permaneceu com o mesmo pensamento e disse que não ia votar, mas que torcia para que o Lula ganhasse, pois o considera menos ruim que o Bolsonaro. Sobre a Covid, havia tomado as vacinas por obrigatoriedade do trabalho e continuava acreditando que o vírus tenha sido uma criação da China.

Sobre ter participado das ocupações, uma ação coletiva de grande magnitude, revelou que não acredita, hoje em dia, que seja possível lutar contra o governo:

Eu acho que não dá para lutar contra o governo. Quando eu entrei para a ocupação, foi porque eu estava em busca de um ensino melhor, salário mais digno para os professores e também para não fechar escola e para ver se o governo poderia ajudar pelo menos nisso, né? Aí vi que não, a única coisa é que não fechou escola, mas tipo, mudar salário, o ensino mesmo, continuou a mesma coisa. Eu peguei raiva da política, na verdade. Não é aquilo que eu achei.

Sobre os engajamento de Igor, via rede social, que refletiu em ações na universidade, no combate à LGBTfobia, suscita reflexões acerca do conceito de arena pública, conforme observado na pesquisa de Falcão (2017) sobre a sociabilidade de jovens LGBTQIA+ nas redes sociais, onde todos seriam agentes do processo político. Já César, ao dizer que sua militância consiste no seu modo de ser expresso pela sua forma de se vestir e se portar, está em consonância com a concepção feminista de que “o pessoal é político” (Hanisch, 1970)

O relato de Raimundo, de profunda desconfiança em relação à política, revela ambiguidades. Ainda que seja adepto de teorias conspiracionistas comuns entre grupos de direita, Raimundo, ainda que tenha dito que não confia nem na direita, nem

na esquerda, disse que gostaria que Lula vencesse as eleições ao invés de Bolsonaro. Raimundo apresenta uma relação oscilante em relação à religião protestante que professa. Na primeira entrevista, salientou o papel de suporte emocional da religião e para o afastamento do consumo de drogas, enquanto na segunda, frequentava a igreja esporadicamente.

A atuação de Wanda, em especial na pandemia, junto à Pastoral do Povo de rua, assim como de jovens de outros grupos, reflete um engajamento mais voltado a questões concretas do que a adesão a causas utópicas. (Pleyers, 2023).

\*\*\*

No quadro a seguir, apresentam-se os dados sintetizados dos engajamentos. Na primeira coluna após os nomes, estão os engajamentos prévios às ocupações e, em seguida, a intensidade de participação durante elas. Na terceira coluna, os engajamentos logo após o fim as ocupações e, por último, os engajamentos atuais.

## Quadro 28 – Engajamentos

Nome	Engajamento prévio	Participação nas ocupações	Engajamento pós-ocupações	Engajamento atual
Ariel	Não	Intensa	Não	Não
Augusto	Insurreição	Intensa	Insurreição	Insurreição
Cecília	Discórdia	Intensa	Cursinho popular	Cursinho popular
César	Não	Intensa	Grêmio	Individual
Chico	Grêmio	Intensa	Centro acadêmico	Individual
Dandara	Coletivo feminista	Intensa	Coletivo feminista	Coletivo de feminismo negro
Helena	Individual	Intensa	Revolução	Não
Igor	Não	Intensa	Individual	Individual
Janaína	Insurreição	Intensa	Insurreição	Não
Jhon	Movimento hip-hop	Intensa	Partidário e mov. Hip-hop	Partidário e mov. Hip-hop
Joaquim	Insurreição	Intensa	Revolução	Centro acadêmico
Kamila	Coletivo ambientalista	Intensa	Não	Não
Lucas	Insurreição	Intensa	Insurreição	Partidário
Ludmila	Primavera	Intensa	Primavera	Não
Maria	Insurreição	Intensa	Insurreição	Individual
Mel	Revolução	Intensa	Revolução	Não
Olga	Insurreição	Intensa	Primavera	Primavera
Raimundo	Não	Intensa	Não	Não
Wanda	Não	Moderada	Não	Centro acadêmico

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da leitura e análise dos relatos e do quadro, observa-se que:

1. Se antes das ocupações os(as) engajados em partidos e juventudes partidárias eram maioria – nove entre os dezenove entrevistados -, apenas três permaneceram nessa modalidade sendo apenas um rapaz na mesma organização. Dentre os seis que se desvincularam, apenas uma moça foi logo após a participação nas ocupações. Todos os(as) demais foram desligaram-se anos após o fim delas. Além disso, desse grupo de



previamente engajados em organizações, denominados “organizados” na tese, três mudaram de partido/juventude partidária, sendo dois deles durante as ocupações.

2. Entre os cinco que tinham uma experiência prévia de engajamento independente (seja de forma individual ou em coletivos) antes das ocupações, três permaneceram: um deles ingressou em um partido durante as ocupações, outra permaneceu em coletivos e outro, que foi de centro acadêmico e grêmio, está engajado de forma individual. Das duas jovens que não estão engajadas, uma delas ingressou em uma juventude partidária nas ocupações e outra saiu do coletivo ambientalista (o qual funcionava dentro da sua escola).
3. Dos cinco que não tinham experiência prévia, três estão engajados de forma independente, sendo dois de forma individual e uma em centro acadêmico. Um dos que está engajado de forma individual e que não tinha experiência prévia, ingressou no grêmio logo após as ocupações.

Quanto à intensidade de participação, apenas uma jovem considerou sua experiência moderada. Os demais assinalaram, no questionário, que vivenciaram uma experiência intensa. Isso se deve provavelmente ao fato de que aqueles que se interessaram por participar da entrevista foram aqueles cuja experiência foi mais marcante. É importante notar que, em relação aos que se desengajaram, a maioria foi anos após as ocupações e não atribui a elas uma decepção com a política. Ao contrário, atribuem à experiência a formação de um pensamento crítico que os faz olhar de forma desconfiada para certas práticas das organizações. Esse achado está em consonância com pesquisas anteriores sobre os efeitos pós Primavera Árabe (Rennick, 2019), 15M (Betancor; Prieto 2018; Galán; Fersch, 2020), Jornadas de Junho (Perez, 2019), Revolta dos Pinguins (Labbé, 2016) e ocupações secundaristas nacionais (Sallas; Groppo, 2022). Contudo, há uma distinção interessante: em todas essas pesquisas, a maioria dos (as) jovens teve como primeira experiência de engajamento os movimentos de ocupação, enquanto nesta pesquisa a maioria já possuía experiência prévia. Se considerar, em conjunto, os (as) engajados (as) em partidos e os (as) independentes, 15 dos 19 já tinham participado de uma ação coletiva ainda na adolescência. No caso argentino, parece, a despeito da bibliografia

analisada, que há uma tendência um pouco maior ao engajamento partidário após as *tomas*, em comparação com o Brasil e o Chile, contudo, ainda assim, predomina a modalidade independente.

Outro ponto a ser destacado é que pesquisas observaram o engajamento feminista após o 15M (Schulz; González, 2020), das Jornadas de Junho (Sarmiento, Reis; Mendonça, 2017) e das ocupações secundaristas nacionais (Sallas; Groppo, 2022). Na presente pesquisa, embora o protagonismo feminino também tenha se feito presente, foi o engajamento LGBTQIA+ que emergiu com mais intensidade nos relatos, de homens e mulheres.

Em relação ao que restou da experiência, há, ainda, aspectos outros centrais a ser destacados. O primeiro, diz respeito à concepção dos grupos como espaços de acolhimento e suporte, conforme observado em vários depoimentos. Rebughini e Colombo (2022) observam que diante de um contexto de incerteza e de singularização das experiências, os indivíduos têm a tendência a se engajar em ações locais e situadas, formando grupos com semelhantes que enfrentam desafios comuns. Ao invés de aderir a grandes causas estruturais, as ações diretas e o mutualismo têm dado a tônica aos engajamentos políticos, conforme observado nos relatos.

O segundo, diz respeito à crítica à falta de espaço para o dissenso e a consequente predileção pelo engajamento individual. Em pesquisa conduzida por Danilo Martuccelli (2006), foi observada essa inclinação. Os indivíduos não abdicam das próprias convicções e de sua singularidade ao se engajarem em uma causa. O indivíduo é o ponto de partida e de chegada desde a conscientização em torno de uma questão, à adesão e ao desengajamento:

O engajamento sedimenta um precipitado de si mesmo: seja qual for a fase da mobilização descrita (conscientização, custo pessoal, desilusão, transformação de si mesmo...), ela é sempre contada em primeira pessoa. A vida pessoal tornou-se a medida — o termômetro — não apenas do engajamento coletivo do militante, mas muito mais profundamente da mobilização social em si. (2006, tradução nossa)<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> L'engagement sédimente un précipité de soi : quelle que soit la phase de la mobilisation décrite (prise de conscience, coût personnel, désillusion, transformation de soi...), c'est toujours à la première personne qu'elle est racontée. La vie personnelle est devenue la mesure — le thermomètre — non

Por fim, o desejo de que os grupos políticos fossem espaços de acolhimento e a busca pela religião – de denominações distintas – com esse objetivo, evidencia sua dimensão de suporte, tal como é concebido por Martuccelli (2007).

---

seulement de l'engagement collectif du militant, mais bien plus profondément de la mobilisation sociale elle-même.

## Considerações finais

A tese foi norteada pela questão: como a experiência de participação nas ocupações secundaristas reverberou nos engajamentos políticos posteriores e em outras áreas da vida, como o trabalho, a educação, a vida afetiva e familiar das moças e rapazes que delas fizeram parte?

Conforme explicitado na introdução, mais do que fazer afirmações, pretendeu-se suscitar novas perguntas. A perspectiva de que a participação em uma ação coletiva se constitui como um marcador nas trajetórias dos indivíduos foi reiterada nesta pesquisa (Ion, 2012; Graeber, 2014). Em diálogo com as literaturas internacional e nacional, foi possível traçar uma série de pontos de convergência. Tanto os estudos que investigaram os feitos pós-participação em movimentos do Ciclo da Indignação Global quanto aqueles que se dedicaram aos reflexos das ocupações estudantis, ressaltaram uma maior tendência a engajamentos políticos autônomos, seja em grupos guiados por princípios autonomistas ou por meio do engajamento individual.

Na presente tese, os relatos revelaram uma defesa inegociável da autonomia, política e intelectual. De forma distinta das pesquisas analisadas, a maioria dos jovens fazia parte de grupos – partidários ou independentes – antes das ocupações, e, atualmente, estão desvinculados. Um olhar superficial poderia sugerir um desinteresse pela política, mas não foi o que ocorreu. A análise dos depoimentos revelou que as moças e rapazes possuem grande interesse, especialmente pela formação teórica em torno de temas políticos. Foi frequente o anseio por conhecimento, expresso muitas vezes no desejo de participar de grupos de estudo voltados para o tema, bem como a crítica à ausência de espaços formativos nas organizações. Além disso, observou-se a crítica às hierarquias e à falta de espaço para o dissenso dentro dos grupos, o que leva os(as) jovens a optarem, muitas vezes, pelo engajamento individual, a fim de não renunciarem a suas convicções em nome de uma coletividade.

Danilo Martuccelli (2006), observou a tendência aos engajamentos individuais entre jovens franceses. A tomada consciência em torno de uma injustiça, a adesão à determinada causa, bem como a continuidade ou a descontinuidade do engajamento são motivadas por critérios pessoais, moldados pelas experiências dos indivíduos.

Nesse sentido, as tradicionais teorias da socialização política não dariam conta da complexidade de motivações que levam não só os indivíduos a se engajar em determinada causa, mas permanecer ou não vinculados a ela. A reflexão constante em torno da própria atuação passada e presente, o cuidado em manter uma coerência entre o que se defende e o que se pratica, experimentado pelas práticas prefigurativas, se manteve depois da experiência da insurgência. Isso se expressou na crítica aos grupos que reproduzem posturas autoritárias, como as referidas hierarquias e a falta de abertura para discordâncias.

Foi reiterado, também, o desejo de que as diferentes formas associativas fossem espaços de acolhimento, o que levou algumas jovens a buscarem pela religião, a qual se constituiu em recurso simbólico de sustentação no mundo, ou seja, um suporte (Martuccelli, 2007). Conforme exposto, o processo de individualização enseja a busca por espaços de reconhecimento da singularidade e que forneçam apoio para o enfrentamento dos desafios (Colombo; Rebughini, 2022). Na pesquisa, a religião pareceu cumprir, para algumas moças entrevistadas esse papel.

A atuação voluntária em cursinhos populares se revelou como uma retribuição da educação acessada, compreendida como dádiva (Sposito e Tarábola, 2016). A escolha pela profissão docente foi frequente e se relacionou, para muitos, como uma forma de luta política. Pesquisas nacionais e internacionais observaram a tendência da escolha profissional ser motivada pela participação prévia em uma grande ação coletiva, bem como a compreensão da atividade profissional como forma de engajamento político (Labbé, 2016; Gálan; Fersch 2020; Sallas; Groppo, 2022).

Como provas comuns, destacam-se a prova do trabalho e da escolarização, as quais têm sido enfrentadas de diferentes formas de acordo com os suportes dos quais dispõem e de certos marcadores sociais da diferença. No caso da pesquisa, foram sobretudo os jovens de identidades não-heteronormativas que precisaram elaborar mais estratégias de inserção profissional a fim de conquistar a independência financeira e efetivar a autonomia em relação à família. Para esse grupo, a educação precisou relegada para segundo plano para alguns, enquanto para outros houve a necessidade de adaptar a escolha do curso de graduação para uma inserção mais rápida.

A provisoriedade e a experimentação deram a tônica às experiências vividas nos diferentes domínios. Diante de um contexto de incerteza e de precariedade no

mundo do trabalho, as escolhas são provisórias e se adequam às circunstâncias do presente. Já a experimentação se revelou sobretudo no âmbito dos engajamentos e da vida afetiva. No momento de conclusão desta tese, muito do que foi exposto já havia mudado. Muitos me procuraram para atualizar sobre novidades enquanto de outros pude acompanhar as transformações pelas redes sociais. Janaina e Joaquim foram aprovados no mestrado. Maria está realizada em seu trabalho como professora. Dandara se separou de seu companheiro e está noiva de uma mulher. Raimundo me cumprimentou em uma manifestação política de esquerda.

Em síntese, as experiências relatadas revelaram não somente os diferentes reflexos das ocupações nas trajetórias dos (as) jovens, mas pistas para a compreensão da vivência da juventude em um momento de crise e mutação social.

## Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila I. L. Living the 'revolution' in an Egyptian village: Moral action in a national space. **American Ethnologist**, v. 39, n. 1, p. 21-25, 2012.

ACAR, Yasemin Gülsüm.; REICHER, Stephen. How crowds transform identities. In: ELCHEROTH, G.; DE MEL, N. (Eds.). **In the shadow of transitional justice: Cross-national perspectives on the transformative potential of remembrance**. 1. ed. Routledge, 2021. p. 183-196. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/oa-edit/10.4324/9781003167280-17/crowds-transform-identities-yasemin-g%C3%BCIs%C3%BCm-acar-stephen-reicher>.

Acesso em 21 out. 2023.

ACAR, Yasemin Gülsüm; ULUĞ, Özden. Melis. Ten years after the Gezi Park protests: looking back on their legacy and impact. **Social Movement Studies**, 2023.

ADORNO, Sérgio. O social e a sociologia em uma era de incertezas. **Plural**, v. 4, n. 1, p. 1-27, 1997.

AGUILERA RUIZ, Oscar. Acontecimiento y acción colectiva juvenil. El antes, durante y después de la rebelión de los estudiantes secundarios chilenos en el 2006. **Propuesta Educativa**, n. 35, p. 11-26, 2011.

\_\_\_\_\_. **Generaciones: movimientos juveniles, políticas de la identidad y disputas por la visibilidad en el Chile neoliberal**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

ALCÂNTARA, Livia; BRINGEL, Breno. Dos zapatistas aos indignados: mudanças na geopolítica das solidariedades transnacionais. **Educação e Sociedade**, vol.41, p.1-18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5rctWCTZ8Kf7b7FSRLsxymv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2022.

ALONSO, Angela.; MISCHÉ, Anne. Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests. **Bulletin of Latin American Research**, v. 36, n. 2, p. 144–159, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/blar.12470>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ARAUJO, Katya; MARTUCCELLI, Danilo. **Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos**. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

\_\_\_\_\_. Leer los movimientos sociales desde el individualismo: reflexiones a partir de Latinoamérica. **Educação e Sociedade**, v. 41, p. 1-15, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/mrwCrLMjDz9GRTZYTxB3pB/abstract/?lang=pt>. Acesso em 21 fev. 2021.

ARIÈS, Philippe. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BECK, Ulrich. **Risk Society — Towards a New Modernity**. London: Sage, 1992.

BELLEI, Cristián.; CABALIN, Cristian.; ORELLANA, Víctor. The 2011 Chilean Student Movement Against Neoliberal Educational Policies. **Studies in Higher Education**, v. 39, n. 3, p. 426–440, 2014.

BELTRÁN, Mariana; FALCONI, Octavio. La toma de escuelas secundarias en la ciudad de Córdoba: condiciones de escolarización, participación política estudiantil y ampliación del diálogo social. **Propuesta Educativa**, n. 35, p. 27-40, 2011.

BERNARDO, Fabiana de Oliveira. Docência do ensino superior e cidadania: o papel da sociedade na construção de direitos sociais. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 9, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15299>. Acesso em: 26 out. 2023.

BETANCOR, Gomer Nuez.; PRIETO, David Serrano. El 15M y las juventudes: entrada y salida en los espacios activistas e impactos biográficos del activismo. **Pensamiento al margen**: revista digital sobre las ideas políticas, v. 8, p. 161-190, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6455324>. Acesso em 21 out. 2023.

BORGES, Scarlett Giovana; SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Condição adolescente e socialização política nas ocupações secundaristas em Caxias do Sul, RS. **Práxis Educativa**, v. 14, n. 3, p. 1049-1065, set. 2019. Disponível e <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/13417>. Acesso em 13 de jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRENNER, Ana. Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2011.

BRINGEL, Breno. Le Brésil et la géopolitique de l'indignation. In. BRINGEL, Breno. DOMINGUES, José Mauricio. **Global Modernity and Social Contestation**. London; New Delhi: Sage, 2015.

\_\_\_\_\_. Movimientos sociales y la nueva geopolítica de la indignación global. In: BRINGEL, Breno Bringel & PLEYERS, Geoffrey (Org.). **Protesta e indignación global**: los movimientos sociales en el nuevo orden mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2017.

\_\_\_\_\_. Estallidos de indignación, levantamientos de esperanza: cambios en los sujetos y los sujetos del cambio. In: BRINGEL, Breno; MARTÍNEZ, Alexandra; MUGGENTHALER, Ferdinand. (Org.). **Desbordes**: estallidos, sujetos y porvenires en América Latina. Quito: Fundación Rosa Luxemburg, 2021.

CAMPOS, Antônia; MEDEIROS, Jonas.; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.

CAPRECCI, Andressa da Cruz. **Mediações comunicativas em pesquisas sobre os movimentos de estudantes brasileiros (2015 e 2016) e chilenos (2006 e 2011)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; TOMIZAKI, Kimi. Os aprendizados da luta política: trajetórias militantes das mulheres no MTST. **Linhas Críticas**, v. 27, p. e36690, 2021. DOI: 10.26512/lc.v27.2021.36690. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36690>. Acesso em: 27 dez. 2023.

CASSIO, Fernando Luiz; CROCHIK, Leonardo; DI PIERRO, Maria Clara; STOCO, Sergio. Demanda social, planejamento e direito à educação básica: uma análise da rede estadual de



ensino paulista na transição 2015-2016. **Educação e Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 1089–1119, 2016.

CATINI, Carolina de Roig; MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Escolas de luta, educação política. **Educação e Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 1177–1202, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/S7c7LdHGSMR6WC4j6VQb6LR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 jun. 2021.

CERTEAU, Michel de. Une révolution symbolique. In: CERTEAU, Michel de (Org.). **La prise de parole et autres écrits politiques**. Paris: Seuil, 1994. p. 29-39.

COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola. "Connecting individualizations. Towards a new generational connective action". In: CUZZOCREA, A.; GOOK, B.; SCHIERMER, B. (Orgs.). **Forms of Collective Engagement in Youth Transitions: A Global Perspective**. Amsterdam: Brill, 2021. p. 247-266.

COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola. Transformations et visages multiples de l'individualisation: un bilan analytique. **Sciences et actions sociales**, [S.l.], v. 18, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sas/2455>. Acesso em dez. 2023.

CORROCHANO, Maria. Carla. **O trabalho e a sua ausência**: narrativas juvenis na metrópole. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2012.

CORROCHANO, Maria. Carla; TARÁBOLA, Felipe. de Souza. Neoliberalismo, trabalho e pandemia: experiências e enfrentamentos de jovens das periferias. **Educação e Sociedade**, v. 44, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zZ7PKKTLRGxmvGBWQfrx8DB/?lang=pt#>. Acesso em 05 jan.2024.

CORSINO, Luciano Nascimento; ZAN, Dirce Djanira Pacheco. e. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 26–48, 2017.

CORTI, Ana Paula; CORROCHANO, Maria Carla; SILVA, José da. "Ocupar e Resistir": A insurreição dos estudantes paulistas. **Educação e Sociedade**, vol. 37, n. 137, p. 1159-1176, out. 2016. Disponível em: [scielo.br/j/es/a/CwYd9yX9DVrkJP5p3NbRVwN/?format=pdf](https://www.scielo.br/j/es/a/CwYd9yX9DVrkJP5p3NbRVwN/?format=pdf). Acesso em 21 mar. 2019.

CUADRA, Fernando de la. Conflito social e movimento estudantil no Chile. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 173-194, fev. 2008.

CUEVAS, Hernan; PAREDES, Juan Pablo. Esfera pública, actos de ciudadanía y arenas públicas: La redefinición de la educación y del espacio público por las protestas estudiantiles em Santiago (2011-2015). In: DEL VALLE, N. (Org.). **Transformaciones de la esfera pública en el Chile neoliberal**. Luchas sociales, espacio público y pluralismo informativo. Santiago: RIL, 2018. pp. 39-68.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Editora Boitempo, 2017. 647 p.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FACCHINI, Regina.; CARMO, Íris Nery do; LIMA, Stephanie Pereira. Movimentos feminista, negro e LGBTI no Brasil: Sujos, teias e enquadramentos. **Educação e Sociedade**, v. 41, 2020.

FANFANI, Emilio. Culturas jovens e cultura escolar. In: **Seminário Escola Jovem: Um Novo Olhar Sobre o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

FEIXA, Carles; PERONDI, Maurício; CASTRO, Guillermo. O Peregrino Indignado: Topias e Utopias do 15M. **Revista TOMO**, [S. l.], 2015.

FERNANDEZ-SAVATER, Amador; FLESHER FOMINAYA, Cristina. (eds). Life after the squares: reflections on the consequences of the Occupy movements. **Social Movement Studies**, v. 16, n. 1, p. 119-151, 2017.

FERREIRA de Oliveira, Wilson José. Engajamento político, competência e elites dirigentes do movimento ambientalista. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 16, n. 30, junho, 2008, pp. 167-186.

FERREIRA, Vitor Sérgio; NUNES, Cátia. Para lá da escola: transições para a idade adulta na Europa. **Educação em Foco**, v. 18, n. 3, p. 167-207, 2014.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; CORROCHANO, Maria Carla; BRITO, Ana Paula S; BERGAMINI, Débora; GINZEL, Flávia; JOSÉ, Caio Rennó. Como uma onda no mar: o jogo de forças entre regulação e emancipação no processo de construção do Plano Municipal de Educação em Sorocaba - São Paulo. **Crítica Educativa**, v. 2, n. 1, p. 79-95, 2016.. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/70>. Acesso em 15 dez. 2023.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue française de science politique**, v. 51(1), p. 199-215, 2001.

\_\_\_\_\_;LECLERCQ Catherine; LEFEBVRE Rémi, **Le malheur militant**. 288 págs. Disponível em: <https://www.cairn.info/le-malheur-militant--9782807339453.html>.

\_\_\_\_\_.Some elements of an interactionist approach to political disengagement. **Social movement studies**, v. 9, n. 1, p. 1-15, jan. 2010.

GALÁN, Leticia Prado; FERSCH, Barbara. Where did the Indignados go? How movement sociality can influence action orientation and ongoing activism after the hype. **Social Movement Studies**, v. 20, n. 1, p. 2-19, 2021. DOI: 10.1080/14742837.2020.1722627.

GALLAND, Olivier. **Sociologie de la Jeunesse**. Paris: Armand Colin, 1997.

GERBAUDO, Paolo. **Tweets and the Streets: Social Media and Contemporary Activism**. Londres: Pluto Press, 2012.

\_\_\_\_\_.**The mask and the flag: Populism, citizenism and global protest**. Nova York, NY: Oxford University Press, 2017.

GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. A dimensão espacial da escola pública: leituras sobre a reorganização da rede estadual de São Paulo. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 37, n. 137, p. 1121-1141, out. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/SPN7FJrQqVj86gWxfsc5msj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mar. 2019.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/jBGbrMwxkJBxyvtwVnz9Wcp/abstract/?lang=pt>. Acesso em 11 nov. 2023.

GRAEBER, David. **The Democracy Project: A History, a Crisis, a Movement**. Nova York: Paperback, 2014.

GROPPO, Luis Antonio; TREVISAN, Júnior Roberto Faria; BORGES, Livia Furtado; BENETTI, Andréa Marques. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p.141–164, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647616>. Acesso em: 26 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPO, Luis Antonio (Orgs.). **Movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018. p. 85-117.

\_\_\_\_\_; SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 99, p. 409–424, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173445>. Acesso em: 27 maio. 2022.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Mara Aline. Ocupações secundaristas em Minas Gerais: subjetivação política e trajetórias. **Educação e Sociedade**, v. 42, p. 1-18, 2021. DOI: 10.1590/es.240770. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/XmjrZCTnPM76DbmkbcYggQn/?lang=pt#>. Acesso em 13 jan. 2024.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, Isabella Batista. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, v. 12, n. 1, p. 7–21, 2020. DOI: 10.18315/argumentum.v12i1.30125. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/30125>. Acesso em 20 maio. 2022.

\_\_\_\_\_; SOUSA, Flávia Alves de. Experiências, emoções e memória de jovens: ocupações secundaristas no Ceará em 2016. **Educação UNISINOS**, 26, 2022. <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/23858>

\_\_\_\_\_; SILVA, Gislene; SILVA, Josefa Alexandra da; FELIZARDO JÚNIOR, Luiz Carlos; CONCEIÇÃO, Marcelo Rodrigues; SOARES, Vitória Neres. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e271463, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/F3T5RGp4hKpXsnvCxmX55RC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 jan. 2024.

HANISCH, Carol. *The Personal is Political*. **Notes from the Second Year: Women's Liberation**, 1970

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e diversidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 544 p.

ION, Jacques. **S'engager dans une société des individus**. Paris, Armand Colin, 2012.

JANUÁRIO, Adriano et al. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro**, São Paulo, v. 9, p. 1-26, mai. 2016. Acesso em: 28 out. 2022.

KAUFMANN, Jean-Claude. **L'entretien compréhensif**. Paris: Nathan, 1996

LA MENDOLA Salvatore. O sentido do risco. **Tempo Social**, v. 17, n.2, p. 59-91, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/HY44747HhMrhcmPQXg4j4qb/?lang=pt#>. Acesso em out. 2023.

LABBÉ, Juan Fernández. Movimiento estudiantil en Chile (2011): Repertorios de acción, marcos de acción colectiva, impactos y desafíos para la política pública. **Circunstancia**, Madrid, vol. 11, n. 31, maio 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9231571>. Acesso em 05 jan. 2024.

LARRONDO, Marina. El movimiento estudiantil secundario en la Argentina democrática: Un recorrido posible por sus continuidades y reconfiguraciones. Provincia de Buenos Aires, 1983-2013. **Ultima década**. 2015, vol.23, n.42, p: 65-90

LECCARDI, Carmen. Por um Novo Significado de Futuro – mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 02, p. 35-57, nov. 2005.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARTUCCELLI Danilo. **Grammaires de l'individu**. Gallimard, 2002.

\_\_\_\_\_. **Forgé par l'épreuve: l'individu dans la France contemporaine**. Armand Colin, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo**. Santiago de Chile: LOM, 2007.

\_\_\_\_\_.; SINGLY, François de. **Les sociologies de l'individu**. Paris: Armand Colin, 2009.

\_\_\_\_\_. **La société singulariste**. Éditions Armand Colin, 2010

\_\_\_\_\_. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y Sociedad**, XXIV(03), p. 09-29, 2010.

\_\_\_\_\_. **Esfera pública, movimentos sociais e juventude**. In: SORJ, Bernardo; FAUSTO, Sergio (Orgs.). *Internet e mobilizações sociais: transformações do espaço público e da sociedade civil*. São Paulo: Ed. Plataforma Democrática, 2015, p.61-100.

\_\_\_\_\_. La individuación, los desafíos sociales y la biografía extrospectiva. **Revista Contenido. Cultura y Ciencias Sociales**, n. °10 "Enfoque biográfico y curso de vida: caminos paralelos para un destino común", 2020. p. 81-112.

MAUSS, Marcel. **Essai sur le don**. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. PUF, 2007.

MELUCCI, A. **Passagio d'epoca**. Milão: Feltrinelli, 1994.

\_\_\_\_\_. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 5-14, maio-dez. 1997.

MENDONCA, Ricardo Fabrino. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 66, p:130-159, 2017. Disponível em: [SciELO - Brasil - Singularidade e identidade nas manifestações de 2013 Singularidade e identidade nas manifestações de 2013](#). Acesso em 22 dez. 2023.

MIGUEZ, Daniel Pedro; HERNANDEZ, Andres. Los sentidos de la democracia y la participación. Un estudio de caso sobre la toma de escuelas en Córdoba durante 2010. **Revista Del Museo De Antropología**, 9(1), 95–106, 2016.

MORESCO, Marcielly. Corpos que não importam no fronte das ocupações: protagonismo feminino e LGBTQI+. In: MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúrion (Org.). **Ocupar e Resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)**. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 271-290.

MUXEL, Anne. Continuidades y rupturas de la experiencia política juvenil. **Revista de Estudios de Juventud**, n. 81, p. 31-44, jun. 2008. Disponível em: <https://sciencespo.hal.science/hal-03459833v1/file/2008-muxel-continuidades-y-rupturas-en-la-experiencia-politica-juvenil.pdf>. Acesso em 25 mar. 2019.

NUÑEZ, Pedro. Introducción: Protestas estudiantiles: interrelaciones entre escuela media y cultura política, **Revista Propuesta educativa**, nº 20, 2011, vol. 35, pp. 1-7

\_\_\_\_\_.La irrupción de la política en la escuela secundaria: nuevas figuras de ciudadanía en argentina», en: **ESTUDIOS SOCIALES, revista universitaria semestral**, año XXIX, nº 56, Santa Fe, Argentina, Universidad Nacional del Litoral, enero-junio, 2019, pp. 155-17

\_\_\_\_\_. Demandas, ámbitos y fronteras de la participación estudiantil en escuelas secundarias de Ciudad de Buenos Aires. **Educação e Sociedade**, v. 42, 2021.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. Gênese e redefinições do militantismo ambientalista no Brasil. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p. 751-777, 2008.

ORTELLADO, Pablo. Prefacio – A primeira flor de junho. In: CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: AMBAR, 2001

PANTOJA, Leila Saraiva. **Não leve flores: crônicas etnográficas junto ao Movimento Passe Livre-DF**. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. 2017. Repositório Institucional da UNB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23283>

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP** V. XX, 2010.

PEREZ, Olivia Cristina. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, v. 25, n. 3, p. 577–596, nov. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/Q4Pg9WHm8rdWkZMdrnckQDM/>. Acesso em 10 de dez. 2023.

PINHEIRO, Leandro. R.; DI LEO, Pablo Francisco; VARELA, Francisco Ramírez. Itinerarios juveniles, individuación y reflexividades: aproximaciones a la participación social en barrios metropolitanos populares. **Educação e Pesquisa**, v. 49, n. contínuo, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/219478>. Acesso em 10 jan. 2024.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga. Planeta, 2019.

PLEYERS, G. Ativismo das ruas e online dos movimentos pós-2011. **Lutas Sociais**, v. 17, n. 31, p.87-96, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25725>. Acesso em 23 dez. 2023.

\_\_\_\_\_; BRINGEL. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. In: **Nova Sociedade**, v. 2015, n. 2, p. 4-17, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2078.1/172074>. Acesso em 27 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. et al. Nuit Debout: los ciudadanos vuelven a las plazas en Francia. In: BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey (Org.). **Protesta e Indignación Global**: Los Movimientos Sociales En El Nuevo Orden Mundial. CLACSO, 2017. p. 95-102. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f509>. Acesso em: 30 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Movimientos sociales en el siglo XXI**: perspectivas y herramientas analíticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

\_\_\_\_\_. El estallido chileno a la luz de la década global de los movimientos sociales. **Polis**, Santiago, v. 22, n. 65, p. 333-370, maio 2023. Disponível em: [0718-6568-polis-22-65-333.pdf \(scielo.cl\)](https://doi.org/10.1017/0718-6568-polis-22-65-333.pdf). Acesso em: 23 dez. 2023.

POCHMANN, Marcio. **Nova Classe Média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, 1992

PUDAL, Bernard. Los enfoques teóricos y metodológicos de la militancia. **Revista de Sociología**, (25), 2011.

RAMOS, Rubia de Araujo; GOULART, Débora Cristina; JACOMINI, Maria Aparecida. Experiências, percepções e expectativas de estudantes na escola gerencialista da rede estadual paulista. **Pro-Posições**, v. 34, p. e20210129, 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 2018.

REBUGUINI, Paola; LO SCHIAVO, Lidia. Youth multidimensional political activism between singularization and mutualism: the case of Up network ., **Rivista Sulle Trasformazioni Sociali**, Cambio. 2023.

REGUILLO, Rossana. **Paisajes insurrectos**. Jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatório. NED Ediciones, 2017.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**, 38(138), 2017, 9-26.

RENNICK, Sarah Anne. “Apolitical” translocal activism in the Mediterranean: An Exploration of New Dynamics of Contestation and Participation. **IEMed Mediterranean Yearbook**, Barcelona, 2019, p. 112-117, Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/apolitical-translocal-activism-in-the-mediterranean-an-exploration-of-new-dynamics-of-contestation-and-participation/>. Acesso em 21 out. 2023.

ROMANCINI, Richard. CASTILHO, Fernanda. “Como ocupar uma escola? Pesquiso na Internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. **Intercom**,

**Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol.40, n.2, p.93-110, mai. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/698/69869355006/69869355006.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SALES, André Luis Leite Figueiredo. **Militância e Ativismo**: Cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade. 2019 [Tese de Doutorado, UNESP]. Repositório Institucional da UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/190776>

\_\_\_\_\_; FONTES, Flávio Fernandes. Ativismo brasileiro: uma estratégia autonomista colectividual. **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade**. 2(2), 1-27. 2020.

SALLAS, Ana Luísa Fayet; MEUCCI, Simone. “O melhor medo da minha vida” - emoções nas ocupações estudantis. **Linhas Críticas**, v. 27, p. e36528, 2021.

\_\_\_\_\_; GROPPPO, Luís Antonio. Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: sujeitos e trajetórias. **Revista Brasileira de Educação**. 2022, vol.27, e270124, 2022.

\_\_\_\_\_; FLACH, Simone; MARTINS, Suely; GROPPPO, Luís. 2021. “Uma revolução interna em movimento - As ocupações estudantis no Paraná: Dos processos formativos às trajetórias pós-ocupações”. **Revista Mundaú**. Nº 10, p. 20-37

SANDOVAL, Marcela. Subjetivación política de los estudiantes chilenos. **Amnis**, n. 15, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amnis/2840>.

SANTANA, Guilherme Xavier de. **Nossa escola, nossas regras**: uma análise libertária das ocupações de escolas. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: [Tese-VERSAO-FINAL 230713 151217.pdf \(ufrj.br\)](https://repositorio.ufrj.br/handle/11362/54444)

SANTOS, Raquel Souza dos. **E depois da escola?** Desafios de jovens egressos do ensino médio público na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SARMENTO, Rayza; REIS, Stephanie; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. As Jornadas de Junho no Brasil e a questão de gênero: as idas e vindas das lutas por justiça. **Revista Brasileira De Ciência Política**, n.22, p: 93–128, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/YF7MhmZPdy5qvSPydPHMmvh/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 21 dez. 2023.

SARTORI, Giovanni. **Partidos y sistemas de partidos Alianza**, Madrid, 1980.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Joanna. Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, 2011, 13(28), 200-255.

SCHULZ, Rosângela.; GONZÁLEZ, Maria Almudena Cabezas. O ativismo das jovens feministas em Madri pós-15M. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 58, p. e205801, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664322>.

SEGUEL, Analía Alvarez. Tenemos razón y somos mayoría: El movimiento estudiantil secundario chileno en 200. **Conflicto Social**, v. 4, n. 5, Jun. 2011

SEIDL, Ernesto. Disposições militar e lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, 2009, 20(2), 21-40.

\_\_\_\_\_. Um capital militante em transformação? Tensões e ambiguidades na militância do Movimento Passe Livre. **Estudos de Sociologia**, 2021, 26 (50), 175-209.

SILVA, Fernanda Arantes e. **Coletivos juvenis e transição para vida adulta**: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2016, 21, p. 187-226.

SILVA, Maurício Roberto da; PIRES, Giovani De Lorenzi; PEREIRA, Rogério; BIANCHI, Paula. Quero ter olhos pra ver a maldade desaparecer"! Fora, Bolsonaro! Impeachment, desde sempre e já! **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, 2021. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-80422021000100100&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422021000100100&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 26 out. 2023.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577–591, out. 2005.

SIMÕES, Willian. Ocupações secundaristas em Santa Catarina: experiência e (auto)formação política. **Linhas Críticas**, 2021, v. 27, 1–19.

SINGLY, François de. **L'Individualisme est un Humanisme**. Paris, Aube, 2005.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MARQUES, José Elias Domingos Costa; FERREIRA, João Roberto Resende. Ocupações secundaristas em Goiânia: formação e experiências políticas das/os jovens. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27, p. 1-20. 2021

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: Abramo, H.; Branco, P.p.m. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

\_\_\_\_\_. Estado da Arte sobre juventude: uma introdução. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), 2 vol. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm 2009. Disponível em: [EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual\\_0.pdf \(uff.br\)](#). Acesso em 27 dez. 2023.

\_\_\_\_\_; TARABOLA, Felipe de Souza. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1009-1028, dez. 2016.

TARÁBOLA, Felipe de Souza. **Aspirantes**: desafios de estudantes da USP egressos de escolas públicas no contexto do novo tensionamento político-social brasileiro. Tese (Doutorado em Educação) 424f. – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016

TASSIN, Etienne. De la subjetivación política. Althusser/Rancière/Foucault/Arendt/Deleuze. **Revista de Estudios Sociales**. 2012, n.43, pp.36-49

TAVARES, Francisco Mata Machado; PFRIMER, Matheus Hoffmann. O outono da Onda Global: limites do ativismo contemporâneo no anoitecer da democracia e dos direitos sociais.



**Educação e Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/6pk546gLPXtmYDTfr9RRjTd/?lang=pt>. Acesso em 30 out. 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Zahar, 1981.

TIBLE, Jean. **Política selvagem**. São Paulo: Glac edições & n-1 edições, 2022. 320 p.

TOMIZAKI, KIMI.; SILVA, Maria Gilvânia Valdivino.; CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. Socialização Política. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 929-934, dez. 2016

TÜRKMEN, Buket. Del Parque Gezi a la transformación del paisaje político de Turquía. In: BRINGEL, B.; PLEYERS, G. (eds.). **Protesta e indignación global: los movimientos sociales en el nuevo orden mundial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Río de Janeiro: FAPERJ, 2017. p. 53-60. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f509>. Acesso em 30 out. 2023.

ULUĞ, Özden Melis; ACAR, Yasemin Gülsüm. We are more than alliances between groups': A social psychological perspective on the Gezi Park protesters and negotiating levels of identity. In I. David & K. F. Toktamış (Eds.), **'Everywhere Taksim': Sowing the seeds for a new Turkey at Gezi**, p. 121–135. Amsterdam University Press, 2015.

\_\_\_\_\_.What happens after the protests? Understanding protest outcomes through multi-level social change. Peace and Conflict: **Journal of Peace Psychology**, 24(1),2018, 44–53.

VAN DE VELDE, Cécile. **Devenir adulte: sociologie comparée de la jeunesse en Europe**. Paris: PUF, 2008.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo, Editora 34, 2000.

ZIBAS, Dagmar. “A Revolta dos Pingüins” e o novo pacto educacional chileno. **Revista Brasileira de Educação**, 2008, v.13, n.38, p: 199-220.

## Anexos

### I – Questionário

Caro(a) participante,

Este questionário tem como objetivo conhecer os/as jovens que participaram das ocupações de escolas, para uma pesquisa de doutorado. Os dados contidos nele são absolutamente sigilosos.

1) Qual o seu nome?

Nome: \_\_\_\_\_

2) Você poderia dizer o ano em que você nasceu?

Ano: \_\_\_\_\_

3) Qual é seu sexo?

- Feminino
- Masculino
- Não me identifico com nenhum sexo
- Prefiro não responder

4) Qual a sua orientação sexual?

- Bissexual

- Heterossexual
- Homossexual
- Prefiro não responder
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

5) O censo IBGE 2010 classifica pessoas nos Brasil em relação à sua cor/etnia com as categorias amarelo, branco, pardo, preto, indígena. Como você se considera?

- Amarelo (a)
- Branco (a)
- Indígena
- Pardo (a)
- Preto (a)
- Sem declaração
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

6) Você tem alguma religião?

- Candomblé ( ) Católica
- Espírita Kardecista ( ) Evangélica
- Islâmica ( ) Judaísmo ( ) Protestante ( ) Umbanda
- Não tenho religião
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

7) Você se considera praticante?

- Sim
- Não
- Não tenho religião

8) Qual é o seu estado civil?

- Casado(a) ou mora junto
- Separado(a) ou divorciado(a)

Solteiro(a)  Outros. Qual? \_\_\_\_\_

9) Você tem filhos(as) naturais, adotados(as) ou enteados (as) que você cria?

Sim

Não

10) Quantos (as) filhos(as) naturais, adotados (as) ou enteados (as) que você cria?

\_\_\_\_\_

11) Quem cuida dos/as seus/suas filhos/as no dia a dia?

Eu mesmo (a)

A mãe da criança

O pai da criança

A minha mãe

A minha sogra

Não tenho filhos

12) Com quem você mora?

Colegas

Família

Sozinho(a)

Com companheiro(a)

Outros. Com quem? \_\_\_\_\_

13) Em que cidade você mora?

\_\_\_\_\_

14) Você participou das ocupações em:

2015

- 2016
- 2015 e 2016

15) Em que escola você estudava na época das ocupações? \_\_\_\_\_

16) Você estava em que série? \_\_\_\_\_

17) Em qual período você estudava?

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral
- Não estudava

18) Qual (ou quais) escola(s) você ocupou? (indicar o ano que você ocupou depois do nome da escola)

19) Na época das ocupações, você participava de algum grupo ou associações abaixo? Assinale aquela (ou aquelas) que você participava

- Meio-ambiente/ecologia
- Religiosas
- Esportivas
- Trabalhos voluntários
- Político-partidárias
- Melhoria da comunidade
- Comunicação (jornal, rádio etc.)
- Estudantis (grêmio, conselho de escola)
- Não participava de nenhum
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

20) Caso tenha participado, como você classifica a sua participação?

- Intensa
- Moderada
- Eventual
- Não participava

21) Você trabalhava na época das ocupações?

- Sim, em tempo integral
- Sim, em tempo parcial
- Não

22) Com que idade você começou a trabalhar?

23) Atualmente você trabalha?

- Sim, em tempo integral
- Sim, em tempo parcial
- Não

24) Considerando o salário-mínimo federal de R\$ 998,00, você tem ideia aproximada de qual é a sua renda hoje?

- Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00)
- Mais de 1 até 3 salários mínimos (de R\$999,00 até R\$2.994,00)
- Mais de 3 até 5 salários mínimos (2.995 até R\$ 4.990,00)
- Mais do que 5 salários mínimos (mais de R\$ 4.991,00)
- Não sei

25) Considerando o salário-mínimo federal de R\$ 998,00, você tem ideia aproximada de qual é a renda da sua família hoje?

- Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00)
- Mais de 1 até 3 salários mínimos (de R\$999,00 até R\$2.994,00)
- Mais de 3 até 5 salários mínimos (2.995 até R\$ 4.990,00)
- Mais do que 5 salários mínimos (mais de R\$ 4.991,00)
- Não sei

26) Você estuda hoje?

- Sim

Não

27) Falar o curso, o nome do local que estuda e o semestre em que está matriculada(o)

28) Em qual período você estuda?

Matutino

Vespertino

Noturno

Integral

Não estudo

29) Atualmente, você participa de algum desses grupos ou associações abaixo? Assinale aquela (ou aquelas) que você participa.

Meio-ambiente/ecologia

Religiosas

Esportivas

Trabalhos voluntários

Político-partidárias

Melhoria da comunidade

Comunicação (jornal, rádio etc.)

Estudantis (grêmio, conselho de escola)

Não participava de nenhum

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

30) Caso tenha participe, como você classifica a sua participação?

Intensa

Moderada

Eventual

31) Você aceitaria participar de uma entrevista?

Sim

Não

32) Prefere que entremos em contato por qual (ou quais) formas?

Celular/Whatsapp

Facebook

Instagram

Twitter

Email

Colocar abaixo

33) Caso prefira celular/whatsapp, colocar o número

---



## ANEXO II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa que tem como pesquisadora responsável FLÁVIA GINZEL, aluno da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientado a pela PROFESSORA EMÉRITA MARILIA PONTES SPOSITO, as quais podem ser contatadas pelo e-mail fginzel@usp.br ou telefone (15) 981587977.

O presente trabalho tem por objetivo: compreender como a experiência de participação nas ocupações de escolas públicas nos anos de 2015 e 2016, na região Metropolitana de Sorocaba, reverberou na vida dos jovens, tanto sob o ponto de vista da continuidade ou não do engajamento político – e dos desafios que lhes são colocados nesta esfera – quanto no que se refere às demais dimensões de suas vidas, sobretudo em seus percursos de escolarização, trabalho, na vida familiar, afetiva e nas amizades.

Minha participação consistirá em: conceder uma entrevista individual à pesquisadora, que contemplará questões relativas à minha participação no movimento de ocupações secundaristas, bem a relação desta experiência com as demais esferas da minha vida. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura:

Local e data.

---